

Maria Adelina Ferreira Castelo

**A PROEMINÊNCIA SECUNDÁRIA**  
**NO PORTUGUÊS EUROPEU**

Dissertação de Mestrado em Linguística (Linguística Portuguesa)

Orientação:

Professora Doutora Maria Helena Mateus

Professora Doutora Marina Vigário

Professora Doutora Sónia Frota

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

2004



## RESUMO

Esta dissertação visa descrever a distribuição da proeminência secundária rítmica no Português Europeu, no domínio da palavra prosódica, e baseia-se numa recolha dos padrões percebidos por cinco falantes nativas do Português de Lisboa ao ouvirem um *corpus* produzido por uma outra falante nativa da mesma variedade.

Foram encontrados dois tipos distintos de acentos secundários: uma proeminência secundária inicial e um acento especial. A proeminência secundária inicial apresenta uma distribuição muito variável e é opcional. Tem como domínio a palavra prosódica, ocorrendo na fronteira esquerda do seu domínio: pode ser atribuída ao adjunto da palavra prosódica (quando exista) ou a apenas um dos três “conjuntos silábicos” pré-tônicos iniciais da palavra prosódica (mínima).

A distribuição desta proeminência depende basicamente não só da posição inicial de palavra prosódica, mas também de uma forma de peso silábico, baseada na saliência perceptiva das vogais, que leva a atribuir a proeminência inicial preferencialmente a vogais não reduzidas e nasais. Influenciam ainda esta distribuição alguns princípios eurítmicos e o contexto prosódico da palavra.

A proeminência inicial constitui um processo pós-lexical, uma vez que é opcional, mostra sensibilidade apenas a informação fonológica e aplica-se depois de processos pós-lexicais como a supressão de vogais átonas e a semivocalização.

O acento especial, por seu turno, ocorre na segunda sílaba anterior ao acento primário, sobre uma de duas combinações específicas de morfemas – *-iza-ção* ou *-ífica-ção*. Apesar de revelar características próprias de um processo lexical, é opcional.

A acentuação secundária parece, pois, desempenhar duas funções na fonologia do Português Europeu. O acento especial e a proeminência inicial contribuem para a criação de um ritmo caracterizado pela ocorrência de acentos em intervalos tendendo à regularidade. A proeminência inicial contribui para sublinhar a estrutura prosódica, ao evidenciar os limites iniciais de palavra prosódica e de sintagma entoacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português Europeu; Fonética–Fonologia; Proeminência/Acentuação Secundária; Constituintes prosódicos; Ritmo.

## ABSTRACT

This dissertation aims at describing the distribution of the (rhythmic) secondary prominence in European Portuguese, inside the prosodic word domain, and it is based on the patterns perceived by five female subjects, native speakers of the Lisbon variety of Portuguese, who heard the corpus produced by another native speaker of the same variety.

Two independent processes of secondary stress association were found: an initial secondary prominence and a special stress. The initial prominence presents a highly variable distribution and it is optional. It is bound by the prosodic word domain and occurs at the left edge of that domain: it can be assigned to the prosodic word adjunct (whenever there is one), or to one of the three initial pre-tonic “syllabic groups” in the (minimal) prosodic word.

The distribution of this sort of prominence basically depends not only on the prosodic word initial position, but also on a kind of syllable weight, based on vowels perceptual salience, which leads to the assignment of the initial prominence preferably to unreduced and nasal vowels. The localization of this type of prominence is also influenced by eurhythmic principles and by the prosodic context of the word.

The initial prominence association is a postlexical process, since it is optional, it refers only to phonological information and it applies after postlexical processes, such as unstressed vowels deletion and semivocalization.

The special stress occurs on the second syllable leftwards from the primary stress, more precisely on one of two specific combinations of morphemes: *-iza-çã*o or *-ifica-çã*o. Although it shows properties of a lexical process, it is optional.

The secondary stress seems to have two functions in European Portuguese phonology. The special stress and the initial prominence contribute to create a rhythm presenting prominences at preferably regular intervals. The initial prominence contributes to cue the prosodic structure, by highlighting the initial limits of the prosodic word and the intonational phrase.

**KEY-WORDS:** European Portuguese; Phonetics–Phonology; Secondary Prominence/Stress; Prosodic Constituents; Rhythm.

## ÍNDICE

<b>RESUMO</b>	iii
<b>ABSTRACT</b>	iv
<b>ÍNDICE</b>	v
<b>AGRADECIMENTOS</b>	ix
<b>CONVENÇÕES E SÍMBOLOS</b>	xi
<b>CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO</b>	1
1.1. Objectivo e organização da dissertação	1
1.2. A Fonologia Lexical e a organização da gramática	2
1.3. O Estudo do acento e do ritmo	3
1.3.1. Diferentes tipos de acento	3
1.3.2. A relação entre os acentos e as diferentes concepções de ritmo	5
1.3.3. Os conceitos teóricos adoptados para o estudo do acento secundário	7
1.4. A Fonologia Prosódica: ideias básicas	9
1.5. Os domínios prosódicos no Português Europeu	12
1.5.1. A palavra prosódica	12
1.5.2. O sintagma fonológico	16
1.5.3. O sintagma entoacional	18
1.5.4. O enunciado	20
<b>CAPÍTULO 2. A PROEMINÊNCIA SECUNDÁRIA: QUESTÕES INICIAIS</b>	23
2.1. Introdução	23
2.2. Revisão de bibliografia sobre o acento secundário	24
2.2.1. Acento secundário em várias línguas	24
2.2.2. Acento secundário no Português Europeu	43
2.2.3. Acento secundário no Português Brasileiro	55
2.3. Questões sobre a proeminência secundária no Português Europeu	56
2.4. Síntese	64

<b>CAPÍTULO 3. METODOLOGIA</b>	67
3.1. Introdução	67
3.2. Constituição do <i>corpus</i>	69
3.2.1. Os contextos prosódicos	69
3.2.2. Os tipos de palavra prosódica	70
3.2.3. A qualidade das vogais	71
3.2.4. O número de sílabas e de “conjuntos silábicos” pré-tônicos	71
3.2.4.1. As sílabas	72
3.2.4.2. Os “conjuntos silábicos”	73
3.2.5. O <i>corpus</i> resultante	74
3.3. Recolha dos dados	77
3.3.1. Tarefa de produção	77
3.3.2. Tarefa de percepção	78
3.4. Tratamento dos dados	80
3.4.1. Transcrição fonética e etiquetagem prosódica	80
3.4.2. Constituição da base de dados	82
3.4.3. Processo de análise dos dados	84
3.5. Síntese	84
<b>CAPÍTULO 4. OS DADOS DO PORTUGUÊS EUROPEU: DESCRIÇÃO</b>	87
4.1. Introdução	87
4.2. Um acento especial	90
4.3. A proeminência inicial	94
4.3.1. A posição da proeminência inicial nos três tipos de palavra prosódica	94
4.3.1.1. O domínio da proeminência inicial	98
4.3.1.2. A unidade relevante para a atribuição da proeminência inicial	103
4.3.2. Os dois grupos de vogais	104
4.3.3. O número de conjuntos silábicos pré-tônicos da palavra prosódica	110
4.3.4. A posição dos conjuntos silábicos acentuáveis relativamente a outros acentos	114

4.3.5. A interacção da posição dos conjuntos silábicos na palavra com os restantes factores	117
4.4. O contexto prosódico e a proeminência secundária	125
4.5. A variação entre informantes	129
4.6. Avaliação da relevância de outros factores para a proeminência secundária	132
4.6.1. A constituição do conjunto silábico	133
4.6.2. O efeito cíclico	135
4.6.3. O princípio rítmico binário	136
4.7. Síntese	137
<b>CAPÍTULO 5. OS DADOS DO PORTUGUÊS EUROPEU: ANÁLISE</b>	143
5.1. Introdução	143
5.2. Os processos de acentuação secundária	144
5.2.1. O acento secundário especial	144
5.2.2. A proeminência secundária inicial	145
5.2.2.1. A posição inicial	145
5.2.2.2. A saliência perceptiva	147
5.2.2.3. A tendência eurrítmica	150
5.2.2.4. O contexto prosódico	151
5.2.2.5. O carácter pós-lexical	152
5.2.3. Formalização	153
5.3. O papel da proeminência secundária na fonologia do Português Europeu	156
5.4. A proeminência secundária no Português Europeu e em outras línguas	161
5.5. Reavaliação das propostas anteriores sobre a proeminência secundária no Português Europeu	162
5.6. Síntese	167
<b>CAPÍTULO 6. CONCLUSÃO</b>	169
6.1. Introdução	169
6.2. Os processos de acentuação secundária no Português Europeu: síntese	169

6.3. A nossa proposta e a fonologia do Português Europeu e de outras línguas	175
6.4. Questões em aberto	177
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>181</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>189</b>
<b>Anexo I:</b> <i>Corpus</i> constituído	189
<b>Anexo II:</b> <i>Corpus</i> produzido	199
<b>Anexo III:</b> Respostas das informantes	219
<b>Anexo IV:</b> Resultados quantitativos	223

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer às muitas pessoas que, de diferentes modos, contribuíram para a realização desta tese.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Helena Mateus e à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marina Vigário por terem orientado esta dissertação. Acompanharam-me de perto, mesmo quando as distâncias geográficas constituíam um verdadeiro obstáculo. Em especial, tenho de agradecer o facto de me fazerem sentir que confiavam no meu trabalho, de me animarem quando eu precisava, de me ensinarem tanto, e de saberem exigir que eu aprofundasse melhor as questões tratadas. Estou muito grata à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sónia Frota pelas orientações que me deu para a elaboração e concretização da experiência sobre a qual se baseia esta dissertação e para a análise dos dados. Agradeço ainda a preciosa ajuda das minhas orientadoras no sentido de ter acesso a muita da bibliografia utilizada.

Também devo o gosto pelo estudo da Linguística Portuguesa aos vários professores de Linguística que tive ao longo da licenciatura e, sobretudo, aos que tive nos seminários de mestrado: além da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Helena Mateus, o Prof. Dr. Ernesto d’Andrade, a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gabriela Matos, a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Antónia Mota e o Prof. Dr. Telmo Mória. Agradeço ainda as várias críticas e sugestões feitas por diferentes pessoas a uma parte deste trabalho apresentada no XIX Encontro da APL.

Estou também grata aos meus colegas de mestrado – sobretudo à Susana Correia, à Susana Cabeleira e à Sandra Marques – pelos pequenos-grandes favores que me fizeram, pelo seu apoio e pela sua leitura crítica de uma parte do trabalho.

Sem a colaboração dos meus informantes – de produção, de percepção e de juízo sobre a naturalidade das frases – seria impossível a realização deste trabalho. Agradeço essa colaboração aos informantes, referidos por ordem alfabética: Ana Pedro, Carla Almeida, Eva Arim, José Coutinho, Mafalda Antunes, Patrícia Nunes, Sandra Cândido, Sara Costa, Susana Cabeleira, Susana Correia e Tiago Freitas.

Esta investigação insere-se no âmbito do projecto de investigação “Compreender a Fonologia: Os constituintes fonológicos do Português Europeu” (FCT/FEDER, POCTI

/33277 / LIN / 2000). Grande parte foi financiada por este projecto, no qual trabalhei como bolsista de investigação de Setembro de 2002 a Agosto de 2003. Agradeço igualmente o apoio que recebi dos vários professores que integram essa equipa de investigação.

Finalmente, tenho de agradecer o apoio absolutamente indispensável da minha família e dos meus amigos. Sem esse apoio – moral, traduzido em muitas pequenas coisas materiais – seria impossível realizar o que quer que fosse...

## CONVENÇÕES E SÍMBOLOS

+: fronteira de morfema  
 #: fronteira de palavra morfológica  
 Ø: elemento não realizado foneticamente  
 \*: agramaticalidade  
 \*2/3/4/5: concordância nas respostas das informantes apenas relativamente aos acentos secundários indicados (o algarismo refere o número de informantes que deram a mesma resposta)  
 . (ponto): divisão silábica  
 .. (dois pontos): divisão em pés  
 • (bola): divisão em conjuntos silábicos  
 a.e.: acento especial  
 ac.: acento(s)  
 adjt.: adjunto  
 CG: grupo clítico  
 CS: conjunto silábico  
 D-E: direita-esquerda  
 dit.: ditongo(s)  
 E-D: esquerda-direita  
 i,u,â: [i, u, e]  
 I: sintagma entoacional  
 I<sup>max</sup>: sintagma entoacional máximo  
 I<sup>min</sup>: sintagma entoacional mínimo  
 InfAudi: Informante(s) de Percepção  
 InfProd: Informante(s) de Produção  
 morf.: morfológico  
 n.redz.: (vogais) não reduzidas  
 nas.: nasal (nasais)  
 PB: Português Brasileiro  
 PE: Português Europeu

pré-t.: pré-tónico(s)/pré-tónica(s)  
 prim.: primário(s)  
 redz.: (vogais) reduzidas  
 S ou s: sílaba(s) (nos gráficos)  
 s/ : sem  
 sec.: secundário(s)  
 U: enunciado  
 / (vogal cortada): vogal foneticamente não realizada  
 V: vogal (vogais)  
 w: palavra(s) prosódica(s) (nos gráficos)  
 Σ: pé  
 σ: sílaba  
 φ: sintagma fonológico  
 ω: palavra prosódica  
 ω1: primeira palavra prosódica de uma palavra prosódica composta  
 ω2: segunda palavra prosódica de uma palavra prosódica composta  
 ω<sup>max</sup>: palavra prosódica máxima  
 ω<sup>min</sup>: palavra prosódica mínima

### Modos de grafar os exemplos

*itálico negrito*: conjuntos silábicos não identificados como acentuados

*itálico sublinhado*: acento especial

**negrito**: acento secundário morfológico

**negrito sublinhado**: acento primário sublinhado: acento secundário rítmico



# 1. ENQUADRAMENTO

## 1.1. Objectivo e organização da dissertação

Esta dissertação tem como objectivo descrever a distribuição da proeminência secundária (rítmica) no domínio da palavra prosódica, no Português Europeu (PE). Para tal, baseamo-nos nos resultados de um estudo perceptivo realizado com falantes nativas do PE, e adoptamos como quadro teórico a Fonologia Prosódica, algumas ideias desenvolvidas no âmbito da Fonologia Métrica e da Fonologia Rítmica, e a concepção de que a gramática se organiza em dois níveis, particularmente defendida no quadro da Fonologia Lexical.

No presente capítulo, apresentamos o quadro teórico utilizado, explicitando os princípios da Fonologia Lexical relevantes para o nosso trabalho, alguns conceitos importantes no estudo do acento e do ritmo, as ideias básicas da Fonologia Prosódica e os algoritmos de construção dos domínios palavra prosódica, sintagma fonológico e sintagma entoacional, propostos para o PE.

O segundo capítulo aborda as questões iniciais que dizem respeito ao nosso objecto de estudo: (i) as propriedades atribuídas a esta proeminência na literatura sobre outras línguas, sobre o PB e o PE; e (ii) as questões a levantar num estudo sobre a acentuação secundária no PE.

Depois de, no terceiro capítulo, expormos a metodologia utilizada, no quarto apresentamos os resultados obtidos na nossa experiência, mostrando as regularidades encontradas.

No quinto capítulo desenvolvemos a nossa proposta sobre a distribuição da proeminência secundária no PE, com base nas generalizações que os dados nos permitem fazer. Tendo em conta a nossa hipótese, observamos o papel da proeminência secundária no ritmo e na hierarquia prosódica do PE, comparamos o sistema de acentuação secundária desta variedade com os sistemas de outras línguas e reavaliámos as propostas anteriores existentes na literatura sobre a variedade em estudo.

Finalmente, o capítulo seis conclui esta dissertação com um resumo da nossa proposta e do seu contributo para o conhecimento da fonologia do PE e das línguas em geral, e com um levantamento de algumas das questões ainda em aberto.

## 1.2. A Fonologia Lexical e a organização da gramática

A análise da proeminência secundária realizada nesta dissertação pressupõe a hipótese da Fonologia Lexical segundo a qual a gramática inclui dois níveis: o lexical e o pós-lexical (cf., por exemplo, a revisão da teoria feita por Booij 1994 e Vigário 2003).

Durante o processo de formação das palavras no léxico, as regras morfológicas e algumas regras fonológicas interagem: o resultado de algumas operações morfológicas cria um domínio para a aplicação de certas regras fonológicas e vice-versa; alguns processos fonológicos são sensíveis a informação morfológica, verificando-se igualmente o inverso.

As regras fonológicas que actuam na componente pós-lexical, isto é, depois de as palavras terem passado pela componente sintáctica, não têm acesso a qualquer informação de carácter morfológico ou lexical.

Assim, estes dois tipos de regras fonológicas apresentam várias propriedades distintas. Aos *processos fonológicos lexicais*, podemos atribuir três grandes características. Em primeiro lugar, têm acesso a informação morfológica e lexical, pelo que admitem, muitas vezes, excepções, idiosincrasias. Além disso, são categóricos. Finalmente, também caracteriza os processos fonológicos lexicais o facto de poderem preceder outras regras lexicais.

As *regras fonológicas pós-lexicais* revelam quatro grandes propriedades. Ao contrário do que acontece com as regras lexicais, as regras fonológicas pós-lexicais apenas têm acesso a informação fonológica, actuando, por isso, sempre que o contexto fonológico relevante se verifica, sem admitir excepções. Em segundo lugar, são frequentemente opcionais e podem apresentar uma variação dependente de algum factor como o contexto prosódico. Por exemplo, Tenani (2003) conclui que o processo de haplologia no PB revela uma menor ocorrência à medida que se consideram domínios prosódicos superiores (ainda

que seja possível sempre que o contexto pertinente se verifica). Assim, embora a regra possa actuar sempre que obtém o seu contexto de aplicação (não admite excepções), a sua frequência de aplicação varia em função do contexto prosódico (é opcional e gradual).

Uma terceira propriedade dos fenómenos fonológicos pós-lexicais consiste no facto de estarem obrigatoriamente ordenados depois de todas as regras lexicais. Finalmente, a possibilidade de serem sensíveis à velocidade da fala constitui a quarta propriedade.

### 1.3. O Estudo do acento e do ritmo

#### 1.3.1. Diferentes tipos de acento

A existência de acento numa sílaba faz com que ela seja perceptivamente mais saliente do que as outras sílabas. Esta saliência é obtida através de um reforço ou de uma modulação de propriedades acústicas e articulatórias existentes nos sons da fala – duração, intensidade, tom e forma de articulação (cf. Van der Hulst 1999).

Em cada palavra não-clítica, existe uma sílaba mais saliente do que as outras. A essa saliência dá-se o nome de *acento principal de palavra* ou *acento primário*.

Além dos acentos principais de palavra, são referidos na literatura vários tipos de acentos: acentos nucleares ou sintagmáticos, acentos secundários de palavras compostas fonologicamente, acentos secundários de palavras não compostas de um ponto de vista fonológico, e acentos relacionados com fenómenos entoacionais ou com a estrutura informacional (como os acentos de foco, os acentos enfáticos e os acentos tonais).

Em cada constituinte fonológico superior à palavra, uma das palavras apresenta uma proeminência superior à das outras, sendo essa proeminência designada por *acento sintagmático ou nuclear*<sup>1</sup>. No PE, este acento ocorre, por defeito, no elemento mais à

---

<sup>1</sup> A expressão *acento nuclear*, com o significado aqui referido, é usada, por exemplo, em Liberman e Prince (1977: secção 1), Halle e Vergnaud (1987: secção 7.9.1), e Hayes (1995: cap.9). Nem todos os autores são unânimes relativamente ao tipo de constituintes relevantes para a atribuição dos acentos sintagmáticos. Por exemplo, Liberman e Prince (1977) e Halle e Vergnaud (1987) consideram que a grelha métrica é construída a partir da estrutura sintáctica, enquanto Nespor (1990: 245) defende estes acentos fazem parte da informação incluída nos constituintes prosódicos. Hayes (1995: 369) refere o problema, sem tomar uma posição.

direita (cf. Frota 2000: 233).

Nas palavras compostas fonologicamente (ou seja, as palavras compostas por dois ou mais itens apresentando as propriedades que caracterizam a palavra fonológica numa dada língua), um dos acentos primários das palavras originais constitui o acento do composto, enquanto o outro ou os outros são enfraquecidos, tornando-se *acentos secundários* (de palavras compostas fonologicamente). No PE, a palavra fonológica que recebe o acento do composto é a mais à direita, pelo que a anterior ou as anteriores apresentam um acento secundário de palavra composta (cf. Pereira 1999 e Vigário 2003).

Considera-se ainda a existência de *acentos secundários* nas palavras não-compostas de um ponto de vista fonológico, consistindo estes em todos os acentos não-primários presentes nessas palavras. A sua distribuição na palavra pode ser determinada pelo peso silábico, pelo ritmo (recebendo, por isso, a designação de “acentos rítmicos” ou “ecos acentuais”), pela morfologia (“acentos cíclicos”) ou pela posição (numa língua podem existir “acentos iniciais” e/ou “acentos finais”).

Os *acentos enfáticos* servem para sublinhar uma palavra em qualquer contexto discursivo, não estabelecendo nenhum contraste fonológico nem semântico. Segundo Vigário (2003: 120-121), no PE localizam-se na primeira sílaba da palavra prosódica.

Os *acentos tonais*, juntamente com os tons de fronteira, constituem os eventos que formam o contorno entoacional de uma sequência. No PE, os acentos tonais só podem ser associados às sílabas portadoras do acento primário da palavra (cf. Frota 2000: 5.1.1).

Os *acentos de foco*, por seu turno, traduzem fonologicamente o foco estreito, contrastivo. No PE, consistem na atribuição de um acento tonal específico à sílaba acentuada da palavra focalizada (cf. Frota 2000: 5.1.2).

Depois de distinguir os vários tipos de acento, podemos constatar que a designação de “acento secundário” tem sido utilizada para referir dois fenómenos diferentes: os acentos primários enfraquecidos de palavras fonologicamente compostas, por um lado, e os acentos não-primários de uma única palavra fonológica, por outro. Pereira (1999) distinguiu estes dois tipos de proeminência designando os acentos de compostos fonológicos por *acentos secundários morfológicos* e os acentos nas palavras não-compostas de um ponto de vista fonológico por *acentos secundários rítmicos*. Embora

estas expressões coloquem alguns problemas<sup>2</sup>, usá-las-emos por nos permitirem distinguir os dois conceitos de uma forma prática. O objecto de estudo desta dissertação é constituído precisamente por um destes últimos tipos de proeminência: o acento secundário rítmico. A necessidade de o estudar deve-se ao facto de ainda não se conhecerem bem as regularidades relativas à sua distribuição e o papel que desempenha na fonologia da língua. De facto, embora ainda haja questões a esclarecer relativamente aos outros tipos de acento apresentados, de uma forma geral conhece-se muito melhor o funcionamento desses processos (pelo menos no que diz respeito à sua distribuição) do que o do acento secundário rítmico.

### 1.3.2. A relação entre os acentos e as diferentes concepções de ritmo

O ritmo pode ser definido, de uma forma genérica, como o modo de organização da fala no tempo, modo esse que agrupa elementos em unidades maiores e que tende a apresentar uma certa regularidade (cf., por exemplo, Dauer 1987, Fox 2000, Patel e Daniele 2003). Fox (2000) refere que a regularidade deriva da repetição de um determinado evento, podendo este ser constituído por um ponto saliente (como um acento) ou pelo início de uma unidade de fala (como a sílaba ou a mora). A palavra “ritmo” pode ser, no entanto, utilizada com dois significados diferentes, consoante o quadro teórico adoptado. Neste trabalho, serão utilizadas as duas concepções de ritmo, que apresentamos.

No quadro da Fonologia Métrica (cf. Liberman e Prince 1977, Selkirk 1984, e Hayes 1995) e da Fonologia Rítmica (cf. Nespor 1990, 1999), o ritmo constitui *uma das causas mais importantes da distribuição dos acentos*. A localização dos acentos manifesta uma determinada estrutura rítmica, sendo a estrutura ideal, a estrutura eurrítmica, constituída por uma alternância tão perfeita quanto possível entre elementos fortes e fracos e por distâncias preferencialmente iguais entre elementos do mesmo nível (cf. Hayes 1995). Neste caso, a regularidade que caracteriza o modo de organização da fala reside na

---

<sup>2</sup> Estas designações levantam alguns problemas, já que os acentos nas palavras não-compostas de um ponto de vista fonológico, designados por “acentos secundários rítmicos”, podem não ter uma origem rítmica e até podem ser, nalgumas línguas, determinados morfologicamente (como acontece nas línguas com acentos cíclicos).

localização dos acentos<sup>3</sup>.

Assim, a Fonologia Métrica visa construir os algoritmos que permitem dar conta da localização dos diferentes graus de acento numa sequência, representando a estrutura rítmica resultante através de árvores e/ou grelhas métricas. A Fonologia Rítmica representa a estrutura rítmica dos enunciados através de uma grelha métrica construída a partir das relações de proeminência relativa que fazem parte da estrutura de constituintes prosódicos, e visa descrever a forma como são resolvidas as configurações rítmicas mal-formadas. A Fonologia Métrica e a Fonologia Rítmica têm, pois, em comum o objectivo de descrever a forma como o ritmo condiciona a localização dos diferentes graus de acento, nomeadamente dando conta da actuação dos princípios de euritmia, princípios que resolvem as situações de falta de euritmia – isto é, os choques acentuais, constituídos por dois acentos do mesmo nível muito próximos, e os lapsos acentuais, constituídos por dois acentos do mesmo nível muito afastados.

Podemos referir-nos a esta concepção, segundo a qual o ritmo condiciona fortemente a distribuição das proeminências e consiste apenas no modo de organização dos acentos na fala, por *ritmo enquanto princípio de distribuição dos acentos* ou, simplesmente, *princípio rítmico*. Este princípio de distribuição dos acentos pode constituir um processo lexical se se referir à palavra ou a um constituinte de tamanho inferior e se preceder a aplicação de outros processos lexicais. Por exemplo, nalgumas línguas, o acento primário e um acento secundário apresentando um ritmo binário ao nível da palavra podem ser atribuídos pelo mesmo algoritmo<sup>4</sup> e constituir processos lexicais.

Um conceito de ritmo diferente é o presente nos trabalhos que adoptam a classificação das línguas de acordo com diferentes tipos rítmicos (propostos pela primeira vez por Pike 1945, adoptados por Abercrombie 1967, e investigados por Dauer 1983, 1987, entre outros<sup>5</sup>). A distinção entre os diferentes tipos rítmicos depende do evento que

---

<sup>3</sup> De acordo com Hayes (1995: 31), frequentemente não encontramos uma estrutura rítmica perfeita, pois a localização dos acentos não é condicionada apenas pelo ritmo; é também influenciada por factores como a marcação da estrutura morfológica e sintáctica, e a sinalização da distribuição do foco.

<sup>4</sup> Cf. possibilidade de acentuação *bottom-up*, isto é, construção de pés que darão origem ao acento secundário antes da atribuição do acento primário no nível da palavra, proposta por Hayes (1995: 116-117).

<sup>5</sup> O que referimos sobre os trabalhos de Pike (1945), Abercrombie (1967) e Dauer (1983) baseia-se apenas na leitura de Fox (2000: 87-89).

ocorre em intervalos de tempo regulares, em intervalos isócronos. Se o evento repetido a intervalos regulares for o acento, a língua apresenta um ritmo acentual (tipo rítmico atribuído, por exemplo, ao Inglês e ao Neerlandês); se o evento for o início da sílaba, a língua tem um ritmo silábico (e.g. Castelhana e Italiano); finalmente, se o evento for o início da mora, estamos perante uma língua de ritmo moraico (e.g. Japonês).

Inicialmente, os estudos experimentais não conseguiram comprovar a realidade fonética desta distinção rítmica. No entanto, os resultados de estudos recentes (cf. Ramus, Nespor e Mehler 1999<sup>6</sup>; e Frota e Vigário 2000, 2001, para o Português) sugerem que as diferentes classes rítmicas podem ser caracterizadas com base em três medidas relativas à duração dos intervalos consonânticos e vocálicos. Como a duração destes intervalos depende dos vários fenómenos da língua, podemos considerar, com Dauer (1987), que o ritmo é uma *consequência de vários processos (segmentais e prosódicos) da língua*:

The particular rhythm of a language is the result of the interaction of a number of components, including phonetic components, such as the relative length, pitch and segmental quality of accented and unaccented syllables, and phonological components, such as syllable structure and the function of accent. (Dauer 1987: 447).

Assim, o ritmo como princípio de distribuição dos acentos, enquanto processo fonológico, parece ser uma das componentes do ritmo de uma língua. Para distinguirmos a concepção de ritmo presente em Dauer (1987) da anterior (princípio que determina a localização dos acentos), podemos designá-la por *ritmo resultante dos processos da língua* ou *ritmo da língua*. Uma vez que é o resultado de muitos processos da língua (nomeadamente processos pós-lexicais) e pode manifestar-se tanto numa palavra como num enunciado inteiro, trata-se de um processo pós-lexical.

### 1.3.3. Os conceitos teóricos adoptados para o estudo do acento secundário

Para descrever fenómenos acentuais e rítmicos, além da Fonologia Métrica e da Fonologia Rítmica, revela-se muito útil um terceiro modelo teórico: a Fonologia Prosódica.

---

<sup>6</sup> O nosso conhecimento dos resultados deste trabalho é indirecto; baseia-se em Frota e Vigário (2000: 541).

Esta teoria é útil, não só porque fornece os domínios para estes processos (cf., nomeadamente, Nespor 1999), mas também porque as próprias relações de proeminência relativa que fazem parte da estrutura prosódica constituem um ponto de partida para a construção da grelha métrica usada na Fonologia Rítmica (cf. Nespor 1990, 1999). De facto, Nespor e Vogel (1986: cap.11) defendem que a componente fonológica da gramática apresenta uma organização interna de natureza modular, podendo ser descrita por vários modelos teóricos (como a Fonologia Prosódica, a Fonologia Métrica e a Fonologia Autossegmental). As regras dos vários modelos fazem referência aos domínios da Fonologia Prosódica.

Assim, na descrição do processo de acentuação secundária do PE, usaremos fundamentalmente a teoria da Fonologia Prosódica, já que esta é indispensável para mostrar qual o domínio de actuação do processo e, em grande parte, o que caracteriza a sua distribuição. A Fonologia Métrica e a Fonologia Rítmica, modelos que servem para formalizar as condições exactas de actuação dos processos acentuais e rítmicos, não serão, no entanto, muito utilizadas neste trabalho, uma vez que constituem modelos demasiado rígidos, não nos permitindo dar conta das possibilidades de variação que encontraremos. Destas duas últimas teorias reteremos apenas três ideias importantes para a descrição do nosso objecto de estudo: (i) o ritmo pode constituir o princípio que determina a localização dos acentos; (ii) existem princípios de eurrítmia, que visam evitar choques e lapsos acentuais; e (iii) pode existir em certas línguas uma distinção de peso silábico (isto é, uma distinção entre sílabas ditas “pesadas”, por atraírem os acentos, e sílabas “leves”, que não atraem os acentos), distinção essa que contribui para determinar a localização dos acentos<sup>7</sup>. A noção de ritmo enquanto resultado dos vários processos da língua, presente nos trabalhos de diversos autores, será também por nós utilizada.

---

<sup>7</sup> Esta ideia será explicitada na secção 5.2.2.2.

#### 1.4. A Fonologia Prosódica: ideias básicas

A teoria da Fonologia Prosódica, inicialmente desenvolvida sobretudo em Selkirk (1984), Nespor e Vogel (1986) e Hayes (1989), procura descrever como é gerada uma *estrutura de constituintes fonológicos* a partir de relações de interface entre a fonologia e outras componentes da gramática (morfologia e sintaxe).

A *hierarquia prosódica* proposta por Nespor e Vogel (1986) incluía sete constituintes; porém vários autores mostraram que um deles – o grupo clítico (CG) – não é necessário como domínio prosódico<sup>8</sup>. Assim, nos trabalhos mais recentes considera-se frequentemente a existência de apenas seis constituintes na hierarquia prosódica, apresentados em (1).

- (1) Enunciado (U)  
 Sintagma Entoacional (I)  
 Sintagma Fonológico ( $\phi$ )  
 Palavra prosódica ( $\omega$ )  
 Pé ( $\Sigma$ )  
 Sílabas ( $\sigma$ )

A *existência destes constituintes prosódicos* é indiciada por três factos. Em primeiro lugar, diferentes processos fonológicos (fenómenos segmentais, acentuais, duracionais, rítmicos e entoacionais) se referem a estes constituintes como o seu domínio de aplicação ou de algum outro modo<sup>9</sup>. O segundo facto que mostra a necessidade destes constituintes é o de não serem, frequentemente, isomórficos com nenhum outro constituinte morfológico ou sintáctico. Assim, nem os constituintes morfológicos nem os sintácticos são adequados para descrever, de uma forma económica, o domínio de aplicação ou os domínios referidos pelos processos fonológicos. Por último, os constituintes referidos por muitas das regras fonológicas das várias línguas são cegos a algumas informações presentes na estrutura morfossintáctica, o que indicia que esses constituintes não correspondem aos constituintes morfológicos e sintácticos.

<sup>8</sup> Este constituinte foi inicialmente proposto por Hayes (1989) e adoptado por Nespor e Vogel (1986).

<sup>9</sup> Quanto ao facto de os constituintes prosódicos formarem domínios para vários tipos de processos fonológicos, ainda se discute se todos os tipos de processos se referem exactamente à mesma estrutura prosódica. No caso do PE, Frota (2000) mostra que a mesma hierarquia define os domínios de fenómenos segmentais, acentuais, rítmicos, entoacionais e duracionais.

Podemos distinguir *três tipos de processos prosódicos*, em função do modo como se referem ao seu domínio (cf. Selkirk 1980<sup>10</sup> e Nespor e Vogel 1986): processos de extensão (*domain-span*), quando ocorrem no interior do seu domínio; processos de limite (*domain-limit*), quando ocorrem na fronteira inicial ou final de um constituinte prosódico; e processos de juntura (*domain-juncture*), sempre que se referem ao limite de um constituinte que ocorre no interior de um constituinte maior.

Assume-se que a *hierarquia prosódica é universal*. No entanto, *nem todos os domínios são igualmente activos* na fonologia das várias línguas: nalgumas línguas certos constituintes prosódicos manifestam-se de forma subtil, enquanto outros são mais visíveis. Por exemplo, no PE, de acordo com os resultados de Frota (2000), não foi encontrada qualquer regra de sândi que se refira ao sintagma fonológico, mas este constituinte revela-se, de forma subtil, através de outros processos (como processos de resolução de choques acentuais e a distribuição dos acentos tonais). Já o sintagma entoacional se manifesta de forma muito evidente, constituindo o domínio para processos como a atribuição do contorno entoacional, regras de sândi externo ou fenómenos duracionais, e apresentando recursividade. Estes factos levaram Frota (2000: 2.3) a sugerir que a “força” de uma categoria prosódica constitui um factor importante de variação prosódica entre línguas. Assim, cada uma das categorias prosódicas de uma língua pode corresponder a um “domínio forte” ou a um “domínio fraco”: os domínios fortes evidenciam-se de forma óbvia; os domínios fracos manifestam-se de forma subtil.

Por outro lado, *um determinado constituinte prosódico não é construído do mesmo modo em todas as línguas*: as regras de mapeamento entre uma componente da gramática e a fonologia podem ser diferentes.

*A estrutura prosódica universal tende a obedecer a quatro princípios* (cf. Nespor e Vogel 1986: 1.2.1). O primeiro princípio consiste na estratificação que leva cada constituinte a ser composto por um ou mais constituintes da categoria imediatamente inferior (não sendo, portanto, possível a recursividade). O segundo princípio é constituído pela exaustividade: um constituinte deve estar exaustivamente incluído no constituinte

---

<sup>10</sup> A designação apresentada para os três tipos de processos fonológicos (*domain-span*, *domain-limit* e *domain-juncture*) é de Selkirk (1980) – cf. Vigário (2003: 354).

imediatamente superior que integra (não podendo haver omissão de níveis nem constituintes heterogéneos que sejam irmãos). O terceiro princípio reside no facto de as hierarquias prosódicas apresentarem uma ramificação n-ária (e não necessariamente binária). Finalmente, o quarto princípio que preside à construção da estrutura prosódica consiste no estabelecimento de relações de proeminência relativa entre nós irmãos: um deles recebe a etiqueta “forte” e os restantes a etiqueta “fraco”.

No entanto, dados empíricos de diferentes línguas (que, para serem correctamente descritos, exigem a adjunção e/ou a recursividade de constituintes) levaram vários autores a defender que a estratificação e a exaustividade são princípios violáveis. Por exemplo, de modo a dar conta dos dados do PE, Vigário (2003) admite estruturas prosódicas que não obedecem, em alguns casos, ao princípio da estratificação e, noutros, ao princípio da exaustividade (cf. secção 1.4.1). Nas  $\omega$ s compostas – e.g.  $((\text{foto})_{\omega}(\text{montagem})_{\omega})_{\omega}^{\max}$  – o princípio da estratificação não é respeitado, já que uma palavra prosódica domina outros constituintes do mesmo nível (e não constituintes do nível imediatamente inferior, como seria de esperar). Nas  $\omega$ s com adjunto – e.g.  $((\text{re})_{\sigma}(\text{organizar})_{\omega})_{\omega}$  – não se obedece ao princípio da exaustividade, uma vez que uma ou mais sílabas são imediatamente dominadas por uma palavra prosódica, não estando exaustivamente incluídas no constituinte imediatamente superior (o  $\Sigma$ ).

Quanto ao *ponto da gramática* em que os domínios prosódicos são construídos, actualmente considera-se que os constituintes até à palavra ( $\sigma$ ,  $\Sigma$ ,  $\omega$ ) são o resultado de processos lexicais, enquanto os mais altos ( $\phi$ , I, U) são, por definição, pós-lexicais. Tal não implica, contudo, que sejam lexicais todas as regras que se referem à  $\sigma$ , ao  $\Sigma$  ou à  $\omega$ . Por exemplo, o processo de especificação do ponto de articulação e de vozeamento da fricativa em posição de coda é pós-lexical (cf. Mateus 2003) e faz referência aos constituintes  $\sigma$  e I (cf. Frota 2000).

## 1.5. Os domínios prosódicos no Português Europeu

Na elaboração do *corpus* e no estudo efectuado nesta dissertação, tivemos em conta quatro domínios prosódicos: a palavra prosódica, o sintagma fonológico, o sintagma entoacional e o enunciado. Nesta secção, apresentaremos as definições que foram propostas na literatura para cada um deles e que serão adoptadas neste trabalho.

### 1.5.1. A palavra prosódica

De acordo com Vigário (2003: 335-336), no PE existem muitos fenómenos que se referem à palavra prosódica ( $\omega$ ), servindo, por isso, de diagnósticos para identificar tal constituinte: restrições fonotácticas; vários processos segmentais; fenómenos de proeminência; fenómenos tonais; e processos de apagamento de constituintes (como o truncamento e o apagamento sob identidade). O facto de muitos processos fonológicos fazerem referência à  $\omega$  leva Vigário (2003: 337) a considerá-la um “domínio forte” no PE.

Existem algumas restrições fonotácticas relativamente aos segmentos que podem ocorrer em posição inicial de  $\omega$ , no nível lexical. Por exemplo, [ $\lambda$ ] e [ɲ] não podem ocorrer nessa posição.

Entre os processos segmentais que fazem referência à  $\omega$  encontramos fenómenos pertencentes aos dois níveis da gramática (lexical e pós-lexical) e fenómenos que utilizam a  $\omega$  como domínio de modos diferentes (processos de extensão e processos de limite<sup>11</sup>). Em (2) enunciamos esses processos fonológicos.

- (2) ***I. Processos segmentais lexicais que fazem referência à  $\omega$***
- a. Centralização do /e/ heterossilábico – extensão
  - b. Inserção de semivogal para quebrar hiato – extensão
  - c. Reforço do /r/ inicial – limite inicial
  - d. Realização da vogal inicial (neutralização) – limite inicial
  - e. Abaixamento das vogais átonas em sílabas finais fechadas por /r/ – limite final

---

<sup>11</sup> Veja-se a distinção dos três tipos de processos prosódicos (de extensão, de limite e de juntura), em 1.4.

## II. Processos segmentais pós-lexicais que fazem referência à $\omega$

- a. Realização da vogal inicial (especificação dos traços) – limite inicial
- b. Semivocalização da V2 – limite final
- c. Supressão do [i] final – limite final
- d. Supressão do [u] final – limite final
- e. Supressão do [v] final – limite final
- f. Degeminação silábica – limite final

Três fenómenos relacionados com a proeminência referem-se igualmente à  $\omega$ : o acento de palavra (cada  $\omega$  apresenta um e apenas um); um acento secundário inicial (localizado na primeira ou, eventualmente, na segunda sílaba da  $\omega$ ); e o acento enfático (também atribuído opcionalmente à primeira sílaba da  $\omega$ ).

Os fenómenos tonais também contribuem para a identificação da  $\omega$ . A associação de um acento tonal ocorre sempre sobre uma sílaba acentuada, pelo que a presença de um acento tonal indica necessariamente a localização de um acento de palavra. Fazem igualmente referência à  $\omega$  fenómenos tonais como a associação de um tom H à última sílaba da palavra inicial de sintagma entoacional e a atribuição de um acento de foco (H\*+L) à sílaba acentuada da  $\omega$  a focalizar.

Tendo em conta as pistas fornecidas por estes processos, cuja descrição exige a referência ao constituinte  $\omega$ , Vigário (2003) propõe a distinção de três tipos de palavras prosódicas: as  $\omega$ s simples; as  $\omega$ s com adjunto; e as  $\omega$ s compostas.

As  ***$\omega$ s simples*** correspondem ao domínio de  $\omega$ , pois incluem um radical e, eventualmente, a generalidade dos sufixos e/ou prefixos não-transparentes (isto é, prefixos que já não são analisados como tal e deixaram de ser produtivos). Vários diagnósticos de palavra prosódica indicam que os enclíticos (isto é, os clíticos pronominais pós-verbais), inseridos pós-lexicalmente na sequência, são incorporados na  $\omega$ , o que, segundo a autora, se deve ao facto de a fronteira direita de  $\omega$  não ser projectada para o nível pós-lexical. Assim, constituem  $\omega$ s simples as palavras sem qualquer afixo (cf. *lápiz*), as palavras com sufixos derivacionais e flexionais (cf. *perplexidades*), as palavras com prefixos não-transparentes (cf. *precaução* e *absolvições*) e as palavras com enclíticos (cf. *disse-lhe*).

As  ***$\omega$ s com adjunto*** parecem ser constituídas por uma  $\omega$  e um prefixo transparente ou um proclítico (cf. *desinfecções* e *na Europa*). A autora defende que o proclítico ou o

prefixo não são incorporados na  $\omega$  à qual se associam, funcionando como adjuntos, porque ocorrem processos que se referem ao limite inicial de  $\omega$ , tanto no elemento associado à  $\omega$  (prefixo ou proclítico), como nas sílabas iniciais da  $\omega$  (que serve de base morfológica ou de hospedeiro). Num dos exemplos fornecidos pela autora, *rerubricar* ([RiRUBri'kar]), verificamos que o reforço do /r/ inicial ocorre em duas posições: no prefixo e na  $\omega$  que serve de base à prefixação. A assimetria encontrada na prosodização dos prefixos / proclíticos e dos sufixos / enclíticos deve-se ao facto de os prefixos transparentes não estarem incluídos no domínio de  $\omega$  e de a fronteira esquerda da  $\omega$  lexical, mas não a direita, ser projectada pós-lexicalmente. Assim, todos os morfemas não dominados por uma  $\omega$  (prefixos transparentes ou proclíticos) são adjungidos à  $\omega$  seguinte (se existir uma).

Vários processos fonológicos sugerem a existência de um terceiro tipo de palavras prosódicas – as *ws compostas*. Estas combinações de palavras ou tipos específicos de palavras derivadas incluem duas ou mais palavras prosódicas mínimas ( $\omega^{\min}$ ) dominadas por uma palavra prosódica máxima ( $\omega^{\max}$ ), definindo-se  $\omega^{\min}$  como a palavra prosódica que domina imediatamente o constituinte do nível prosódico mais baixo (o pé) e  $\omega^{\max}$  como a palavra prosódica que é imediatamente dominada pelo constituinte do nível prosódico mais alto (o sintagma fonológico). Cada  $\omega^{\min}$  apresenta um acento de palavra, tornando-se o acento mais à direita o mais proeminente da  $\omega$  composta (e constituindo os restantes acentos secundários morfológicos).

Num dos exemplos apresentados pela autora, *seniorzinho*, três factos sugerem que estamos perante duas palavras prosódicas: a percepção de dois acentos de palavra (em *sénior* e em *zinho*); a não aplicação do processo de redução vocálica no primeiro constituinte (s[ɛ]nior); e a aplicação do abaixamento das vogais átonas em sílabas finais fechadas por /r/, processo próprio da fronteira final de  $\omega$ , novamente no primeiro constituinte (seni[ɔr]). Por outro lado, vários factos sugerem que palavras como estas constituem *ws compostas* (por apresentarem um comportamento diferente das sequências de *ws* imediatamente dominadas por um sintagma fonológico): tanto os acentos de foco, como os acentos tonais podem ser associados apenas à sílaba acentuada da  $\omega$  mais à

direita<sup>12</sup>; dois processos que fazem referência ao fim de  $\omega$ , a supressão de [i] final e a de [u] final, são bloqueados quando a segunda vogal do encontro vocálico constitui a vogal acentuada do constituinte que domina as duas palavras,  $\omega^{\max}$  (cf. exemplo da autora, ( (onze) $_{\omega}$  (avos) $_{\omega}$  ) $_{\omega}^{\max}$ , no qual a primeira vogal do encontro vocálico, [i], não pode ser suprimida pelo facto de a segunda vogal, [a], ser acentuada; a primeira vogal tem de ser realizada como [j]).

A autora defende a existência de várias estruturas que dão origem a  $\omega$ s compostas: tipos específicos de derivação (com prefixos ou sufixos acentuados), combinações de palavras que lexicalizaram como uma única cabeça lexical (sendo, por isso, mapeadas numa  $\omega$  composta), entre outras. Em (3) apresentamos os vários elementos que dão origem a  $\omega$ s compostas.

(3) ***Possíveis estruturas de  $\omega$ s compostas***

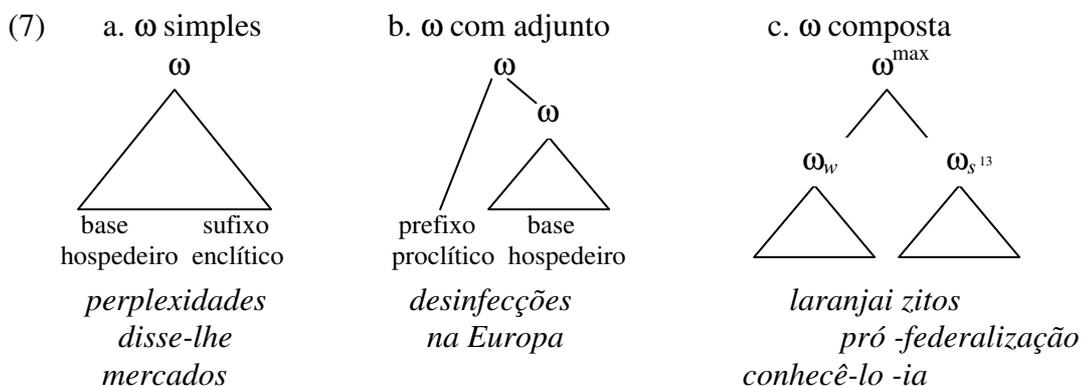
- a. palavras derivadas com sufixos com acento independente da base (-mente, sufixos z-avaliativos, e forma avos) – e.g. *laranjaizitos*;
- b. palavras derivadas com prefixos acentuados (*pré-*, *pós-*, *pró-*, *bi-*, *ex-*; *poli-*, *extra-* *multi-*, *inter-*, *mega-*, *super-*, *hiper-*, *ultra-*, *mini-...*) – e.g. *pró-federalização*;
- c. certas palavras compostas morfologicamente (radical + radical; alguns radicais: *foto*, *auto*, *bio*, *tele*, *infor*, *heli*, *eco*, *macro...*) – e.g. *fotomontagem*;
- d. palavras compostas morfossintacticamente (palavra + palavra) – e.g. *abre-latas*;
- e. estruturas mesoclíticas – e.g. *conhecê-lo-ia*;
- f. siglas – e.g. *LPs (éle pês)*;
- g. algumas sequências de palavras prosódicas, formadas por nomes de letras, nomes de letras e numerais, ou certos numerais combinados com as palavras *anos* e *horas* – e.g. *onze horas*, *vinte anos*.

Em (4)-(6) transcrevemos os algoritmos de formação do domínio  $\omega$  no PE propostos por Vigário (2003: 263-265).

<sup>12</sup> Habitualmente os acentos de foco podem ser associados à sílaba acentuada de qualquer palavra prosódica (Vigário 2003: 222-223). Relativamente aos acentos tonais, estes podem ser associados à sílaba tónica de uma cabeça de  $\phi$  ou à sílaba tónica de uma  $\omega$  que não seja cabeça de  $\phi$ , desde que a cabeça desse mesmo  $\phi$  também receba um acento tonal. Quando a  $\omega$  composta se encontra no início de I, a primeira  $\omega^{\min}$  pode receber o acento tonal que se associa à primeira  $\omega$  de I (Vigário 2003: 223-224).

- (4) Mapping relations  
 Morphology–Phonology  
 The prosodic word domain includes a stem plus suffixes  
 (and non-transparent prefixes)  
 Lexical prosodic word–Postlexical prosodic word  
 (Only) The left edge of a lexical prosodic word is projected  
 postlexically  
 Syntax–Phonology  
 The lowest Lex<sup>o</sup> is mapped onto a prosodic word
- (5) Well-formedness conditions on the prosodic word domain  
 - A minimal prosodic word has one and only one (word) primary stress  
 - A maximal prosodic word has one and only one prominent element  
 - A unit bearing word stress must be included within a minimal prosodic word
- (6) Prosodic parsing at the prosodic word level  
 Any morpheme not dominated by the prosodic word node is adjoined to the  
 following prosodic word (if any).

Em (7) apresentamos a estrutura dos três tipos de  $\omega$  existentes no PE.



### 1.5.2. O sintagma fonológico

Os resultados apresentados por Frota (2000) levaram-na a concluir que o sintagma fonológico ( $\phi$ ) constitui um “domínio fraco” no PE, uma vez que se manifesta de forma

<sup>13</sup> A  $\omega^{\text{min}}$  mais à direita constitui, como vimos, o elemento proeminente da  $\omega$  composta, pelo que Vigário (2003) lhe atribui a etiqueta “forte”:  $\omega_s$  (*strong*). As restantes  $\omega^{\text{min}}$  apresentam a etiqueta “fraco”:  $\omega_w$  (*weak*).

bastante subtil. Esta categoria prosódica não constitui o domínio de extensão ou domínio de juntura para qualquer fenómeno segmental, não possui marcadores de fronteira duracionais e não tem de ser entoacionalmente marcada. Este constituinte manifesta-se apenas de forma indirecta em três processos: na distribuição dos acentos tonais em posição pré-nuclear num sintagma entoacional, na resolução de certos encontros vocálicos, e na resolução de choques acentuais. Os *acentos tonais* em posição pré-nuclear num sintagma entoacional só podem ser atribuídos a uma  $\omega$  que não constitua cabeça de  $\phi$  se a  $\omega$  que constitui a cabeça do  $\phi$  também receber um acento tonal. A *resolução de certos encontros vocálicos* também é influenciada pelo constituinte  $\phi$ : a supressão de uma vogal em final de  $\phi$  é fortemente evitada se esta supressão gerar um choque acentual entre as proeminências dos dois  $\phi$ s. A *resolução de um choque acentual* através do reforço da primeira proeminência (visível na sua maior duração) também faz referência ao  $\phi$ , pois só pode ocorrer no interior deste constituinte.

Quanto à formação deste constituinte, adoptamos a definição proposta por Frota (2000: 365), que foi adaptada pela autora a partir de Nespor e Vogel (1986) e Hayes (1989), e é apresentada em (8) e (9).

- (8) Phonological Phrase ( $\phi$ ) Formation (EP)
- a.  $\phi$ -domain: The domain of  $\phi$ -formation is defined by the configuration [... Lex XP ...]<sub>Lex</sub><sup>max</sup> (where *Lex* stands for the head of a lexical category, and *Lex*<sup>max</sup> for the maximal projection of a lexical category).
  - b.  $\phi$ -construction: Elements around Lex are organized into  $\phi$ s so that
    - i. all elements on the non-recursive side of Lex which are still within Lex<sup>max</sup> are contained in the same  $\phi$  with Lex;
    - ii. a  $\phi$  may optionally contain (i) and a following phrase that is a complement of Lex.
- (9) Branchingness or (weight) condition on  $\phi$ s (EP): a  $\phi$  should contain more material than one prosodic word.

Convém referir ainda três aspectos relativos à construção do  $\phi$ . Em primeiro lugar, o elemento proeminente deste constituinte consiste na palavra prosódica mais à direita. O segundo aspecto a mencionar consiste no facto de, de acordo com Frota (2003), num  $\phi$  só podermos incluir, além da cabeça lexical (*Lex*), um complemento de *Lex* se este for

fonologicamente não-ramificado.

O terceiro ponto a esclarecer consiste na prosodização de adjetivos e advérbios. De acordo com Frota (2003) e com um estudo apresentado em Vigário (1997) sobre os advérbios de exclusão, a prosodização dos adjetivos e dos advérbios depende da sua localização relativamente à palavra que modificam: não contam como cabeça lexical (não podendo ser prosodizados como um  $\phi$  independente), se ocorrerem no lado não-recursivo de uma cabeça lexical e forem dominados pela projecção máxima dessa cabeça.

Vejam os alguns exemplos de sintagmas fonológicos existentes no *corpus* elaborado para esta dissertação em (10). No primeiro exemplo, (10a), verificamos que a cabeça lexical *juiz* é prosodizada como um  $\phi$  (*o juiz*), uma vez que a sua projecção máxima não inclui qualquer complemento. A forma verbal *concedeu* também dá origem a um  $\phi$  com uma única  $\omega$ , já que o seu complemento, *absolvições polémicas*, é ramificado e, por esse motivo, não pode ser incluído no  $\phi$  anterior. Em *absolvições polémicas*, o adjetivo funciona como uma cabeça lexical, por se encontrar no lado recursivo do nome que modifica; no entanto, é incluído no  $\phi$  anterior, por não ser ramificado (inclui apenas uma  $\omega$ ). Em (10b), a presença de um advérbio no lado não-recursivo de *polémicas* gera um  $\phi$  ramificado, constituído pela cabeça lexical *polémicas* e pelo advérbio. Assim, a cabeça lexical *concedeu* constitui um  $\phi$  incluindo o seu complemento não-ramificado *absolvições* (o que forma um  $\phi$  de tamanho ideal, isto é, um  $\phi$  com mais de uma  $\omega$ ) e o adjetivo *polémicas* constitui um  $\phi$  com o seu modificador *muito*.

- (10) a. [O juiz] $_{\phi}$  [concedeu] $_{\phi}$  [absolvições polémicas] $_{\phi}$   
 b. [O juiz] $_{\phi}$  [concedeu absolvições] $_{\phi}$  [muito polémicas] $_{\phi}$

### 1.5.3. O sintagma entoacional

Ao contrário do que acontece com o sintagma fonológico, o sintagma entoacional (I) manifesta-se de forma bem visível na fonologia do PE, pelo que Frota (2000) o considera um constituinte “forte”. De acordo com os resultados dessa autora, são muitos os

processos que se referem a este domínio: o I delimita a aplicação de cinco processos de sândi externo, apresenta marcas de fronteira de tipo duracional e melódico, e revela um contorno entoacional bem definido.

Os processos segmentais que têm o I como domínio de extensão são o vozeamento da fricativa, a degeminação silábica, a fusão de vogais centrais, a supressão da vogal recuada e a semivocalização. A fronteira de I pode ser assinalada através de marcas de tipo duracional – como o alongamento pré-fronteira na última sílaba acentuada de I ou a existência de uma pausa – e/ou de tipo melódico – como a existência obrigatória de um tom de fronteira na última sílaba do domínio. O I constitui o domínio para a associação do contorno entoacional, com a atribuição de, pelo menos, dois eventos tonais: um acento tonal na última sílaba acentuada, marcando a proeminência de I, e um tom de fronteira final na última sílaba de I. Opcionalmente, este contorno entoacional pode incluir ainda eventos tonais sobre as cabeças de  $\phi$  e as sílabas acentuadas de  $\omega$  (se estiverem inseridas num  $\phi$ , cuja cabeça também receba um acento tonal). Dois efeitos de gama de variação têm igualmente o sintagma entoacional como domínio: a compressão do espaço tonal depois da associação de um acento de foco, e a diminuição da gama de variação de  $F_0$  no núcleo de um  $I^{\min}$ .

Nesta dissertação adoptaremos o algoritmo de construção do sintagma entoacional no PE proposto por Frota (2000: 365) e apresentado em (11) e (12).

- (11) Intonational Phrase (I) Formation (EP)
- a. I-domain: the domain of I-formation may consist of
    - i. all the  $\phi$ s in a string that is not structurally attached to the sentence tree, or
    - ii. any remaining sequence of adjacent  $\phi$ s in a root sentence.
  - b. I-construction: the constituents included in an I must bear a head/complement relation.
- (12) Weight conditions on Is (EP): long phrases tend to be divided; balanced phrases, or the longest phrase in the rightmost position, are preferred.

Assim, constituem Is tanto frases raiz, como expressões parentéticas e tópicos (isto é, sequências de  $\phi$ s não ligadas à árvore sintáctica). No PE, o sintagma entoacional é também caracterizado por apresentar a proeminência à direita (isto é, na cabeça de  $\phi$  mais à

direita) e pela possibilidade de ser composto. Os resultados de Frota (2000) mostram que um débito rápido e a existência de Is curtos (ou seja, constituídos apenas por um  $\phi$ ) favorecem a formação de  $I^{\max}$  compostos por dois  $I^{\min}$ .

Em (13a) transcrevemos um exemplo dado por Frota (2000: 70), mostrando um I composto. Em (13b) apresentamos uma frase do nosso *corpus*: a frase inclui uma parentética com o fim de se garantir que a palavra prosódica a estudar (a palavra sublinhada) se encontra no contexto prosódico “início de I”.

- (13) a. [ [As alunas,]<sub>I</sub> [até onde sabemos,]<sub>I</sub> ]<sub>I</sub><sup>max</sup> [obtiveram boas avaliações.]<sub>I</sub>  
 b. [O juiz concedeu,]<sub>I</sub> [conforme soubeste,]<sub>I</sub> [absolvições polêmicas.]<sub>I</sub>

#### 1.5.4. O enunciado

A construção do domínio mais vasto da hierarquia prosódica no PE nunca foi objecto de estudo, até onde sabemos, pelo que adoptamos a definição de U proposta em Nespor e Vogel (1986: 222) e apresentada em (14).

- (14) Phonological Utterance (U)  
 a. U domain: The domain of U consists of all the Is corresponding to  $X^n$  in the syntactic tree.  
 b. U construction: Join into an n-ary branching U all Is included in a string delimited by the definition of the domain of U.

Assim, correspondendo ao nível mais elevado da hierarquia, o enunciado inclui todos os constituintes associados ao nó mais alto da árvore sintáctica, constituintes esses que formam um ou mais sintagmas entoacionais.

Se a árvore sintáctica apresentar uma única palavra foneticamente realizada, o enunciado pode ser constituído apenas por essa palavra<sup>14</sup>. Nesse caso, coincidirão as fronteiras de quatro constituintes prosódicos (cf. (15)).

<sup>14</sup> De acordo com Nespor e Vogel (1986), um enunciado pode reestruturar e incluir constituintes associados a duas árvores sintácticas diferentes, quando esses constituintes estabelecem entre si uma relação sintáctica de elipse ou anáfora, ou uma relação semântica, por exemplo, de causa ou de consequência. Veja-se um dos exemplos dados pelas autoras (Nespor e Vogel 1986: 242): *Take your coat. It's cold out.* (relação de causa).





## **2. A PROEMINÊNCIA SECUNDÁRIA: QUESTÕES INICIAIS**

### **2.1. Introdução**

Na primeira parte do capítulo (secção 2.1), definimos o objecto de estudo desta dissertação, referindo algumas das suas características.

Em 2.2, apresentamos, de forma breve, alguns dos resultados da investigação sobre o acento secundário em várias línguas, no PE e no PB. A partir dos padrões de acentuação secundária encontrados em diferentes línguas, reunimos as questões de maior interesse no estudo deste tipo de acento e algumas das respostas possíveis para cada uma dessas questões (cf. 2.2.1). Tendo em conta essas questões e as respostas possíveis, observamos a literatura sobre o acento secundário no PE (cf. 2.2.2) e algumas das descrições do mesmo processo no PB (cf. 2.2.3).

Na secção 2.3, resumimos os tópicos sobre o acento secundário no PE que nos parecem dever ser reanalisados. Em 2.4, fazemos uma síntese deste capítulo.

Na literatura, as sílabas com acento secundário têm sido descritas como (perceptivamente) menos proeminentes do que as sílabas com acento primário e mais proeminentes do que as sílabas completamente inacentuadas (cf. Van der Hulst 1999: 8; Pereira 1999: 200). A percepção deste grau de acento pode dever-se a diferentes correlatos fonéticos, tal como acontece com o acento primário. No entanto, como já diversos autores o notaram, nalgumas línguas, as sílabas portadoras de acento secundário não apresentam pistas fonéticas claras, pelo que o estudo da sua percepção pelos falantes / ouvintes nativos pode ser mais elucidativo do que o estudo dos correlatos fonéticos: embora nem sempre consigamos encontrar os correlatos acústicos e/ou articulatórios dos acentos secundários, a sua percepção pode revelar quais são os padrões possíveis na sua distribuição (cf. Vogel e

Scalise 1982: 215; Selkirk 1984: 39, 52; Wiese 1996: 272; Van der Hulst 1999: 8)<sup>1</sup>.

Van der Hulst (1999) refere ainda um aspecto importante relativamente a este tipo de acento: o facto de muitas vezes haver discordância quanto à sua localização. Segundo o mesmo autor, tal deve-se não só à falta de correlatos fonéticos claros, mas também à própria instabilidade que caracteriza a distribuição deste acento:

“[...] the location of these accents is unstable, dependent on the phrasal context in which the word occurs or performance factors such as speech style, rate of speech and so on.” (cf. Van der Hulst 1999: 8).

Assim, a proeminência secundária consiste na propriedade apresentada pelas sílabas percebidas como menos salientes do que a sílaba portadora de acento primário e mais salientes do que as restantes sílabas da palavra (ou sequência), podendo não estar claramente associada a determinados correlatos fonéticos. Trata-se de uma propriedade relacional, tal como sublinhado pelo nome “proeminência”: as sílabas consideradas “secundariamente proeminentes” são-no por oposição quer às sílabas primariamente acentuadas, quer às sílabas totalmente inacentuadas. A sua distribuição pode ser determinada por factores como alguma informação morfológica, o peso silábico, algum ou alguns princípios rítmicos, a posição na palavra, e até por factores de realização linguística como o débito e o estilo de discurso.

## **2.2. Revisão de bibliografia sobre o acento secundário**

### **2.2.1. Acento secundário em várias línguas**

Nos estudos que abordam a questão do acento secundário em diferentes línguas<sup>2</sup>, um dos tópicos tratados com alguma frequência consiste no estabelecimento dos *correlatos*

---

<sup>1</sup> Por exemplo, Arvaniti (1992: 418), ao estudar o acento secundário no Grego, não encontra correlatos acústicos para os acentos rítmicos descritos por Malikouti-Drachman e Drachman (1980) e Nespor e Vogel (1989): “Experimental data indicate that there is no acoustic evidence for rhythmic stress in Greek. [...] the only argument for their existence appears to be that they are heard.” (p.418).

<sup>2</sup> As línguas cujos dados serão brevemente apresentados foram escolhidas por serem próximas do Português (e.g. línguas românicas) ou por representarem diferentes possibilidades de padrões de acentuação secundária.

*fonéticos* deste tipo de proeminência. No entanto, estes parecem ser ainda mais difíceis de definir do que os do acento primário, já que grande parte dos trabalhos experimentais realizados não conseguiu identificar correlatos fonéticos para a existência de diferentes graus de acento na palavra – cf. Lehiste (1970), tendo em conta trabalhos realizados sobre o Inglês; Arvaniti (1992) para o Grego; Dogil (1999) para o Polaco; Díaz-Campos (2000) para o Castelhana. Os poucos estudos que identificaram alguns correlatos fonéticos para o acento secundário raramente conseguem explicar a totalidade de proeminências percebidas pelos falantes nativos. Para o Castelhana, por exemplo, tanto Prieto e Van Santen (1994, 1996)<sup>3</sup> como Dogil (1999) encontraram correlatos acústicos para um acento inicial de palavra (ao nível da frequência e da intensidade), mas não para acentos secundários rítmicos. Dogil (1999) refere ainda que em contexto “fora de foco” (isto é, quando as palavras não ocorrem em frases como “Eu disse... outra vez.”, num contexto a que se tende a associar foco contrastivo) deixam de se verificar quaisquer distinções de proeminência ao nível dos correlatos acústicos.

De facto, nos estudos que conhecemos, são referidos apenas cinco trabalhos que identificaram correlatos fonéticos para os acentos secundários. Jessen (1994)<sup>4</sup> encontra evidências fonéticas para a existência de acento secundário em Alemão. Beckman e Edwards (1994)<sup>5</sup> associam uma maior duração e um movimento articulatório mais amplo e rápido aos acentos secundários percebidos em Inglês. Dłuska (1957)<sup>6</sup> refere que o acento secundário em Polaco se manifesta através de uma maior duração da vogal. Nooteboom (1972) e Sloodweg (1988)<sup>7</sup> mostram que o acento secundário afecta a duração das sílabas no Neerlandês.

Numa outra linha, Selkirk (1984), por exemplo, sugere que mais importante do que a realidade física do ritmo (e, conseqüentemente, também dos acentos secundários) é a sua

---

<sup>3</sup> Conhecemos os trabalhos de Prieto e Van Santen (1994, 1996) de forma indirecta: Prieto e Van Santen (1996) são referidos em Díaz-Campos (2000: 52), enquanto Dogil (1999: 306) refere os mesmos resultados presentes em Prieto e Van Santen (1994).

<sup>4</sup> Cf. Wiese (1996: 292). Não se indica que evidências fonéticas foram identificadas.

<sup>5</sup> Cf. Dogil (1999: 300).

<sup>6</sup> Cf. Booij e Rubach (1985: 283).

<sup>7</sup> Cf. Booij (1995: 97).

existência (abstracta) na mente dos falantes / ouvintes<sup>8</sup>. Por esse motivo é que autores como Dell (1984) e Wiese (1996)<sup>9</sup> sublinham a importância dos estudos baseados na percepção dos falantes para reconhecer a existência e a localização dos padrões acentuais numa língua. Esta ideia, por nós partilhada, sustenta a escolha metodológica feita na presente investigação (cf. cap.3) e justifica o facto de centrarmos a nossa revisão da literatura não nos correlatos fonéticos propostos para este acento, mas nos diferentes padrões de acentuação secundária encontrados em várias línguas.

Uma outra questão frequentemente colocada é a da *“motivação básica para a distribuição do acento secundário”* em cada língua. Por outras palavras, procura-se descobrir qual é o factor que determina basicamente a localização destas proeminências. Tal como defendido por Van der Hulst (1984, 1999), de acordo com os sistemas acentuais descritos na literatura, a distribuição dos acentos secundários pode ser determinada por três motivações básicas diferentes: peso silábico, princípio rítmico, e ciclicidade (morfologia). Nas línguas sensíveis ao peso silábico, as sílabas pesadas recebem acento secundário; nas línguas com acento secundário determinado por princípios rítmicos, este ocorre a intervalos regulares, tendo ou não o acento principal como ponto de referência; finalmente, nas línguas com acento secundário determinado pela morfologia<sup>10</sup>, recebem acento secundário as sílabas que, em passagens anteriores do ciclo acentual, receberam

---

<sup>8</sup> Veja-se o que defende Selkirk (1984) a propósito dos correlatos acústicos do ritmo: “With Liberman, Lehiste, and others, we claim a psychological reality for rhythmic organization in both the production and the perception of speech, but acknowledge that the ideal isochronicity this organization presupposes may not always reveal itself in easily measurable terms in the acoustic signal.” (p.39); “We give full credence, therefore, to the impression of isochrony – to the impression of rhythm – as revealing something about how the mind grasps the organization of speech in time” (p.52).

<sup>9</sup> De acordo com Dell (1984: 72), não se consegue identificar um esquema acentual apenas a partir dos dados fonéticos directos; é necessário um processo de inferência. “Mais il existe un raccourci commode pour parvenir aux schèmes accentuels: les effets conjugués des variations mélodiques et de celles de durée donnent lieu chez les locuteurs natifs à des intuitions de proéminence, et ces intuitions se trouvent refléter (dans une certaine mesure [...]) les schèmes accentuels sous-jacents.” (p.72). Ainda que considere indispensável a análise do sinal acústico, este autor sublinha que, “dans ce premier temps, l’observation des jugements de proéminence relative est un moyen d’investigation irremplaçable.” (p.73).

Wiese (1996), por seu turno, sugere que os correlatos fonéticos dos acentos podem ser difíceis de identificar por consistirem em combinações muito específicas de determinadas propriedades (frequência, duração, intensidade e qualidade). No entanto, os juízos dos falantes podem facilitar a identificação das relações de proeminência: “But judgements of stress patterns are nevertheless possible and quite reliable for speakers of German, and are at least as valid as judgements on segmental matters.” (p.272).

<sup>10</sup> Van der Hulst (1999) defende que, na verdade, a atribuição dos acentos cíclicos parece depender mais da localização dos acentos primários das palavras que dão origem a palavras derivadas do que da estrutura morfológica propriamente dita (p.20).

acento primário (cf. Van der Hulst 1984: 187-189; Van der Hulst 1999: 19-21; Pereira 1999: 200; Booij 1995: 108<sup>11</sup>).

No entanto, algumas línguas apresentam proeminências secundárias apenas nas sílabas iniciais ou finais de um domínio, não podendo essas proeminências ser resultantes nem do peso silábico, nem da actuação de um princípio rítmico, nem da informação morfológica. A localização desses acentos parece ser determinada por uma quarta motivação básica – a posição de fronteira no domínio. Esta motivação básica pode levar as proeminências secundárias a desempenharem duas funções na fonologia da língua: por um lado, a de delimitar o domínio e, por outro, a de marcar um certo padrão rítmico num nível superior ao do domínio em causa<sup>12</sup>. Por esse motivo, podemos designá-los por “acentos delimitadores”.

Convém distinguir aqui duas realidades diferentes, que serão importantes na descrição do PE: a motivação básica para a distribuição da proeminência secundária, e a função dessa proeminência na língua. Enquanto “*motivação básica*” serve para designar o factor que determina basicamente a localização da proeminência secundária numa determinada língua, a “*função da proeminência*” consiste no papel que ela desempenha na fonologia dessa língua e está relacionada com as consequências da sua distribuição.

Vejamos agora alguns exemplos de línguas com as quatro motivações básicas para a distribuição da proeminência secundária.

De acordo com as descrições apresentadas na literatura sobre o Castelhana e o Francês, estas duas línguas românicas possuem um acento secundário determinado por *princípios rítmicos* (cf. Roca 1986 e Dell 1984, respectivamente). Quanto ao Italiano, a proposta de Vogel e Scalise (1982) apresenta-o como uma língua de acento secundário cíclico, enquanto a de Roca (1986) defende que a distribuição da proeminência em questão se deve a um princípio de ritmo binário.

Assim, o **Castelhana** apresenta acentos secundários em sílabas alternantes, a partir da direita para a esquerda (cf. Roca 1986). O algoritmo que atribui estes acentos constrói

---

<sup>11</sup> Este autor refere apenas a existência de acentos secundários determinados pelo peso silábico e pela alternância rítmica.

<sup>12</sup> Por exemplo, Roca (1986: 364) considera que o acento secundário “is but a manifestation of *phrasal rhythm*” em línguas como o Castelhana e o Italiano (o itálico é nosso).

pés proeminentes à direita, respeitando os acentos primários (cf. (1a)). Deste modo, podem existir proeminências secundárias também nas sílabas à direita do acento primário, desde que não originem um choque acentual (isto é, configuração apresentando duas sílabas acentuadas adjacentes) com este último acento (cf. (1b)). Nesta língua, são proibidos os choques de acentos secundários no grupo fônico (“phonic group”), domínio de atribuição do acento secundário que corresponderá ao sintagma fonológico da hierarquia da Fonologia Prosódica<sup>13</sup>. Existe ainda a possibilidade de atribuir à primeira sílaba do domínio um acento inicial (através da mudança de um acento secundário para a sílaba inicial, quando esta não seria acentuada pelo princípio rítmico – cf. (1c)) e um acento de reforço inicial (que dá origem a uma proeminência na sílaba inicial tão saliente como a proeminência primária da palavra – cf. (1d)).

- (1) a. por. Cons..tan.ti..no ‘por Constantino’  
 b. can..ta.ro ‘cântaro’  
 c. por. Cons..tan.ti..no ‘por Constantino’  
 d. por. Cons..tan.ti..no ‘por Constantino’

No **Francês**, as sílabas de um grupo entoacional (“tronçon intonatif”) apresentam vários graus de acento em função da sua posição sintáctica, verificando-se uma tendência para a constituição de um padrão binário (cf. Dell 1984 e exemplos em (2)). Assim, as palavras com três ou mais sílabas tendem a apresentar proeminências secundárias em sílabas alternantes à esquerda do acento primário.

- (2) a. un tas d’sentimentaux<sup>14</sup>                      b. un tas d’centimes en tôle  
       0 2    0 3 0 1                                      0 2    0 3    0 1  
       ‘muitos sentimentais’                            ‘muitos cêntimos em chapa metálica’  
 c. l’aubergine espérée                                d. l’auberge inespérée  
       3 0 2    0 0 1                                      0 2    0 3 0 1  
       ‘a beterraba esperada’                            ‘o albergue inesperado’

<sup>13</sup> Roca (1986) não diz, de forma explícita, que o domínio da acentuação secundária em Castelhana é o “grupo fônico”. No entanto, inferimos esta conclusão a partir da análise que o autor faz do acento secundário e de processos com ele relacionados (como a “mudança inicial”, explicitamente associada ao “grupo fônico”) e a partir de algumas afirmações suas (como a de que o acento secundário é “a manifestation of phrasal rhythm” – cf. p.364). A suposição de que o “grupo fônico” corresponde ao sintagma fonológico da Fonologia Prosódica é baseada nos exemplos apresentados pelo autor.

<sup>14</sup> Os exemplos são do autor (p.98): 0 indica sílaba totalmente inacentuada, 1 indica acento principal do “tronçon intonatif”, 2 um acento menos saliente que 1, e 3 um acento menos saliente que 2. O acento atribuído à última sílaba com um núcleo diferente de schwa corresponde ao acento primário.

Ao descrever os dados do **Italiano**, Vogel e Scalise (1982) afirmam que não se verificam acentos à direita do acento primário e consideram a existência de acentos morfológicos, cíclicos, que sofrem a actuação de regras de reajustamento, de forma a respeitar determinadas condições rítmicas e de posição (cf. (3)): ausência de lapsos acentuais (isto é, configuração apresentando um certo número de sílabas não-acentuadas em adjacência), ausência de choques acentuais, acentuação (quase) obrigatória da primeira sílaba da palavra (cf. Vogel e Scalise 1982: 236).

- (3) a. impossibilità [[im+ [possibile]] +ità]<sup>15</sup> ‘impossibilidade’  
 b. indubitabile [in+ [[dubita] +abile]] ‘indubitável’  
 c. felicissimo [[felice] +issimo]] ‘felicíssimo’

Roca (1986), pelo contrário, defende que, para descrever os mesmos dados, basta considerar a existência de um princípio de ritmo alternante, que actua a partir do acento primário, e a obrigatoriedade de deslocar uma proeminência secundária para a sílaba inicial. Ao comparar as diferentes possibilidades de acentuação secundária encontradas nas línguas, teremos em conta apenas esta última proposta de explicação da distribuição da proeminência secundária em Italiano, uma vez que é mais simples e igualmente adequada aos dados.

Observando agora os dados de algumas línguas germânicas, verificamos novamente que a distribuição da acentuação secundária se deve à actuação de um princípio rítmico.

No **Neerlandês**, as palavras prosódicas (domínio para a acentuação secundária) apresentam proeminências secundárias em sílabas alternantes, verificando-se uma preferência pelos pés trocaicos (cf. Booij 1995). Estas proeminências são atribuídas na direcção oposta à da regra do acento primário: se este estiver numa das sílabas finais da palavra, a alternância rítmica é construída da esquerda para a direita (cf. (4a)); se estiver no princípio da palavra (no caso das palavras marcadas lexicalmente como acentuadas na primeira sílaba acentuável), o padrão binário é computado da direita para a esquerda (cf. (4b)). Verifica-se ainda uma tendência para acentuar os limites do domínio, isto é, as primeiras (cf. (4c)) ou as últimas sílabas (cf. (4d)) da palavra prosódica, mesmo que, por

<sup>15</sup> O padrão acentual deste exemplo, *impossibilità*, foi dado pelos autores, embora a análise em constituintes morfológicos tenha sido elaborada por nós a partir de outros exemplos apresentados no artigo.



acentos secundários morfológicos (cf. (6d)).

- (6) a. akvarella, biógrafia ‘aguarela’, ‘biografia’  
 b. ferđa#mađur → ferđamađur ‘turista, GEN PL’,<sup>16</sup>  
 c. ó#bođ#legur → ó#bođ#legur ‘inapresentável’  
 d. forustu#sauođur → forustu#sauođur ‘ovelha que segue à frente’

Encontramos também frequentemente a actuação de um princípio rítmico binário nas línguas balto-eslavas.

No **Polaco**, além do acento primário (numa das três últimas sílabas da palavra), podem existir proeminências secundárias nas sílabas ímpares da palavra fonológica (representada por *m* no artigo e por  $\omega$  na Fonologia Prosódica), contando desde o princípio desta (cf. (7a)) (cf. Rubach e Booij 1985). Quando estas palavras, juntamente com monossílabos (palavras consideradas átonas, devido ao carácter relacional do acento), constituem um sintagma fonológico ( $\phi$ ), os monossílabos à esquerda e à direita do acento primário podem também receber proeminências secundárias em sílabas alternantes (cf. (7b)). Nesta língua evitam-se ainda os choques acentuais (cf. (7c)) e as primeiras sílabas dos domínios  $\omega$  e  $\phi$  são obrigatoriamente acentuadas (cf. (7d)), excepto quando o débito é tão elevado que desaparecem todas as proeminências secundárias (pois estas são opcionais).

Dogil (1999), embora defendendo igualmente a existência de um acento secundário na primeira sílaba e de um padrão binário, considera que este último é computado da direita para a esquerda, a partir do acento primário. Contrariamente ao proposto por Rubach e Booij (1985), Dogil sustenta que a proeminência inicial pode gerar um choque acentual com outra proeminência secundária (cf. (7e)).

- (7) a. pro.pa.gan.da, sak.so.fo.nis.ta, re.wo.lu.cjo.nis.ta.mi  
 ‘propaganda’, ‘saxofonista’, ‘revolucionário, INSTR PL’  
 b. to by on wam zrobił ‘Ele faria isso por ti’ (literal: isso, CONDICIONAL, ele, ti, fazer)  
zrobił on by wam to ‘Ele faria isso por ti’ (literal: fazer, ele, CONDICIONAL, ti, isso)  
zrobił wam to ‘Ele fez isso por ti’  
 c. zrobił wam, \*zrobił wam ‘Ele fez por ti’  
 d. [re.wo.lu.cjo.nis.ta] $\omega$ , [ten re.wo.lu.cjo.nis.ta] $\phi$  ‘(este) revolucionário’

<sup>16</sup> Nos exemplos de outras línguas, usamos por vezes as seguintes abreviaturas: GEN para *genitivo*, INSTR para *instrumental*, NOM para *nominativo*, SG para *singular*, PL para *plural* e Adj. para *adjectivo*.

e. marmolad,                    marmolada,                    marmoladowy  
 ‘compota, GEN PL’, ‘compota, NOM SG’, ‘de compota, Adj.’

De acordo com os dados de Letz (1950) e Král’ (1988), referidos em Rubach (1993) e Dogil (1999), o **Eslovaco** constitui também uma língua com uma proeminência secundária de origem rítmica. Localizando-se o acento primário na primeira sílaba da palavra, os acentos secundários ocorrem a cada sílaba ímpar, resultando num padrão binário. Relativamente às palavras com número ímpar de sílabas, enquanto Letz considera que existe uma proeminência secundária na última sílaba, Král’ defende que esta não é acentuada. Por este motivo, Dogil defende que há duas normas: a última sílaba (ímpar) pode ou não ser acentuada – cf. (8)<sup>17</sup>. Král’ considera ainda que os lapsos acentuais podem consistir tanto numa como em duas sílabas.

- (8) a. norma de Letz:  
       u.či.tel, ne.po.ve.ziem ‘professor’, ‘eu não levarei’  
 b. norma de Král’:  
       u.či.tel, ne.po.ve.ziem

Também o **Checo** apresenta um padrão rítmico binário (cf. Dogil 1999). No entanto, a sua direccionalidade varia de acordo com o nível de registo. Num registo formal, são acentuadas todas as sílabas ímpares a partir do acento primário (sempre localizado na primeira sílaba da palavra). Num registo informal, as sílabas alternantes a acentuar são contadas da direita para a esquerda, começando por se atribuir uma proeminência secundária à penúltima sílaba da palavra. A acentuação secundária própria do registo informal pode dar origem a um choque entre o acento primário (na primeira sílaba) e um acento secundário (na segunda).

Em línguas não-indo-europeias, podemos encontrar, uma vez mais, padrões de acentuação secundária alternante: é o caso do dialecto basco Guipuscoa do Sudeste e das línguas austronésias Kisar e Larike.

No **dialecto basco Guipuscoa do Sudeste**, o acento primário localiza-se na

---

<sup>17</sup> Dados retirados de Dogil (1999: 827).

primeira ou segunda sílabas da palavra, ocorrendo opcionalmente acentos secundários na última sílaba dos sintagmas e/ou em sílabas alternantes a partir do acento primário para a direita (cf. Hualde 1991).

No **Kisar**, todas as segundas sílabas à esquerda do acento primário (localizado na penúltima ou antepenúltima sílaba) apresentam uma proeminência secundária (atribuída pela mesma regra que determina a posição do acento primário), como se pode ver em (9) (cf. Christensen e Christensen 1992).

(9) wa.na.**ku**.nu ‘conversa’; ta.ta.**ne**.ni.he ‘esta criança’

O **Larike**, outra língua austronésia, apresenta igualmente um padrão rítmico alternante, mas com duas direcções: todas as segundas sílabas contadas a partir do acento primário (sempre na penúltima sílaba do radical derivacional), para a direita e/ou para a esquerda, recebem um acento secundário, como se observa em (10) (cf. Laidig 1992).

(10) ai.ʔa.ki.**ni**.a.ku ‘ele pergunta’; i.nan.**to**.la.ta ‘a sua beleza’

Assim, línguas muito diferentes são descritas na literatura como apresentando proeminências secundárias em sílabas alternantes. O princípio rítmico parece, pois, ser uma das mais importantes motivações básicas para a distribuição do acento secundário, sendo o padrão binário provavelmente o mais frequente. Através da observação dos dados das diferentes línguas, também podemos constatar que, numa língua cuja motivação para a proeminência secundária é rítmica, esta proeminência pode apresentar direccionalidades diferentes e relacionar-se de diversos modos com o acento primário.

Encontramos três direccionalidades possíveis para a acentuação secundária: (i) direita-esquerda, em línguas como o Castelhana, o Francês, o Italiano, o Alemão e o Kisar; (ii) esquerda-direita, no Islandês, no Eslovaco e no dialecto basco Guipuscoa do Sudeste; e (iii) direita-esquerda e esquerda-direita, no Neerlandês (D-E nas palavras com acento primário na primeira sílaba acentuável e E-D nas restantes palavras), no Polaco (E-D para as sílabas pré-tónicas e D-E para as sílabas pós-tónicas, de acordo com Rubach e Booij), no Checo (E-D no registo formal e D-E no registo coloquial) e no Larike (a acentuação

secundária ocorre simultaneamente nas duas direcções, sempre que haja sílabas suficientes à esquerda e/ou à direita do acento primário). A direccionalidade da acentuação secundária pode coincidir ou não com a direccionalidade do acento primário. Por exemplo, enquanto o Islandês e o Castelhana apresentam a mesma direccionalidade nos processos de acentuação primária e secundária, a direccionalidade do acento secundário em Neerlandês é sempre oposta à do acento primário.

Relativamente às diferentes formas como o acento primário se pode relacionar com a proeminência secundária, encontramos: (i) línguas em que o acento primário e as posições dos acentos secundários são determinados através de um mesmo princípio (cf. Kisar); (ii) línguas em que o acento primário serve apenas de ponto de partida para a contagem de sílabas e atribuição de acentos secundários, que é feita posteriormente (cf. Castelhana e Larike); e (iii) línguas em que os acentos secundários só tomam o primário como ponto de referência para evitar choques acentuais e não para determinar as posições em que devem ocorrer (cf. Neerlandês). É de salientar que só os acentos secundários das línguas referidas como (i) e (ii) podem ser considerados verdadeiros ecos acentuais (isto é, proeminências que sublinham a localização do acento primário<sup>18</sup>), pois apenas facilitam a identificação da posição de acento primário os acentos secundários que se servem dele como ponto de partida para determinar a sua localização.

Outra motivação básica para a distribuição da proeminência secundária considerada na literatura é o *peso silábico*. De facto, algumas línguas constituem “sistemas acentuais ilimitados”, isto é, “systems that are sensitive to syllable weight, but place no limits on the distance between stresses or between stress and word boundary” (Hayes 1995: 296). O **Árabe Clássico** e a língua maia **Huasteco** são dois exemplos de sistemas acentuais ilimitados. Hayes (1995), baseando-se nos estudos de outros autores, esquematiza o modo de atribuição de acento primário e secundário em línguas como estas duas (cf. (11)). Primeiramente, formam-se pés com cabeça à esquerda tendo em conta o peso silábico; de seguida, atribui-se o acento primário à cabeça mais à direita. Assim, o número de acentos

---

<sup>18</sup> Cf. definição do papel dos ecos acentuais no Português, na proposta de Mateus e Andrade (2000), na secção 2.2.2.



Como já referido, na literatura encontramos ainda línguas cujos acentos secundários se associam a uma *posição de fronteira num determinado domínio*. Por exemplo, no **Arménio**, a sílaba inicial de palavra só não apresenta uma proeminência secundária, quando é a sílaba tónica (geralmente, o acento primário recai sobre a última ou a penúltima vogal não-epentética, ocorrendo na sílaba inicial apenas quando a palavra só apresenta vogais epentéticas) (cf. Van der Hulst, Hendriks e de Weijer 1999: 446).

No **Chimalapa Zoque**, língua falada no México, o acento primário recai sempre sobre a penúltima sílaba da palavra e, em todas as palavras de três ou mais sílabas, ocorre um acento secundário sobre a primeira sílaba, mesmo que tal acento fique adjacente ao acento primário (cf. (13), retirado de Hayes 1995: 104).

- (13) a. minsukke?tpa?itti ‘eles voltavam novamente’  
 b. minke?tpa ‘eles voltam novamente’

Em dois dialectos bascos descritos por Hualde (1991), o Guipuscoa de Sudeste (*vide supra*) e o **dialecto basco de Oñati**, encontramos uma proeminência secundária em fronteira final de palavra. Este último dialecto manifesta acentos secundários na última sílaba apenas das palavras com quatro ou mais sílabas, o que parece revelar não só uma tendência para acentuar o limite final das palavras, mas também a actuação de princípios eurítmicos. O acento secundário é atribuído apenas a palavras longas para evitar um lapso muito grande de sílabas átonas e pode recair sobre a última sílaba porque, neste dialecto, o acento primário de todas as palavras se localiza na segunda sílaba.

O acento secundário de algumas línguas pode igualmente apresentar *diferentes motivações básicas, que interagem*. É o caso do acento secundário em Inglês (condicionado por princípios rítmicos, pela morfologia e pelo peso silábico, segundo algumas análises), e em Finlandês e Tarangan Ocidental (determinado por um princípio rítmico e pelo peso silábico).

De acordo com a proposta de Leben (1976), no **Inglês** existem duas possibilidades de atribuição de proeminência secundária na cadeia pré-tónica: (i) manutenção de acentos

primários de palavras simples como secundários nas palavras delas derivadas (cf. (14a)); e (ii) acentuação de determinadas sílabas de acordo com as suas características e/ou posição (isto é, acentuação das sílabas pesadas – cf. (14b.i) – e das que se encontram no início de palavra ou em posições de lapso acentual – cf. (14b.ii)).

Halle (1998), por seu turno, invoca apenas a actuação de um princípio rítmico como origem dos acentos secundários pré-tônicos em Inglês: uma regra não-cíclica gera um padrão binário, da esquerda para a direita, até ao acento primário, podendo haver acentos secundários em adjacência ao primário e acentuando-se sempre a primeira sílaba – cf. (14c). Existem igualmente proeminências secundárias à direita do acento primário nas palavras terminadas em vogal longa que não estão marcadas lexicalmente como não sujeitas às regras de marcação de limites – cf. (14d). Este último tipo de proeminência secundária mostra-se, pois, sensível à quantidade vocálica.

- (14) a. parliament > parliamentarian ‘parlamento’ > ‘parlamentar’  
       document > documentation ‘documento’ > ‘documentação’  
 b. i. fantastic ‘fantástico’  
       ii. artificiality ‘artificialidade’  
 c. Halicarnassus ‘Halicarnasso’; Constantinopolitan ‘Constantinopolitano’  
 d. asteroid ‘asteróide’; exacerbate ‘exacerbar’

A proposta de Trommelen e Zonneveld (1999) inclui as três motivações básicas referidas por Leben: um princípio rítmico, o peso silábico e o efeito cíclico. As sílabas pesadas são acentuadas e as restantes sílabas apresentam um ritmo alternante, devido a um princípio que acentua cada segunda sílaba, da direita para a esquerda (ao contrário do proposto por Halle 1998), a partir do acento primário. A posição inicial de palavra também tende a receber um acento secundário. Finalmente, é referida ainda a existência de acentos cíclicos (isto é, acentos primários que passam a ser secundários quando muda a localização do acento primário) em alguns grupos de palavras.

No **Finlandês**, encontramos a interacção de um princípio rítmico com o peso silábico (cf. Van der Hulst, Hendriks e de Weijer 1999: 449-450). A partir do acento primário da palavra (na sílaba inicial), ocorrem acentos secundários a cada segunda sílaba se a terceira sílaba depois da última acentuada for leve (cf. (15a)), ou a cada terceira sílaba se esta for pesada e a segunda sílaba depois da última acentuada for leve (cf. (15b)). Esta

língua nunca apresenta acentos secundários em sílabas finais de tipo CV ou CVC.

- (15) a. opiskelija ‘estudante’ (\*opiskelija)  
 b. rakastuneita ‘namorados apaixonados’ (\*rakastuneita)

No **Tarangan Ocidental** (língua austronésia) encontramos novamente uma interação entre um princípio rítmico e o peso silábico (cf. Nivens 1992). As sílabas dominantes de cada pé são sempre acentuadas: se constituírem a primeira sílaba dominante da direita para a esquerda, recebem o acento primário; nos restantes casos, apresentam uma proeminência secundária. A constituição dos pés tem em conta o peso das sílabas: todas as sílabas fechadas precedidas por sílaba fechada e todas as sílabas fechadas com núcleo preenchido por vogais médias são pesadas, formando um pé monossilábico (cf. (16a)); as restantes sílabas são agrupadas em pés dissilábicos (cf. (16b)).

- (16) a. al..mun ‘sombra’; gay..moy ‘devagar’  
 b. ka.ba..a.raw [kabədarəw] ‘pássaro’

A observação da distribuição dos acentos secundários nas várias línguas leva-nos ainda a concluir que esta não é determinada apenas por estas quatro motivações básicas – princípios rítmicos, peso silábico, morfologia e posição de fronteira de domínio. Às motivações básicas podem acrescentar-se outros três factores que, embora tenham um papel menos significativo, também influenciam a localização dos acentos secundários. Estes factores, a que daremos o nome de “*condicionantes adicionais*”, são: (i) princípios que asseguram uma certa euritmia; (ii) a tendência a acentuar os limites dos domínios; e (iii) possíveis restrições quanto ao contexto segmental / silábico em que pode ocorrer um acento secundário<sup>22</sup>.

Os *princípios de euritmia* mostram-se presentes sempre que numa língua, além da motivação básica de distribuição dos acentos secundários, existem outras regras que visam evitar lapsos e/ou choques acentuais. Por exemplo, o Castelhana e o Polaco, duas línguas com acento secundário determinado essencialmente por um princípio rítmico, apresentam também regras de reajustamento que visam garantir um ritmo o mais alternante que

<sup>22</sup> A partir deste ponto, referiremos as propostas feitas para as diferentes línguas, indicando o seu autor apenas quando estritamente necessário (isto é, apenas quando se trata de uma proposta de um autor ainda não referido ou quando diversos autores defenderam ideias diferentes relativamente a determinada questão para a mesma língua).

possível: trata-se de regras que evitam os choques acentuais.

Da “*atracção*” do acento secundário pelos limites dos domínios, encontramos muitos exemplos. Assim, enquanto o Italiano, o Alemão e o Polaco apresentam obrigatoriamente<sup>23</sup> um acento secundário na sílaba inicial de palavra prosódica (e de sintagma fonológico, no caso do Polaco), o Castelhana e o Inglês<sup>24</sup> apresentam quase sempre uma proeminência secundária no início do domínio estudado (o sintagma fonológico no Castelhana e a palavra no Inglês<sup>25</sup>).

Ainda no Inglês, de acordo com a proposta de Halle (1998), encontramos a tendência para acentuar o final do domínio<sup>26</sup>: todas as palavras terminadas em vogal longa que estão sujeitas às regras de marcação de limites apresentam uma proeminência secundária à direita do acento primário, mais concretamente na última vogal da palavra.

No Neerlandês, por seu turno, os acentos secundários exibem uma atracção tanto pelo início, como pelo final da palavra prosódica, dependendo esta da localização do acento primário: se a sílaba tónica estiver próxima do início de palavra, a última sílaba tende a receber um acento secundário, e vice-versa.

Quanto às *restrições do acento secundário relacionadas com determinados contextos segmentais / silábicos*, encontrámos na literatura a proibição de atribuição de acento secundário nas sílabas com núcleo preenchido por um schwa fonológico, no Neerlandês e no Alemão.

Outro ponto a ter em conta no estudo da acentuação secundária consiste na definição do seu *carácter lexical ou pós-lexical* na língua em causa. Entre as propostas até agora referidas, apenas Roca (1986) e Árnason (1999) se referem explicitamente a este aspecto, defendendo que o acento secundário em Castelhana e Italiano, e em Islandês,

---

<sup>23</sup> A única excepção a esta regra ocorre quando a sílaba inicial é a tónica.

<sup>24</sup> De acordo com a proposta de Leben (1976) e de Halle (1998), esta proeminência inicial é mesmo obrigatória.

<sup>25</sup> Enquanto Roca (1986) refere o “grupo fónico” (correspondente ao sintagma fonológico da Fonologia Prosódica), os trabalhos vistos sobre o Inglês (Leben 1976, Halle 1998, e Trommelen e Zonneveld 1999) estudam o acento secundário apenas na palavra, não explicitando se consideram ser esta o domínio do acento secundário.

<sup>26</sup> É natural que tenhamos encontrado mais línguas com proeminência secundária inicial do que línguas com proeminência secundária final, já que, na maioria das línguas cujos dados observámos, o acento primário se localiza no final da palavra.

respectivamente, é pós-lexical. Roca justifica o carácter pós-lexical deste processo, por este ter de ser ordenado depois de processos pós-lexicais como o acento principal do “grupo fónico” (uma sequência que inclui material resultante da concatenação sintáctica) e uma regra de ressilabificação (“syllable merger”).

De acordo com os dados apresentados em algumas das restantes propostas, podemos determinar qual a componente da gramática em que ocorre a acentuação secundária. Assim, no Polaco e no dialecto basco Guipuscoa de Sudeste, a proeminência secundária constitui um processo pós-lexical, por ter em conta material resultante da concatenação sintáctica e por ser opcional. O acento secundário no Polaco apresenta, além disso, variação dependente das diferenças de débito. Pelo contrário, no Albanês, a acentuação secundária parece ser um processo lexical, já que depende de informação morfológica.

O *domínio de aplicação da proeminência secundária* é também importante. Só alguns autores o explicitaram nas suas propostas: a palavra prosódica no Neerlandês e Alemão; e a palavra prosódica e o sintagma fonológico<sup>27</sup>, conforme as regras de acentuação secundária em questão, no Polaco. Os dados apresentados por Roca (1986) e a referência feita ao “grupo fónico” como domínio para outros processos relacionados com o acento secundário (e.g. mudança inicial) sugerem que o “grupo fónico” (que parece corresponder ao sintagma fonológico da hierarquia prosódica) constitui o domínio para a proeminência secundária no Castelhana. É de salientar que, na maioria das línguas, o domínio de actuação da proeminência secundária parece consistir na palavra prosódica (se considerarmos também as propostas que não o referem explicitamente), e que, numa mesma língua, podemos encontrar diferentes domínios para diferentes regras de acentuação secundária.

Outro tópico por vezes referido na literatura sobre a proeminência secundária consiste nos *processos fonológicos que interagem com esta proeminência*. Constituem exemplos de fenómenos fonológicos anteriores à acentuação secundária a ditongação no Castelhana e no Larike, e a regra de atribuição de acento principal de “grupo fónico”

---

<sup>27</sup> Cf. definição do constituinte dada pelos autores: “one word carrying the main stress and, optionally, [...] monosyllabic words which normally are not major lexical categories.” (p.284).

apenas no Castelhana. Encontramos ainda na literatura alguns processos fonológicos posteriores à atribuição de proeminência secundária: a redução vocálica no Tarangan Ocidental (do /a/ para schwa apenas nas sílabas totalmente átonas) e no Inglês<sup>28</sup> e no Neerlandês (de todas as vogais totalmente átonas para schwa); o alongamento obrigatório das sílabas com acento primário e secundário no Islandês (Árnason 1980) e o alongamento opcional das vogais acentuadas em Francês; e, finalmente, a mudança da posição de acento primário para uma sílaba portadora de um acento secundário, quando o exigem determinadas condições rítmicas, no Inglês (cf. Hayes 1995: 21) e no Neerlandês.

Um último tópico, pouco referido na literatura mas que nos parece importante (pelo menos nas línguas que apresentam uma acentuação secundária pós-lexical), consiste na descrição da *actuação de eventuais factores de variação encontrada na acentuação secundária* (como os contextos prosódicos, o tipo de registo, o débito...). O acento secundário pode ocorrer apenas na produção de palavras isoladas (forma de citação), em palavras isoladas e num discurso mais lento e cuidado, ou pode ocorrer sempre (embora seja provável que o número de acentos secundários diminua à medida que o débito aumenta e, nesse caso, seja interessante verificar que acentos secundários se mantêm). Como o refere Pereira (1999: 198), nalgumas línguas, a localização do acento secundário pode depender de vários factores, linguísticos (foco, acento contrastivo, entoação) e até não-linguísticos (débito, estilo do discurso, familiaridade com as palavras). Noutras, como parece ser o caso do Inglês, a acentuação secundária de cada palavra mantém-se perceptível em contextos prosódicos e “circunstâncias discursivas” muito diferentes<sup>29</sup>.

Apresenta-se, para concluir, um quadro com a referência aos principais tópicos relacionados com o acento secundário nas línguas, associando-se as línguas descritas anteriormente às características que lhes foram atribuídas.

---

<sup>28</sup> Esta redução foi referida tanto por Leben (1976) como por Halle (1998).

<sup>29</sup> No entanto, Leben (1976: 1) afirma que, ao mesmo tempo que há “hard and fast rules that constrain the assignment of secondary stress”, a localização deste acento apresenta uma maior variação do que a do acento primário.

Quadro 1: Principais questões sobre o acento secundário

<b>Correlatos fonéticos do acento secundário</b>	Duração	Inglês, Neerlandês e Polaco.
	Intensidade	Castelhano (ac. sec. inicial).
	Frequência Fundamental	Castelhano (ac. sec. inicial).
	Movimento articulatorio	Inglês.
<b>Motivação básica para a distribuição do acento secundário</b>	Princípio rítmico (acentos rítmicos) – variáveis: • papel do acento primário • padrão rítmico (binário, ternário <sup>30</sup> ) • direccionalidade(s)	Francês, Castelhano, Italiano; Alemão, Neerlandês, Islandês; Polaco, Eslovaco, Checo; dialecto basco Guipuscoa (quanto às sílabas alternantes); Kisar, Larike.
	Peso silábico – variáveis: • direccionalidade • constituição de sílaba pesada	Árabe Clássico; Huasteco.
	Morfologia (acentos cíclicos) – variáveis: • condições morfológicas que causam ou impedem o enfraquecimento dos acentos originais	Albanês.
	Posição de fronteira no domínio (acentos delimitadores) – variáveis: • domínio relevante • fronteira delimitada (inicial ou final)	<u>Inicial</u> : Arménio; Chimalapa Zoque. <u>Final</u> : dialecto basco Guipuscoa de Sudeste (quanto aos finais de sintagma) e dialecto basco de Oñati.
<b>Interação de diferentes motivações básicas</b>	Princípio rítmico, morfologia e peso silábico	Inglês.
	Princípio rítmico e peso silábico	Finlandês; Tarangan Ocidental.
<b>Condicionantes adicionais na localização do acento secundário</b>	Princípios de eurritmia • evitar choques acentuais • evitar lapsos acentuais	Castelhano e Italiano; Polaco; dialecto basco de Oñati.
	Limites dos domínios • atracção pelo(s) limite(s) do(s) domínio(s)	<u>Inicial</u> : Castelhano, Italiano; Inglês e Alemão; Polaco. <u>Final</u> : Inglês. <u>Ambos</u> : Neerlandês.
	Contexto segmental / silábico • restrições à ocorrência de acento secundário num dado contexto	Alemão e Neerlandês.

<sup>30</sup> Não apresentamos dados de nenhuma língua com um padrão rítmico ternário, embora a existência de línguas com esta característica seja referida, por exemplo, por Halle e Vergnaud (1987) e Hayes (1995).

<b>Componente da gramática</b>		Processo lexical	Albanês.
		Processo pós-lexical •actuação de eventuais factores de variação (débito, registo discursivo...)	Castelhano, Italiano; Islandês; Polaco, Checo; dialecto basco Guipuscoa de Sudeste.
<b>Domínio(s) de aplicação do acento secundário</b>		Palavra prosódica	Alemão, Neerlandês e Islandês.
		Sintagma fonológico	Castelhano.
		Diferentes domínios para regras de acentuação secundária diferentes	Polaco (palavra prosódica e sintagma fonológico).
<b>Interação com outros fenómenos da língua</b>	<b>Anteriores</b>	Ditongação	Castelhano; Larike.
		Acento principal de “grupo fónico”	Castelhano.
	<b>Posteriores</b>	Redução vocálica	Inglês, Neerlandês; Tarangan Ocidental.
		Alongamento das vogais / sílabas acentuadas	Francês; Islandês.
		Processos rítmicos	Inglês, Neerlandês.

### 2.2.2. Acento secundário no Português Europeu

Nalguns dos estudos mais antigos sobre a fonologia do Português<sup>31</sup>, ou não se reconhece a existência de outros acentos secundários que não os das palavras prosódicas compostas e de alguns tipos de acento específicos ocorrentes em circunstâncias especiais (cf. Morais Barbosa 1965), ou verificamos uma certa hesitação em admitir a sua existência e dificuldade em explicar a motivação básica para a sua distribuição (cf. Gonçalves Viana 1883, 1892 e 1903 e Sá Nogueira 1938). No entanto, outros estudos foram, progressivamente, dando lugar à convicção de que o Português também apresenta

<sup>31</sup> Para uma revisão das propostas de vários autores sobre os acentos de palavra (primários e secundários) no PE e no PB, veja-se também Andrade (1997) e Pereira (1999).

acentos secundários não morfológicos, sendo a sua distribuição sensível quer à constituição das sílabas (cf. Lüdtke 1953 e Mateus 1975), quer à constituição das sílabas e a princípios rítmicos (cf. Brandão de Carvalho 1988), quer apenas a princípios rítmicos (cf. Andrade e Viana 1989, 1999; Andrade e Laks 1992; Pereira 1999; Mateus e Andrade 2000), quer à posição (inicial) da sílaba na palavra (cf. Frota e Vigário 2000; Vigário 2003).

**Morais Barbosa** (1965) rejeita a existência de acentos secundários no Português, admitindo somente o emprego, em algumas circunstâncias, de algo parecido com o “accent d’insistance” francês, para sublinhar uma sílaba que permita distinguir duas palavras (e.g. *exportações* e *importações*) ou para enfatizar um clítico.

**Gonçalves Viana** (1883: 62-65), por seu turno, começa por reconhecer a existência de acentos secundários apenas em quatro tipos de palavras que podem hoje ser analisadas como palavras prosódicas compostas (advérbios em *-mente*, palavras com sufixos *-z-* avaliativos, verbos com mesóclise e compostos propriamente ditos).

No entanto, no mesmo trabalho, o autor refere também dois casos em que encontramos outros tipos de acento secundário: (i) opcionalmente, nas vogais pré-tónicas de palavras “d’une longueur extrême”; e (ii) nos diminutivos, tal como produzidos nos dialectos do Norte, que apresentam sempre um acento secundário na sílaba tónica da palavra original, não sendo a vogal reduzida na derivação do diminutivo (cf. *bota* > *botinha* e *rosa* > *rosinha*). Quanto aos acentos secundários referidos em (i), o autor explica, numa nota de rodapé, que estes se devem ao comprimento da palavra e à dificuldade de pronunciar várias sílabas átonas seguidas e que a sua localização é frequentemente diversa da do inglês. No trabalho em causa, os únicos exemplos deste tipo de acento dados pelo autor são as palavras *constituição* (cf. ingl. *constitution*), *predisposição* (cf. ingl. *predisposition*) e *misericordiosissimamente*. Contudo, tal como o notou Andrade (1997: 348), *constituição* e *contribuição* (sendo esta última palavra, segundo Gonçalves Viana, sempre produzida sem qualquer acento secundário) apresentam o mesmo número de sílabas pré-tónicas, o que revela uma certa hesitação da parte do autor.

Em trabalhos posteriores, Gonçalves Viana já considera que existem acentos secundários em palavras não-compostas. Em Gonçalves Viana (1892), refere apenas a existência de acentos “principais ou predominantes” (isto é, primários) e de acentos

“subordinados ou secundários”. Num trabalho de 1903, o mesmo autor já distingue acentos secundários “objectivos” (os dos compostos) de acentos secundários “subjectivos”. Estes últimos afectam as sílabas pré-tónicas, independentemente da qualidade das suas vogais, e devem-se à estrutura e comprimento das palavras, sendo obrigatórios nas palavras com mais de três ou quatro sílabas. Depois de explicar que a localização dos acentos varia “d’après les situations et les individus” (Gonçalves Viana 1903: 28), o autor indica apenas uma regra muito geral para este acento: “devant la syllabe prédominante, il ne peut y avoir plus de deux syllabes complètement atones” (Gonçalves Viana 1903: 28). É interessante notar que a acentuação secundária dos exemplos dados pelo autor neste trabalho difere da que foi proposta em Gonçalves Viana (1883): *constituição* (vs. *constituição*) e *misericordiosíssimo* (vs. *misericordiosissimamente*).

**Adolfo Coelho** (1896)<sup>32</sup> também considera que uma palavra pode ter um ou mais acentos secundários, dando como exemplo o adjetivo *musical*, que, segundo ele, apresenta um acento secundário na primeira sílaba.

**Sá Nogueira** (1938) refere o acento secundário somente no seu “Índice de Termos Fonéticos”. Aí, além de definir o acento secundário como “acento que algumas palavras têm, de intensidade maior que a das outras sílabas átonas e menor que a da tónica dessas palavras”, o autor exemplifica essa definição com a palavra *república* (acento secundário na primeira sílaba).

**José J. Nunes** (1969) sustenta igualmente que as palavras polissilábicas podem apresentar um acento secundário e os exemplos que fornece são semelhantes aos adiantados por Adolfo Coelho e Sá Nogueira (todos eles exibem proeminência secundária na primeira sílaba, recaindo esta frequentemente sobre uma vogal não reduzida e imediatamente anterior à tónica): *vaidade*, *solteiro*, *cegada*, *patetice*, *pegada*. O autor explica ainda que os acentos secundários recaem principalmente sobre as sílabas com “vogal resultante da contracção de duas” (isto é, vogais não reduzidas) e, em algumas regiões do país, nas sílabas “de vocábulos derivados que nos primitivos eram tónicas” (por outras palavras, em sílabas que apresentam um efeito cíclico – cf. exemplos do autor:

---

<sup>32</sup> Não tivemos acesso directo a este trabalho, pelo que as nossas observações se baseiam apenas na leitura de Andrade (1997).

*copinho* e *pertinho*) (José J. Nunes 1969: 31).

**Cunha e Cintra** (1984) referem a existência de acentos secundários em palavras longas, não explicando qual o princípio que determina a sua localização e dando apenas dois exemplos de palavras com acentos secundários: *decididamente* e *inacreditavelmente*. Como podemos verificar, dois destes acentos (em *di* e em *ta*) correspondem a acentos secundários morfológicos.

Embora considerando que o acento secundário apresenta uma localização “muito variável” (mesmo na produção de um único falante), **Lüdtke** (1953) é o primeiro autor a tentar explicar a distribuição das proeminências secundárias no Português, atribuindo-as a factores diversos (nomeadamente o peso silábico), resumidos em três princípios: (i) a proibição de mais de duas sílabas átonas entre acento primário e secundário; (ii) a possibilidade de não existirem quaisquer sílabas átonas entre o acento primário e o secundário; e (iii) a dependência da localização do acento secundário de factores como o acento primário da palavra-base e o peso silábico (o acento é atraído pelas “sílabas pesantes”, isto é, *grosso modo*, pelas sílabas com vogais nasais e não reduzidas e pelas sílabas fechadas por consoante diferente de /r/, /s/ e /rs/).

Assim, a proposta deste autor inclui diferentes princípios básicos para o acento secundário – princípios rítmicos que evitam lapsos acentuais mas não choques entre acentos secundários e primários; efeito cíclico do acento primário da palavra-base; e peso silábico – mas não explicita a forma como estes interagem, que princípios prevalecem sobre os outros. Além disso, a base empírica desta proposta é bastante frágil, já que o autor se baseia apenas na sua intuição. Vejamos alguns exemplos dados pelo autor.

- (17) a. restaurar  
 b. anticonstitucionalissimamente  
 c. colaborar ou colaborar  
 d. napolitano (< Nápoles)  
 e. constituição (\*constituição, devido ao princípio (i))

**Mateus** (1975), no quadro teórico do *The Sound Pattern of English*, admite a existência de vários graus de acento ao nível da palavra, embora considere como acento secundário apenas o acento enfraquecido nas palavras compostas (Mateus 1975: 208). Segundo a autora, os diferentes graus de acento reflectem-se no grau de enfraquecimento

das vogais átonas (isto é, na diminuição da intensidade fonética e da duração).

Assim, a autora defende a existência de cinco graus de acento: o acento 1 (correspondente ao acento primário), o acento 2 (presente nas vogais não reduzidas por vários motivos), o acento 3 (atribuído às vogais reduzidas [-alt], isto é, ao [ɐ], proveniente de / a /, e ao [o], proveniente de / o / ou / ɔ / no início de palavra), o acento 4 (atribuído às vogais reduzidas altas, excepto o [ə] num determinado contexto que o faz receber o acento 5) e, finalmente, o acento 5 (presente nos [ə] que se encontram entre um / r /, / l / ou / z / e a fronteira final de palavra). Este último acento “alimentará” a supressão do [ə].

Ao relacionar os graus de acento com o grau de redução vocálica, esta proposta, que prevê as acentuações apresentadas em (18) (exemplos nossos), não considera a existência de qualquer variação e sublinha a importância da qualidade vocálica, podendo, por isso, ser integrada num conjunto de explicações da proeminência secundária com base na constituição da sílaba.

(18) a. afectividade	b. alfabetização	c. certamente
3 2 4 4 1 4	2 3 4 4 3 1	2 3 1 4

**Brandão de Carvalho** (1988), por seu turno, a partir de uma análise histórica do vocalismo átono no PE e no PB, propõe dois esquemas de acentuação primária e secundária diferentes, para cada uma das variedades.

Relativamente ao PE (língua em que a redução vocálica é tomada como uma manifestação de oposição de quantidade silábica, aproveitada, no final da palavra, para determinar a acentuação primária), o autor considera que, nos estilos correntes, as palavras com menos de três sílabas pré-tónicas não apresentam qualquer acento secundário, sendo a sua cadeia pré-tónica integrada no esquema acentual da palavra anterior e formando com este um grupo rítmico (com um acento inicial, constituído pelo acento primário da palavra anterior).

Para as palavras com, pelo menos, três sílabas pré-tónicas, Brandão de Carvalho considera que coexistem actualmente dois sistemas quantitativos: (i) um sistema de carácter moraico, mais antigo, que acentua a terceira mora, da direita para a esquerda, a partir do acento primário (originando um ritmo ternário); e (ii) um sistema não moraico e

relativamente recente, actuando da esquerda para a direita, segundo o qual “l’accent secondaire tombe sur la première syllabe lourde du mot et, à défaut, sur la première syllabe tout court” (Brandão de Carvalho 1988: 20, nota de rodapé nº 14).

De acordo com esta proposta, a acentuação secundária é determinada pelo peso silábico, existindo sílabas pesadas (sílabas com vogais não reduzidas, vogais nasais, ditongos, e codas preenchidas por / r /, no final da palavra, ou / l /) que equivalem a duas moras, sílabas leves que equivalem a uma mora, e sílabas “infra-leves” que só são acentuadas quando não há outra opção. Vejamos alguns exemplos dados pelo autor.

- (19) a. lavanda-ria /s’Ss/ ; cavala-ria /’sss/ ; vagabun-dagem /s’sS/  
 b. colabora-ção (sistema (i)) ou colabora-ção (sistema (ii))  
 c. rectangu-lar (sistema (i)) ou rectangu-lar (sistema (ii))  
 d. civ(i)liza-ção /’s(s)ss/ ; Alexan-dria /’s(s)S/ vs. necessi-dade /’sss/<sup>33</sup>

Segundo o mesmo autor, existe ainda, apenas nos registos muito cuidados, um terceiro sistema de acentuação secundária que consiste na produção de uma alternância binária, semelhante à que se encontra no PB.

Assim, Brandão de Carvalho aprofunda a explicação fornecida por Lüdtke, limitando o número de padrões de acentuação secundária possíveis (embora reconheça a possibilidade de variação verificada na acentuação secundária) e definindo, de forma concreta, como actuam os princípios observados por esse autor. Abandona igualmente a possibilidade de se verificar um efeito cíclico (influência de acentos primários das palavras-base na acentuação das suas derivadas).

Nos trabalhos de **Andrade e Laks** (1992), **Andrade e Viana** (1989, 1999), **Pereira** (1999) e **Mateus e Andrade** (2000), a proeminência secundária, abordada no quadro da Fonologia Métrica, é atribuída (quase) exclusivamente a *princípios rítmicos*. Em todos estes trabalhos se preconiza que as palavras do Português apresentam, na cadeia pré-tónica, uma alternância entre sílabas proeminentes e sílabas não-proeminentes: a partir do acento primário, existe uma proeminência secundária a cada segunda sílaba. Estas proeminências

<sup>33</sup> A notação /’sss-/... é a utilizada pelo autor no seu texto: *s* para sílaba leve, *S* para sílaba pesada, (*s*) para sílaba infra-leve e hífen para separar a cadeia pré-tónica do dito “esquema acentual”.

funcionam como ecos do acento primário, reforçando o seu poder informativo<sup>34</sup>.

Todas estas propostas referem igualmente a possibilidade de se acentuar a primeira sílaba, mesmo quando esta constitui uma sílaba ímpar (e, conseqüentemente, não acentuável pelo princípio de alternância rítmica) – cf. (20). Esta possibilidade é, no entanto, explicada de diferentes formas. Assim, enquanto Andrade e Laks (1992), Andrade e Viana (1999) e Mateus e Andrade (2000) defendem a existência de uma regra que atribui um acento não-rítmico à primeira sílaba da palavra ou da “unidade entoacional” (isto é, um acento motivado pela posição inicial da sílaba no domínio), Pereira (1999) propõe dois algoritmos diferentes para a atribuição do acento secundário (um actuando a partir do acento primário e outro actuando a partir do princípio da palavra, isto é, da esquerda para a direita), o que possibilita a acentuação da primeira sílaba em todas as palavras (independentemente do número, par ou ímpar, de sílabas pré-tónicas) – cf. actuação do algoritmo no sentido E-D em (20a) e actuação no sentido D-E em (20b).

- (20) a. carnavalesco, probabilidade [ˌprubɐbliˈdadi]  
 b. carnavalesco, probabilidade [pruˌbɐbliˈdadi]  
 c. temperatura [ˌtẽprɐˈtura]

Para dar conta da eventual criação de um choque acentual entre o acento inicial e as proeminências rítmicas, Andrade e Viana (1999) e Mateus e Andrade (2000) apresentam propostas ligeiramente diferentes. Andrade e Viana (1999) propõem uma regra que apaga a proeminência (atribuída pelo princípio de alternância binária) que estiver adjacente ao acento inicial não-rítmico, para evitar o choque acentual. Em Mateus e Andrade (2000), considera-se a existência de duas possibilidades: o choque acentual é mantido ou o acento inicial leva à supressão do eco acentual.

Andrade e Laks (1992), Andrade e Viana (1999) e Mateus e Andrade (2000) defendem ainda que os acentos primários e os ecos acentuais são atribuídos pelo mesmo algoritmo. Tal proposta sugere que, para estes autores, a acentuação secundária rítmica constitui um processo lexical (já que a acentuação primária constitui um processo lexical

<sup>34</sup> Tal como sublinhado por Mateus e Andrade (2000), o acento primário desempenha uma função demarcativa e permite a percepção de informações sobre a estrutura morfológica e lexical da palavra. Por exemplo, permite identificar a palavra como um verbo ou como um nome, permite saber se a última vogal é ou não um marcador de classe, etc. (p. 120).

em Português) e tem a palavra como domínio. Quanto ao acento inicial não-rítmico, Andrade e Viana (1999) sustentam que se trata de um processo opcional e que tem como domínio a “unidade entoacional” (constituente que, de acordo com Viana 1987<sup>35</sup>, é semelhante ao sintagma fonológico, proposto em Selkirk 1984 e Nespor e Vogel 1983). Assim, uma palavra clítica como *por* ou *em* pode receber uma proeminência secundária inicial, quando no contexto relevante (início do domínio “unidade entoacional”) – cf. (21).

- (21) a. por Constantino / por Constantino  
 b. em Constantinopla / em Constantinopla

Pelo contrário, Pereira (1999) defende que mesmo o acento secundário rítmico constitui um processo pós-lexical, já que ocorre depois de fenómenos pós-lexicais (como a supressão de vogais átonas – cf. *probabilidade* e *temperatura* em (20)). Constitui, além disso, um processo opcional e apresenta muitas variações (devidas ao estilo, débito, contexto frásico...). Podemos, pois, concluir que, de acordo com esta autora, as unidades a ter em conta na acentuação secundária não são as sílabas, mas aquilo que designaremos por “conjuntos silábicos”<sup>36</sup>. Quanto ao domínio deste processo, Pereira (1999) preconiza que é constituído apenas pela cadeia pré-tónica da palavra.

A mesma autora salienta ainda o facto de não haver uma relação directa entre acento rítmico e ausência de redução vocálica (ao contrário do que acontece noutras línguas, como o Inglês) e de o acento secundário evitar os [i] (porque é uma vogal com pouca sonoridade e frequentemente elidida).

Andrade e Viana, por sua vez, sublinham que os ecos acentuais só são sistematicamente perceptíveis “em pronúncias cuidadas a nível da forma de citação” (Andrade e Viana 1999: 88). Na fala contínua, apenas se podem distinguir, de forma consistente, três graus de acento: o acento primário, o acento inicial que reforça os limites dos constituintes entoacionais, e a ausência de acento no resto da palavra.

<sup>35</sup> Cf. referência a esta proposta de Viana (1987) em Vigário (2003: 53).

<sup>36</sup> Na secção 3.2.4.2, proporemos e justificaremos uma distinção operatória entre “sílabas” e o que designaremos por “conjuntos silábicos”. De uma forma sintética, podemos dizer que os conjuntos silábicos são constituídos por uma sílaba com núcleo produzido, ou por uma sílaba com núcleo produzido e pelas sílabas de núcleo não produzido que a antecedem. Vejamos um exemplo da distinção por nós estabelecida: em *desorganização*, produzida como [dzɔrgənizə'sẽw̃], [dzɔɾ] constitui duas sílabas e apenas um conjunto silábico (uma vez que apenas um dos núcleos é produzido).

Estes autores defendem igualmente que a opção por um dos padrões de acentuação secundária possíveis (com ou sem acento na sílaba inicial) depende também do estilo do discurso, que se realiza em sentido oposto nas duas línguas comparadas pelos autores (Português e Castelhana), conforme se pode ver em (22) e (23).

- (22) a. naturaliza**ção** / naturaliza**ción** (estilo coloquial em Prt. e formal em Cast.)  
 b. naturaliza**ção** / naturaliza**ción** (estilo formal em Prt. e coloquial em Cast.)
- (23) a. gramaticali**dade** / gramaticali**dad** (estilo coloquial em Prt. e formal em Cast.)  
 b. gramaticali**dade** / gramaticali**dad** (estilo formal em Prt. e coloquial em Cast.)

Finalmente, a última grande hipótese para a distribuição da proeminência secundária no PE é apresentada em **Frota e Vigário** (2000)<sup>37</sup> e **Vigário** (2003). Segundo esta hipótese, o PE pode apresentar apenas um *acento não-primário, no início da palavra*, e a sua localização depende precisamente da posição (inicial) na palavra.

Baseando-se numa pequena experiência perceptiva e acústica, Frota e Vigário (2000) analisam as diferenças entre o ritmo do PE e do PB. A parte perceptiva do estudo – consistindo na recolha da percepção dos acentos secundários, ouvidos por informantes com treino fonético, nas frases de cada uma das versões do *corpus* (PE e PB) – confirmou a consciência, por parte dos falantes nativos do PE, da existência de vários tipos de acento e a possibilidade de acentuar o princípio de palavra (sobretudo quando este coincide com o início do sintagma entoacional) – cf. exemplos das autoras em (24). Os resultados indicaram também alguma dificuldade, por parte dos falantes nativos do PE, em perceberem acentos secundários a mais de uma sílaba do início da palavra, não só no PE, mas também no PB, variedade que apresenta um maior número de acentos secundários e uma maior diversidade na sua distribuição.

- (24) a. [o organiza**dor** apresentou a cataloga**dora**]<sub>I</sub>  
 (percepção de falante nativo do PE ao ouvir a versão europeia do *corpus*)  
 b. cataloga**dora**  
 ↘ acento não percebido por falante nativo do PE  
 (ao ouvir a versão brasileira do *corpus*)

Posteriormente, Vigário (2003), apoiando-se nos resultados desta experiência e da

<sup>37</sup> A análise fonológica sobre o acento secundário do PE e do PB elaborada no quadro da Teoria da Optimidade por Abaurre, Galves, Mandel e Sândalo (2001) baseia-se igualmente nos resultados de Frota e Vigário (2000). É por esse motivo que, nesta revisão bibliográfica, a referiremos apenas de uma forma breve.

referida em Andrade e Viana (1989), defende que o PE, no discurso corrente, não apresenta acentos secundários rítmicos (alternantes) mas apenas três tipos de sílabas: as sílabas tónicas, as sílabas átonas, e as sílabas com acento inicial de palavra (que recai sobre a primeira ou, mais raramente, sobre a segunda sílaba de uma palavra prosódica). Este acento inicial, cujo domínio é a palavra prosódica, “cannot be treated as (other) rhythmic stresses, since it is positionally determined [but] it certainly contributes for the rhythmic impression of EP” (Vigário 2003: 119).

A autora sublinha que este acento secundário pode ser atribuído não só à primeira ou segunda sílaba de uma  $\omega$  simples, como também a proclíticos, que se encontram em posição de adjunção a  $\omega$  – cf. (*a* (gramaticalidade) $\omega$ ) $\omega$  / (a (*gramaticalidade*) $\omega$ ) $\omega$  ou (*a* (gramaticalidade) $\omega$ ) $\omega$ <sup>38</sup>. Segundo a autora, esta possibilidade deve-se ao facto de tanto o adjunto como a primeira sílaba do hospedeiro estarem em posição inicial de  $\omega$ .

Com base em vários argumentos, Vigário (2003) defende que este processo é pós-lexical: é opcional; ocorre mais frequentemente no início de sintagma entoacional (constituente prosódico não presente na componente lexical da gramática); não é sensível a informação lexical ou morfológica; e o seu domínio pode acabar de ser constituído pós-lexicalmente (isto é, no caso das  $\omega$ s com proclíticos ou prefixos produtivos em adjunção).

É de notar que, em nenhuma das propostas acima revistas, se defende a existência de proeminências à direita do acento primário. De facto, são referidos acentos secundários apenas nas sílabas pré-tónicas desde Gonçalves Viana (1873: 61-63).

Reportando-nos agora aos resultados dos poucos *trabalhos experimentais* realizados neste âmbito, estes comprovam a existência de proeminências secundárias no PE: não só os falantes conseguem perceber diferentes graus de acento (Delgado Martins 1983, Frota e Vigário 2000), como também é possível estabelecer alguns correlatos fonéticos para os acentos não-primários (Delgado Martins 1983, Andrade e Viana 1989).

Uma experiência realizada por **Delgado Martins** (1983) – em que falantes nativos do PE identificam os graus de acento em palavras isoladas e em frases – mostra que estes

---

<sup>38</sup> Os dois primeiros exemplos correspondem ao exemplo (317a) em Vigário (2003: 200). Como a autora não apresenta nenhum exemplo de palavra com acento inicial na segunda sílaba, o terceiro exemplo é nosso.

conseguem distinguir diferentes graus de acento, tanto ao nível das palavras como ao nível da frases. Referindo-se à percepção dos graus de acento nas frases, a autora sublinha a validade destes juízos de percepção:

“Les pourcentages significatifs d’attribution de degrés d’accent à une même syllabe prouvent [...] que la perception de degrés d’accents est réelle pour les sujets indépendamment de la structure syntaxique [...]. Cette capacité [...] est due d’après nos résultats, aux espaces perceptifs mais également à la compétence des sujets sur leur langue maternelle, qui permet d’expliquer cette ‘perception’ d’après une organisation spécifique de la phrase dans leur langue”(Delgado Martins 1983: 244).

Quanto aos correlatos fonéticos dos graus de acento na frase, Delgado Martins (1983: 237, 244) defende que, através das variações do nível de energia e de duração das sílabas em relação ao resto da frase, se criam três espaços perceptivos distintos para os três grupos de graus de acento: (i) grau dos acentos primários (associados a uma maior energia e maior duração); (ii) grau dos acentos intermédios nas sílabas átonas não-finais (associados a um valor estável de energia e de duração); e (iii) grau dos acentos mais fracos na(s) sílaba(s) átona(s) no final da frase (apresentando um nível muito baixo de energia e um nível alto de duração). Assim, são associados aos graus de acento na frase os correlatos fonéticos duração e energia.

Delgado Martins apresenta igualmente os esquemas acentuais percebidos pelos informantes nas palavras isoladas (cf. transcritos em (25)). Estes mostram que o grau de acento aumenta à medida que se aproxima do acento primário (cf. quadrissílabos graves: 3-2-1-4) e diminui à medida que se afasta dele (cf. trissílabos esdrúxulos: 1-2-3). No único esquema acentual que inclui duas sílabas pré-tónicas – o dos quadrissílabos graves – o grau de acento mais forte é atribuído à segunda sílaba pré-tónica e não à sílaba inicial.

- (25) a. monossílabos: 1<sup>39</sup>  
 b. dissílabos graves: 1-2; dissílabos agudos: 2-1  
 c. trissílabos esdrúxulos: 1-2-3; trissílabos graves: 2-1-3  
 d. quadrissílabos graves: 3-2-1-4; quadrissílabos agudos: esquema não definível.

De acordo com a experiência feita por **Andrade e Viana** (1989), consistindo na

---

<sup>39</sup> De acordo com a descrição da autora, o grau de acento 1 corresponde ao acento primário, sendo os restantes graus acentuais tanto mais fracos quanto mais elevado é o numeral.

medição da duração de sílabas em várias palavras inseridas numa mesma frase e produzidas por dois informantes, conclui-se igualmente que se podem distinguir no PE vários graus de acento numa palavra. Esta distinção tem como principal correlato fonético a duração de cada sílaba relativamente à duração média de uma sílaba e à duração global da palavra.

De acordo com os autores, não é possível distinguir diferentes graus de proeminências relativas, tendo em conta a duração absoluta de cada uma das várias sílabas (o que – explicam – também se deve aos diferentes débitos dos informantes). Ao compararem a duração de cada sílaba com a duração média de uma sílaba na palavra, também não encontram os quatro graus de proeminência relativa previstos pela análise linguística (cf. (26)), mas conseguem identificar três “níveis de duração”, que corresponderão a três graus de proeminência. Esta possibilidade de identificar apenas três graus acentuais (acento primário, acento secundário e ausência de acento) coincide, de acordo com os autores, com os resultados obtidos por Delgado Martins (1983), segundo os quais os informantes não reconhecem com segurança mais de três graus acentuais.

(26)	a. <u>naturalidade</u>	b. <u>naturalização</u>	c. <u>americaníssimo</u>
Grau Ac. nº	2 0 1 0 3 0	2 0 0 1 0 3	2 0 1 0 3 0 0

Como já foi referido, a experiência relatada em Frota e Vigário (2000) mostrou que os falantes nativos do PE conseguem perceber proeminências secundárias (quase) exclusivamente no início de palavra prosódica, sobretudo quando esta ocorre no início de sintagma entoacional. De acordo com os resultados das primeiras autoras, mesmo ouvindo as produções de falantes nativos do PB (produções que, segundo os resultados obtidos com falantes nativos do PB, apresentam mais acentos secundários), os falantes do PE têm muita dificuldade em perceber proeminências secundárias a mais de uma sílaba do início da palavra (isto é, acentos a partir da terceira sílaba, no sentido esquerda-direita, inclusive).

Assim, estes resultados indiciam a existência de três graus de acento ao nível da palavra no PE – acento primário, acento inicial e ausência de acento – não corroborando a proposta de Andrade e Viana (1989) segundo a qual esta variedade apresenta um padrão rítmico binário. Por outro lado, como o notam Frota e Vigário (2000), o facto de nos dois trabalhos terem sido encontrados três graus de acento e de Andrade e Viana não definirem

“claramente a existência de acentos intermédios, *diferentes* do acento inicial” (p. 539) pode indicar que, na verdade, foram identificados acentos semelhantes.

### 2.2.3. Acento secundário no Português Brasileiro

As propostas de autores como Brandão de Carvalho (1988) e Frota e Vigário (2000) levam-nos a considerar que o acento secundário é uma das causas da diferença rítmica percebida entre as *variedades europeia e brasileira do Português*. Assim sendo, revela-se importante observarmos algumas descrições da acentuação secundária propostas para o PB, de forma a conhecermos os pontos em que as duas variedades poderão divergir. De seguida, apresentamos brevemente algumas dessas descrições.

Ao contrário do que acontece com o PE, na literatura sobre o acento secundário no PB encontramos uma grande unanimidade, pois muitos autores defendem a existência de *acentos secundários alternantes* nesta variedade do Português.

Assim, **Brandão de Carvalho** (1988) e **Collischonn** (1994), baseando-se na sua intuição linguística, consideram que o PB apresenta um ritmo binário, sendo acentuadas as sílabas pares, contadas da direita para a esquerda, a partir do acento primário (cf. exemplos de Brandão de Carvalho em (27)). **Major** (1985), apoiando-se igualmente apenas no seu conhecimento do PB, não é tão claro quanto à localização dos acentos secundários: por exemplo, considera que as duas sílabas pré-tónicas existentes numa palavra oxítone (trissilábica) apresentam um acento secundário (cf. exemplo do autor em (28a)). No entanto, também admite a existência de uma tendência para a criação de um padrão acentual alternante, tendência essa que se manifesta tanto em palavras longas (cf. exemplos do autor em (28b) e (28c)), como ao nível da frase.

- (27) a. lavanda-ria  
 b. cavala-ria  
 c. vagabun-dagem
- (28) a. importar (im.por.tar)  
 b. faculdade  
 c. Pindamonhangaba

Os resultados do estudo perceptivo apresentado em **Frota e Vigário** (2000) e em

**Abaurre, Galves, Mandel e Sândalo** (2001) confirmam a intuição de Brandão de Carvalho (1988) e de Collischonn (1994). Na experiência realizada por Frota e Vigário, os falantes nativos do PB mostram ter consciência de uma alternância rítmica, que os levou não só a considerar acentuadas as sílabas pares à esquerda do acento primário, como também a perceberem, ao ouvirem a versão europeia do *corpus*, muito mais acentos secundários do que os indicados pelos falantes nativos do PE. Veja-se o exemplo retirado de Frota e Vigário em (29): em (29a), temos a percepção de um falante nativo do PB relativamente a uma frase da versão brasileira do *corpus*; em (29b), temos as proeminências percebidas por um falante nativo do PE ao ouvir uma frase da versão europeia do *corpus*.

- (29) a. [o organizador apresentou a catalogadora]<sub>I</sub> (Fal2PB)  
 b. [o organizador apresentou a catalogadora]<sub>I</sub> (Fal2PE)

Quando a palavra contém apenas uma sílaba pré-tónica, de acordo com Collischonn, não existe qualquer acento secundário. No caso das palavras com um número ímpar de sílabas pré-tónicas, tanto Collischonn (1994) como Abaurre, Galves, Mandel e Sândalo (2001) consideram que a palavra pode apresentar um dátilo inicial (isto é, uma sílaba inicial com acento secundário seguida de duas sílabas átonas) ou manifestar um ritmo binário (sendo a sílaba inicial átona).

Relativamente ao *ponto da gramática* em que ocorre a acentuação secundária, Collischonn (1994) defende explicitamente que este processo é pós-lexical, por apresentar variação eventualmente causada por fenómenos fonológicos tardios como a ditongação e a epêntese de vogais. Abaurre, Galves, Mandel e Sândalo (2001), por seu turno, não referem em que componente se deve incluir este fenómeno. No entanto, o facto de admitirem a existência de variação (por exemplo, quanto à produção ou não de um dátilo inicial) leva-nos a supor que estamos perante um processo pós-lexical.

### 2.3. Questões sobre a proeminência secundária no Português Europeu

Voltando às questões pertinentes na descrição da acentuação secundária de uma língua (cf. Quadro 1 em 2.2.1.), podemos constatar que, na literatura sobre o acento

secundário do PE, existem alguns pontos em que os diversos autores convergem e outros em relação aos quais não existe concordância.

Assim, verificamos uma certa concordância entre os autores (sobretudo na literatura mais recente) quanto à *existência de alguns acentos secundários* não morfológicos: os acentos iniciais.

Os *correlatos fonéticos* do acento secundário, por sua vez, não foram ainda muito estudados. O trabalho que mais dados adianta neste campo parece-nos ser o de Andrade e Viana (1989), que identifica a duração relativa das vogais como principal correlato fonético de proeminência secundária (correlato este que, juntamente com a energia, permite identificar a existência de acento primário quando este se localiza na última ou na antepenúltima sílaba da palavra – cf. Delgado Martins 1982).

Embora os correlatos fonéticos desta proeminência constituam uma questão a aprofundar, o que, de momento, nos parece mais necessário é mesmo identificar qual a sua distribuição. De acordo com diversos autores (e.g. Dell 1984 e Wiese 1996), o melhor meio para o fazer consiste em recolher os padrões de proeminência relativa que os falantes nativos percebem ao ouvir dados da sua língua. Também convém referir que o último trabalho experimental sobre o acento secundário no Português seguiu este método e que os seus resultados parecem ter contribuído de forma mais evidente para o conhecimento deste tipo de proeminência (cf. Frota e Vigário 2000). Só depois de conhecermos a distribuição deste acento, poderemos compreender bem o seu papel na fonologia do PE.

Relativamente à *motivação básica* para a distribuição do acento secundário em Português, encontramos propostas completamente diferentes: alguns autores sublinham o padrão rítmico binário (cf. Andrade e Viana 1989 e 1999, Andrade e Laks 1992, Pereira 1999, Mateus e Andrade 2000), outros o peso silábico (cf. Lüdtke 1953, Brandão de Carvalho 1988, que sustentam que algumas sílabas fechadas e as vogais não reduzidas, devido ao seu maior peso silábico, “atraem” o acento secundário), outros a posição ocupada pela sílaba na palavra (cf. Frota e Vigário 2000, Vigário 2003), e um pequeno número de estudiosos refere ainda a ciclicidade morfológica (cf. Lüdtke 1953).

Quase todos os autores que consideram ser a criação de um *padrão rítmico* o factor mais determinante na acentuação secundária em PE defendem a importância do acento

primário (que constitui, pelo menos, o ponto de referência a partir do qual se localizam os ecos acentuais), a existência de um padrão binário (só Brandão de Carvalho 1988, que considera o peso silábico como a motivação básica para a distribuição do acento secundário, é que prevê um ritmo muitas vezes ternário) e uma direccionalidade direita-esquerda (Pereira 1999 propõe, no entanto, a existência de dois algoritmos com direccionalidades diferentes).

Os autores que defendem o *peso silábico* como motivação básica para a distribuição do acento secundário também se mostram unânimes na forma de definir sílaba pesada e Brandão de Carvalho (1988) estipula para a influência do peso silábico a mesma direccionalidade proposta por outros autores para os ecos rítmicos (a contagem das moras faz-se da direita para a esquerda).

Quanto às *condicionantes adicionais* na distribuição do acento secundário, quase todos os autores parecem admitir a existência de condições rítmicas que evitam lapsos e choques acentuais, gerando, por exemplo, a acentuação de palavras “d’une longueur extrême” (cf. Gonçalves Viana 1883) ou a remoção de um eco acentual adjacente a uma proeminência inicial (cf. regra para evitar choques acentuais em Andrade e Viana 1999). A grande maioria dos linguistas é também unânime na identificação de um acento no limite inicial do domínio de acentuação secundária (embora haja algumas divergências quanto ao estabelecimento deste domínio) e na defesa de uma cadeia pós-tónica completamente átona, sem alternâncias acentuais.

No que diz respeito ao *contexto segmental, silábico*, só Brandão de Carvalho (1988) e Pereira (1999) identificam uma tendência para evitar a ocorrência de acento secundário em sílabas com núcleo realizado como [i].

Outra questão ainda discutida é o *carácter lexical ou pós-lexical* da regra de atribuição do acento secundário. O facto de alguns autores (como Andrade e Viana 1999) defenderem que este acento depende da mesma regra do acento primário sugere que o consideram um processo lexical. Outros autores (como Pereira 1999 e Vigário 2003) defendem claramente que se trata de um processo pós-lexical, nomeadamente por ter em conta processos pós-lexicais (como a supressão de vogais átonas ou a construção de constituintes superiores à palavra), ser opcional e apresentar variação. A opcionalidade, a

variação, a insensibilidade a informações morfológicas ou lexicais, características referidas por vários linguistas, constituem argumentos fortes a favor do carácter pós-lexical do acento secundário no PE.

Em relação ao *domínio para este acento*, também encontramos pouco consenso: enquanto Brandão de Carvalho (1988) e Pereira (1999) defendem que o domínio é a cadeia pré-tónica, Vigário (2003) considera que é a palavra prosódica, e Andrade e Viana (1999) consideram que se trata de um constituinte equivalente ao sintagma fonológico.

As “*circunstâncias discursivas*” em que se manifesta o acento secundário em Português constituem uma questão muito mal conhecida. Embora alguns autores (cf. Andrade e Viana 1999: 88) tenham referido que os ecos acentuais são perceptíveis sobretudo em pronúncias cuidadas (“forma de citação”), a verdade é que existem muito poucos estudos experimentais e estes deixam por explorar muitas variáveis (débito, contexto prosódico das palavras, tamanho e constituição das palavras...).

Todos estes pontos em que não existe concordância entre os autores constituem questões a (re)colocar ao (re)analisar o acento secundário na variedade europeia do Português. É, no entanto, interessante notar que, se observarmos os dados fornecidos pelos diferentes autores, eles apresentam algumas semelhanças apesar de terem sido explicados de formas bem diferentes. Vejamos esses dados no Quadro 2.

Quadro 2: Padrões de acentuação secundária apresentados na literatura

<i>Padrões acentuais (sílabas)</i>	<i>Exemplos dos autores</i> <sup>40</sup>	<i>Propostas dos autores</i>
<u>σ</u> σσ <sup>41</sup>	<i>exportações, importações</i>	<b>Morais Barbosa 1965</b> → semelhante ao “accent d’insistance” (ênfata um clítico ou a sílaba que distingue 2 palavras)
σσσσσσ σσσσ <u>σ</u>	<i>misericordiosissimamente</i> <i>constituição, predisposição</i> <i>botinha / rosinha</i> [σ]	<b>Gonçalves Viana 1883</b> → palavras longas (dificuldade de as pronunciar) → diminutivos, tal como pronunciados nos dialectos do Norte (influência morfológica da palavra original)

<sup>40</sup> Quase todos os exemplos incluídos nesta coluna foram apresentados pelos autores referidos na terceira coluna. Assim, só incluímos exemplos criados por nós (tendo em conta a proposta dos autores referidos), quando esses autores indicaram uma possibilidade de acentuação secundária sem dar qualquer exemplo. Os nossos exemplos são previamente assinalados com uma estrela (\*).

<sup>41</sup> σ indica sílaba completamente átona, σ̄ sílaba com acento secundário e σ sílaba que apresenta um acento secundário e tem como núcleo uma vogal não reduzida, uma vogal nasal ou um ditongo. A representação do padrão de acentuação secundária inclui apenas as sílabas pré-tónicas.

<i>Padrões acentuais (sílabas)</i>	<i>Exemplos dos autores</i> <sup>40</sup>	<i>Propostas dos autores</i>
<u>σσσ</u> <u>σσσσσ</u>	<u>constituição</u> <u>misericordiosíssimo</u>	<b>Gonçalves Viana 1903</b> → palavras longas (não mais de 2 sílabas átonas; variação; obrigatório em palavras com mais de 3 ou 4 sílabas)
<u>σσ</u>  <u>σ</u>  <u>σ</u> <u>σσ</u>  <u>σ</u>	<u>musical</u>  <u>república</u>  <u>vaídade, solteiro, cegada, pegada</u> <u>patética</u>  <u>copinho, pertinho</u>  <u>inacreditavelmente</u>	<b>Adolfo Coelho 1896</b> → palavra pode ter um ou mais ac. secundários  <b>Sá Nogueira 1938</b> → algumas palavras  <b>José J. Nunes 1969</b> → possibilidade nas palavras polissilábicas → sobretudo nas vogais resultantes de contracção de 2 vogais → sobretudo devido à influência morfológica da palavra original (algumas regiões do país)  <b>Cunha e Cintra 1984</b> → algumas palavras
<u>σσσ</u> <u>σσσσ</u> <u>σσσ</u>  <u>σσσ / σσσ / σσ</u> <u>σσσσσσσσ</u> <u>σσσ</u>	<u>colaborar, dinamarguês</u> <u>constituição</u> (* <u>constituição</u> ) <u>colaborar, colocação</u>  <u>rectificar, rectangular, restaurar</u> <u>anticonstitucionalíssimamente</u> <u>napolitano</u> (< <u>Nápoles</u> )	<b>Lüdtke 1953</b> → evitar lapsos acentuais (mais de 2 sílabas pré-tónicas átonas)  → peso silábico  → influência morfológica da palavra original
<u>σσσσ / σσσσ / σσσσ</u>  <u>σσσσσ / σσσσσ</u> <u>σσσσσ / σσσσσ</u>  <u>σσ / σσ / σσ</u>	* <u>afectividade</u> (3 2 4 4 1 4) > <u>afectividade</u> ou <u>afectividade</u> ou <u>afectividade</u> * <u>alfabetização</u> (2 3 4 4 3 1) > <u>alfabetização</u> ou <u>alfabetização</u> ou <u>alfabetização</u> ou <u>alfabetização</u> <u>belamente</u> (2 3 1 4) > <u>belament.</u> ou <u>belamente</u> ou <u>belamente</u>	<b>Mateus 1975</b> → qualidade da vogal (maior grau de acento nas vogais não reduzidas)
<u>σσσ</u> <u>σσσ</u> <u>σσσσ</u> <u>σσσ</u>  <u>σσσσ, σσσ</u>  <u>σσσσ</u> <u>σσσ</u>  <u>σσσ</u> <u>σσσ</u>	<u>lavanda-ria, rectangu-lar</u> /s'Ss/ <u>cavala-ria, necessi-dade,</u> <u>colabora-ção</u> /'sss/ <u>vagabun-dagem</u> /s'sS/  <u>colabora-ção, rectangu-lar</u>  <u>civ(i)liza-ção</u> /'s(s)ss-/ <u>Alexan-dria</u> /'s(s)S-/  <u>cavala-ria, vagabun-dagem</u> <u>lavanda-ria</u>	<b>Brandão de Carvalho 1988</b> → peso silábico (três moras; palavras com menos de 3 sílabas pré-tónicas não apresentam acento secundário)  → 1ª sílaba pesada ou 1ª sílaba  → peso silábico (três moras) e evitar sílabas infra-leves  → padrão binário semelhante ao PB nos registos muito cuidados

<i>Padrões acentuais (sílabas)</i>	<i>Exemplos dos autores</i> <sup>40</sup>	<i>Propostas dos autores</i>
σσσσ, σσσσσ σσσσ	<i>naturalidade, naturalização, americaníssimo</i>	<b>Andrade e Viana 1989</b> → padrão binário (construção de constituintes binários)
σσσσσ, σσσσσ  σσσ	<i>naturalização, gramaticalidade</i>  <i>armoricano</i>	<b>Andrade e Laks 1992; Andrade e Viana 1999; Mateus e Andrade 2000</b> → padrão binário, no sentido direita-esquerda, a partir do acento primário  → 1ª sílaba da palavra (acento não-rítmico)
σ(σσ) <sub>ω</sub> σ(σσσ) <sub>ω</sub>	<i>por Constantino em Constantinopla</i>	<b>Andrade e Viana 1999</b> → domínio do acento na 1ª sílaba é unidade entoacional
σ(σσ) <sub>ω</sub> σ(σσσ) <sub>ω</sub>	<i>por Constantino em Constantinopla</i>	→ regra que apaga acento secundário adjacente ao acento na 1ª sílaba é obrigatória
σσσσσ, σσσσσ  σσσσσ, σσσσσ	(coloquial) <i>naturalização, gramaticalidade</i> (formal) <i>naturalização, gramaticalidade</i>	→ escolha de uma das 2 possibilidades acentuais consoante o estilo (coloquial ou formal)
σσσ, σσσσ σσσ, σσσσ	<i>carnavalesco, corporativismo</i> <i>carnavalesco, corporativismo</i>	<b>Pereira 1999</b> → padrão binário na cadeia pré-tónica com 2 direcções possíveis: .E-D .D-E
σσσ  σ(σσσ) <sub>ω</sub> σ(σσσσ) <sub>ω</sub>  σ(σσσ) <sub>ω</sub> σ(σσσσ) <sub>ω</sub>  σ(σσσσσ) <sub>ω</sub>	<i>apresentou</i>  <i>a inteligência da catalogadora</i>  <i>a inteligência da catalogadora</i>  * <i>a gramaticalidade</i>	<b>Frota e Vigário 2000; Vigário 2003</b> → (apenas) 1ª sílaba da palavra (acentos não-rítmicos) → também possível em palavras funcionais  <b>Vigário 2003</b> → 2ª sílaba também pode receber o acento inicial

De facto, observando o Quadro 2 e não tendo em conta as palavras funcionais (como *a*, *em* ou *por*), constatamos que a maioria dos padrões acentuais propostos consiste na atribuição de um acento secundário a uma das primeiras sílabas da palavra, independentemente do número de sílabas pré-tónicas por ela apresentado. Se contabilizarmos apenas os exemplos presentes no Quadro 2 que incluem pelo menos duas sílabas pré-tónicas, verificamos que as sílabas mais frequentemente consideradas acentuadas são as primeiras (34 palavras com acento na primeira sílaba), seguidas pelas

segundas (25 palavras com proeminência na segunda sílaba) e pelas terceiras (4 palavras com acento na terceira sílaba). Convém sublinhar que, por um lado, são muito poucos os padrões com um acento secundário localizado depois da terceira sílaba e que, por outro lado, mesmo em palavras relativamente longas (como *misericordiosissimamente*,  $\sigma\sigma\sigma\sigma\sigma$ , *colaboracão* e *civilizacão*,  $\sigma\sigma\sigma\sigma$ , *dinamarquês*,  $\sigma\sigma\sigma$ , e *gramaticalidade*,  $\sigma\sigma\sigma\sigma\sigma$ ), encontramos frequentemente uma proeminência secundária apenas numa das três primeiras sílabas (sobretudo na primeira ou na segunda).

Também está muito presente nos dados apresentados pelos diversos autores (mesmo nos dados daqueles que não referem o peso silábico) a atribuição de acento secundário a sílabas com um núcleo constituído por uma vogal não reduzida, uma vogal nasal ou um ditongo (cf. *constituicão*, *patetice*, *copinho*, *temperatura*, *organizador*, *autoridade*). De acordo com vários autores, este acento secundário até se pode encontrar imediatamente adjacente ao primário (cf. *vaidade*, *solteiro*, *república*).

Ao contrário do que acontece com o PE, na literatura que aborda o acento secundário apenas do PB, os autores são unânimes em sustentar a existência de um princípio rítmico, que gera uma alternância binária, e em nunca se referirem ao processo como algo opcional (embora também não digam explicitamente que se trata de um fenómeno obrigatório e refiram a existência de variação). Apenas em duas das propostas (cf. Collischonn 1994 e Abaurre, Galves, Mandel e Sândalo 2001) se refere ainda a possibilidade de optar por padrões de acentuação secundária ligeiramente diferentes (quanto à forma de acentuar as palavras com um número ímpar de sílabas pré-tónicas).

Verifica-se igualmente unanimidade entre os autores, ao defenderem que a regra da acentuação secundária no PB (regra que parece poder ser considerada pós-lexical, dada a sua interacção com outros processos tardios da língua) actua tendo em conta a localização do acento primário (é a partir deste que se identificam as posições dos ecos acentuais) e na direcionalidade por este apresentada (isto é, direita-esquerda).

Conhecendo, pois, de forma mais segura o funcionamento do acento secundário no PB e tendo em conta o facto de alguns autores falarem do ritmo binário do Português sem distinguirem as duas variedades, resta interrogar-nos acerca da *relação que existe entre a*

***acentuação secundária do PE e do PB.*** As duas variedades apresentam um mesmo (ou, pelo menos, semelhante) sistema de acentuação secundária? Ou, pelo contrário, um dos factores que leva à percepção de diferenças rítmicas é precisamente o acento secundário (e, nesse caso, seria necessário considerar que a localização deste acento não pode ser basicamente determinada por um princípio rítmico binário no PE)?

Desta revisão bibliográfica sobre o acento secundário no PE, ressaltam três grandes ideias. A primeira é a de que a maioria das propostas apresentadas se baseia na intuição linguística dos seus autores, o que constitui uma fonte muito frágil, sobretudo porque, como vimos, na generalidade das línguas, o acento secundário apresenta uma grande instabilidade, a sua distribuição é difícil de captar. É por este motivo que se tornam necessários trabalhos experimentais neste domínio, trabalhos que nos permitam identificar, de forma mais objectiva, quais são os padrões possíveis de distribuição da proeminência secundária. A experiência que serve de base a esta dissertação visa precisamente contribuir para o conhecimento dessa distribuição, e a metodologia escolhida para aceder aos dados foi a percepção, já que esta parece constituir a forma mais fácil e segura de chegar à realidade psicológica dos padrões acentuais (cf. cap.3). Os correlatos acústicos e articulatórios, pelo contrário, são muito difíceis de estabelecer, não se conseguindo, muitas vezes, identificar as pistas fonéticas que servem de base aos padrões percebidos (cf. Arvaniti 1992 para o Grego, e Dogil 1999 para o Castelhana e o Polaco).

A segunda ideia a ressaltar parece derivar, em parte, da fragilidade das fontes: os dados propostos pelos autores apresentam um grande diversidade (cf. Quadro 2). Alguns autores consideram que as palavras podem apresentar acentos secundários a cada duas sílabas, outros consideram que apresentam apenas um; alguns associam a proeminência apenas a determinadas vogais, outros associam-na a determinadas posições. No entanto, convém notar que, no meio da diversidade das propostas, existem também pontos de concordância importantes. Por exemplo, a grande maioria dos autores considera que as palavras podem apresentar um acento inicial (mesmo que este co-ocorra com acentos de outras origens, como os acentos rítmicos). Muitos autores consideram que o fenómeno de acentuação secundária é caracterizado por uma grande opcionalidade e variação. A grande maioria propõe ainda exemplos mostrando proeminências secundárias sobre vogais não

reduzidas e nasais.

Uma terceira ideia a salientar, também parcialmente resultante das anteriores, consiste no facto de as propostas observadas serem bastante diferentes. Propõem-se quatro motivações básicas diferentes para a distribuição do mesmo acento e, inclusivamente entre os autores que atribuem a localização da proeminência secundária à mesma motivação básica, não há concordância relativamente a alguns pontos, como o domínio do fenómeno. Até os dados relativamente aos quais há uma grande concordância (e.g. existência de um acento inicial) são explicados de formas diferentes pelos vários linguistas.

#### **2.4. Síntese**

De acordo com os estudos de várias línguas, as principais questões a colocar, ao descrever o funcionamento do acento secundário rítmico, referem-se aos seus correlatos fonéticos, à motivação básica que determina a sua distribuição (princípio rítmico, ciclicidade morfológica, peso silábico ou posição na palavra) e às suas condicionantes adicionais (princípios de euritmia, preferência pelos limites dos domínios ou determinados contextos fonéticos), ao seu lugar na gramática (componente lexical ou pós-lexical), ao seu domínio e à interacção com outros fenómenos da língua.

Na literatura sobre o acento secundário do PE, encontramos respostas muito diferentes para estas questões. Pelo contrário, as descrições do acento secundário no PB apresentam uma maior concordância. Assim, a proeminência secundária do PB (variedade sentida como diferente do PE devido ao ritmo e à entoação) caracteriza-se por um princípio rítmico binário nas sílabas pré-tónicas, actuando a partir do acento primário, no sentido direita-esquerda. É descrito como um fenómeno pós-lexical (já que tem lugar depois de processos pós-lexicais tardios), embora não seja referido como opcional.

Quanto ao PE, verificamos a existência de inúmeras divergências nas propostas dos vários linguistas, ainda que os exemplos de acentuação secundária por eles propostos apresentem semelhanças importantes. Assim, existem ainda muitas questões por responder

sobre o acento secundário nesta variedade.

Uma questão essencial acerca desta proeminência consiste em saber qual é a sua motivação básica e que condicionantes adicionais influenciam a sua localização. O acento secundário no PE depende sobretudo de um princípio rítmico, do peso silábico ou da delimitação de um constituinte? Ou existem várias motivações básicas que interagem?

Outra tarefa importante é a de estabelecer que sequência constitui o seu domínio. Existem já várias propostas: a cadeia pré-tônica, a palavra prosódica e um constituinte equivalente ao sintagma fonológico.

É ainda necessário saber qual a componente da gramática em que ocorre a acentuação secundária. A opcionalidade e a variação, referidas por vários autores, constituem argumentos fortes a favor da hipótese de que o acento secundário é um fenómeno pós-lexical (não podendo, conseqüentemente, ser atribuído pela mesma regra que determina a localização do acento primário).

Além disso, ainda se conhece muito pouco acerca do papel do acento secundário nesta variedade e da influência exercida por variáveis como o débito e o contexto prosódico das palavras na distribuição desta proeminência.

Esta revisão da bibliografia, além de nos permitir fazer um levantamento das questões a reanalisar num estudo sobre a proeminência secundária no PE, mostrou a necessidade de basear as análises fonológicas sobre este processo em estudos experimentais, nomeadamente com base em dados de percepção.



### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. Introdução

No capítulo anterior, apresentámos as principais questões relativas à proeminência secundária, juntamente com as hipóteses de resposta encontradas na literatura. No presente capítulo, exporemos a metodologia utilizada na realização da experiência sobre a qual se baseia esta dissertação.

O nosso trabalho e a metodologia nele seguida visam testar algumas das hipóteses encontradas na literatura sobre a proeminência secundária, hipóteses que apresentamos esquematicamente em (1).

(1) Hipóteses a confirmar ou infirmar nesta dissertação

- a. A localização da proeminência secundária é basicamente motivada por:
  - i. um princípio rítmico (binário);
  - ii. o peso silábico;
  - iii. a delimitação de um constituinte prosódico;
  - iv. a interacção de dois ou três dos factores anteriores.
- b. O domínio da proeminência secundária consiste em:
  - i. a palavra prosódica mínima ( $\omega^{\min}$ );
  - ii. a palavra prosódica máxima ( $\omega^{\max}$ ).
- c. A proeminência secundária é um fenómeno pós-lexical.
- d. O contexto prosódico das palavras influencia a distribuição da proeminência secundária.

Como já foi referido na secção 2.2.1, vários autores defendem que, dadas a grande variação existente na distribuição do acento secundário e a dificuldade em estabelecer os seus correlatos fonéticos, o método possivelmente mais eficaz para aceder aos padrões de acentuação secundária numa língua consiste em recolher os padrões percebidos pelos falantes nativos ao ouvirem produções da língua. Foi por esse motivo que decidimos basear a nossa investigação sobre a proeminência secundária nas percepções de cinco falantes nativas do PE.

Esta pesquisa baseia-se também num tipo específico de dados linguísticos: dados provenientes da leitura. Esta segunda opção deve-se ao facto de o controlo das diferentes variáveis que podem condicionar um determinado fenómeno linguístico constituir uma condição essencial para o seu estudo rigoroso. Deste modo, torna-se muito importante obter uma recolha de dados suficientemente controlada para que estes possam ser comparados entre si e para que as hipóteses iniciais possam ser confirmadas ou infirmadas.

Uma terceira opção a justificar prende-se com as informantes da experiência. A fim de melhor controlar as diferentes variáveis que podem intervir neste processo linguístico, seleccionámos um grupo de informantes homogéneo em relação a um conjunto de variáveis. Escolhemos informantes de produção (InfProd) e de percepção (InfAudi) com características sociolinguísticas semelhantes às nossas: falantes do sexo feminino, que nasceram e sempre viveram na área da grande Lisboa, têm idades compreendidas entre os 21 e os 25 anos, e frequentam ou frequentaram o Ensino Superior. A escolha do sexo e idade das informantes deve-se ao facto de nos ser mais fácil não só encontrar informantes com estas características, mas também avaliar a naturalidade da sua produção (no caso das InfProd).

Por terem de indicar a localização de uma proeminência difícil de perceber, as InfAudi tiveram ainda de preencher um outro requisito: o de ter algum treino fonético. Assim, as InfAudi seleccionadas ou frequentavam o curso de Linguística, ou já eram licenciadas em Linguística ou em Línguas e Literaturas Modernas, tendo realizado trabalhos no âmbito da Fonologia.

Assim sendo, começámos por constituir um *corpus*, tendo em conta alguns dos factores que podem influenciar a distribuição do acento secundário (qualidade das vogais da palavra, número de sílabas pré-tónicas, tipo de palavra prosódica e posição prosódica da palavra no enunciado). Esse *corpus* foi posteriormente lido por três informantes, sendo escolhida a gravação de uma destas leituras para a tarefa de percepção. Por sua vez, esta última tarefa, realizada por cinco informantes com algum treino fonético, consistiu na identificação das proeminências secundárias ouvidas. São estas proeminências percebidas que constituem a base empírica da nossa análise dos padrões de acentuação secundária possíveis no PE. Cada um destes passos será explicitado nas subsecções seguintes.

### 3.2. Constituição do *corpus*

Tendo em conta as propostas encontradas na literatura, isolámos alguns factores que podem condicionar a localização da proeminência secundária no PE: o número de sílabas pré-tónicas e a posição de cada sílaba na palavra (cf. proposta que defende a existência de um princípio rítmico binário); a qualidade das vogais (cf. hipótese do peso silábico, que considera que as vogais nasais e as não reduzidas atraem o acento secundário); o tipo de palavra prosódica (cf. hipótese de que existe uma proeminência secundária apenas no início da palavra prosódica); e o contexto prosódico da palavra. Estas quatro variáveis foram consideradas na constituição de um *corpus* de 125 palavras e 375 frases.

#### 3.2.1. Os contextos prosódicos

Escolhemos 125 palavras prosódicas tendo em atenção três variáveis (número de sílabas pré-tónicas, qualidade das vogais e tipo de palavra prosódica) e, posteriormente, integrámos cada uma dessas palavras em três frases diferentes. Assim, cada palavra ocorreu quatro vezes no *corpus*, sempre em contextos prosódicos diferentes: em início de enunciado, U (quando lidas isoladamente – cf. exemplo (2a), retirado do *corpus*); em início de sintagma entoacional, I (quando depois de uma parentética – cf. (2b)); em início de sintagma fonológico,  $\phi$  (cf. (2c)); e em início de palavra prosódica,  $\omega$  (quando constitui a segunda palavra prosódica de um  $\phi$  – cf. (2d)).

- (2) a. absolvições  
 b. [(O juiz)] [(concedeu)], [(conforme) (soubeste)], [(absolvições) (polémicas)]<sup>1</sup>  
 c. [(O juiz)] [(concedeu)] [(absolvições) (polémicas)]  
 d. [(O juiz)] [(concedeu) (absolvições)] [(muito) (polémicas)]

<sup>1</sup> Enquanto as fronteiras de I são marcadas através de vírgulas, os parênteses rectos, [ ], delimitam um  $\phi$  e os parênteses curvos, ( ), uma  $\omega$ . No princípio e final absoluto de cada item não são marcados graficamente os limites dos constituintes, pois parte-se do princípio de que aí temos sempre uma fronteira de I e de U.

Como se sabe, ao início de um dado constituinte prosódico correspondem também o início de todos os constituintes inferiores na hierarquia prosódica. Por exemplo, em (2b), a palavra prosódica *absolvições* ocorre em início de I e, conseqüentemente, também em início de  $\phi$  e  $\omega$ . No entanto, o facto de um dado fenómeno se verificar apenas em início de I ( $\phi$  e  $\omega$ ) e não em início de  $\phi$  (e  $\omega$ ) mostra que a fronteira relevante para esse fenómeno é a fronteira inicial de I e não de  $\phi$  ou  $\omega$ . Por este motivo, referiremos unicamente a fronteira do domínio mais alto na hierarquia prosódica<sup>2</sup>.

### 3.2.2. Os tipos de palavra prosódica

Além do contexto prosódico, tivemos em conta os três tipos de palavra prosódica propostos para o PE (cf. Vigário 2003, e secção 1.5.1 desta dissertação), para verificar se o verdadeiro domínio da acentuação consiste na palavra prosódica máxima,  $\omega^{\max}$ , ou apenas na palavra prosódica mínima,  $\omega^{\min}$ . Assim, o conjunto de 125 palavras era constituído por 42 palavras prosódicas simples, 39 palavras prosódicas com adjunto e 44 palavras prosódicas compostas. Procurámos que o número de palavras pertencentes a cada tipo de palavra prosódica fosse equilibrado, devendo-se as pequenas diferenças verificadas às exigências das outras variáveis.

---

<sup>2</sup> Ao construir as frases para as várias posições prosódicas, deparámo-nos com um problema. De acordo com Frota (2000, 2003), um  $\phi$  é constituído por uma cabeça lexical e, opcionalmente, o seu complemento fonologicamente não-ramificado. No entanto, a mesma autora não explicita se as  $\omega$ s com adjunto e as  $\omega$ s compostas devem ser consideradas fonologicamente ramificadas. De qualquer forma, este problema não se põe na prática, já que a informante de produção seleccionada iniciou sempre um  $\phi$  (ou até um I) com cada  $\omega$  com adjunto ou  $\omega$  composta. Em (i), mostramos um exemplo do *corpus*, utilizando o negrito para identificar o contexto prosódico (isto é, a fronteira do domínio mais alto na hierarquia prosódica) em que se encontra a palavra relevante.

- (i) a. [(A empresa)]  $\phi$ [(procura)  $\omega$ (**mercados**)] [(para bons) (investimentos)]  
 b. [(O André)] [(estudou)]  $\phi$ [(**Microeconomia**)] [(na Universidade) (Nova)]

### 3.2.3. A qualidade das vogais

A terceira variável tida em conta no *corpus* consiste na qualidade das vogais. A fim de não criar um *corpus* excessivamente grande e tendo em conta as propostas apresentadas na literatura segundo as quais as vogais não reduzidas e as nasais atraem o acento secundário (cf. Lüdtke 1953 e Brandão de Carvalho 1988), distinguimos apenas dois tipos de vogais: as vogais reduzidas ([i, i̥, u, ʊ]), apresentando uma menor sonoridade, e as vogais não reduzidas ([e, o, ε, a, ɔ]) e nasais<sup>3</sup>. Novamente por razões de economia, considerámos os diferentes tipos de vogais presentes apenas nas três primeiras sílabas de cada palavra. Por exemplo, a palavra *alimentações* foi incluída em três grupos de palavras de quatro sílabas pré-tónicas: no grupo das palavras com uma vogal reduzida na primeira sílaba (cf. [ʊ]), no grupo dos vocábulos com uma vogal reduzida na segunda sílaba (cf. [i̥]) e no grupo das palavras de vogal não reduzida ou nasal na terceira sílaba (cf. [ẽ]).

A decisão de ter uma oposição entre os dois grupos de vogais (reduzidas vs. não reduzidas e nasais) apenas nas três primeiras sílabas das palavras deveu-se ao facto de considerarmos que, se a qualidade da vogal fosse relevante, bastava observar a variação em algumas sílabas, não pondo a hipótese de que a qualidade da vogal e a posição inicial de ω pudessem interagir de algum modo. No entanto, como no-lo mostrarão os resultados, esta opção tomada na elaboração do *corpus* constitui uma das limitações deste trabalho experimental, já que não nos permitirá compreender completamente a interacção existente entre a qualidade da vogal e a posição inicial de palavra.

### 3.2.4. O número de sílabas e de “conjuntos silábicos” pré-tónicos

Dada a unanimidade da literatura em defender que não existem acentos secundários

---

<sup>3</sup> A designação de “vogais não reduzidas” refere-se a todas as vogais que não recebem acento de palavra e que, excepcionalmente, não sofrem o processo de elevação e centralização próprio das vogais átonas no PE. A designação de “vogais reduzidas” inclui as restantes vogais orais em posição átona (mesmo as que não sofreram o processo de elevação por já serem altas, como o [i]).

na cadeia pós-tônica, examinámos apenas a fronteira inicial dos vários domínios que integram as palavras do *corpus* e as sílabas pré-tônicas dessas mesmas palavras. O número de sílabas e de “conjuntos silábicos” (designação a definir na secção 3.2.4.2) pré-tônicos e a posição de cada sílaba e conjunto silábico na palavra constitui, pois, a última variável observada no *corpus*.

### 3.2.4.1. As sílabas

Adoptamos, neste trabalho, a descrição proposta por Mateus e Andrade (2000) para a sílaba do Português, segundo a qual os ataques silábicos complexos só podem ser constituídos por uma consoante obstruente e uma líquida, os núcleos são ocupados por uma vogal, uma vogal e uma glide ou não são foneticamente realizados ( $\emptyset$ ), e a posição de coda só pode ser preenchida por / l /, / r / ou / s /.

Começámos por escolher um mínimo de três palavras tendo em conta o que designaremos por “conjuntos silábicos” (cf. secção seguinte), para cada conjunto de variáveis (tipo de palavra prosódica, qualidade da vogal presente no conjunto silábico, número de conjuntos silábicos pré-tônicos e posição do conjunto silábico na palavra – cf. Quadro 1, abaixo). Posteriormente, quando agrupámos as palavras do *corpus* tendo em conta o número de sílabas pré-tônicas (e não o número de CSs), verificámos que o *corpus* já não ficava tão equilibrado. De qualquer forma, este menor grau de equilíbrio não se revelou problemático na contabilização de dados, uma vez que observámos apenas as proporções, isto é, o total de ocorrência de determinada resposta, tendo em conta o total de possibilidades de essa resposta se verificar (cf. secção 4.1).

O *corpus* inclui  $\omega$ s simples com uma cadeia pré-tônica de uma a sete sílabas<sup>4</sup>, e  $\omega$ s com adjunto com uma cadeia pré-tônica de zero a seis sílabas (excluindo o adjunto da contagem). Constituímos ainda três grupos diferentes de  $\omega$ s compostas de acordo com a forma de contar o número de sílabas na sua cadeia pré-tônica, obtendo: (i) cadeias pré-tônicas de  $\omega^{\max}$  (isto é, pré-tônicas relativamente à proeminência da  $\omega$  composta) apresentando entre uma e oito sílabas; (ii) cadeias pré-tônicas de  $\omega 1$  (isto é, pré-tônicas

---

<sup>4</sup> Veja-se a organização de alguns grupos de palavras que integram o *corpus* nos Quadros 1 a 4, no Anexo I.

relativamente ao acento da  $\omega^{\text{min}}$  mais à esquerda) apresentando entre uma e três sílabas; e (iii) cadeias pré-tônicas de  $\omega_2$  (pré-tônicas incluídas apenas na segunda  $\omega^{\text{min}}$ ) constituídas por uma a sete sílabas.

### 3.2.4.2. Os “conjuntos silábicos”

Como na fala se verifica algumas vezes a supressão de vogais ou a sua semivocalização, dando origem a sílabas com um núcleo não realizado foneticamente ou com uma semivogal, e se torna necessário distinguir estas sílabas das outras, utilizaremos, como *mera distinção operatória*, a expressão “conjunto silábico” para designar uma sequência de segmentos agrupados em torno de uma vogal efectivamente produzida como vogal. Por outras palavras, o número de conjuntos silábicos (doravante, CS para singular e CSs para plural) de uma palavra dependerá da forma como ela é produzida, e constituem conjuntos silábicos tanto uma sílaba com núcleo produzido (cf. [fɐ] em (3a)), como uma sequência de duas ou mais sílabas em que só a última apresenta um núcleo foneticamente realizado (cf. [ljɐ] em (3a)). Esta distinção é útil, pois facilita a análise de processos que têm em conta apenas as sílabas de núcleo foneticamente realizado como vogal (cf. exemplos desta distinção em (3)).

(3)	a. familiaridade	b. ópera
	7 $\sigma$ : /fa.mi.li.a.ri.da.de/	3 $\sigma$ : /ɔ.pe.ra/
	6 cs: [fɐ•mi•ljɐ•ri•'da•di]	2 cs: ['ɔ•pɐɐ]

A unidade relevante na distribuição da proeminência secundária é a sílaba para alguns autores (e.g. Andrade e Viana 1989, 1999) e aquilo que designamos por conjunto silábico para outros (e.g. Pereira 1999). Assim sendo, começámos por construir o *corpus* tendo em conta a formação muito frequente de conjuntos silábicos perante sílabas de núcleo habitualmente vazio (cf. *complexificações*: /plɛ.kØ.si/, 3 sílabas → [plɛ•ksi], 2 CSs). Para cada conjunto de variáveis (tipo de palavra prosódica, qualidade da vogal presente no CS, número de CSs pré-tônicos e posição do CS na palavra), escolhemos um mínimo de três palavras (excepto num dado grupo de  $\omega$ s compostas, que referiremos), sem, contudo, limitar o número máximo de palavras.

Assim, o *corpus* constituído inclui  $\omega$ s simples com uma cadeia pré-tónica de um a seis CSs, e  $\omega$ s com adjunto com uma cadeia pré-tónica de zero a cinco CSs (excluindo novamente o adjunto da contagem). Quanto aos três grupos de  $\omega$ s compostas, temos: (i) cadeias pré-tónicas de  $\omega^{\max}$  apresentando entre um e seis CSs; (ii) cadeias pré-tónicas de  $\omega 1$  apresentando entre um e três CSs; e (iii) cadeias pré-tónicas de  $\omega 2$  constituídas por um a seis CSs.

### 3.2.5. O *corpus* resultante

A organização do *corpus* construído tendo em conta as quatro variáveis anteriormente apresentadas é ilustrada no Quadro 1 <sup>5</sup>. Como se pode observar no quadro, não incluímos o adjunto na contagem dos CSs pré-tónicos das  $\omega$ s que servem de base para a prefixação ou de hospedeiro para os proclíticos. Além disso, procurámos  $\omega$ s compostas que apresentassem as vogais pretendidas, na posição silábica desejada relativamente à palavra prosódica composta na sua totalidade (isto é, como  $\omega^{\max}$ ), à segunda palavra prosódica ( $\omega 2$ ), e à primeira ( $\omega 1$ ). Com isto pretendemos verificar se o domínio da acentuação secundária é  $\omega^{\max}$  ou cada uma das  $\omega^{\min}$  que compõem uma  $\omega^{\max}$ . Foi precisamente nos casos das  $\omega 2$  e  $\omega 1$  que não incluímos um mínimo de três palavras prosódicas (para cada tipo de vogal e posição na palavra), já que a inclusão de um número reduzido de palavras basta para verificar se a proeminência secundária se distribui numa  $\omega^{\min}$  como se distribui numa  $\omega$  simples ou não.

---

<sup>5</sup> Veja-se novamente a organização de alguns grupos de palavras que integram o *corpus* nos Quadros 1 a 4, no Anexo I.

Quadro 1: Organização das 125 palavras prosódicas do *corpus*<sup>6</sup>

1. Palavras prosódicas simples							
Número de CSs pré-tônicos na $\omega$		6 CSs	5 CSs	4 CSs	3 CSs	2 CSs	1 CS
1° CS da $\omega$	V reduzidas	1.36. <b>prop</b> orcionalidades 1.31. <b>perpen</b> dicularidades 1.6. <b>associati</b> vidade 1.42. <b>tubercu</b> linizações	1.11. <b>demon</b> strabilidades 1.30. <b>percen</b> tualidades 1.24. <b>monu</b> mentalidade	1.33. <b>poten</b> ciações 1.2. <b>afectivi</b> dade 1.4. <b>alimen</b> tações 1.38. <b>recep</b> tividade	1.12. <b>demon</b> strações 1.1. <b>absolvi</b> ções 1.32. <b>perple</b> xidades	1.13. <b>deten</b> ções 1.14. <b>dinas</b> tias 1.34. <b>pre</b> caução	1.22. <b>mer</b> cados 1.37. <b>pro</b> postas 1.23. <b>mi</b> ssangas
	V não reduzidas e nasais	1.17. <b>intelectu</b> alidade ...	1.18. <b>intelectu</b> alismo ...	1.25. <b>neutri</b> alizações ...	1.5. <b>altera</b> ções ...	1.7. <b>cauteleir</b> os ...	1.21. <b>londri</b> nos ...
2° CS da $\omega$	V reduzidas	...	...	...	...	...	—
	V não reduzidas e nasais	...	...	...	...	—	—
3° CS da $\omega$	...	...	...	...	...	—	—
	...	...	...	...	...	—	—

2. Palavras prosódicas com adjuntos							
Número de CSs pré-tônicos na $\omega$		5 CSs	4 CSs	3 CSs	2 CSs	1 CS	0 CSs
CS do adjunto	V reduzidas	<b>a</b> consonan-tização ...	<b>desorgani</b> zação ...	<b>desocu</b> pações ...	<b>as</b> trapalhadas ...	<b>relavagens</b> ...	<b>a</b> ópera ...
	V não reduzidas e nasais	...	...	...	...	...	...
1° CS da $\omega$	...	...	...	...	...	...	—
	...	...	...	...	...	—	—

<sup>6</sup> As 125 palavras estão divididas em **três grupos de acordo com o tipo de  $\omega$** : simples, com adjunto ou compostas. As  $\omega$ s compostas, por seu turno, dividem-se em três subgrupos de acordo com a forma de analisar a cadeia pré-tônica: no primeiro quadro das  $\omega$ s compostas, considera-se o número de CSs na cadeia pré-tônica de toda a  $\omega^{\max}$ ; no segundo quadro, considera-se o número de CSs pré-tônicos existentes apenas na segunda  $\omega^{\min}$ ; no terceiro quadro, tem-se em conta o número de CSs pré-tônicos existentes na primeira  $\omega^{\min}$ .

Dentro de cada grupo, as palavras estão divididas por **diferentes colunas** de acordo com o número de CSs que compõem a cadeia pré-tônica considerada (6 CSs, 5 CSs...). Cada grupo apresenta ainda **três ou mais linhas**, que referem o contexto a observar tendo em conta a posição do CS na palavra (do 1° CS ao 3° da  $\omega$  e, no caso das  $\omega$ s com adjunto, CS do adjunto). Cada uma dessas linhas subdivide-se em **duas linhas “pequenas”**, de forma a observar os dois grupos de vogais considerados (vogais reduzidas vs. vogais não reduzidas e nasais), em todas as posições (cf. três ou mais linhas) e em palavras com cadeias pré-tônicas de diferentes comprimentos (cf. colunas).

O **negrito** num dos CSs da  $\omega$  indica que esse CS constitui o contexto a observar. As **reticências (...)** indicam que o esquema continua com outros contextos e outras palavras (só se preenchem algumas células de cada quadro, para exemplificar como é a estrutura geral). O **travessão (—)** mostra que não podem existir palavras para esse contexto (e.g. não podemos analisar o 2° CS em palavras com apenas um CS pré-tônico).

**3. Palavras prosódicas compostas**

Número de CSs pré-tónicas na $\omega^{\max}$		6 CSs	5 CSs	4 CSs	3 CSs	2 CSs	1 CS
1º CS da $\omega^{\max}$	V reduzidas	aerocirculação ...	mini-aspiradores ...	maracujazinhos ...	laranjaizitos ...	chapeuzinhos ...	—
	V não reduzidas e nasais	...	...	...	...	...	—

Número de CSs pré-tónicas na $\omega 2$		6 CSs	5 CSs	4 CSs	3 CSs	2 CSs	1 CS
1º CS da $\omega^s$	V reduzidas	auto-responsabilizações	pró-federalização	ultra-radicalidades	mini-aspiradores	heterocorreções	intercidades
	...	...	...	...	...	...	—

Número de CSs pré-tónicas na $\omega 1$		3 CSs	2 CSs	1 CS
1º CS da $\omega^w$	V reduzidas	maracujazinhos	laranjaizitos	aerocirculação
	...	...	...	—

Relativamente às variáveis, convém ainda referir que, ao observar os dados, nos deparámos com outros factores eventualmente intervenientes neste processo acentual: a estrutura da sílaba; a possibilidade de efeito cíclico (influência dos acentos primários das palavras que serviram de base a processos de derivação); e a eventual existência de um acento especial em determinadas sílabas. Por esse motivo, estes factores, apesar de não terem sido considerados na elaboração do *corpus*, foram posteriormente incluídos na base de dados e na sua análise.

Dadas as restrições a que tivemos de obedecer na constituição do *corpus* (nomeadamente a de incluir palavras com o número de sílabas pré-tónicas suficiente para nos permitir distinguir um acento secundário alternante de uma proeminência numa das primeiras sílabas e a de integrar as palavras do *corpus* em frases que fizessem sentido mesmo sem um contexto prévio), algumas palavras e frases podem não parecer muito naturais. No entanto, qualquer uma delas seria aceitável num dado contexto e nenhuma das informantes (nem das informantes produtivas, nem das perceptivas) comentou a pouca naturalidade destas. Algumas referiram apenas que certas palavras eram difíceis de pronunciar, devido ao seu tamanho.

Das poucas palavras que integram o *corpus* e não estão atestadas nos dicionários, algumas são utilizadas em determinados contextos científicos ou técnicos (cf. *deslexicalização*). Outras foram por nós criadas, através de processos produtivos de formação de palavras e da atribuição de um significado ligado a um dado campo científico ou técnico (cf. *sentimentalização*, ligado à Psicologia). Relacionando assim a palavra com uma certa área científica, as informantes não puseram em causa, como já referimos, a naturalidade de nenhuma palavra ou frase.

### 3.3. Recolha dos dados

#### 3.3.1. Tarefa de produção

A leitura do *corpus* foi realizada por três informantes oriundas de Lisboa, com idades compreendidas entre os 21 e os 25 anos. Uma delas (AP) era recém-licenciada em Inglês e Francês e leccionava numa Escola Secundária da zona de Lisboa, enquanto as outras duas eram estudantes (CL era licenciada em Português e Francês e frequentava o 1º ano do Ramo de Formação Educacional, e SV frequentava o 3º ano de Psicologia). Nenhuma delas apresentava qualquer problema ao nível articulatório.

A gravação foi efectuada no Laboratório de Línguas da Faculdade de Letras de Lisboa, uma sala parcialmente insonorizada, sobre três cassetes de tipo I, de 60 minutos (a leitura de cada informante ocupou entre 35 e 45 minutos). Foram utilizados um gravador Marantz (PMD 222) e um microfone unidireccional da Sony (F-730) com uma frequência de resposta entre os 50 e os 11.000 Hz.

Demos às informantes o *corpus* a ler (19 páginas com cerca de 28 itens cada) juntamente com as instruções por escrito<sup>7</sup>. Foi-lhes pedido que começassem por ler todo o *corpus* em silêncio e que, posteriormente, o lessem com naturalidade e fazendo uma pequena pausa entre cada item. As informantes deveriam interromper a leitura nas pausas previstas, ou sempre que necessitassem de o fazer. Também lhes foi pedido que repetissem

---

<sup>7</sup> Cf. Anexo I.

um item quando se enganassem ou hesitassem na sua leitura, ou quando nós próprias lho indicássemos (o que fizemos sempre que detectámos uma anomalia – hesitação, entoação pouco natural, pausa agramatical... – na produção de algum item).

Depois de ouvir e transcrever ortograficamente a leitura das três informantes, constatámos que para alguns itens ainda não existia uma leitura sem problemas. Elaborámos então uma lista com os itens necessários para completar a leitura de cada uma das informantes e, num outro dia, estas voltaram a ler esses itens, utilizando-se o material e o procedimento da primeira gravação.

Quanto à escolha da leitura a servir de base para a tarefa de percepção (a realizar pelas cinco InfAudi), nós próprias percepcionámos os acentos secundários realizados nas três leituras e, depois de consultarmos uma investigadora experiente que trabalha na área da Prosódia, optámos pela leitura da informante SV. Embora todas as informantes tenham lido os itens com naturalidade, fizemos esta escolha porque a leitura de CL incluía algumas influências da pronúncia do Norte (ao nível segmental e prosódico)<sup>8</sup> e a de AP apresentava algum ruído.

Finalmente, copiámos as melhores produções de cada item (lidas por SV) para uma nova cassette e elaborámos a versão ortográfica do *corpus* a apresentar às InfAudi. Nesta versão aparecem também, embora devidamente rasuradas, as poucas más produções que não conseguimos eliminar ao copiar o *corpus* na nova cassette.

### **3.3.2. Tarefa de percepção**

A fim de verificar se um grupo homogéneo de informantes seria totalmente unânime nas suas percepções do acento secundário, começámos por fazer um teste-piloto. Este consistiu na recolha da percepção da proeminência secundária de três informantes com as mesmas características sociolinguísticas (semelhantes às das InfAudi, excepto no que diz respeito ao treino fonético) relativamente a um pequeno excerto do *corpus* que seria mais

---

<sup>8</sup> O facto de os seus pais serem oriundos do Norte de Portugal pode explicar estas influências, numa pessoa que nasceu e sempre viveu na zona de Lisboa.

tarde apresentado às InfAudi. Como estas percepções revelaram algumas semelhanças sem serem completamente uniformes, não abandonámos a ideia inicial de realizar a nossa experiência junto de um grupo homogêneo de informantes.

Assim, como já referido, apresentámos o *corpus* lido por SV a cinco informantes (EA, MA, PN, SC e SD), para que estas identificassem as proeminências secundárias ouvidas. Estas informantes, também todas elas do sexo feminino e com idades compreendidas entre os 21 e os 25 anos, nasceram e viveram na região da grande Lisboa, frequentaram cursos superiores na área das línguas e realizaram trabalhos de investigação (esporádicos ou não) no âmbito da Fonologia do Português.

A audição do *corpus* foi novamente realizada no Laboratório de Línguas da Faculdade de Letras de Lisboa, através de um sistema de leitores de cassetes e auscultadores próprio dos laboratórios de línguas (Tandberg, TLH 82). Três informantes realizaram a tarefa numa manhã (em simultâneo, já que o sistema de gravadores permite que cada pessoa ouça uma cassete ao seu ritmo) e duas na manhã seguinte. Cada informante demorou duas a três horas a realizar a tarefa.

Tendo sido explicado o modo de funcionamento do sistema de audição do Laboratório de Línguas, foi entregue o *corpus* (de 24 páginas com cerca de 22 linhas cada) juntamente com as instruções escritas<sup>9</sup>. Estas incluíam vários pontos: (i) o objectivo do trabalho (“determinar se os falantes do Português Europeu são capazes de identificar acentos secundários”); (ii) a explicação do que se entende por acento secundário (está presente em “todas as vogais que não têm acento principal mas parecem ser mais acentuadas, mais fortes, do que as outras vogais da(s) palavra(s)” e cada palavra pode ter “zero, um ou vários acentos secundários”); (iii) a explicação do modo de realização da tarefa (marcar com o diacrítico (´) apenas as proeminências secundárias das palavras sublinhadas, palavras com acento principal grafado a negrito e sublinhado duplo); (iv) a apresentação das condições de realização da tarefa (possibilidade de voltarem a ouvir os itens e de interromperem a tarefa sempre que quisessem). Foi-lhes ainda sugerido que começassem por marcar os acentos a lápis, passando-os a tinta apenas no final da tarefa.

---

<sup>9</sup> Cf. Anexo II.

### 3.4. Tratamento dos dados

#### 3.4.1. Transcrição fonética e etiquetagem prosódica

A transcrição fonética e a etiquetagem prosódica do *corpus*, tal como ele foi efectivamente produzido por SV<sup>10</sup>, foram feitas com base apenas na nossa percepção.

Quanto às opções de transcrição fonética, fazemos uma transcrição fonética larga para todos os segmentos excepto os núcleos silábicos pré-tónicos. Estes últimos segmentos são objecto de uma transcrição fonética estreita, já que são os únicos relevantes para o nosso trabalho. Abrindo-se uma excepção à norma de transcrição fonética larga para os segmentos consonânticos, registamos também a supressão ou não de consoantes pré-tónicas (como, por exemplo, o /k/ em *intelectualismo*).

Adoptamos a definição de transcrição fonética larga apresentada em Mateus *et alii* (1990): “transcrição que contém informação sobre os segmentos do português, e que os representa como o resultado da aplicação de algumas regras muito gerais (p.e., alteração da qualidade das vogais quando não são acentuadas).” (p. 36). Além do processo de redução das vogais átonas, consideramos ainda regras muito gerais a nasalização, a semivocalização de uma vogal alta precedida por uma vogal, a inserção de glides nasais, a especificação do vozeamento e ponto de articulação da fricativa em coda e a velarização do /l/ em coda, pois todos estes processos ocorrem (praticamente) de forma obrigatória. Assim, as vogais pós-tónicas aparecem registadas na transcrição fonética, independentemente de terem sido produzidas ou não.

Na transcrição fonética estreita dos núcleos silábicos pré-tónicos temos em conta “a aplicação de regras menos gerais que podem, por exemplo, ocorrer apenas na fala coloquial ou na pronúncia rápida de uma frase” (Mateus *et alii* 1990: 36). Estas regras menos gerais incluem, por exemplo, a semivocalização de uma vogal alta seguida de outra vogal, a fusão e a supressão de vogais. Sempre que temos muitas dúvidas relativamente à supressão ou não de uma vogal, consideramos que ela foi produzida.

A marcação dos acentos é feita no início da sílaba (e não no início do CS), sendo o

---

<sup>10</sup> Cf. Anexo II.

acento primário marcado com o diacrítico (ˈ) e o acento secundário de palavras fonologicamente compostas com (,).

Apesar de terem sido regravados alguns itens mal produzidos na primeira gravação, no *corpus* final ainda encontramos itens com pequenos problemas de leitura. Por este motivo, na transcrição fonética também aparecem registados o acento enfático utilizado nalgumas palavras (identificado com o uso de negrito e itálico) e as hesitações e/ou o débito mais lento com que foram produzidos alguns segmentos (indicados através do uso de negrito na transcrição desses segmentos).

Quanto à marcação prosódica, etiquetamos apenas a fronteira esquerda mais alta na hierarquia prosódica, nas palavras que constituem o *corpus* (cf. (4)), tendo em conta que a fronteira do constituinte mais alto coincide com a fronteira de todos os constituintes mais baixos. Por exemplo, à esquerda das palavras isoladas colocámos a etiqueta de fronteira de U, sabendo-se, no entanto, que o início de U corresponde também a um início de I, de  $\phi$  e de  $\omega$ .

- (4) a. *palavras isoladas, início de enunciado:*  
 $U[absolvições]$   
 b. *palavras no início de sintagma entoacional:*  
 O juiz concedeu, conforme soubeste,  $I[absolvições]$  polêmicas.  
 c. *palavras no início de sintagma fonológico:*  
 O juiz concedeu  $\phi[absolvições]$  polêmicas.  
 d. *palavras no início de palavra prosódica:*  
 O juiz concedeu  $\omega[absolvições]$  muito polêmicas.

Como, no PE, os sintagmas fonológicos podem não apresentar qualquer correlato fonético (cf. Frota 2000), por vezes, é impossível determinar se uma dada palavra se encontra no início ou no interior de  $\phi$ . Nessas circunstâncias, consideramos que a sequência apresentava a estrutura prosódica prevista pela definição de  $\phi$  proposta em Frota (2003), isto é, um  $\phi$  é constituído pelos elementos no lado não-recursivo da cabeça lexical, pela cabeça lexical e por um eventual complemento fonologicamente não-ramificado da cabeça lexical.

Quando o complemento de uma cabeça lexical era constituído por uma  $\omega$  com adjunto ou composta, quase sempre se verificou uma proeminência especial ou um acento

tonal na última sílaba acentuada da palavra anterior, o que sugere fortemente a existência de uma fronteira de  $\phi$  entre a palavra anterior e a palavra que faz parte do *corpus*. Por analogia e tendo em conta o facto de que as fronteiras de  $\phi$  não são obrigatoriamente marcadas no PE, consideramos que tal fronteira se verifica sempre antes de uma  $\omega$  com adjunto ou composta, mesmo que não encontremos qualquer correlato fonético a indicá-la.

### **3.4.2. Constituição da base de dados**

Depois da transcrição fonética e etiquetagem prosódica do *corpus*, observámos as proeminências secundárias atribuídas pelas informantes e procurámos identificar as regularidades nos padrões acentuais percebidos.

Tendo já em conta estas observações, foi criada uma base de dados num programa de Estatística, para que o peso dos diversos factores associados às proeminências percebidas pelas InfAudi pudesse ser calculado e para que a validade das nossas observações pudesse ser verificada (quantitativamente).

Apresentando brevemente a estrutura da base de dados, esta inclui 30 campos. Os primeiros três campos permitem-nos identificar o acento: (1) apresenta o número de identificação do acento; (2) identifica a InfProd; (3) identifica a InfAudi. Os dois campos seguintes têm como objectivo explicitar duas das variáveis tidas em conta na constituição do *corpus* (o tipo de palavra prosódica e a posição prosódica ocupada pela palavra): (4) indica o tipo de palavra prosódica a que o acento foi atribuído; (5) indica a posição prosódica ocupada pela palavra.

A variável “número de sílabas pré-tónicas e posição da sílaba acentuada na palavra” é importante para verificar várias hipóteses: a da relevância do princípio rítmico e da delimitação de constituintes como motivações básicas para a distribuição da proeminência secundária; a do domínio de acentuação secundária; e a do ponto de aplicação deste processo (se ele tiver em conta não o número de sílabas pré-tónicas, mas o número de conjuntos silábicos, saberemos que constitui um processo pós-lexical...). Assim, para controlar esta variável, foi necessária a criação de vários campos: (6) apresenta as

características (número, qualidade de adjunto ou sílaba tónica...) das sílabas anteriores à  $\omega 2$ <sup>11</sup>; (7) apresenta as características (número, qualidade de adjunto ou sílaba tónica...) dos conjuntos silábicos anteriores à  $\omega 2$ ; (8) indica o número de sílabas pré-tónicas em  $\omega^{\max}$ ; (9) indica o número de conjuntos silábicos pré-tónicos em  $\omega^{\max}$ ; (10) indica o número de sílabas pré-tónicas em  $\omega 2$ ; (11) indica o número de conjuntos silábicos pré-tónicos em  $\omega 2$ ; (12) identifica o número de ordem (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>...) da sílaba pré-tónica (que recebeu uma proeminência secundária) na direcção E-D em  $\omega^{\max}$ ; (13) identifica o número de ordem (1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup>...) do conjunto silábico pré-tónico (que recebeu uma proeminência secundária) na direcção E-D em  $\omega^{\max}$ ; (14) identifica o número de ordem da sílaba pré-tónica na direcção E-D em  $\omega 2$ ; (15) identifica o número de ordem do conjunto silábico pré-tónico na direcção E-D em  $\omega 2$ ; (16) identifica o número de ordem da sílaba pré-tónica na direcção D-E em  $\omega^{\max}$ ; (17) identifica o número de ordem do conjunto silábico pré-tónico na direcção D-E em  $\omega^{\max}$ .

Para analisar a relevância tanto da estrutura silábica como do tipo de vogal que foi considerada secundariamente acentuada, incluímos os seguintes campos: (19) apresenta o núcleo da sílaba que recebeu a proeminência secundária; (20) apresenta o núcleo da sílaba anterior; (21) apresenta o núcleo do conjunto silábico anterior; (22) apresenta o núcleo da sílaba seguinte; (23) apresenta o núcleo do conjunto silábico seguinte; (24) discrimina qual é o ataque da sílaba; (25) discrimina qual é o ataque do conjunto silábico; (26) discrimina qual é a coda da sílaba / conjunto silábico; (27) discrimina qual é a coda da sílaba / conjunto silábico anterior; (28) discrimina qual é a coda da sílaba / conjunto silábico seguinte.

O campo (29) permite-nos distinguir as palavras com leitura normal das palavras cuja produção apresenta algum problema.

Finalmente, como nos deparámos quer com muitas proeminências secundárias em sílabas que poderiam apresentar um efeito cíclico, quer com um acento especial (ocorrendo sempre no mesmo conjunto de morfemas derivacionais – cf. secção 4.2),

---

<sup>11</sup> Em  $\omega 2$  incluímos as  $\omega$ s simples, as  $\omega$ s que servem de base a um prefixo ou de hospedeiro a um proclítico, e as  $\omega^{\min}$  mais à direita numa  $\omega$  composta.

criámos ainda dois novos campos: (18) indica a existência ou não de possibilidade de efeito cíclico; (30) indica se se trata ou não de acento especial.

### 3.4.3. Processo de análise dos dados

Para verificar a importância das diferentes variáveis utilizadas na constituição do *corpus* e da base de dados, calculámos não só as suas frequências (relativamente ao total de acentos percebidos e inseridos na base de dados), como também as suas proporções (relativamente ao total de sílabas, conjuntos silábicos, vogais não reduzidas, vogais nasais... existentes no *corpus* produzido pela SV)<sup>12</sup>. No entanto, as proporções mostraram-se mais úteis para uma compreensão dos resultados (por terem em conta o total de possibilidades de ocorrência de determinada resposta existentes no *corpus*), pelo que serão mais utilizadas.

Depois de calculadas as proporções para as principais variáveis (posição da vogal acentuada na palavra, qualidade da vogal acentuada, tipo de sílaba acentuada, tipo de palavra prosódica, estrutura prosódica, efeito cíclico...), fizemos o cruzamento dos resultados daquelas que se mostraram mais relevantes (e.g. qualidade da vogal acentuada e tipo de sílaba acentuada), mais uma vez através do cálculo de proporções<sup>13</sup>.

Por fim, descrevemos os resultados verificados para cada variável e para as relações entre diferentes variáveis, e procurámos responder às questões iniciais sobre a proeminência secundária no PE, mostrando como estes dados confirmam ou infirmam cada uma das hipóteses apresentadas em 3.1. Como se verá nos capítulos que se seguem, alguns dos resultados não só não foram conclusivos, como até levantaram novas questões.

## 3.5. Síntese

Neste capítulo, apresentamos a metodologia seguida na execução da nossa experiência. Depois de listar as hipóteses a confirmar ou infirmar nesta dissertação,

---

<sup>12</sup> Veja-se uma explicação mais detalhada da utilização das frequências e das proporções na secção 4.1.

<sup>13</sup> Cf. resultados obtidos ao longo do capítulo 4 e no Anexo IV.

justificamos três opções tomadas: (i) a de procurar aceder aos dados de produção através da percepção de falantes nativas; (ii) a de utilizar dados provenientes da leitura de um *corpus* por nós constituído; e (iii) a de seleccionarmos um conjunto de InfProd e InfAudi com características sociolinguísticas semelhantes às nossas.

O *corpus* foi constituído tendo em conta quatro variáveis: (i) o contexto prosódico (início de U, início de I, início de  $\phi$  e início de  $\omega$ ); (ii) os tipos de  $\omega$  ( $\omega$ s simples,  $\omega$ s com adjunto e  $\omega$ s compostas); (iii) a qualidade das vogais (vogais reduzidas vs. vogais não reduzidas e nasais); e (iv) o número de sílabas e CSs pré-tónicos na  $\omega$ . Quanto a esta última variável, vimos a utilidade de empregar uma distinção operatória entre sílabas e CSs (sequências constituídas por uma sílaba de núcleo realizado e, eventualmente, pelas sílabas anteriores de núcleo não realizado foneticamente como vogal, por ter havido uma supressão de vogal ou uma semivocalização). O *corpus* resultante inclui 125 palavras prosódicas diferentes que ocorrem em quatro contextos prosódicos, dando origem a um total de 500 palavras.

De seguida, descrevemos o modo como foram recolhidos os dados de produção e como as InfAudi realizaram a tarefa de percepção.

Finalmente, na secção 3.4, explicitamos os procedimentos seguidos no tratamento dos dados: transcrição fonética e etiquetagem prosódica do *corpus*; constituição de uma base de dados; e processo de análise dos dados. A transcrição fonética e a etiquetagem prosódica do *corpus* foram realizadas com base na nossa percepção. Apenas os segmentos não-consonânticos pré-tónicos foram objecto de uma transcrição fonética estreita, registando-se, excepcionalmente, a supressão de consoantes. Quanto à etiquetagem prosódica, indicou-se apenas a fronteira esquerda mais alta na hierarquia prosódica, nas palavras que fazem parte do *corpus*.

Depois de apresentar os trinta campos que constituem a base de dados criada, definimos os dois tipos de cálculo utilizados para analisar os dados – a *frequência* e a *proporção* – salientando que a proporção será mais utilizada no nosso trabalho.



## 4. OS DADOS DO PORTUGUÊS EUROPEU: DESCRIÇÃO

### 4.1. Introdução

Neste capítulo, apresentamos os dados da nossa experiência. As regularidades encontradas levam-nos a pressupor a existência de dois tipos de proeminência secundária: um acento que designaremos por *acento especial* e um acento inicial. Depois de descrever os dados relativos ao acento especial (secção 4.2), observamos o papel desempenhado por alguns factores na distribuição da proeminência inicial. Na secção 4.3, analisamos a forma como a posição dos CSs<sup>1</sup> nos três tipos de palavra prosódica e a qualidade das vogais determinam a localização desta proeminência. Na secção 4.4, é observada a influência do contexto prosódico. Em 4.5, descrevemos como se processa a variação entre informantes.

De seguida, constatamos a não relevância de outros factores (constituição do CS; efeito cíclico; princípio rítmico binário) para a descrição da proeminência secundária no PE (secção 4.6). Na secção 4.7, sistematizamos a descrição dos dados.

Ao observarmos as percepções das InfAudi, encontramos um grau de coerência considerável, tanto ao nível das respostas individuais de cada informante, como ao nível de todas as percepções. Nas respostas individuais, cada informante identificou apenas um ou dois padrões acentuais para a mesma palavra em mais de 85% dos casos<sup>2</sup>; no conjunto de todas as respostas, houve concordância relativamente a quase 50% dos acentos percebidos (considerando-se que existe concordância sempre que, pelo menos, quatro das cinco informantes identificaram a mesma proeminência na mesma produção)<sup>3</sup>. Excepto num número relativamente reduzido de casos<sup>4</sup>, as percepções obedecem a um conjunto

---

<sup>1</sup> Veja-se a definição de conjunto silábico (CS), apresentada na secção 3.2.4.2.

<sup>2</sup> Cf. Figura 1 no Anexo IV.

<sup>3</sup> Cf. Quadro 1 no Anexo IV.

<sup>4</sup> No total, existem 469 respostas que não obedecem aos padrões acentuais mais frequentemente encontrados, o que corresponde a 18,76% das 2500 respostas dadas. Essas respostas divergentes apresentam padrões muito diversificados, e cada resposta foi dada por um número reduzido de informantes, não se verificando, pois, concordância relativamente ao padrão acentual percebido para a produção em causa. Foi por isso motivo que não as incluímos nos padrões possíveis.

limitado de padrões acentuais. Estes padrões acentuais, deduzíveis a partir das respostas de todas as InfAudi e usados em diferentes graus por cada uma delas, parecem constituir formas possíveis de distribuição dos acentos secundários para palavras com determinadas características. Convém ainda salientar que a percepção incidu sobre produções de apenas uma InfProd. Não é de excluir, portanto, que outros sujeitos possam seleccionar outros padrões de acento secundário, eventualmente existentes na mesma variedade.

Apesar do grau de coerência relativamente elevado que encontramos nos padrões acentuais percebidos, existe variação nas respostas, não só entre informantes, como também dentro do conjunto de respostas de cada uma. Quanto a este último tipo de variação, o facto de a mesma informante perceber, em alguns casos, diversos padrões acentuais para uma dada palavra em diferentes contextos prosódicos<sup>5</sup> parece indicar que este tipo de contexto influencia a distribuição da proeminência secundária e que, tal como se verifica noutras línguas, a proeminência secundária do Português Europeu apresenta uma grande variabilidade e opcionalidade.

Quanto à variação entre informantes, verificou-se uma concordância (isto é, pelo menos quatro das cinco InfAudi deram uma mesma resposta para uma mesma produção ouvida) quanto ao número e localização de *todos* os acentos secundários em 36,8% das palavras ouvidas<sup>6</sup> e uma concordância quanto a *alguns* dos acentos de uma mesma palavra em 49,76% do total de acentos secundários percebidos<sup>7</sup>. Este resultado e o facto de cada informante identificar mais frequentemente determinados padrões<sup>8</sup> sugerem que, por vezes, as informantes não registaram as proeminências que efectivamente ouviram, mas projectaram um padrão acentual que integra o seu conhecimento fonológico. Com efeito, alguns autores notaram já a possibilidade de o conhecimento fonológico do falante condicionar a sua percepção dos acentos (cf. Delgado Martins 1982 e 1983, Castelo 2003 e Araújo 2004, para os acentos primários; e Frota e Vigário 2000, para as proeminências secundárias). Assim, embora esta investigação vise descrever os padrões de acentuação secundária existentes no PE a partir de dados de produção, a variação nas respostas das

---

<sup>5</sup> Cf. novamente a Figura 1 do Anexo IV.

<sup>6</sup> Cf. Figura 2 do Anexo IV.

<sup>7</sup> Cf. Quadro 1 do Anexo IV.

<sup>8</sup> Cf. Figura 3 do Anexo IV.

informantes também pode revelar-se informativa, na medida em que mostra as diferentes possibilidades que integram o seu conhecimento fonológico.

Na descrição dos dados, começaremos por observar as respostas em que concordam, pelo menos, quatro das cinco informantes, a fim de isolar os padrões acentuais efectivamente presentes no *corpus* produzido pela InfProd SV (*respostas concordantes*). Algumas vezes teremos também em conta o total de respostas dadas (*todas as respostas*).

A observação destas respostas será, quase sempre, completada com a apresentação dos *resultados quantitativos*, que incluem todas as respostas das informantes, não só para evitar um empobrecimento do *corpus*, mas também porque a grande maioria das respostas está de acordo com as regularidades encontradas nas percepções comuns a quatro ou cinco informantes.

Os dados foram quantificados tendo em conta as *frequências relativas* – o número de ocorrências de uma determinada “característica” relativamente ao total de acentos percebidos (e inseridos na base de dados) – e as *proporções* – o número de ocorrências efectivas relativamente ao número de ocorrências possíveis no *corpus*. Por exemplo, para calcular a proporção de vogais nasais acentuadas, relacionámos o total de vogais nasais efectivamente acentuadas com o total de vogais nasais que poderiam ser acentuadas (isto é, o total de vogais nasais que ocorrem no *corpus*). Para calcular a frequência relativa de vogais nasais acentuadas, relacionámos o total de vogais nasais efectivamente acentuadas com o total de acentos percebidos. As frequências relativas e as proporções foram posteriormente convertidas em percentagens. As proporções foram mais frequentemente utilizadas, pelo que, excepto indicação em contrário, os dados quantitativos apresentados constituem proporções.

Encontrámos pequenos problemas na produção de dezasseis palavras prosódicas (existência de acento enfático ou de uma hesitação e débito mais lento) e nesses itens foram percebidas 109 proeminências (num total de 2307), indicadas na BD como resultantes de uma leitura com problemas. Ao compararmos as frequências relativas de diversos factores considerados na análise (como o núcleo do CS e a posição na palavra do CS acentuado), verificámos que os resultados apresentados pelo conjunto total de palavras

eram semelhantes aos apresentados apenas pelas palavras resultantes de uma leitura normal<sup>9</sup>. Por esse motivo e também para evitar que o *corpus* se tornasse mais pobre, optámos por ter em conta, na análise quantitativa, todos os acentos percebidos (num total de 2307).

As regularidades encontradas nas respostas das informantes apontam para a existência de dois tipos de acento secundário. De facto, quase todas as proeminências foram percebidas ou numa das três sílabas iniciais da palavra, ou na segunda sílaba pré-tónica de  $\omega$  ou de  $\omega^{\text{min}}$ , no sentido direita-esquerda. Além disso, alguns factos sugerem que os acentos localizados nestes dois contextos são independentes, constituem fenómenos autónomos. Designaremos a primeira proeminência por *proeminência inicial* e a segunda por *acento especial*.

#### 4.2. Um acento especial

A ocorrência do acento especial é opcional, tendo sido identificada em 33,00% dos contextos possíveis nas respostas concordantes e em 44,76 % dos contextos possíveis no total de respostas. A sua designação deve-se ao facto de esta proeminência ocorrer em contextos muito específicos (cf. alguns exemplos de palavras com e sem o acento especial no Quadro 1).

Quadro 1: Padrões de acentuação secundária com e sem o acento especial

<i>Constituição da <math>\omega</math></i>	<i>Padrão acentual na <math>\omega/\omega^{\text{min}}</math></i>	<i>Resposta sem acento especial</i>	<i>Resposta com acento especial</i>
$\omega[\sigma \sigma \sigma \sigma$	ac. $\sigma 1$ (V forte) <sup>10</sup>	<u>neutralizações</u>	<u>neutralizações</u> *3
$\omega[\sigma \sigma \sigma \sigma \sigma$	0 ac. (V forte: $\sigma 1$ )	-- <u>alfabetização</u> *4	alfabetização*4 <u>alfabetização</u> *3

<sup>9</sup> Cf. Figuras 4 a 9 no Anexo IV.

<sup>10</sup> A explicação das convenções utilizadas para representar a acentuação dos exemplos e o grau de concordância entre as informantes relativamente a uma dada resposta encontra-se em “Convenções e símbolos”. Nos quadros e exemplos que se seguem, quando quatro ou cinco informantes deram uma resposta idêntica relativamente a uma palavra (isto é, identificaram exactamente o mesmo número de proeminências, localizadas nas mesmas sílabas), as palavras não são seguidas por asterisco.

<i>Constituição da <math>\omega</math></i>	<i>Padrão acentual na <math>\omega/\omega^{\min}</math></i>	<i>Resposta sem acento especial</i>	<i>Resposta com acento especial</i>
	ac. $\sigma 1$ (V forte)		
$\omega[\sigma \sigma \sigma \sigma \sigma \sigma$	ac. $\sigma 2$ (V forte) ac. $\sigma 3$ (V forte)	tuberculinizacões*5 sentimentalizacões*5	tuberculinizacões sentimentalizacões*2
$\omega[\sigma \omega[\sigma \sigma \sigma \sigma \sigma$	0 ac. (V fortes: adjt., $\sigma 1$ ) ac. $\sigma 1$ (V forte)	-- em alcalinizacão*4	em alcalinizacão*4 em alcalinizacão
$\omega^{\max}[\omega[\sigma] \omega[\sigma \sigma \sigma \sigma \sigma$	0 ac. (V fracas)	pró-federalizacão --	pró-federalizacão pré-democratizacões

Como podemos ver nos exemplos do Quadro 1, esta proeminência especial parece apresentar três características próprias. Em primeiro lugar, localiza-se, sempre que é atribuída, na segunda sílaba pré-tónica de  $\omega$  ou  $\omega^{\min}$ , no sentido direita-esquerda, independentemente do número de sílabas pré-tónicas existentes na palavra. Por exemplo, esta proeminência foi atribuída à sílaba esperada tanto em *neutralizacões*, palavra de quatro sílabas pré-tónicas, como em *alfabetizacão* (palavra de cinco sílabas pré-tónicas) e em *tuberculinizacões* (palavra de seis sílabas pré-tónicas).

O facto de integrar sempre uma combinação de morfemas específica constitui a segunda particularidade desta proeminência. Com efeito, este acento foi identificado apenas em duas combinações de morfemas: *-iza-ção* e *-ifica-ção*. Em palavras com a combinação de outros sufixos, as InfAudi raramente identificaram a existência de um acento (cf. *percentualidades*, *demonstrabilidades* e *perpendicularidades*).

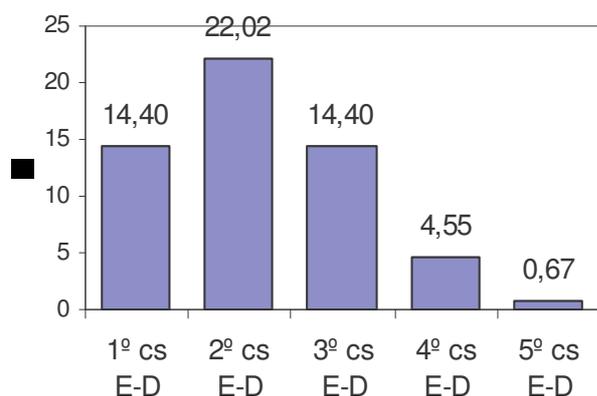
A terceira característica própria destes acentos reside na possibilidade de co-ocorrerem com diferentes padrões acentuais numa  $\omega/\omega^{\min}$  (cf. padrões “zero proeminências”, “proeminência na  $\sigma 1$ ”, “proeminência na  $\sigma 2$ ” e “proeminência na  $\sigma 3$ ”, no Quadro 1), o que sugere uma certa independência do acento especial relativamente às proeminências iniciais. Com efeito, veremos que a única interacção entre os dois tipos de proeminência consiste no facto de não ser permitido que os dois acentos se encontrem em adjacência (em posição de choque acentual) e de se evitar que ocorram muito próximos um do outro. Verificamos, por exemplo, que um menor número de informantes considerou a existência de proeminência inicial e acento especial em palavras com uma única sílaba de intervalo entre as duas proeminências – cf. as respostas *neutralizacões* (três respostas) e *sentimentalizacões* (duas respostas).

Estas três características do acento especial sugerem, pois, que se trata de um processo independente da proeminência inicial. Em primeiro lugar, o acento especial ocorre sempre na mesma sílaba (a segunda antes do acento primário) independentemente do número de sílabas pré-tônicas da palavra, enquanto este número é importante, como veremos, para a localização da proeminência inicial. Em segundo lugar, a possibilidade de ocorrência de acento especial depende das combinações de morfemas derivacionais, o que parece não exercer qualquer influência sobre a distribuição da proeminência inicial. Finalmente, o acento especial pode co-ocorrer com qualquer padrão de proeminência inicial, parecendo existir apenas uma certa interação entre os dois tipos de proeminência secundária: a proibição de choques acentuais entre as duas proeminências e a tendência para evitar que estas ocorram em sílabas próximas (mais propriamente, com uma única sílaba de intervalo).

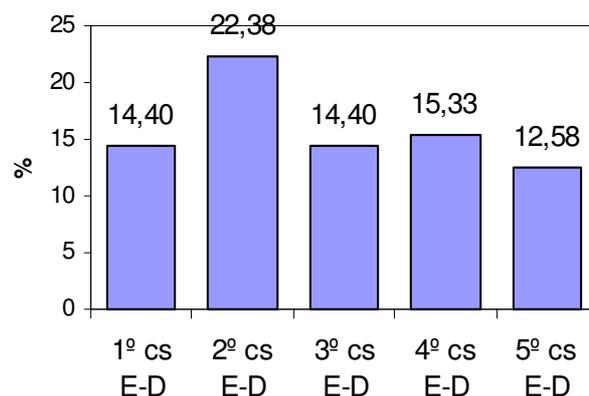
A especificidade do acento especial é igualmente ilustrada pelos resultados estatísticos. De facto, se excluirmos este acento, a tendência para acentuar um dos três CSs iniciais de  $\omega$  ou  $\omega^{\min}$  (como veremos na secção 4.3.1.2, a unidade relevante para determinar a localização da proeminência inicial parecer ser o CS) é revelada, de forma mais evidente, nas proporções das proeminências secundárias em cada posição. Observemos, por exemplo, a localização das proeminências em  $\omega/\omega^{\min}$  com mais de três CSs pré-tônicos (Figuras (1a) e (1b)) e em  $\omega$ s simples com seis CSs pré-tônicos (Figuras (1c) e (1d)). Comparando a Figura (1b), que inclui os acentos especiais, com a (1a), na qual os omitimos, verificamos que, nesta última, a proporção de proeminências atribuídas ao quarto e quinto CSs diminui: no quarto CS passamos a ter apenas 4,55% de proeminências no total de quartos CSs existentes e no quinto CS temos apenas 0,67% de proeminências. Nas Figuras (1c) e (1d), esta tendência é ainda mais visível: se não contabilizarmos os acentos especiais (Figura (1c)), a proporção de proeminências atribuídas ao quarto e quinto CSs é de apenas 1,54%, enquanto os três CSs iniciais apresentam proporções elevadas de

proeminências percebidas. Assim, estas proporções mostram bem como a proeminência inicial (num dos três CSs iniciais de  $\omega/\omega^{\min}$ ) deve ser distinguida do acento especial (sempre na segunda sílaba antes do acento primário).

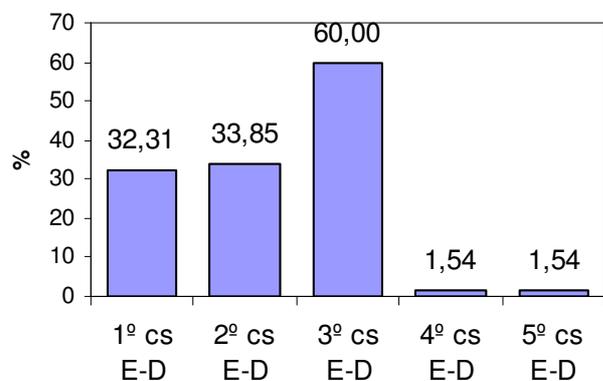
**(1a)** CS pré-tónico E-D (três tipos de w; w/wmin; 4 a 6 CSs pré-t.; s/a.e.) - Proporções



**(1b)** CS pré-tónico E-D (três tipos de w; w/wmin; 4 a 6 CSs pré-t.) - Proporções



**(1c)** CS pré-tónico E-D (w simples de 6 CSs pré-t.; s/a.e.) - Proporções



**(1d)** CS pré-tónico E-D (w simples de 6 CSs pré-t.) - Proporções

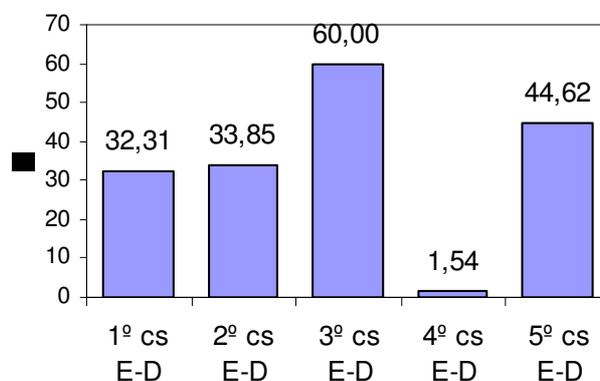


Figura 1: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a cada posição nas  $\omega/\omega^{\min}$  com mais de três CSs pré-tónicos, existentes em todas as palavras do *corpus* (três tipos de  $\omega$ ), excluindo os acentos especiais em (1a) e incluindo-os em (1b).

Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a cada posição nas  $\omega$ s simples com seis CSs pré-tónicos, excluindo os acentos especiais em (1c) e incluindo-os em (1d).

### 4.3. A proeminência inicial

#### 4.3.1. A posição da proeminência inicial nos três tipos de palavra prosódica

Observaremos agora a importância da variável “posição nos três tipos de palavra prosódica” para a distribuição da proeminência inicial, tendo em conta os CSs.

Dos três tipos de palavras prosódicas incluídos no *corpus*, as  $\omega$ s simples são as que apresentam uma maior proporção de acentos (isto é, uma maior quantidade de proeminências percebidas por número de palavras incluídas no *corpus*) com 102,02%, seguidas pelas  $\omega$ s com adjunto (91,67%) e pelas  $\omega$ s compostas (83,52%). Estas proporções mostram que às  $\omega$ s simples foram atribuídas frequentemente uma ou mais proeminências, ao passo que, nas  $\omega$ s compostas, que contam à partida com dois acentos morfológicos (um primário e um secundário), foi identificado o menor número de proeminências secundárias.

Nos Quadros 2 e 3 apresentamos exemplos dos padrões de acentuação secundária encontrados nas respostas relativas a todas as palavras do *corpus* – isto é, aos três tipos de  $\omega$  em qualquer um dos quatro contextos prosódicos considerados. No Quadro 2, incluímos padrões acentuais em relação aos quais, pelo menos, quatro das informantes concordam totalmente (ou seja, as respostas são unânimes quanto a todos os acentos identificados). No Quadro 3, incluímos exemplos quer de CSs identificados como secundariamente acentuados, quer de CSs nunca considerados proeminentes, por, pelo menos, quatro InfAudi, em palavras às quais as informantes atribuíram padrões acentuais não totalmente iguais. Por outras palavras, os CSs apresentados como proeminentes e os apresentados como não acentuados constituem os únicos CSs dessas palavras sobre os quais existe concordância nas respostas das informantes.

Em ambos os quadros, teremos em conta o número de CSs pré-tónicos e a qualidade das três vogais iniciais da palavra. Como veremos, a qualidade das vogais influencia fortemente a localização das proeminências secundárias e leva-nos a distinguir dois grandes grupos de vogais: (i) as vogais a que podemos chamar “fracas”, referidas na secção 3.2.3 como “vogais reduzidas” ([i, i, u, e]) e apresentando, em média, uma intensidade e uma duração menor do que a das restantes vogais orais (cf. Delgado Martins

1975); e (ii) as vogais “fortes”, isto é, as vogais orais “não reduzidas” ([e, o, ε, a, ɔ]), as vogais nasais e os núcleos de um ditongo oral ou nasal.

Quadro 2: Exemplos dos padrões de acentuação secundária presentes nas respostas concordantes das InfAudi (ωs simples, ωs com adjunto e ω1 ou ω2 das ωs compostas)<sup>11</sup>

Nº de CSs pré-t. em ω/ω <sup>min</sup>	V forte no adjunto	V forte no 1º CS (E-D)	V forte no 2º CS (E-D)	V forte no 3º CS (E-D)	mais de 1 V forte	só V fracas
<b>ω simples</b>						
1	--	londr <u>in</u> os elv <u>en</u> ses	--	--	--	miss <u>an</u> gas merc <u>ad</u> os
2	--	condi <u>ç</u> ões caute <u>l</u> eiros	--	--	--	dinasti <u>as</u>
3	--	altera <u>ç</u> ões p <u>er</u> centualid <u>ad</u> .	demonstra <u>ç</u> ões absolvi <u>ç</u> ões	--	int <u>er</u> cepta <u>ç</u> ões ocid <u>en</u> tais	--
4	--	procurador <u>ri</u> as	afectivi <u>d</u> ade	alimenta <u>ç</u> ões	int <u>el</u> ectualid <u>ad</u> e	--
5	--	--	demonstrabi- lidade <u>s</u>	monumenta- lidade	complexifi- ca <u>ç</u> ões	--
6	--	--	tuberculini- za <u>ç</u> ões	--	--	--
<b>ω com adjunto</b>						
0	em <u>L</u> etras	--	--	--	--	os <u>g</u> atos
1	transatl <u>â</u> nticos	o solte <u>i</u> ro	--	--	com sent <u>id</u> o	relava <u>g</u> ens
2	transmuta <u>ç</u> ões	os calcan <u>h</u> ares	d <u>e</u> Moçambiq.	--	d <u>e</u> sinfec <u>ç</u> ões	--
4	--	d <u>e</u> sorganiza <u>ç</u> ão	a diale <u>ct</u> ologia	--	em Reflexologia	--
5	--	d <u>e</u> slexicali- za <u>ç</u> ões	--	--	em alcaliniza <u>ç</u> ão	--
<b>ω1/ ω2 compost.</b>						
1		super- int <u>er</u> ess <u>an</u> tes frac <u>ç</u> õezin <u>h</u> as	--	--	--	ultra- <u>l</u> eveza
2	--	tempora <u>l</u> iz <u>it</u> os macro- m <u>er</u> cantilismo	laranja <u>l</u> iz <u>it</u> os	--	--	--
3		--	macro-	--	compen-	mini-

<sup>11</sup> Utilizamos um traço sobre as vogais que fazem parte da grafia da palavra mas não foram produzidas (e.g. *per*). Na produção da informante SV (cf. Anexo II com transcrição fonética do *corpus* produzido), as vogais altas seguidas de vogal foram sempre semivocalizadas e as sequências de consoantes que, segundo alguns autores, formam duas sílabas (como /kØ.si/ em *complexificações* e /bØ.di/ em *subdesenvolvimentos*) foram lidas sem qualquer realização vocálica intermédia. Assim, consideramos que estes três tipos de sílabas (sílabas com vogais suprimidas, com vogais semivocalizadas e com vogais habitualmente não realizadas) formam um CS com a sílaba seguinte, tal como já referimos na secção 3.2.4.2.

			mercant <u>ilismo</u>		saçõe <u>zitas</u>	aspirad <u>ores</u>
4		--	--	--	--	intercultur <u>alidade</u>
5		--	auto-respon- sabilizaç <u>ões</u>	--	pré-conso- nantizaç <u>ões</u> ultra-contem- plativida <u>des</u>	pré-demo- cratizaç <u>ões</u> pró- federalizaç <u>ão</u>

Quadro 3: Apresentação de alguns exemplos de CSs identificados como acentuados e de CSs não identificados como acentuados por, pelo menos, quatro InfAudi

Nº de CSs pré-t. em $\omega/\omega^{\min}$	<i>V forte no adjunto</i>	<i>V forte no 1º CS (E-D)</i>	<i>mais de 1 V forte</i>
<b><math>\omega</math> simples</b>	--	alfab <u>étizaçã</u> o	intércepç <u>ões</u> ocidentalizaç <u>ões</u> ocidentalizaç <u>ões</u>
<b><math>\omega</math> com adjunto</b>	encurt <u>amento</u> com <u>conhécimento</u> embarat <u>écimentos</u> em familiari <u>dade</u> em familiari <u>dade</u> ... transatl <u>ântico</u> <sup>12</sup> com <u>amor</u> encurt <u>amento</u> transmutaç <u>ões</u>	--	transcontinental com autori <u>dade</u> com autori <u>dade</u> subdesenvolvi <u>mentos</u> a fundamentaç <u>ão</u> em alcalinizaç <u>ão</u> ... as trapalh <u>adas</u>
<b><math>\omega_1/\omega_2</math> compost.</b>	--	... foto-mont <u>agem</u> pós-contestaç <u>ões</u>	super-autent <u>icidades</u> hiper-transcendental <u>istas</u> ultra-contemplativida <u>des</u> ultra-contemplativida <u>des</u> ... pós-intervenç <u>ões</u>

Assim, de acordo com a qualidade da vogal e a sua localização na palavra, consideramos a existência de seis grupos de palavras: (i) as palavras com apenas uma vogal forte, no adjunto; (ii) as palavras com uma vogal forte, no primeiro CS; (iii) as de uma vogal forte, no segundo CS; (iv) as de uma única vogal forte, no terceiro CS; (v) as que apresentam duas vogais fortes; e (vi) as palavras que incluem apenas vogais fracas.

Os dados relativos aos três tipos de palavra prosódica apontam para a existência de uma proeminência secundária relacionada com o início da palavra. Também poderíamos

<sup>12</sup> Os CSs grafados em itálico e negrito constituem *CSs não identificados como acentuados* por, pelo menos, quatro das cinco informantes.

atribuir a distribuição de (alguns) acentos secundários encontrados a outras motivações, como a qualidade da vogal ou um princípio rítmico binário. No entanto, por agora pressupomos que a motivação desta proeminência é mesmo a sua posição inicial na palavra e, mais tarde, demonstraremos como esta constitui, de facto, a possibilidade que melhor dá conta dos dados.

Assim, observando as posições das proeminências iniciais nas palavras, encontramos cinco padrões acentuais: (i) zero proeminências (*o solteiro*); (ii) proeminência sobre o adjunto de certas palavras prosódicas (*transmutações*); (iii) sobre o primeiro CS de  $\omega/\omega^{\text{min}}$  (*interculturalidade*); (iv) sobre o segundo CS (*compensaçõezitas*); e (v) sobre o terceiro CS (*monumentalidade*). Verificamos, assim, que a existência de uma proeminência secundária inicial não é obrigatória. A opção por um destes cinco padrões acentuais depende em parte de outros factores (que observaremos nas próximas secções), como a qualidade das vogais existentes em cada posição, o número de CSs pré-tónicos da  $\omega/\omega^{\text{min}}$  e a posição dos CSs secundariamente acentuáveis relativamente aos outros acentos da palavra (acentos primários, acentos secundários morfológicos e acentos especiais). No Quadro 4, podemos ver a proporção de utilização de cada padrão acentual.

Quadro 4: Proporção de utilização dos padrões acentuais nos três tipos de  $\omega$ s<sup>13</sup>

	TODAS AS RESPOSTAS			RESPOSTAS CONCORDANTES		
	Total	Proporção (%)	Proporção (%) incluindo a.e. e adjt.	Total	Proporção (%)	Proporção (%) incluindo a.e. e adjt.
<b>0 ac.</b>	655	26,73	<b>34,94</b>	263	32,71	<b>36,44</b>
0 ac. + a.e.	66	2,69		9	1,12	
adjunto + 0 ac.	133	5,43		21	2,61	
adjunto + 0 ac. + a.e.	2	0,08				
<b>CS 1</b>	587	25,09	<b>28,03</b>	165	22,00	<b>24,13</b>
CS 1 + a.e.	52	2,22		16	2,13	
adjunto + CS 1	15	0,64				
adjunto + CS 1 + a.e.	2	0,09				
<b>CS 2</b>	564	29,84	<b>36,19</b>	299	54,26	<b>54,99</b>
CS 2 + a.e.	62	3,28		4	0,73	
adjunto + CS 2	53	2,80				
adjunto + CS 2 + a.e.	5	0,26				

<sup>13</sup> Algumas proeminências identificadas pelas informantes não foram consideradas na contagem que deu origem a este Quadro, por constituírem (de acordo com as observações que já tínhamos feito) padrões divergentes relativamente aos padrões mais frequentemente identificados.

<b>CS 3</b>	133	9,47	<b>9,68</b>	35	7,71	<b>7,71</b>
adjunto + 3	3	0,21				
<b>CSs 1 e 3</b>	80	5,69	<b>5,77</b>	0	0,00	<b>0,00</b>
adjunto + 1 e 3	1	0,07				

De uma forma geral, o conjunto de todas as respostas e o constituído apenas pelas respostas concordantes apresentam as mesmas tendências: o padrão mais frequentemente utilizado é o da acentuação no segundo CS (sobretudo entre as respostas concordantes, com 54,99%), seguido pela não atribuição de qualquer proeminência secundária (confirmando-se, assim, a opcionalidade do acento secundário), pela acentuação do primeiro CS e, finalmente, pela acentuação do terceiro CS (com uma proporção de utilização muito menor). A acentuação no primeiro e terceiro CSs foi identificada em 5,77% das possibilidades, no conjunto de todas as respostas, e não faz parte das respostas concordantes, o que nos leva a não considerá-la um padrão acentual possível. Estas percentagens revelam ainda que, exceptuando-se os casos de utilização de um padrão acentual co-ocorrente com um acento especial, raramente foram percebidas mais do que uma proeminência na mesma palavra – cf. respostas concordantes que não incluem qualquer possibilidade deste tipo, e o conjunto de todas as respostas com percentagens muito baixas de acentuação de adjunto e de outro CS.

Nas secções seguintes, que tratam do domínio e da unidade relevantes para a atribuição da proeminência inicial, veremos como os dados quantitativos, relativos a todas as respostas das informantes, confirmam a ocorrência do acento secundário inicial num dos três primeiros CSs de  $\omega/\omega^{\min}$ . De seguida, observaremos a influência de diversos factores na escolha de um dos padrões possíveis de acentuação secundária.

#### **4.3.1.1. O domínio da proeminência inicial**

Veremos agora como os dados (exemplificados nos Quadros 2 e 3) e os resultados quantitativos respeitantes a todas as respostas indicam que: (i) o domínio da proeminência inicial consiste em  $\omega/\omega^{\min}$ ; e (ii) para a acentuação secundária, contam como posição

inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  tanto o adjunto, existente em algumas palavras prosódicas, como os três CSs iniciais de  $\omega/\omega^{\min}$ .

Nas  $\omega$ s simples (cf. Figura (2)), a proporção de CSs secundariamente acentuados é, de longe, mais elevada nos três primeiros CSs: 40,00% do total de primeiros CSs existentes no *corpus* receberam uma proeminência secundária, acontecendo o mesmo a 41,58% dos segundos CSs e a 24,21% dos terceiros CSs. Os resultados das  $\omega$ s simples sugerem, pois, que o domínio da proeminência inicial é constituído pela  $\omega$ , e que este processo ocorre no limite esquerdo do seu domínio, mais propriamente nos três primeiros CSs.

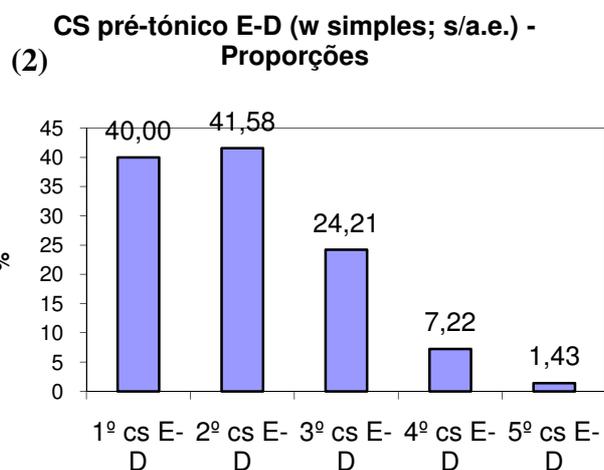


Figura 2: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a cada posição das  $\omega$ s simples, tendo em conta os CSs e omitindo a contagem dos acentos especiais.

Quanto às  $\omega$ s com adjunto (cf. Figura (3)), embora algumas das incluídas no *corpus* apresentem quatro e cinco CSs pré-tónicos, foram atribuídas proeminências secundárias iniciais apenas ao adjunto, ao primeiro, ao segundo e ao terceiro CSs. Apesar de a proporção de proeminências secundárias no terceiro CS ser a mais baixa (8,89%), vários factos nos levam a considerar que esta posição constitui igualmente uma localização possível para a proeminência secundária inicial: (i) a sua proporção atinge quase os 10%; (ii) a menor percentagem de proeminências realizadas neste CS pode relacionar-se com a menor proporção de vogais fortes existentes nesta posição, no *corpus*; (iii) a proporção de proeminências no terceiro CS também é menor nas  $\omega$ s simples e nas  $\omega^{\min}$  de  $\omega$ s compostas;

e (iv) entre as respostas concordantes encontramos uma proeminência no terceiro CS de uma  $\omega$  com um proclítico como adjunto (*a fundamentação*).

(3) CS pré-tônico E-D (w com adjunto; s/a.e.) - Proporções

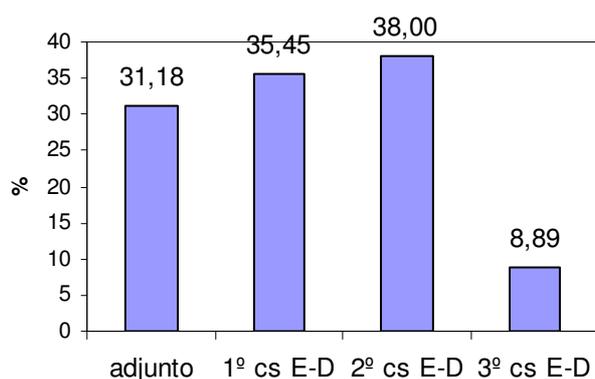


Figura 3: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a cada posição nas  $\omega$ s com adjunto, tendo em conta os CSs e omitindo a contagem dos acentos especiais.

Assim, de acordo com os dados vistos e os resultados quantitativos gerais, nas  $\omega$ s com adjunto, a proeminência inicial pode ocorrer em quatro posições: adjunto, primeiro CS, segundo CS ou terceiro CS. Tendo em conta que os dados e os resultados quantitativos relativos às  $\omega$ s simples sugerem a existência de um acento secundário relacionado com a posição inicial de  $\omega$  e que os dados e resultados gerais das  $\omega$ s com adjunto mostram igualmente a acentuação secundária no adjunto ou num dos três CSs iniciais, podemos pressupor que existe uma proeminência secundária associada à posição inicial de  $\omega$  também nas  $\omega$ s com adjunto.

Considerando que a proeminência encontrada nas  $\omega$ s com adjunto também se relaciona com a posição inicial de  $\omega$ , colocam-se, então, duas hipóteses para explicar a existência de proeminências secundárias em quatro posições iniciais. A primeira consiste em considerar que, para efeitos de acentuação secundária, o adjunto está incluído na posição inicial de  $\omega$ , podendo esta ser acentuada num dos quatro CSs iniciais: primeiro CS que corresponde ao adjunto, segundo CS que corresponde ao primeiro CS da  $\omega$  à qual se adjunge o prefixo ou o proclítico, terceiro CS ou quarto CS. A segunda hipótese consiste

em pressupor a existência de duas posições iniciais de  $\omega$  nas  $\omega$ s com adjunto: a primeira é constituída apenas pelo adjunto, que está no início de  $\omega$  por estar adjungido à esquerda de uma  $\omega$ , enquanto a segunda é constituída pelos três CSs mais à esquerda na  $\omega$  à qual se adjuge o prefixo ou o proclítico.

Preferimos a segunda hipótese, uma vez que é mais económica: não implica considerar que o tamanho da posição inicial para efeitos de acentuação secundária varia de acordo com o tipo de palavra prosódica. Além disso, esta hipótese corrobora a proposta feita por Vigário (2003) para as  $\omega$ s com adjunto, baseando-se na descrição da acentuação secundária inicial e de outros processos fonológicos ligados à posição inicial de  $\omega$  (não redução das vogais átonas e reforço do /r/). De acordo com essa proposta, os proclíticos e alguns prefixos adjungem-se às  $\omega$ s que lhes servem de hospedeiro (no caso dos proclíticos) ou que dominam a base morfológica (no caso das palavras prefixadas) e, conseqüentemente, existem duas posições iniciais de  $\omega$ : uma ocupada pelo adjunto e outra ocupada pela primeira sílaba do hospedeiro ou da base morfológica (cf. secção 1.5.1).

Quando observamos os resultados gerais relativos às  $\omega$ s compostas, tendo em conta  $\omega^{\max}$  (cf. Figura (4)), encontramos uma dispersão das proporções de proeminências secundárias percebidas: existem valores altos (entre 20% e 30%) nos cinco primeiros CSs pré-tónicos.

(4) CS pré-tónico E-D (w max s/ ac.sec. morf.; s/a.e.) - Proporções

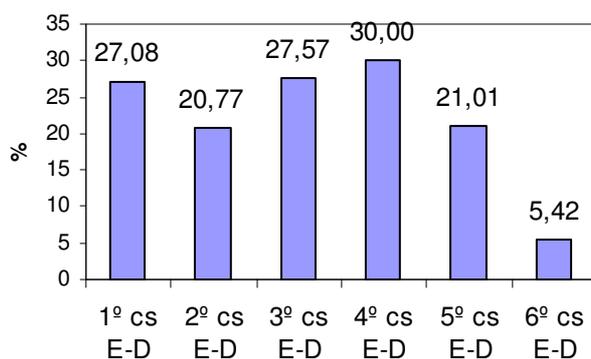


Figura 4: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a cada posição nas  $\omega$ s compostas ( $\omega^{\max}$ ), tendo em conta os CSs, e omitindo a contagem dos acentos especiais e dos acentos secundários morfológicos.

Se, pelo contrário, atentarmos apenas nas  $\omega^{\min}$  ( $\omega 1$  e  $\omega 2$ ), verificamos que as maiores percentagens de proeminências foram atribuídas aos CSs iniciais, à semelhança do que acontece nas  $\omega$ s simples e nas  $\omega$ s com adjunto. Nas  $\omega 1$  (cf. Figura (5a)) –  $\omega^{\min}$  com um, dois ou três CSs pré-tônicos – os CSs mais frequentemente acentuados são o primeiro e o segundo, o que também se deve ao facto de os terceiros CSs existentes se encontrarem em posição de choque acentual com o acento primário. Nas  $\omega 2$  (cf. Figura (5b)), a posição em que ocorrem mais proeminências secundárias é constituída pelo segundo CS, havendo igualmente proporções elevadas de proeminências no primeiro e terceiro CSs. A distribuição da proeminência secundária em  $\omega 1$  e em  $\omega 2$  parece, pois, indicar que o domínio relevante para a atribuição da proeminência inicial é  $\omega^{\min}$  e não  $\omega^{\max}$ .

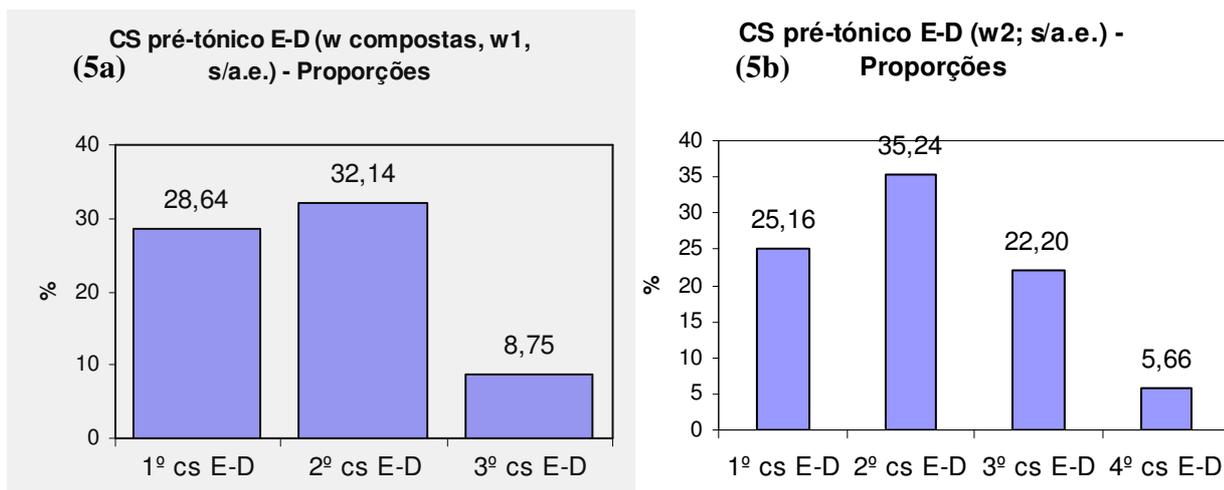


Figura 5: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a cada posição, tendo em conta os CSs e omitindo a contagem dos acentos especiais, na  $\omega 1$  das  $\omega$ s compostas em (5a) e na  $\omega 2$  das  $\omega$ s compostas em (5b).

Os resultados gerais da distribuição das proporções de proeminências secundárias percebidas mostram, pois, que o domínio de atribuição da proeminência inicial consiste em  $\omega/\omega^{\min}$ . Este acento secundário parece ser um fenómeno de limite inicial, por se aplicar na fronteira esquerda de  $\omega/\omega^{\min}$ , sendo esta constituída quer pelos três primeiros CSs de  $\omega/\omega^{\min}$ , quer por um eventual adjunto de  $\omega$ .

#### 4.3.1.2. A unidade relevante para a atribuição da proeminência inicial

Na secção 3.2.4.2, propusemos a distinção entre sílabas e CSs (conjuntos constituídos por uma sílaba de núcleo foneticamente realizado e, eventualmente, uma ou mais sílabas anteriores cujo núcleo não tenha sido foneticamente realizado ou não tenha sido produzido como vogal). Enquanto as primeiras são unidades fonológicas, os CSs são unidades que resultam da actuação de processos fonológicos tardios como a supressão de vogais ou a semivocalização. Esta distinção, meramente operatória, facilita a análise dos resultados, pois permite-nos comparar a distribuição da proeminência secundária tendo em conta a sílaba com a distribuição tendo em conta apenas as vogais foneticamente realizadas (como vogais).

A unidade relevante na atribuição da proeminência secundária parece ser o CS. Tal facto é constatado, quando confrontamos, por exemplo, os resultados das Figuras (2) e (3) com os das Figuras (6a) e (6b), respectivamente.

Ao observar os resultados tendo em conta as sílabas, verificamos que a proporção de proeminências iniciais atribuídas para além da terceira sílaba é muito baixa (cf. resultados das  $\omega$ s simples – 1,60% na quarta sílaba; 8,33% na quinta; 2,00% na sexta – e das  $\omega$ s com adjunto – 1,54% na quarta sílaba). Além disso, a observação das respostas em que tal aconteceu mostrou-nos que estas constituem desvios relativamente aos padrões encontrados nas respostas concordantes, pelo que estas proporções de acentos (não especiais) presentes na quarta, quinta e sexta sílabas não correspondem a padrões possíveis. Ocorrendo os acentos que obedecem aos padrões possíveis (encontrados nas respostas concordantes) apenas nas três sílabas iniciais de  $\omega$ , a sílaba poderia constituir a unidade relevante para a distribuição da proeminência inicial.

No entanto, os resultados baseados no CS sugerem que este constitui a unidade relevante, já que a distribuição das proeminências tendo em conta os CSs mostra muito melhor a tendência para acentuar o início da  $\omega$ , parecendo esta tendência constituir, de acordo com o que já vimos, a melhor análise para a localização da proeminência não especial. De facto, as proporções relativas aos CSs acentuados são bastante mais altas no primeiro e no segundo CSs (cf.  $\omega$ s simples: 40,00% de proeminências no primeiro CS vs. 32,14% na primeira sílaba; 41,58% no segundo CS vs. 36,25% na segunda sílaba) e bastante mais baixas no terceiro CS (cf.  $\omega$ s simples: 24,21% de proeminências no terceiro CS vs. 37,33% na terceira sílaba), o que constitui uma tendência esperável pelo facto de o terceiro CS estar mais distante do início da  $\omega$ .

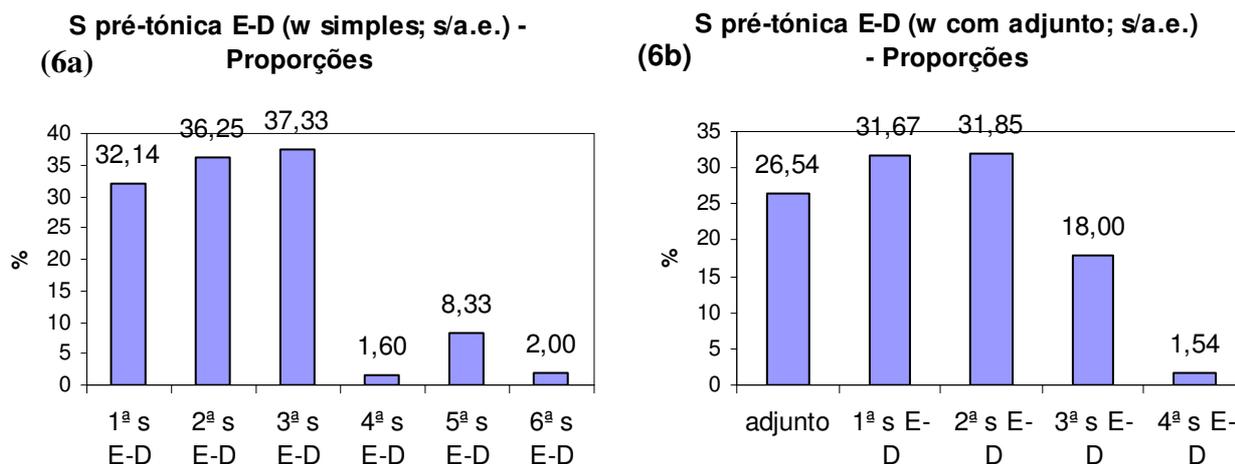


Figura 6: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a cada posição da palavra prosódica, tendo em conta as sílabas e omitindo os acentos especiais, nas *ws* simples, em (6a), e nas *ws* com adjunto, em (6b).

#### 4.3.2. Os dois grupos de vogais

Ao observarmos os Quadros 2 e 3 (com respostas concordantes), verificamos que a grande maioria das proeminências secundárias foi atribuída às vogais que designámos por fortes: vogais não reduzidas, ditongos, vogais nasais e ditongos nasais. Quanto a estas percepções, convém notar que se poderia supor que as informantes associaram indevidamente a proeminência secundária à maior audibilidade das vogais não reduzidas e das nasais. No entanto, três factos sugerem que não é esta a justificação para as percepções: (i) diversos linguistas tiveram igualmente a intuição de que este tipo de vogais atrai o acento secundário<sup>14</sup> (e.g. Lüdtke 1953 e Brandão de Carvalho 1988); (ii) as informantes também conseguiram ouvir proeminências em vogais muito menos audíveis (o que mostra que não se limitaram a assinalar as vogais mais audíveis); e (iii) a coerência das percepções das cinco informantes (quer no âmbito das respostas de cada informante, quer comparando os padrões apresentados por todas as informantes) sugere uma boa fiabilidade das percepções.

Assim, *nas palavras com apenas um CS apresentando uma vogal forte* no seu núcleo, foi precisamente este o CS acentuado, quer se tratasse do primeiro CS de  $\omega/\omega^{\min}$  (cf. *condições*), quer do segundo (*a dialectologia*), quer do terceiro (*monumentalidade*), nunca se acentuando uma vogal fraca a co-ocorrer com uma vogal forte. No entanto, a proeminência

<sup>14</sup> Cf. secção 2.2.2.

secundária inicial parece ser opcional mesmo em palavras deste tipo: embora a maioria das palavras com um CS de vogal forte apresentasse uma proeminência secundária nessa vogal, também encontramos alguns exemplos do padrão “zero proeminências” (cf. *temporaizitos* vs. *compensaçãoezitas*, *absolvicões*...).

*Nas palavras com duas vogais fortes*, a proeminência secundária inicial foi mais frequentemente atribuída ao CS com vogal forte mais à direita (cf. *complexificações*, em *Reflexologia*). Contudo, verificamos mais uma vez que esta influência da qualidade da vogal na localização da proeminência secundária inicial constitui uma tendência não obrigatória. De facto, as informantes foram unânimes na percepção de acentos secundários sobre a vogal forte mais à esquerda em algumas palavras com duas vogais fortes: *ocidentalizações*, *transcontinental*, *com autoridade*.

*Em palavras que não apresentam qualquer vogal forte*, as respostas concordantes identificaram apenas os padrões acentuais “zero proeminências secundárias” (cf. *dinastias*), “proeminência no primeiro CS” (cf. *interculturalidade*) e “proeminência no segundo CS” (cf. *mini-aspiradores*). Os dados sugerem que palavras deste género (isto é, só com vogais fracas) apenas podem receber uma proeminência inicial no adjunto, no primeiro ou no segundo CS. Por outro lado, a estas palavras também são atribuídos acentos secundários com menos frequência.

Quanto aos *adjuntos*, se estes apresentarem uma vogal forte, podem receber ou não a proeminência secundária. Efectivamente, estes podem não ser secundariamente acentuados, mesmo quando incluem a única vogal forte em posição inicial de  $\omega$ . Por exemplo, em diferentes produções da palavra prosódica *em familiaridade*, as informantes não atribuíram o acento secundário ao mesmo CS: uma vez atribuíram-no ao adjunto (*em familiaridade*), acentuando assim a única vogal forte localizada em posição inicial de  $\omega$ ; numa outra produção da palavra, ouviram-no no segundo CS do hospedeiro (*em familiaridade*). Factos como este reforçam a hipótese de que existem duas posições iniciais de  $\omega$  e sugerem que os falantes podem optar por acentuar a posição inicial da  $\omega$  à qual se adjunge o proclítico ou o prefixo, mesmo não incluindo esta qualquer vogal forte.

Os dados não nos permitem, no entanto, dizer se os falantes também podem optar por acentuar a posição inicial correspondente ao adjunto, mesmo quando esta inclui uma vogal

fraca e a outra posição inicial apresenta, pelo menos, uma vogal forte. Embora esta possibilidade pareça igualmente provável (constitui o reverso da anterior), entre as respostas concordantes existe apenas um exemplo de tal possibilidade: em *subd~~e~~envolvimentos*, o adjunto é acentuado apesar de apresentar uma vogal fraca e de a posição inicial da  $\omega$  à qual ele se encontra adjungido incluir duas vogais fortes.

As proporções de adjuntos acentuados na totalidade das respostas, apresentadas no Quadro 5, sugerem a existência de todas as possibilidades. Assim, embora não tenhamos atestações de todas as possibilidades nas respostas concordantes, partiremos do princípio de que os falantes podem optar por atribuir uma proeminência secundária a qualquer uma das posições iniciais, independentemente da qualidade das vogais existentes em cada uma delas.

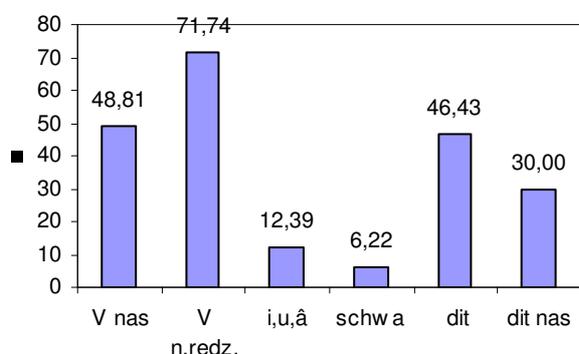
Quadro 5: Proporção de adjuntos acentuados, tendo em conta a qualidade da vogal presente no adjunto acentuado e a vogal seguinte

Grupos de vogais nas duas posições iniciais de $\omega$	Ocorrências possíveis	Ocorrências efectivas	Proporção (%)
$\omega$ [adjt. forte $\omega$ [V forte(s)	140	65	46,43%
$\omega$ [adjt. forte $\omega$ [V fraca(s)	160	75	46,88%
$\omega$ [adjt. forte $\omega$ [ac. primário	60	19	31,67%
$\omega$ [adjt. fraco $\omega$ [V forte(s)	240	37	15,42%
$\omega$ [adjt. fraco $\omega$ [V fraca(s)	40	8	20,00%
$\omega$ [adjt. fraco $\omega$ [ac. primário	50	9	18,00%

Os resultados gerais relativos à qualidade das vogais confirmam as tendências que observámos nas respostas concordantes (cf. Figura (7a)). Assim, no conjunto de todas as respostas, as mais acentuadas foram as vogais não reduzidas e os ditongos (71,74% e 46,43%), seguidas pelas vogais e ditongos nasais (48,81% e 30,00%), recebendo uma proeminência secundária apenas 12,39% das vogais reduzidas e 6,22% dos schwas. A baixa proporção de atribuição de proeminência secundária a estas últimas vogais, caracterizadas pela elevada frequência de supressão em PE, sugere que as mesmas são acentuadas apenas quando não há outra opção<sup>15</sup>. Os resultados das respostas concordantes (cf. Figura (7b)) apresentam uma maior proporção de proeminências secundárias em vogais não reduzidas, vogais nasais e ditongos orais, enquanto a proporção de proeminências nas vogais reduzidas é muito menor (5,48%) e não são atribuídos quaisquer acentos secundários a vogais centrais altas e a ditongos nasais.

<sup>15</sup> Brandão de Carvalho (1988) e Pereira (1999) referem igualmente esta ideia (cf. secção 2.2.2).

(7a) Núcleo do CS (3 tipos de w; todas as respostas) - Proporções



(7b) Núcleo do CS (3 tipos de w; respostas concordantes) - Proporções

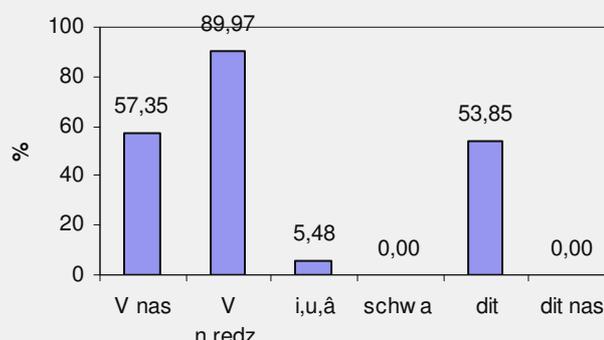


Figura 7: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a cada qualidade de vogal, nos três tipos de  $\omega$ , no conjunto de todas as respostas, em (7a), e nas respostas concordantes, em (7b).

Estes factos poderiam indicar que as vogais com maior intensidade e duração intrínsecas<sup>16</sup> atraem a proeminência secundária e que a localização desta num dos três primeiros CSs se deveria não às posições na palavra, mas à qualidade da vogal existente nessas posições. Esta hipótese é pertinente, mas não pode ser comprovada porque o *corpus* só inclui palavras com vogais fortes até ao terceiro CS: não é possível saber se a existência de vogais fortes no quarto, quinto ou sexto CS levaria à atribuição de uma proeminência secundária a esses CSs (já bastante afastados da posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$ ).

Contudo, factos como a atribuição de proeminências secundárias a vogais fracas (cf. *interculturalidade*), e alguns resultados que veremos sugerem que a localização da proeminência secundária não pode depender apenas da qualidade da vogal e que a posição dos CSs em  $\omega/\omega^{\min}$  também desempenha um papel importante. Assim, partiremos do princípio de que a localização das proeminências secundárias observadas no *corpus* é *basicamente determinada pela posição inicial do CS e pela qualidade da vogal*, sendo

<sup>16</sup> Mateus (1975: 214, 237) refere, apoiando-se nos resultados de experiências feitas no Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, que as vogais altas em posição átona não-final apresentam uma menor intensidade e duração. Excepto a vogal central média, todas as outras vogais reduzidas são altas. Os valores médios de intensidade e duração das vogais orais apresentados em Delgado Martins (1975) confirmam que as vogais que designamos por “não reduzidas” ([ε, e, a, o, o]) possuem, em média, uma maior duração e uma maior intensidade.

adicionalmente influenciada por tendências eurrítmicas e pelo contexto prosódico (factores que observaremos). De seguida, veremos alguns resultados que ilustram a importância da posição inicial do CS e a sua interacção com a qualidade da vogal e, na secção 4.3.5, apresentaremos os argumentos que nos levam a defender que a posição inicial e a qualidade da vogal constituem as duas motivações básicas da proeminência inicial.

A fim de verificar a relevância da posição do CS na atribuição da proeminência secundária, observaremos agora a *acentuação das diferentes posições da palavra em função da qualidade das vogais* (cf. Quadro 6). Analisaremos apenas a acentuação das vogais não reduzidas (e ditongos orais), vogais nasais e vogais reduzidas [i, u, ə], uma vez que os restantes tipos de vogal estão bastante menos representados no *corpus*, como se pode ver pelo número de ocorrências possíveis.

Quadro 6: Proporções (em %) de acentuação das diferentes posições da palavra em função da qualidade das vogais (três tipos de palavras prosódicas; todas as respostas)

		adjunto	1° CS	2° CS	3° CS	4° CS	5° CS	6° CS	qualidade da vogal acentuada
<b>V nas</b>	Poss. <sup>17</sup>	220	730	370	280	0	0	0	1600
	Efect.	120	270	215	176				781
	<b>Pr.(%)</b>	<b>54,55</b>	<b>36,99</b>	<b>58,11</b>	<b>62,86</b>				<b>48,81</b>
<b>V n.redz.</b>	Poss.	0	450	400	70	0	0	0	920
	Efect.		300	322	38				660
	<b>Pr.(%)</b>		<b>66,67</b>	<b>80,50</b>	<b>54,29</b>				<b>71,74</b>
<b>i,u,â</b>	Poss.	280	730	1015	1040	835	445	125	4470
	Efect.	42	139	144	82	91	56	0	554
	<b>Pr.(%)</b>	<b>15,00</b>	<b>19,04</b>	<b>14,19</b>	<b>7,88</b>	<b>10,90</b>	<b>12,58</b>	<b>0,00</b>	<b>12,39</b>
<b>schwa</b>	Poss.	40	310	85	15	0	0	0	450
	Efect.	8	12	6	2				28
	<b>Pr.(%)</b>	<b>20,00</b>	<b>3,87</b>	<b>7,06</b>	<b>13,33</b>				<b>6,22</b>
<b>dit</b>	Poss.	0	120	20	0	0	0	0	140
	Efect.		56	9					65
	<b>Pr.(%)</b>		<b>46,67</b>	<b>45,00</b>					<b>46,43</b>

<sup>17</sup> Os valores apresentados em “Poss.” correspondem ao número de ocorrências possíveis, isto é, ao número total de vogais do tipo em causa na posição relevante existente no *corpus*. Em “Efect.” apresentamos o número de vogais efectivamente identificadas como proeminentes. “Pr.(%)” indica a proporção de vogais efectivamente acentuadas tendo em conta o total de ocorrências possíveis.

Os resultados deste Quadro incluem os acentos especiais e as proeminências identificadas nos três tipos de palavra prosódica, isto é, as *os* simples, as *os* com adjunto e as  $\omega_1$  e  $\omega_2$  das *os* compostas (a contagem dos CSs teve em conta a  $\omega^{\text{min}}$ ).

		adjunto	1° CS	2° CS	3° CS	4° CS	5° CS	6° CS	qualidade da vogal acentuada
dit nas	Poss.	140	0	0	0	0	0	0	140
	Efect.	42							42
	Pr.(%)	30,00							30,00
posição da vogal acentuada	Poss.	680	2340	1890	1405	835	445	125	7720
	Efect.	212	777	696	298	91	56	0	2130
	Pr.(%)	31,18	33,21	36,83	21,21	10,90	12,58	0,00	27,59

Verificamos que o segundo CS de uma  $\omega$  apresenta ou a proporção mais elevada ou uma proporção muito próxima da mais elevada, independentemente da qualidade da vogal. Nas vogais nasais, o CS mais frequentemente acentuado é o terceiro (com 62,86%), mas o segundo CS apresenta uma percentagem de acentuação próxima (58,11%). No conjunto das vogais não reduzidas e ditongos orais, o segundo CS constitui o mais frequentemente acentuado. As vogais [i, u, e], por seu turno, são mais frequentemente acentuadas quando ocorrem no primeiro CS (19,04%), embora as proporções relativas ao adjunto (15,00%) e ao segundo CS (14,19%) não se distanciem muito. Tendo comparado as proporções respeitantes à acentuação de cada tipo de vogal nas várias posições da palavra, podemos verificar que a acentuação preferencial do segundo CS encontrada na proporção de utilização dos diferentes padrões acentuais (cf. Quadro 4) se deve a uma atribuição mais frequente de proeminências secundárias às vogais localizadas no segundo CS e não ao facto de haver mais vogais fortes do que fracas nesse CS. No primeiro CS até temos mais possibilidades de acentuar vogais fortes do que fracas (1300 vogais fortes contra 1040 fracas), ao contrário do que acontece no segundo CS (790 vogais fortes vs. 1100 fracas). Estes resultados mostram bem que a posição dos CSs na palavra é determinante para a distribuição da proeminência secundária, e que a qualidade das vogais não pode constituir a única motivação básica a determinar esta distribuição.

Apesar de a proporção de vogais nasais e vogais não reduzidas acentuadas no terceiro CS ser elevada (62,86% e 54,29%, respectivamente), a proporção global de proeminências atribuídas a esta posição já é mais baixa por duas razões: (i) o número de ocorrências de vogais fracas é muito superior ao de vogais fortes (1055 vogais fracas vs. 350 fortes); e (ii) as vogais fracas, podendo ser acentuadas apenas quando localizadas no

primeiro ou segundo CS, raramente são identificadas como proeminentes. Assim, apenas neste caso a proporção geral de proeminências atribuídas a um dado CS (o terceiro, com 21,21% de proeminências identificadas relativamente ao total de ocorrências possíveis) se deve ao número de ocorrências no *corpus* de cada timbre de vogal.

Podemos, pois, concluir que, de uma maneira geral, as proporções elevadas de proeminências percebidas nas posições iniciais não se devem ao maior número de vogais fortes existentes nessas posições.

### 4.3.3. O número de conjuntos silábicos pré-tônicos da palavra prosódica

Se observarmos os dados tendo em conta o número de CSs pré-tônicos da palavra, verificamos que o padrão “zero proeminências iniciais” é mais frequente nas palavras com um menor número de CSs pré-tônicos, e que a proeminência inicial tende a afastar-se do limite esquerdo da palavra, à medida que o número de CSs pré-tônicos aumenta. Por exemplo, nas *ω*s simples de um ou dois CSs pré-tônicos, encontramos zero proeminências, uma proeminência no primeiro CS ou, mais raramente, no segundo CS (cf. *londrin*os, *dinast*ias, *condiç*ões, *intércepc*ões). Nas palavras de três e quatro CSs pré-tônicos, as proeminências já se localizam principalmente no primeiro ou segundo CS (cf. *alteraç*ões, *absolv*ições), embora ainda existam exemplos de zero proeminências iniciais (cf. *alfab*étizacão) e também já se verifique a acentuação secundária do terceiro CS (cf. *alimentaç*ões). Nas palavras com uma cadeia pré-tónica de cinco ou seis CSs, as proeminências tendem a ocorrer sobre o segundo ou o terceiro CS (cf. *monumentali*dade, *tuberculini*zações), ainda que também possam recair sobre o primeiro (cf. *ocidentaliz*ações).

O facto de as proeminências ocorrerem mais frequentemente no segundo ou terceiro CS de palavras mais longas (cf. *em familiar*idade, *monumentali*dade) sugere a existência de uma tendência para evitar lapsos acentuais: ao estar mais afastado do início da *ω*, o acento secundário previne a existência de um maior número de CSs completamente átonos entre ele e o acento primário. Este facto aponta, no entanto, para uma mera

tendência (opcional), já que também encontramos exemplos de palavras com lapsos acentuais (cf. *pró-federalização*).

No Quadro 7, podemos ver como a percentagem de sequências com mais de três CSs átonos é reduzida. Tal facto sugere que intervalos com mais de três CSs átonos são evitados, o que nos leva a considerar que, no PE, estes podem constituir lapsos acentuais.

Quadro 7: Proporções (em %) de sequências de CSs átonos (todas as respostas)

	<b>3 CSs átonos</b> (no total de <i>os</i> com mais de dois CSs pré-tónicos)	<b>mais de 3 CSs átonos</b> (no total de <i>os</i> com mais de dois CSs pré-tónicos)
<i>o</i> simples	22,28%	8,88%
<i>o</i> com adjunto	21,86%	10,29%
<i>o</i> 1	27,50%	não existem
<i>o</i> 2	35,50%	13,25%
Total	26,40%	10,91%

Os resultados gerais confirmam a influência do número de CSs pré-tónicos na posição da proeminência secundária inicial. Por exemplo, ao observar as proporções de ocorrência do padrão “zero proeminências” nas *os* simples (cf. Quadro 8), verificamos que estas são muito mais baixas nas palavras com um maior número de CSs pré-tónicos, o que parece constituir mais uma manifestação da tendência para evitar lapsos acentuais.

Quadro 8: Proporções (em %) de atribuição do padrão “zero proeminências iniciais” a *os* simples, tendo em conta o número de CSs pré-tónicos da palavra (todas as respostas)

<b>Padrão 0 ac.</b> <b><i>o</i> simples</b> <b>Proporções</b> <b>(%)</b>	<b>1 CS pré-t.</b>	<b>2 CSs pré-t</b>	<b>3 CSs pré-t.</b>	<b>4 CSs pré-t.</b>	<b>5 CSs pré-t.</b>	<b>6 CSs pré-t.</b>
posições iniciais com uma ou mais <b><i>V fortes</i></b>	43,52%	28,57%	1,90%	0,00%	0,00%	1,53%
posições iniciais só com <b><i>V fracas</i></b>	76,66%	60,00%	0,00%	0,00%	2,06%	0,00%

Apresentamos nos Quadros 9 e 11, para vários grupos de palavras (isto é, *os* de determinado tipo e apresentando um certo número de CSs pré-tónicos), as proporções de atribuição de proeminência secundária a determinadas posições em função da qualidade da

vogal. Estas proporções incluem os acentos especiais (que ocorrem sempre sobre [i]). Estes resultados confirmam, uma vez mais, a influência do número de CSs pré-tônicos sobre a escolha de um determinado padrão acentual.

No Quadro 9, verificamos que, nas  $\omega$ s simples de dois CSs pré-tônicos, a proporção de proeminências secundárias é mais elevada no primeiro CS do que no segundo, independentemente do timbre das vogais comparadas (vogais nasais: 55% no 1º CS e 10% no 2º CS; vogais não reduzidas: 100% no 1º CS e 56,67% no 2º CS; [i,u,â]: 45% no 1º CS e 1,67% no 2º CS, etc.).

Pelo contrário, nas  $\omega$ s simples com um maior número de CSs pré-tônicos, geralmente a proporção de vogais acentuadas aumenta do primeiro para o segundo CS. Observando apenas as vogais fortes (que são as mais frequentemente acentuadas), constatamos que, nas  $\omega$ s simples de três e quatro CSs pré-tônicos, a proporção de vogais acentuadas diminui do segundo para o terceiro CS, ao passo que, nas  $\omega$ s simples de cinco ou seis CSs pré-tônicos, esta tende a aumentar do segundo para o CS seguinte. Assim, a posição da vogal acentuada parece variar não só em função da vogal em causa, mas também do número de CSs pré-tônicos existentes na palavra. Quanto mais longa é a palavra, maior é a tendência para acentuar o segundo ou terceiro CS pré-tônico, no sentido direita-esquerda (cf. Quadro 10).

Quadro 9: Proporções (em %) de atribuição de proeminências secundárias às diferentes posições da  $\omega$  simples, tendo em conta a qualidade do núcleo do CS e o número de CSs pré-tônicos da palavra prosódica (todas as respostas).

$\omega$ simples		1º CS	2º CS	3º CS	4º CS	5º CS	6º CS
2 CSs pré-tônicos	V nas.	55,00	10,00				
	V n.redz.	100,00	56,67				
	i,u,â	45,00	1,67				
3 CSs pré-tônicos	V nas.	43,08	84,00	25,00			
	V n.redz.	75,00	94,67	60,00			
	i,u,â	0,00	0,00	0,00			
4 CSs pré-tônicos	V nas.	56,67	100,00	95,00	--		
	V n.redz.	82,50	82,00	--	--		
	i,u,â	7,50	6,32	32,31	0,00		
5 CSs pré-tônicos	V nas.	43,33	92,00	95,00	--	--	
	V n.redz.	--	85,00	100,00	--	--	
	i,u,â	25,00	22,11	0,00	0,00	1,38	

<b>ω simples</b>		<b>1° CS</b>	<b>2° CS</b>	<b>3° CS</b>	<b>4° CS</b>	<b>5° CS</b>	<b>6° CS</b>
6 CS pré-tônicos	V nas.	35,00	60,00	87,50	--	--	--
	V n.redz.	65,00	90,00	--	--	--	--
	i,u,â	5,00	2,50	16,00	0,00	44,62	0,00

Quadro 10: Apresentação esquemática da localização preferencial da proeminência secundária em função do número de CSs pré-tônicos (comparando vogais do mesmo grupo) nas ωs simples

ω simples de 2 CSs pré-tônicos	<u>CS</u> CS
ω simples de 3 e 4 CSs pré-tônicos	CS <u>CS</u> CS / CS <u>CS</u> CS CS
ω simples de 5 e 6 CSs pré-tônicos	CS CS <u>CS</u> CS CS / CS CS <u>CS</u> CS CS CS ou CS <u>CS</u> CS CS CS / CS <u>CS</u> CS CS CS CS

Nas ωs com adjunto (cf. Quadro 11), encontramos tendências semelhantes. Nas ωs com um adjunto e um CS pré-tônico, o adjunto constitui a posição preferencial para a proeminência secundária. Nas palavras com dois CSs pré-tônicos, o primeiro CS é o mais frequentemente acentuado, diminuindo a proporção de acentos secundários no segundo CS relativamente ao primeiro. Nas palavras de três e quatro CSs pré-tônicos, por seu turno, o CS com uma proporção mais elevada de acentos secundários é o segundo (comparando as posições com uma vogal do mesmo grupo). Novamente, quanto mais CSs pré-tônicos tem uma palavra, tanto mais tende a proeminência secundária a localizar-se num CS mais afastado do início do domínio (cf. Quadro 12).

Quadro 11: Proporções (em %) de atribuição de proeminências secundárias às diferentes posições da ω com adjunto, tendo em conta a qualidade do núcleo do CS e o número de CSs pré-tônicos da palavra prosódica (todas as respostas).

<b>ω com adjunto</b>		<b>adjunto</b>	<b>1° CS</b>	<b>2° CS</b>	<b>3° CS</b>	<b>4° CS</b>
adjunto + 1 CS pré-tônico	V nas.	63,33	10,00			
	V n.redz.	--	10,00			
	i,u,â	12,50	4,29			
adjunto + 2 CSs pré-tônicos	V nas.	48,33	65,00	30,00		
	V n.redz.	--	90,00	40,00		
	i,u,â	8,33	41,00	1,82		
adjunto + 3 CSs pré-tônicos	V nas.	60,00	12,50	45,00	0,00	
	V n.redz.	--	40,00	100,00	0,00	
	i,u,â	36,67	3,33	41,54	1,18	
adjunto + 4 CSs pré-tônicos	V nas.	26,67	56,00	80,00	65,00	--
	V n.redz.	--	20,00	97,50	--	--
	i,u,â	8,89	6,00	40,00	6,15	0,00

Quadro 12: Apresentação esquemática da localização preferencial da proeminência secundária em função do número de CSs pré-tônicos (comparando vogais do mesmo grupo) nas  $\omega$ s com adjunto

$\omega$ com adjunto e 1 CS pré-tónico	$\omega$ [CS $\omega$ [CS
$\omega$ com adjunto e 2 CSs pré-tônicos	$\omega$ [CS $\omega$ [CS CS
$\omega$ com adjunto e 3 ou 4 CSs pré-tônicos	$\omega$ [CS $\omega$ [CS CS CS / $\omega$ [CS $\omega$ [CS CS CS CS

#### 4.3.4. A posição dos conjuntos silábicos acentuáveis relativamente a outros acentos

Os dados mostram ainda que a escolha de um dos padrões acentuais possíveis é influenciada pela posição dos CSs (iniciais) acentuáveis relativamente a outros acentos, isto é, relativamente ao acento primário da  $\omega/\omega^{\min}$ , ao acento secundário morfológico e ao acento especial. De facto, nos dados encontramos uma tendência para evitar choques entre as proeminências secundárias e os acentos morfológicos (acentos primários e acentos secundários morfológicos) e uma obrigatoriedade de evitar choques entre proeminências secundárias (isto é, entre proeminências iniciais e acentos especiais).

Observando a *tendência para evitar choques de proeminências secundárias com acentos morfológicos*, nas respostas concordantes, não encontramos qualquer proeminência secundária sobre uma vogal fraca em posição de choque com um acento morfológico, o que sugere que as vogais fracas em tal posição não podem receber uma proeminência secundária.

Por outro lado, quase todos os exemplos de vogais fortes que não receberam uma proeminência secundária consistem em palavras cuja vogal forte se encontra em posição de choque com um acento primário (cf. *dé Moçamb**í**que*) ou com um acento secundário morfológico (cf. *laranja**z**itos*, *pós-interven**ç**ões*<sup>18</sup>). No entanto, ao contrário do que acontece com as vogais fracas, também encontramos alguns exemplos de choque entre a proeminência sobre uma vogal forte e um acento morfológico (cf. *int**er**cep**ç**ões*,

<sup>18</sup> Lembramos que o itálico e o negrito indicam os *CSs não identificados como acentuados* por, pelo menos, quatro das cinco informantes (em palavras relativamente às quais as informantes concordam apenas quanto à acentuação de alguns CSs). Como *pós-intervenções* está escrito em itálico, a indicação dos CSs não acentuados faz-se através da letra normal e do negrito.

*fracçãoezinhas*), o que aponta para a opcionalidade desta tendência para evitar os choques com acentos morfológicos, (apenas) no caso das vogais fortes.

O conjunto de todas as respostas das informantes confirma esta tendência (cf. Quadros 13 e 14). Excepto nas  $\omega$ s simples com apenas um CS pré-tónico (com 23,33%), quase todas as vogais fracas apresentam proporções muito baixas de proeminências secundárias identificadas em posição de choque acentual. Nas respostas concordantes, não encontramos a possibilidade de uma vogal fraca provocar um choque acentual nem mesmo no caso das palavras com apenas um CS pré-tónico<sup>19</sup>.

As vogais fortes, por seu turno, apresentam proporções de acentuação secundária bastante mais elevadas, embora a maioria das vogais fortes em posição de choque acentual não tenha recebido qualquer proeminência secundária, o que confirma que a acentuação secundária das vogais fortes em posição de choque acentual é evitada mas não proibida.

As proporções apresentadas permitem ainda constatar que constituem configurações de choque acentual a ocorrência de um acento secundário morfológico à direita ou à esquerda da vogal secundariamente acentuável, no interior de uma  $\omega^{\max}$ . De facto, a proporção de vogais fortes acentuadas nestes contextos é relativamente baixa – cf. 36,25% e 21,00% de vogais fortes acentuadas imediatamente antes e imediatamente depois de um acento secundário morfológico, respectivamente. Além disso, a proporção de vogais fortes acentuadas no primeiro CS de  $\omega_2$  é mais baixa quando este CS se encontra em posição de choque com o acento secundário morfológico de  $\omega_1$  (cf. 21,00% de primeiros CSs acentuados em posição de choque acentual vs. 40,00% quando não em posição de choque acentual).

---

<sup>19</sup> Cf. Quadros 2 e 3 na secção 4.3.1. e Anexo III.

Quadro 13: Proporções (em %) de ocorrência de choques com acentos morfológicos nas  $\omega$ s simples e nas  $\omega$ s compostas, tendo em conta os dois grupos de vogais (todas as respostas)

Proporções (%)	$\omega$ simples		$\omega$ compostas			
	choques com ac. primário ( $\omega$ com 1 CS pré-tónico)	choques com ac. primário ( $\omega$ com >1 CS pré-t.)	choques com ac. primário	choques com ac. sec. morf. seguinte (em $\omega$ 1)  cf. <i>fracçãoezinhas</i>	choques com ac. sec. morf. anterior (proem. no 1º CS de $\omega$ 2)  cf. <i>pró-funchalenses</i>	<i>não-choques</i> com ac. sec. morf. anterior (proem. no 1º CS de $\omega$ 2)  cf. <i>inter-culturalidade</i>
V fortes	49,41%	40,90%	29,03%	36,25%	21,00%	40,00%
V fracas	23,33%	0,51%	0,86%	5,00%	1,66%	17,20%

A *impossibilidade de choques acentuais entre acentos secundários* é também visível nos dados e nos resultados gerais (cf. Quadro 14). Nas respostas concordantes, não encontramos qualquer exemplo de choque entre duas proeminências secundárias. Nos resultados gerais, a proporção deste tipo de choques acentuais é muito baixa, excepto no caso de choques entre CSs com duas vogais fortes nas  $\omega$ s simples. As proporções mais elevadas deste último caso podem dever-se ao facto de o falante poder optar pela acentuação de uma das duas vogais fortes e de, conseqüentemente, as InfAudi projectarem as duas proeminências possíveis, em vez de identificarem a efectivamente produzida.

Quadro 14: Proporções (em %) de ocorrência de choques entre acentos secundários nas  $\omega$ s simples e nas  $\omega$ s compostas, tendo em conta os grupos de vogais (todas as respostas)

$\omega$ simples			$\omega$ compostas		
choques entre ac. iniciais (V fortes)	choques entre ac. iniciais (V forte / V fraca)	choques entre ac. inicial e ac. especial	choques entre ac. iniciais (V fortes)	choques entre ac. iniciais (V forte / V fraca)	choques entre ac. inicial e ac. especial
12,80%	1,82%	1,43%	0,00%	0,72%	2,50%

#### 4.3.5. A interacção da posição dos conjuntos silábicos na palavra com os restantes factores

Tal como foi brevemente referido na secção 4.3.2, os nossos resultados permitem-nos constatar a importância de duas motivações para a distribuição da proeminência secundária: a posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  e a qualidade da vogal. No entanto, o *corpus* não nos permite verificar se estas duas motivações interagem, constituindo um único processo, ou se estamos perante dois processos independentes. Apresentando vogais fortes apenas até ao terceiro CS, o *corpus* não nos permite saber se a existência de vogais fortes para além da posição inicial também daria origem à atribuição de proeminências secundárias. Por ser mais económico considerar a existência de um único fenómeno, partiremos do pressuposto de que estamos perante *um único processo de acentuação secundária (inicial), que é o resultado da interacção das motivações “posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$ ” e “qualidade da vogal”,* e deixamos a possibilidade de distinção de dois processos independentes (ou, pelo menos, diferentes) de proeminência secundária para investigação futura.

Sendo a relevância da qualidade da vogal na distribuição da proeminência secundária mais evidente, torna-se necessário apresentar os factos que indicam que a posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  também tem um papel muito importante no processo em causa.

Em primeiro lugar, o factor “*posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$ ” apresenta um comportamento completamente diferente* do dos outros factores (qualidade das vogais; número de CSs pré-tónicos em  $\omega/\omega^{\min}$ ; e posição dos CSs acentuáveis em relação aos restantes acentos). Enquanto as proeminências secundárias ocorrem obrigatoriamente na fronteira inicial de  $\omega$  (isto é, não podem ocorrer depois do terceiro CS pré-tónico, no sentido esquerda-direita), os restantes factores constituem meras tendências, mais ou menos fortes, que permitem excepções.

Vejamos dois exemplos da opcionalidade das tendências relacionadas com os factores “qualidade das vogais” e “posição dos CSs acentuáveis relativamente aos restantes acentos”. Apesar de a proeminência secundária ser preferencialmente atribuída às vogais fortes, nas  $\omega$ s com adjunto, esta pode ser atribuída a qualquer uma das posições iniciais, mesmo que numa delas existam apenas vogais fracas (cf. 4.3.2). Vejam-se os seguintes

exemplos: *em familiaridade*, *em familiaridade* (proeminência no adjunto com vogal forte ou numa das vogais fracas da  $\omega$  que constitui o hospedeiro do clítico); *subdesenvolvimentos*, *subdesenvolvimentos* (proeminência no adjunto com vogal fraca ou numa das vogais fortes da  $\omega$  que constitui a base do prefixo).

Os dados mostram que o factor “posição dos CSs acentuáveis relativamente aos restantes acentos” influencia a escolha do padrão de acentuação inicial, na medida em que leva a evitar choques e lapsos acentuais. No entanto, alguns dados apresentam choques e lapsos, o que revela a opcionalidade desta restrição (cf. secções 4.3.4 e 4.3.3, respectivamente). Observemos os exemplos que se seguem: *elvenses*, *intérceções* (choques entre proeminências iniciais sobre vogais fortes e acentos primários); *pró-federalização*, *ocidentalizações* (lapsos que poderiam ser evitados, se a proeminência fosse atribuída ao segundo CS ou ao terceiro CS, respectivamente).

Em segundo lugar, também sustenta a importância da posição inicial do CS o facto de serem frequentemente atribuídas *proeminências secundárias em posições iniciais apenas com vogais fracas*.

O facto de encontrarmos *muitas tendências na localização da proeminência inicial do PE que estão relacionadas com a posição dos CSs na  $\omega/\omega^{min}$  e são independentes do tipo de vogal* constitui a terceira evidência de que a qualidade da vogal não pode ser a única motivação básica de distribuição da proeminência em causa. Referiremos três tipos de factos independentes da qualidade da vogal.

O primeiro facto consiste nas diferentes proporções atribuídas ao mesmo tipo de vogal em função da sua posição na palavra. Comparando, por exemplo, a proporção de vogais não reduzidas que receberam uma proeminência secundária (em relação ao total de vogais não reduzidas existentes no *corpus*)<sup>20</sup>, verificamos que esta proporção varia em função da posição das vogais: foram acentuadas 80,50% das vogais não reduzidas localizadas no segundo CS; 66,67% das localizadas no primeiro CS; e 54,29% das existentes no terceiro CS.

O segundo facto que revela alguma independência da atribuição da

---

<sup>20</sup> Cf. Quadro 6, da secção 4.3.2.

proeminência inicial relativamente à qualidade da vogal reside na influência exercida pela condicionante adicional “número de CSs pré-tónicos em  $\omega/\omega^{\text{min}}$ ” na localização desta proeminência. Podemos observar tendências de localização da proeminência independentes da qualidade da vogal, de dois modos: (i) através da comparação das proporções de proeminências atribuídas a vogais do mesmo tipo (vogais nasais com vogais nasais, vogais reduzidas com vogais reduzidas...) em palavras com o mesmo número de CSs pré-tónicos; e (ii) através da comparação das proporções de acentos atribuídos a palavras apenas com vogais fortes na posição inicial com as proporções de acentos em palavras apenas com vogais fracas.

Vejam os dois exemplos da comparação proposta em (i)<sup>21</sup>. Em  $\omega$ s simples de dois CSs pré-tónicos, a proeminência é mais frequentemente atribuída ao primeiro CS, independentemente da qualidade da vogal que aí ocorra. Em  $\omega$ s com um adjunto seguido por três ou quatro CSs pré-tónicos, a proeminência secundária tende a ocorrer sobre o segundo CS, quer comparemos vogais nasais com vogais nasais, quer vogais não reduzidas com vogais não reduzidas, quer [i,u,e] com [i,u,e].

Utilizando a comparação proposta em (ii)<sup>22</sup>, constatamos igualmente que existem tendências independentes da qualidade da vogal. Assim, observando  $\omega$ s apenas com vogais fracas na posição inicial, descobrimos duas tendências diferentes: a de atribuir a proeminência ao primeiro CS de  $\omega$ s com apenas dois CSs pré-tónicos e a de atribuir a proeminência ao segundo CS nas  $\omega$ s com mais de dois CSs pré-tónicos.

O terceiro facto a revelar uma certa independência relativamente ao tipo de vogal e a sublinhar o papel da posição do CS na  $\omega$  consiste na importância da “posição do CS acentuável relativamente aos restantes acentos”, uma condicionante que tende a evitar choques e lapsos acentuais. Assim, tanto as vogais fortes como as vogais fracas podem não receber qualquer proeminência inicial por estarem em posição de choque acentual – cf. *ocidentais*, *o solteiro*, *pós-intervenções*, *missangas*. Por outro lado, a tendência para evitar lapsos acentuais manifesta-se, por exemplo, em palavras com uma cadeia pré-tónica longa,

<sup>21</sup> Esta comparação foi utilizada na secção 4.3.3 (Quadros 9, 10, 11 e 12).

<sup>22</sup> Cf. dados a apresentar no Quadro 15, nesta mesma secção, e no Anexo IV.

através da escolha preferencial da acentuação ou da última vogal forte em posições iniciais com mais de uma vogal forte (cf. a *complexificação, pré-consonantizações*), ou do segundo CS em posições iniciais incluindo apenas vogais fracas (cf. *mini-aspiradores, proporcionalidades*\*3). Nestes casos, a escolha de uma das vogais não depende da sua qualidade, mas da sua distância relativamente aos restantes acentos da palavra.

Tendo verificado a importância da posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  e da qualidade da vogal na distribuição da proeminência inicial, já podemos propor uma descrição do modo de atribuição da proeminência inicial. Assim, o falante pode optar por um de cinco padrões (zero proeminências iniciais; proeminência no adjunto; proeminência no primeiro CS; proeminência no segundo CS; ou proeminência no terceiro CS), sendo a sua opção obrigatoriamente condicionada pela qualidade da vogal, e opcionalmente influenciada pelo número de CSs pré-tônicos de  $\omega/\omega^{\min}$  e pela posição do CS acentuável relativamente a outros acentos.

Para melhor observar a interacção entre os quatro factores importantes na localização da proeminência secundária inicial (posição inicial e qualidade da vogal, como motivações básicas; número de CSs pré-tônicos de  $\omega/\omega^{\min}$  e posição do CS acentuável relativamente a outros acentos, como condicionantes adicionais), apresentamos, no Quadro 15, as proporções relativas à acentuação dos três CSs iniciais em algumas  $\omega$ s simples e  $\omega$ s com adjunto<sup>23</sup>. Estas proporções confirmam a descrição dos dados até agora realizada e mostram como as tendências acentuais estão mais marcadas nas respostas concordantes: nestas, as proporções de acentuação de acordo com um determinado padrão consistem quase sempre em 0,00% ou 100,00%.

---

<sup>23</sup> Cf. proporções relativas a todas as palavras no Anexo IV.

Quadro 15: Proporções (em %) de acentuação dos três CSs iniciais em algumas *ōs* simples e *ōs* com adjunto, tendo em conta a qualidade das vogais

Qualidade da vogal nos três CSs iniciais <i>e.g.</i> 1° fraco – 2° forte – prim.: 1° CS com vogal fraca, seguido de um 2° CS com vogal forte e do acento primário	TODAS AS RESPOSTAS			RESPOSTAS CONCORDANTES		
	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)
<b>1 CS pré-tónico</b>						
1° fraco – prim.	<b>60</b>	14	23,33	<b>37</b>	0	0,00
1° forte - prim.	<b>85</b>	42	49,41	<b>21</b>	9	42,86
<b>2 CSs pré-tónicos</b>						
1° fraco – 2° fraco - prim.	<b>20</b>	9	45,00	<b>4</b>	0	0,00
1° fraco – 2° forte - prim.	<b>30</b>	7	23,33			
1° fraco – 2° forte - prim.		12	40,00			
1° forte - 2° forte - prim.	<b>30</b>	8	26,67			
1° forte - 2° forte - prim.		14	46,67			
<b>3 CSs pré-tónicos</b>						
1° fraco - 2° forte - 3° fraco	<b>65</b>	65	100,00	<b>65</b>	65	100,00
1° forte - 2° fraco - 3° fraco	<b>35</b>	33	94,29	<b>32</b>	32	100,00
1° forte - 2° forte - 3° fraco	<b>60</b>	11	18,33	<b>17</b>	0	0,00
1° forte - 2° forte - 3° fraco		39	65,00		17	100,00
<b>5 CSs pré-tónicos</b>						
1° fraco - 2° fraco - 3° fraco	<b>40</b>	7	17,50	<b>4</b>	0	0,00
1° fraco - 2° fraco - 3° fraco		15	37,50		0	0,00
1° forte - 2° fraco - 3° forte	<b>25</b>	14	56,00			
<b>adjunto</b>						
adjt. fraco - prim.	<b>50</b>	11	22,00	<b>35</b>	0	0,00
adjt. forte - prim.	<b>60</b>	19	31,67	<b>19</b>	0	0,00
<b>adjunto + 1 CS pré-tónico</b>						
adjt. fraco – 1° fraco – prim.	<b>20</b>	7	35,00	<b>4</b>	0	0,00
adjt. fraco – 1° fraco – prim.		0	0,00			
adjt. forte - 1° forte - prim.	<b>20</b>	11	55,00	<b>4</b>	4	100,00
adjt. forte - 1° forte - prim.		2	10,00		0	0,00
<b>adjunto + 2 CSs pré-tónicos</b>						
adjt. fraco - 1° fraco - 2° fraco - prim.	<b>20</b>	1	5,00			
adjt. fraco - 1° fraco - 2° fraco - prim.		9	45,00			
adjt. fraco - 1° fraco - 2° forte - prim.	<b>10</b>	4	40,00			
adjt. fraco - 1° fraco - 2° forte - prim.		2	20,00			
adjt. Ø - 1° forte - 2° forte - prim.	<b>20</b>	13	65,00	<b>4</b>	4	100,00
adjt. Ø - 1° forte - 2° forte - prim.		6	30,00		0	0,00
<b>adjunto + 3 CSs pré-tónicos</b>						
adjt. fraco - 1° fraco - 2° forte - 3° fraco	<b>20</b>	16	80,00	<b>10</b>	10	100,00
adjt. forte - 1° forte - 2° fraco - 3° fraco	<b>35</b>	7	20,00			
adjt. forte - 1° forte - 2° fraco - 3° fraco		15	42,86			

Quando uma palavra apresenta *apenas vogais fracas*, esta é menos frequentemente acentuada – cf., por exemplo, a atribuição de acentos a 45% das palavras com dois CSs pré-tônicos apresentando vogais fracas, e a 73,34% (isto é, 26,67% no primeiro CS e 46,67% no segundo CS) das palavras com dois CSs pré-tônicos de vogais fortes, no conjunto de todas as respostas – sendo esta tendência mais evidente, se considerarmos apenas as respostas concordantes.

Em palavras com apenas vogais fracas, frequentemente é acentuado o adjunto ou o primeiro CS. Por exemplo, nas palavras com um adjunto e um primeiro CS fracos, foram atribuídos acentos secundários a 35% dos adjuntos e a 0% dos primeiros CSs, evitando-se assim um choque acentual entre o eventual acento secundário do primeiro CS e o acento primário de  $\omega$ .

Nas palavras com um adjunto e dois CSs pré-tônicos, foram atribuídas proeminências iniciais a 5% dos adjuntos e a 45% dos primeiros CSs. Deste modo, as proeminências encontram-se mais próximas do acento primário, evitando-se um lapso de dois CSs, o que confirma que a escolha do padrão acentual é influenciada não só pela posição do CS relativamente ao acento primário, mas também pelo número de CSs pré-tônicos de  $\omega/\omega^{\text{min}}$ . A maior proporção de acentos secundários atribuídos ao segundo CS de vogal fraca em  $\omega$ s simples de cinco CSs pré-tônicos (cf. 17,50% de proeminências no contexto 1° FRACO – 2° FRACO – 3° FRACO; e 37,50% no contexto 1° FRACO – 2° FRACO – 3° FRACO) confirma igualmente a relevância do número de CSs pré-tônicos. Quanto mais longa for uma cadeia pré-tônica, maior a tendência para atribuir as proeminências iniciais ao segundo (ou ao terceiro) CS da palavra.

No caso das palavras com *vogais fracas e apenas um CS de vogal forte*, as proeminências secundárias iniciais são, quase sempre, atribuídas à vogal forte. Geralmente ocorrem menos acentos em palavras com a vogal forte em posição de choque acentual (cf. 49,41% de acentos no contexto 1° FORTE – PRIM.; 40% em 1° FRACO – 2° FORTE; e 20% em ADJT. FRACO – 1° FRACO – 2° FORTE – PRIM.). Pelo contrário, as palavras com uma vogal forte não localizada em posição de choque apresentam uma proporção muito elevada de proeminências secundárias (cf. 100% de acentos no contexto 1° FRACO – 2° FORTE – 3° FRACO; 94,29% em 1° FORTE – 2° FRACO – 3° FRACO; e 80% em ADJT. FRACO – 1° FRACO – 2°

FORTE – 3º FRACO).

Se a palavra apresenta *mais do que uma vogal forte*, a proeminência inicial tende a ocorrer sobre a vogal forte mais à direita, quando esta não se encontra em posição de choque acentual (cf. 65% de acentos no contexto *1º FORTE* – 2º FORTE – 3º FRACO e 42,86% em *ADJT. FORTE* – 1º FORTE – 2º FRACO – 3º FRACO), e sobre a vogal forte mais à esquerda, nos restantes contextos (cf. 55% de acentos no contexto *ADJT. FORTE* – *1º FORTE* – *PRIM.* e 65% em *ADJT. Ø* – 1º FORTE – 2º FORTE – *PRIM.*). Estas duas tendências opostas sugerem fortemente a tendência para, por um lado, evitar os lapsos acentuais (daí a acentuação mais frequente de um CS mais próximo do acento primário) e de, por outro lado, evitar os choques acentuais (explicando-se, assim, a atribuição de acentos à vogal forte mais à esquerda quando a da direita se encontra em posição de choque acentual).

Vamos agora sistematizar as generalizações, feitas a partir dos dados e dos resultados gerais, relativamente à proeminência secundária inicial.

Uma das motivações básicas de distribuição da proeminência secundária inicial parece ser a *posição inicial de  $\omega/\omega^{min}$* . Os dados sugerem ainda que este *processo de limite* tem como *unidade relevante o CS* e como *domínio a  $\omega/\omega^{min}$* . A posição inicial do domínio pode ser constituída apenas pelo adjunto ou pelos três CSs iniciais da  $\omega$  (nas  $\omega$ s simples), da  $\omega$  à qual se adjuge o proclítico ou o prefixo (nas  $\omega$ s com adjunto) ou da  $\omega^{min}$  (nas  $\omega$ s compostas). Assim, nas  $\omega$ s simples e nas  $\omega^{min}$  de  $\omega$ s compostas, podemos não encontrar nenhuma proeminência secundária ou encontrar uma proeminência em qualquer um dos CSs que constituem a posição inicial (o primeiro, o segundo e o terceiro). Nas  $\omega$ s com adjunto, que apresentam duas posições iniciais de  $\omega$ , além dos padrões acentuais partilhados pelas  $\omega$ s simples e pelas  $\omega^{min}$  de  $\omega$ s compostas, encontramos a possibilidade de atribuir uma proeminência secundária ao adjunto. Assim, a proeminência secundária pode apresentar *cinco padrões acentuais diferentes*: (i) zero proeminências; (ii) proeminência no adjunto; (iii) proeminência no primeiro CS; (iv) proeminência no segundo CS; (v) proeminência no terceiro CS. A opção por um destes padrões é geralmente condicionada por três outros factores: (i) qualidade da vogal presente nos CSs da posição inicial de  $\omega/\omega^{min}$ ; (ii) número de CSs pré-tónicos em  $\omega/\omega^{min}$ ; e (iii) posição dos CSs acentuáveis

relativamente aos restantes acentos da  $\omega/\omega^{\max}$ .

A *qualidade da vogal* parece constituir a motivação básica para a distribuição da proeminência inicial que interage com a posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$ . Quando na posição inicial de  $\omega$  existem *apenas vogais fracas* (isto é, vogais reduzidas, [i, i, u, v]), os padrões que podem ser escolhidos são “zero proeminências”, “proeminência no adjunto”, “proeminência no primeiro CS” ou “proeminência no segundo CS”. Quando, co-ocorrendo ou não com vogais fracas, existe *uma única vogal forte* na posição inicial de  $\omega$ , esta tende a ser acentuada. Nestes contextos, evita-se o padrão “zero proeminências” e nunca se atribui uma proeminência a uma vogal fraca. Quando na posição inicial de  $\omega$  encontramos *mais do que uma vogal forte*, tende-se a atribuir a proeminência secundária à vogal forte mais à direita, embora também se possa acentuar a vogal forte mais à esquerda. Esta última possibilidade é utilizada sobretudo quando a vogal forte da direita se encontra em posição de choque acentual. Nas *ox com adjunto*, é possível optar pela acentuação do adjunto (independentemente da qualidade da vogal nele presente) ou da posição inicial da  $\omega$  à qual este se encontra adjungido, ainda que se prefira a acentuação de uma vogal forte.

O *número de CSs pré-tônicos existentes em  $\omega/\omega^{\min}$*  também influencia a escolha do padrão acentual. Assim, perante vogais com a mesma “força”, opta-se por acentuar a vogal mais à esquerda ou a vogal mais à direita, de acordo com o tamanho da cadeia pré-tónica: em palavras com um ou dois CSs pré-tônicos, utilizam-se preferencialmente os padrões “zero proeminências” ou “proeminência no primeiro CS”; em palavras mais longas, acentuam-se de preferência o segundo ou o terceiro CS e evita-se o padrão “zero proeminências”. Esta influência adicional mostra uma tendência, opcional, para evitar sequências longas de CSs completamente átonos, isto é, lapsos acentuais.

A *posição dos CSs acentuáveis relativamente a outros acentos* é igualmente importante, pois procura-se evitar choques acentuais. Os *choques entre acentos secundários*, isto é, entre a proeminência inicial e o acento especial, não são permitidos. Quanto aos *choques entre a proeminência inicial e um acento morfológico* (acento primário, acento secundário morfológico no CS anterior ou no CS seguinte), estes são preferencialmente evitados, mas completamente proibidos apenas quando a vogal secundariamente acentuável é fraca.

#### 4.4. O contexto prosódico e a proeminência secundária

O contexto prosódico parece exercer alguma influência apenas sobre a *quantidade de proeminências atribuídas*. Ao observar as proporções de atribuição de proeminências secundárias nos três tipos de  $\omega$  tendo em conta os diferentes contextos prosódicos, verificamos que, num mesmo tipo de  $\omega$ , não existem grandes diferenças entre os valores de um contexto prosódico e os de outro – cf. diferenças de percentagem nas  $\omega_1$  de  $\omega$ s compostas na Figura (8c): 54,00% de proeminências atribuídas ao início de U; 58,18% ao início de I; e 58,95% ao início de  $\phi$ .

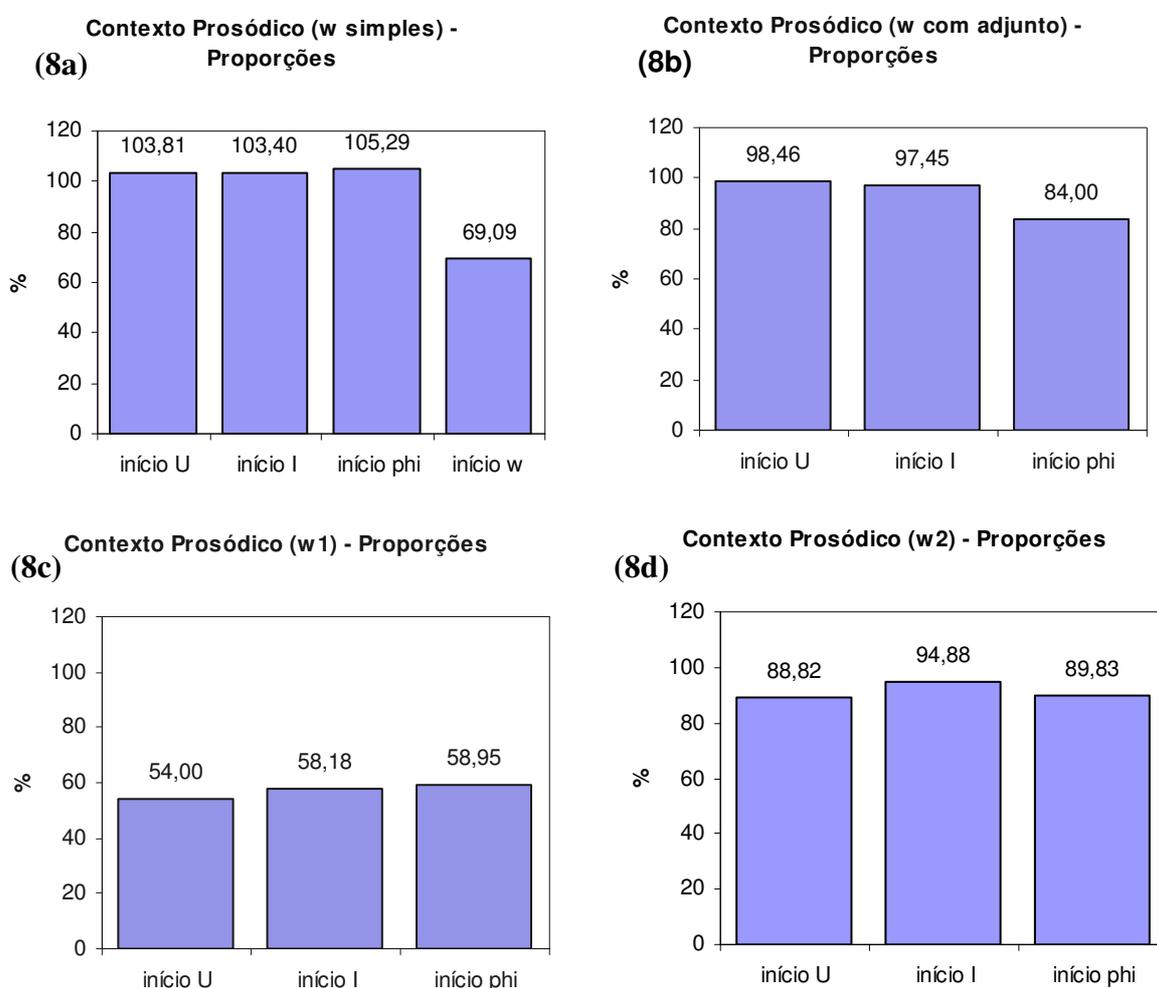


Figura 8: Proporção (em %) de atribuição de proeminências em diferentes contextos prosódicos – às  $\omega$  simples, em (8a), às  $\omega$  com adjunto, em (8b), às  $\omega_1$  de  $\omega$ s compostas, em (8c), e às  $\omega_2$  de  $\omega$ s compostas, em (8d).

No entanto, se considerarmos a existência de uma escala em que os diferentes contextos prosódicos são ordenados de acordo com a proporção de proeminências recebidas, verificamos que esta escala varia bastante de acordo com os tipos de  $\omega$  (cf. Figura (8)). Assim, o contexto prosódico com uma maior proporção de proeminências recebidas é o início de  $\phi$  nas  $\omega$ s simples e nas  $\omega_1$  de  $\omega$ s compostas, o início de U nas  $\omega$ s com adjunto, e o início de I nas  $\omega_2$  de  $\omega$ s compostas. Pelo contrário, não considerando a percentagem relativa ao início de  $\omega$  (contexto que só existe para as  $\omega$ s simples), o contexto prosódico com menor percentagem de proeminências recebidas é constituído pelo início de  $\phi$  nas  $\omega$ s com adjunto, pelo início de U nas  $\omega_1$  e  $\omega_2$  de  $\omega$ s compostas, e pelo início de I nas  $\omega$ s simples. Verificamos, pois, que os vários contextos prosódicos podem ocupar posições muito diferentes na escala de proporções de acentos recebidos: nos dados relativos a um certo tipo de  $\omega$  podem constituir o contexto que mais proeminências recebeu e nos dados relativos a outro tipo de  $\omega$  podem ocupar já a última posição em termos de proporção de proeminências apresentadas.

Apesar de tal variação, é possível verificar que o lugar ocupado pela proporção de proeminências atribuídas no contexto prosódico “início de I” na escala relativa a cada tipo de  $\omega$  apresenta alguma estabilidade. Este contexto apresenta sempre uma proporção de proeminências recebidas elevada relativamente às proporções dos restantes contextos: se não constitui o contexto prosódico com a maior proporção de proeminências, pelo menos apresenta um valor bastante próximo da proporção mais elevada (cf. dados relativos às  $\omega$ s com adjunto: 97,45% de proeminências percebidas no início de I e 98,46% de proeminências no início de U). Além disso, se considerarmos os valores relativos ao conjunto dos três tipos de  $\omega$ , verificamos que o contexto que apresenta uma maior proporção de proeminências percebidas é precisamente o início de I (cf. Figura (9)), tanto quando consideramos todos os acentos, como quando apenas temos em conta os acentos ouvidos em palavras não apresentando qualquer problema de leitura (isto é, na *leitura normal*).

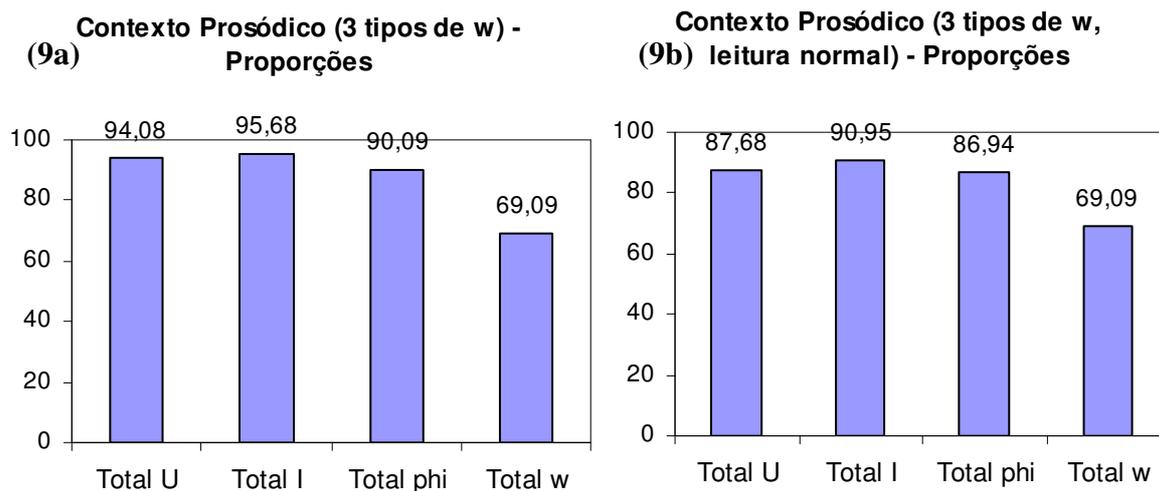


Figura 9: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a palavras em diferentes contextos prosódicos, considerando todas as palavras do *corpus*, em (9a), e apenas as palavras com uma leitura normal, em (9b).

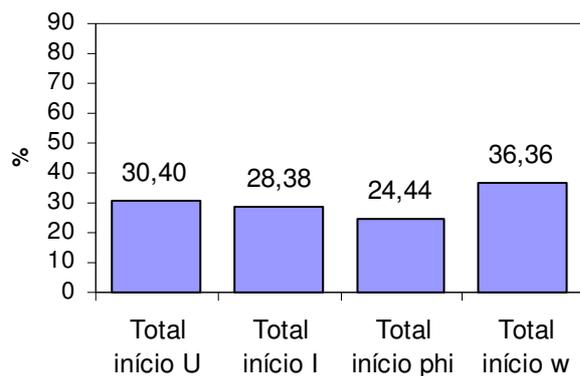
Assim, estes resultados sugerem que a influência do contexto prosódico na quantidade de proeminências atribuídas não é muito forte, já que as diferenças nas proporções relativas a cada contexto prosódico são pequenas (veja-se novamente a Figura (9)). No entanto, também mostram que as  $\omega$ s localizadas no interior de um  $\phi$  (palavras no contexto prosódico “início de  $\omega$ ”) são as que recebem menos frequentemente proeminências secundárias, e indiciam que a posição inicial de I tende a apresentar uma maior proporção de proeminências secundárias. Quando uma  $\omega$  se encontra em posição inicial de I (o segundo constituinte mais alto na hierarquia), parece ser mais provável que receba uma (ou duas) proeminências secundárias.

Se considerarmos a proporção de *proeminências secundárias atribuídas apenas ao primeiro CS* (cf. Figura (10a)), verificamos que, ao contrário do que acontece se contabilizarmos todas as proeminências percebidas, estas ocorrem mais frequentemente no início de  $\omega$ , isto é, em fronteiras de  $\omega$  não coincidentes com fronteiras de constituintes mais vastos ( $\phi$ , I...). Esta proporção elevada deve-se aos factos de quase todas as  $\omega$ s internas a um  $\phi$  (isto é, que não deram origem a um novo  $\phi$ , mas foram integradas no  $\phi$  que continha a  $\omega$  anterior) apresentarem um número reduzido de CSs pré-tónicos e de as palavras com poucos CSs pré-tónicos receberem preferencialmente uma

proeminência secundária no primeiro CS. Quanto aos restantes contextos prosódicos, verificamos novamente que o início de I apresenta uma proporção de proeminências relativamente elevada: é superior à proporção de proeminências percebidas no início de  $\phi$  e o seu valor não difere muito do apresentado pelo contexto “início de U” (contexto com maior proporção de proeminências recebidas depois do contexto “início de  $\omega$ ”).

Na Figura (10b), apresentamos a proporção de *proeminências secundárias iniciais* (isto é, num dos três CSs iniciais do domínio e obedecendo às tendências encontradas na descrição dos dados – cf. secção 4.3.5). Podemos constatar, mais uma vez, que a proporção de proeminências secundárias recebidas é mais elevada no início dos constituintes mais vastos da hierarquia prosódica, sobretudo no início de I.

(10a) Contexto Prosódico (3 tipos de w; s/a.e.; acento no 1º CS) - Proporções



(10b) Contexto Prosódico (3 tipos de w; s/a.e.; acento inicial) - Proporções

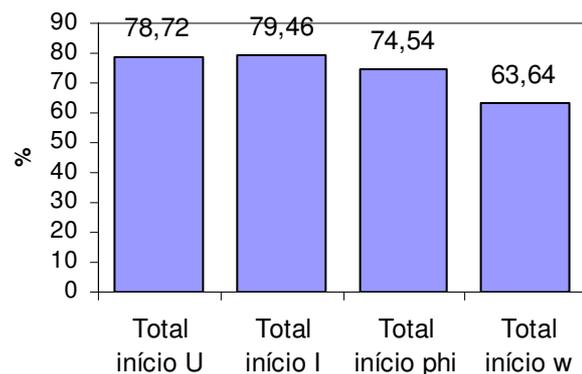


Figura 10: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a palavras em diferentes contextos prosódicos, considerando todas as palavras do *corpus* e omitindo os acentos especiais: em (10a), palavras com acentos no primeiro CS; em (10b), palavras com acentos iniciais (isto é, num dos três CSs iniciais).

Ao contrário do que se verifica para as proeminências iniciais, a proporção de ocorrência dos *acentos especiais* não parece ser influenciada pelo contexto prosódico (cf. Figura (11)). Embora a proporção de acentos especiais também seja mais elevada nos constituintes superiores da hierarquia prosódica, esta diferença é muito pequena. A inexistência de acentos especiais em  $\omega$ s internas a um  $\phi$  (contexto prosódico “início de  $\omega$ ”) deve-se ao facto de a maioria destas palavras apresentar um número reduzido de CSs pré-

-tônicos, não reunindo, conseqüentemente, as condições necessárias para a ocorrência do acento especial.

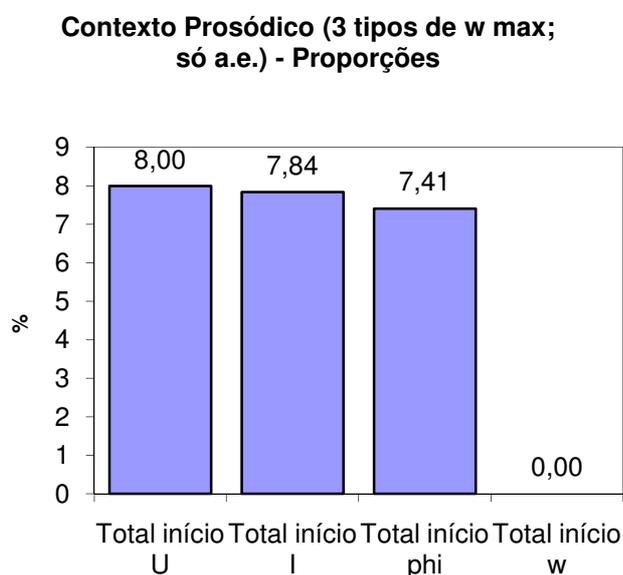


Figura 11: Proporção (em %) de acentos especiais atribuídos a palavras em diferentes contextos prosódicos, considerando todas as palavras do *corpus*.

#### 4.5. A variação entre informantes

Se compararmos as respostas dadas pelas diferentes informantes, verificamos a existência de uma certa variação. Embora a grande maioria das tendências sejam comuns, as respostas de algumas informantes distinguem-se das das outras em relação a um ou a vários factores.

Considerando *todas as proeminências secundárias* percebidas nos *três tipos de ω* (cf. Quadro 16), não encontramos muita variação. Quase todas as InfAudi atribuíram mais frequentemente proeminências às *ω*s simples, seguidas das *ω*s com adjunto e das *ω*s compostas. Apenas as informantes MA e SC se destacam das restantes relativamente à proporção de proeminências atribuídas às *ω*s com adjunto: enquanto MA lhes atribui menos frequentemente proeminências (cf. 13,85% de proeminências nas *ω*s com adjunto existentes vs. 16,14% nas *ω*s compostas), nas respostas de SC estas *ω*s constituem as mais frequentemente acentuadas (cf. 20,77% nas *ω*s com adjunto vs. 20,36% nas *ω*s simples e

19,43% nas  $\omega$ s compostas).

Quadro 16: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas pelas diferentes InfAudi a cada tipo de  $\omega$

		InfAudi				
		EA	MA	PN	SC	SD
Tipo de $\omega$	$\omega$ simples	17,50	18,21	26,67	20,36	18,81
	$\omega$ com adjunto	14,62	13,85	23,85	20,77	18,46
	$\omega$ composta	14,55	16,14	19,77	19,43	14,20

Quando se tem em conta o *contexto prosódico* (cf. Quadro 17), encontramos alguma variação. Comparando os conjuntos de respostas das informantes, a escala de contextos prosódicos com maior proporção de proeminências diverge bastante: por exemplo, no conjunto de respostas de EA e SC, o contexto com maior proporção de acentos secundários é o início de I, seguido pelo início de  $\phi$  e de U; nas respostas de SD, a maior proporção de acentos já se verifica no início de U, seguido pelo início de I e de  $\phi$ .

No entanto, encontramos duas características comuns a todos os conjuntos de respostas: (i) a posição prosódica com a proporção de proeminências mais elevada consiste sempre ou no início de I ou no início de U; e (ii) o início de  $\omega$  constitui sempre o contexto prosódico com a proporção de proeminências mais baixa.

Quadro 17: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas pelas diferentes InfAudi a cada contexto prosódico

		InfAudi				
		EA	MA	PN	SC	SD
Contexto Prosódico	Total início U	15,20	17,60	24,32	17,12	19,84
	Total início I	16,08	14,73	24,86	22,03	17,97
	Total início $\phi$	15,56	16,30	21,85	21,11	15,28
	Total início $\omega$	12,73	14,55	21,82	10,91	9,09

Observando a proporção de *acentos especiais* identificada por cada uma das InfAudi constatamos igualmente alguma variação (cf. Quadro 18). Enquanto as respostas de EA, MA e PN apresentam proporções semelhantes de acentos especiais (entre 7% e 8%), as respostas de SC incluem muitos mais acentos especiais (17,14%) e as de SD

muitos menos (2,14%).

Quadro 18: Proporção (em %) de acentos especiais identificados pelas diferentes InfAudi

	InfAudi				
	EA	MA	PN	SC	SD
<b>Acentos especiais</b>	8,10	7,86	8,33	17,14	2,14

Nos resultados relativos às *proeminências iniciais*, encontramos novamente alguma variação. No Quadro 19, apresentando as *posições de  $\omega/\omega_2$*  (isto é,  $\omega$ s simples,  $\omega$ s com adjunto e  $\omega_2$  de  $\omega$ s compostas) onde foram identificadas proeminências, vemos como três informantes (EA, MA e SC) atribuem proeminências iniciais mais frequentemente ao segundo CS, enquanto as restantes (PN e SD) atribuíram uma maior proporção de proeminências ao adjunto. A segunda posição em  $\omega/\omega_2$  mais frequentemente acentuada é constituída ou pelo primeiro CS de  $\omega/\omega_2$  ou pelo segundo CS (quando este não foi o mais acentuado). Tais proporções mostram que algumas informantes (PN e SD) apresentam tendências próprias, embora estas não difiram muito das tendências gerais.

Quadro 19: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas pelas diferentes InfAudi a cada posição em  $\omega/\omega_2$

		InfAudi				
		EA	MA	PN	SC	SD
<b>CS pré-tónico E-D de <math>\omega/\omega_2</math></b>	1° CS E-D	5,14	5,70	10,00	6,45	6,64
	2° CS E-D	7,44	7,67	7,62	8,14	7,73
	3° CS E-D	3,40	3,55	4,56	5,25	3,09
	4° CS E-D	0,60	0,84	1,08	1,80	0,60
	5° CS E-D	0,00	0,22	0,00	0,45	0,00
	adjunto	4,56	1,03	12,06	4,41	9,12
	<b>Total</b>	<b>4,47</b>	<b>4,43</b>	<b>6,96</b>	<b>5,52</b>	<b>5,37</b>

Relativamente ao *núcleo do CS* secundariamente acentuado, as informantes já apresentam preferências individuais mais marcadas (cf. Quadro 20). A informante SD atribui uma proporção mais elevada de proeminências a vogais e ditongos nasais (10,47% / 12,86%). As InfAudi EA, MA e PN consideraram mais frequentemente acentuadas as vogais não reduzidas e vogais de ditongos orais, seguidas pelas vogais nasais. A informante SC, por seu turno, percepcionou mais proeminências secundárias nas vogais

nasais e nas não reduzidas, identificando uma proporção baixa de acentos sobre os ditongos (orais e nasais) e uma proporção relativamente elevada sobre as vogais reduzidas ([i,u,e]) e o schwa ([ɨ]).

Quadro 20: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas pelas diferentes InfAudi a cada tipo de núcleo de CS

		InfAudi				
		EA	MA	PN	SC	SD
<b>Núcleo do CS</b>	V nas.	7,77	6,58	14,36	9,78	10,47
	V n.redz.	15,45	15,79	14,38	9,09	9,83
	i,u,â	1,34	1,91	2,76	4,48	2,40
	schwa	0,00	0,00	2,27	4,09	0,68
	dit.	10,00	12,14	15,71	3,57	5,00
	dit.nas.	0,71	0,00	13,57	2,86	12,86

A variação e algumas tendências individuais encontradas nas respostas das informantes sugerem que estas nem sempre se limitaram a ouvir as proeminências. Frequentemente podem ter projectado os padrões acentuais que fazem parte do seu conhecimento fonológico. Deste facto advém a necessidade de termos começado a descrição dos dados pelas respostas concordantes, isto é, as respostas comuns a, pelo menos, quatro das cinco InfAudi.

Por outro lado, a constatação de que, nas respostas das cinco informantes, se encontram igualmente muitas tendências comuns confirma a existência destas tendências e reforça a fiabilidade das respostas.

#### 4.6. Avaliação da relevância de outros factores para a proeminência secundária

Nesta secção, pretendemos demonstrar que as motivações “constituição do CS”, “efeito cíclico” e “princípio rítmico binário” apresentam uma menor capacidade de explicação dos dados apresentados, quando comparadas com a “posição inicial de CS” e “qualidade da vogal”, motivações básicas para a distribuição da proeminência inicial no PE, propostas em 4.3. Por esse motivo e também porque conseguimos explicar a grande maioria dos dados sem recorrer a estes factores, consideramos que nenhum deles é relevante para a distribuição da proeminência secundária no PE.

#### 4.6.1. A constituição do conjunto silábico

Ao observarmos as percepções das informantes, constatamos que muitos acentos secundários são atribuídos a CSs com uma composição mais complexa, apresentando, depois da vogal foneticamente realizada, uma consoante (cf. *alterações*, *interculturalidade*, *perturbaçõeszinhas*) ou uma semivogal (cf. *cauteleiros*, *neutralizações*). Estes dados poderiam indicar a relevância da constituição do CS para a atribuição da proeminência secundária. Tal hipótese é, todavia, infirmada por muitos outros dados, só explicáveis se tivermos em conta a posição dos CSs na palavra e os três factores que com ela interagem – cf., por exemplo, *ocidentais* (proeminência sobre um CS incluindo apenas uma vogal), *mercados* (não acentuação de CS com uma consoante depois da vogal), *mini-aspiradores*, *macro-mercantilismo*, *super-arquitectações*, *auto-responsabilizações* (não acentuação de CS que tem consoante final e não está em posição de choque acentual – *as*, *mer*, *ar*, *res* – e acentuação de CS não fechado por consoante – *pi*, *can*, *tec*, *pon*). Como veremos, os resultados gerais confirmam que a constituição do CS não consegue dar conta de grande parte dos dados.

Observando as proporções de proeminências secundárias percebidas em CSs com diferentes constituições (cf. Figura (12)), verificamos que a proporção de proeminências atribuídas a CSs não fechados por consoante é a mais baixa de todas. No entanto, as proporções de acentuação secundária de alguns CSs de constituição mais complexa, mais “pesada” (CSs fechados por /s/ e /r/ e CSs incluindo uma semivogal) também não podem ser consideradas muito elevadas, já que mais de 60% dos CSs que supostamente atraem o acento secundário não receberam qualquer proeminência. Os CSs fechados por /l/ constituem o tipo de CS mais frequentemente acentuado com 65% de acentos sobre o total de CSs deste tipo existentes no *corpus*.

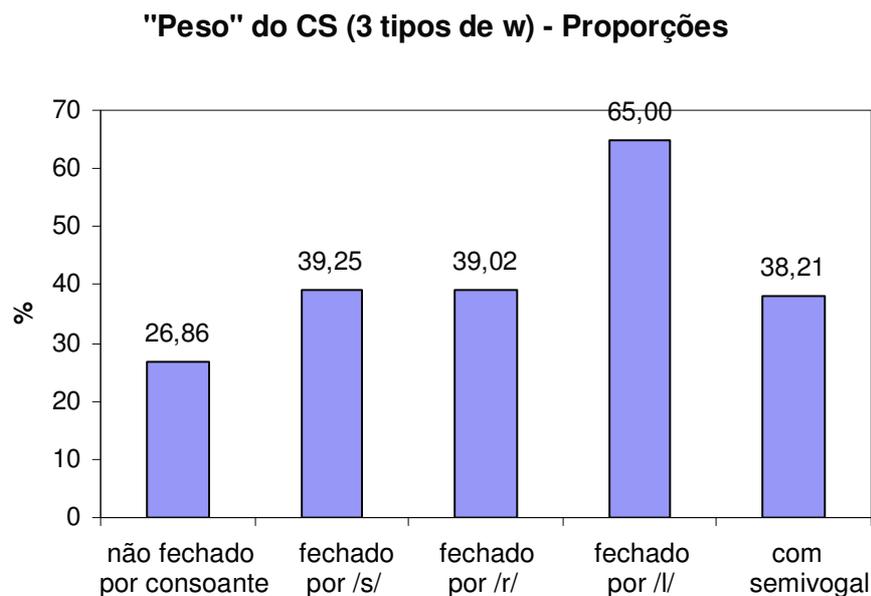
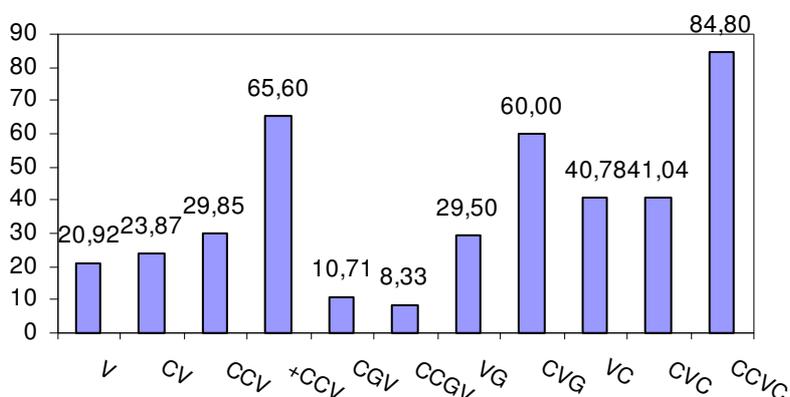


Figura 12: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a CSs com diferentes “pesos”, considerando todas as palavras do *corpus*.

Na Figura (13a) constatamos que os CSs mais frequentemente acentuados apresentam, efectivamente, uma constituição mais complexa: VG com 29,50%; CVG com 60,00%; VC com 40,68%; CVC com 41,04%; e CCVC com 84,80%. No entanto, se compararmos os resultados desta Figura com os da Figura (13b), que inclui apenas os CSs incluindo uma vogal não reduzida ou nasal, verificamos que a maior parte da percentagem atribuída a certos tipos de CSs na Figura (13a) corresponde a CSs com uma vogal forte. Este facto sugere que a qualidade da vogal presente no CS é mais importante do que a complexidade da constituição do CS. Por exemplo, dos 84,80% de proeminências secundárias atribuídas a CSs com a estrutura CCVC, 84,00% foram atribuídos a CSs com uma vogal forte.

(13a) Tipos de CS acentuados (3 tipos de w) - Proporções



(13b) Tipos de CS acentuados (com vogais não reduzidas ou nasais; 3 tipos de w) - Proporções

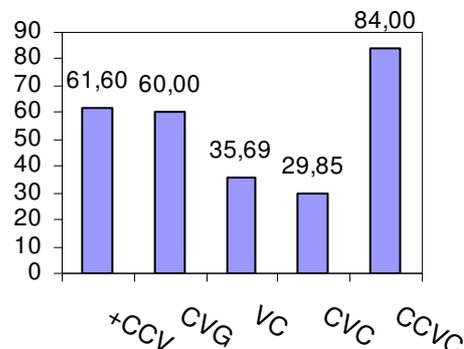


Figura 13: Proporção (em %) de proeminências secundárias atribuídas a CSs com diferentes constituições (em todas as palavras do *corpus*), tendo em conta todas as vogais acentuadas, em (13a), e apenas as vogais não reduzidas ou nasais que foram consideradas acentuadas, em (13b).

Assim, vários factos sugerem que a constituição do CS não é um factor relevante para a distribuição da proeminência secundária no PE: (i) não permite dar conta da grande maioria dos dados; (ii) a descrição das regularidades encontradas nos dados pode ser feita sem recorrer a este factor; e (iii) a atribuição de uma proeminência secundária a CSs de constituição complexa pode ser devida, na grande maioria dos casos, ao facto de estes incluírem uma vogal forte.

#### 4.6.2. O efeito cíclico

Muitas proeminências secundárias iniciais foram atribuídas a sílabas portadoras do acento primário nas palavras a partir das quais foram derivadas as palavras do *corpus* (cf. *alimentações* < *alimentar* < *alimento*, *complexificações* < *complexificar* < *complexo*). Este facto poderia indicar a existência de um certo efeito cíclico na atribuição da proeminência secundária do PE. Contudo, muitos outros dados e os resultados gerais contrariam esta hipótese (cf., por exemplo: *interculturalidade*, nunca percebida com proeminência secundária na sílaba correspondente à tónica de *cultura*; *monumentalidade*, nunca percebida como *\*monumentalidade*, de *monumental*).

Nos resultados gerais, a proporção de acentos que podem ser devidos a um eventual efeito cíclico é de 31,73%. Assim, este valor, embora elevado, mostra que a maioria dos acentos secundários iniciais ouvidos pelas informantes não pode ser apenas morfológica e motivada. Por conseguinte, confirma-se que o efeito cíclico não pode constituir o único factor a explicar a distribuição das proeminências secundárias do *corpus*.

Além disso, uma vez que existem outros factores que permitem dar conta da localização dos acentos secundários no *corpus* (posição dos CSs em  $\omega/\omega^{\min}$ , qualidade da vogal, número de CSs pré-tónicos em  $\omega/\omega^{\min}$  e posição dos CSs acentuáveis relativamente a outros acentos) sem ser nunca necessário o recurso ao efeito cíclico, consideramos que os dados da nossa investigação não suportam a hipótese de que o efeito cíclico contribui para determinar a localização da proeminência secundária no PE. A ocorrência de acentos secundários em sílabas tónicas de palavras relacionadas com o item do *corpus* parece, pois, constituir uma mera coincidência (cf. *alimentações*, palavra relacionada com *alimento*).

Resumindo, os dados sugerem que, tal como acontece com a constituição do CS, o efeito cíclico não constitui um factor relevante na distribuição da proeminência inicial no PE, por dois motivos: (i) este factor não permite dar conta da grande maioria dos dados; e (ii) a descrição das regularidades encontradas nos dados pode ser feita sem recorrer a ele.

#### 4.6.3. O princípio rítmico binário

Na literatura sobre o PE, defende-se frequentemente que um princípio rítmico binário constitui a motivação básica para a distribuição do acento secundário. No entanto, apenas alguns dados podem ser descritos tendo em conta este princípio – cf. *condições*, *demonstrações*, *compensações* vs. *monumentalidade*, *tuberculizações*, *superarquitectações*.

Considerando os resultados gerais, verificamos que a distribuição da grande maioria das proeminências secundárias não pode ser atribuída a um padrão rítmico binário. Para o fazer, utilizamos o algoritmo proposto por Pereira (1999), que considera a existência de um princípio rítmico binário, não permitindo choques acentuais (com o

acento primário), com duas direccionalidades possíveis e distribuído tendo em conta as supressões de vogais e semivocalizações (o que corresponde à nossa noção de CSs). Temos em conta apenas as palavras com mais de um CS pré-tónico e contabilizamos os acentos especiais. Os resultados, apresentados no Quadro 21, indicam que, mesmo utilizando as duas direccionalidades do algoritmo, um número relativamente elevado de proeminências não é explicado. Estas proporções podem, no entanto, constituir um indício de que existe uma tendência para a criação de uma certa alternância rítmica (embora não necessariamente com um padrão binário ou com intervalos entre proeminências de comprimento rigorosamente estabelecido).

Quadro 21: Proporção (em %) de possibilidade de existência de um padrão rítmico binário de acordo com os algoritmos de Pereira (1999) (todas as respostas)

	<b>Esquerda-Direita</b>	<b>Direita-Esquerda</b>
$\omega$ simples	22,59	31,37
$\omega$ compostas	18,80	33,98

Além disso, na quase totalidade das respostas dadas pelas informantes, encontrámos apenas uma proeminência inicial e, eventualmente, um acento especial, o que impossibilita a atribuição destas proeminências a um princípio rítmico binário.

Assim, defendemos que o princípio rítmico binário também não parece ser o factor relevante para explicar a distribuição da proeminência secundária no PE, por três motivos: (i) este factor não permite descrever a grande maioria dos dados; (ii) não é necessário para descrever as regularidades encontradas; e (iii) é incompatível com o facto de que a maioria das palavras apresenta uma proeminência inicial e, eventualmente, um acento especial.

#### 4.7. Síntese

Tendo em conta as respostas concordantes analisadas e os resultados gerais, podemos considerar a existência de dois processos de acentuação secundária autónomos no PE: o acento especial e a proeminência inicial. O acento especial está ligado a duas combinações específicas de morfemas (*-iza-ção* e *-ifica-ção*) e parece poder co-ocorrer

com qualquer padrão de acentuação secundária inicial.

A distribuição da proeminência inicial parece depender basicamente da posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  e da qualidade das vogais existentes nessa posição inicial, sendo adicionalmente influenciada pelo número de CSs pré-tônicos de  $\omega/\omega^{\min}$  e pela posição dos CSs acentuáveis relativamente aos restantes acentos de  $\omega^{\max}$ .

A constituição do CS, o efeito cíclico e o princípio rítmico binário não parecem ser factores relevantes para a distribuição da acentuação secundária no PE, já que não permitem dar conta da grande maioria dos dados e não se revelaram necessários como factores adicionais para descrever a distribuição da proeminência secundária encontrada nos dados.

É importante salientar que a distribuição da acentuação secundária encontrada na grande maioria das respostas das informantes – mais precisamente em **81,24%** das respostas – é adequadamente captada pelas nossas generalizações. A quantidade de respostas divergentes existentes no *corpus* não é suficiente para considerar a existência de outros padrões acentuais, nem para infirmar as generalizações encontradas e os princípios que serão propostos no próximo capítulo. Assim, apresentamos em (1) uma síntese das generalizações feitas a partir dos dados e que pretendem descrever os padrões de acentuação secundária encontrados.

(1) ***a. Acento especial***

Opcionalmente, nas palavras com uma das combinações de morfemas *-iza-ção* e *-ifíca-ção*, é atribuído um acento especial à segunda sílaba antes do acento primário. Este acento especial pode co-ocorrer com qualquer padrão acentual, embora seja mais frequente quando o intervalo entre a proeminência inicial e o acento especial é constituído por mais de uma sílaba.

***b. Proeminência inicial***

- i. Opcionalmente, é atribuída uma proeminência à posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$ . Esta posição é constituída pelo adjunto (quando existir) e/ou pelos três CSs iniciais pré-tônicos de  $\omega$  ( $\omega$ s simples e  $\omega$ s às quais são adjungidos os prefixos ou os proclíticos) /  $\omega^{\min}$  (nas  $\omega$ s compostas).
- ii. Sendo possíveis cinco padrões acentuais diferentes (zero proeminências; proeminência no adjunto; proeminência no primeiro CS; proeminência no segundo CS; e proeminência no terceiro CS), a escolha do padrão acentual é influenciada por três factores: (a)

qualidade da vogal; (b) número de CSs pré-tônicos em  $\omega/\omega^{\min}$ ; (c) posição do CS relativamente aos restantes acentos de  $\omega^{\max}$ ; (d) contexto prosódico.

- (a) As vogais não reduzidas e nasais funcionam como “vogais fortes”, isto é, vogais que atraem a proeminência secundária. Quando existe apenas uma vogal forte na posição inicial de uma  $\omega/\omega^{\min}$ , esta tende a receber a proeminência inicial. Quando existem duas vogais fortes, a proeminência inicial é preferencialmente atribuída à vogal forte mais à direita.

As vogais reduzidas [i, i, u, ʊ] funcionam como “vogais fracas”. Em palavras com apenas vogais fracas na posição inicial, a proeminência inicial só pode ser atribuída ao primeiro ou ao segundo CS de  $\omega/\omega^{\min}$ .

Nas palavras com duas posições iniciais (adjunto e CSs iniciais de  $\omega$  à direita do adjunto), a proeminência inicial pode ser atribuída a qualquer uma delas, independentemente da qualidade das vogais existentes em cada posição.

- (b) Nas  $\omega/\omega^{\min}$  com um número reduzido de CSs pré-tônicos, verifica-se mais frequentemente a não atribuição de qualquer proeminência inicial ou a atribuição de uma proeminência a um dos CSs mais próximos da sua fronteira esquerda.

Nas  $\omega/\omega^{\min}$  com um número maior de CSs pré-tônicos (quatro a seis CSs), a proeminência inicial é preferencialmente atribuída a um CS mais próximo do acento primário (isto é, ao segundo ou terceiro CS), para evitar lapsos acentuais.

- (c) Os CSs imediatamente adjacentes a CSs com um acento secundário (especial) não podem receber qualquer proeminência.

Os CSs constituídos por vogais fortes em posição de choque com um acento morfológico (acento secundário morfológico ou acento primário) em  $\omega^{\max}$  tendem a não receber qualquer proeminência inicial.

Os CSs constituídos por vogais fracas em posição de choque com um acento morfológico em  $\omega^{\max}$  não podem receber qualquer proeminência inicial.

- (d) As  $\omega/\omega^{\min}$  localizadas no início de sintagma entoacional recebem preferencialmente uma proeminência inicial.

Assim, os dados indicam a existência de dois tipos, ambos opcionais e (bastante) independentes, de proeminência secundária: uma proeminência inicial e um *acento especial*. Este último, podendo co-ocorrer com diferentes padrões de proeminência inicial, localiza-se sempre em combinações específicas de morfemas e na segunda sílaba antes do

acento primário (independentemente do comprimento da cadeia pré-tónica da palavra).

A *proeminência inicial*, pelo contrário, apresenta uma localização mais flexível, menos estável, dependendo de factores como a qualidade das vogais iniciais, o comprimento da cadeia pré-tónica de  $\omega/\omega^{\min}$ , a posição dos CSs acentuáveis relativamente a outros acentos (em  $\omega^{\max}$ ) e o contexto prosódico. A *unidade relevante* para a sua distribuição parece ser o conjunto silábico (isto é, uma sílaba de núcleo produzido e, eventualmente, as sílabas de núcleo não realizado foneticamente como vogal que a antecedem). Como a expressão “conjunto silábico” refere apenas uma distinção operatória, consideramos que, na verdade, a unidade relevante para a atribuição das proeminências secundárias consiste nas vogais foneticamente realizadas que constituem os núcleos desses conjuntos. Assim, para efeitos de localização da proeminência secundária, contabilizam-se as vogais produzidas (e não, de forma imediata, o constituinte fonológico sílaba).

Os dados levaram-nos ainda a considerar que o *domínio da acentuação secundária inicial* consiste na  $\omega/\omega^{\min}$ , isto é, nas  $\omega$ s simples, nas  $\omega$  às quais são adjungidos um prefixo ou um proclítico e em qualquer uma das  $\omega^{\min}$  que integram uma  $\omega$  composta.

Da observação dos dados concluímos igualmente que este acento secundário se localiza, sempre que é atribuído, na *posição inicial do seu domínio*, isto é, na posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$ . Para o processo de acentuação secundária, tanto o adjunto (nas  $\omega$ s com adjunto), como os três CSs iniciais pré-tónicos de  $\omega/\omega^{\min}$  (nos três tipos de  $\omega$ ), parecem funcionar como uma posição inicial de  $\omega$ . Por este motivo e também porque a proeminência inicial é opcional, encontramos nos dados cinco padrões acentuais possíveis: (i) zero proeminências iniciais; (ii) proeminência sobre o adjunto; (iii) proeminência no primeiro CS da  $\omega/\omega^{\min}$ ; (iv) proeminência no segundo CS; e (v) proeminência no terceiro CS. Enquanto a acentuação do segundo CS, a não atribuição de proeminência inicial e a acentuação do primeiro CS constituem os padrões mais frequentemente identificados pelas informantes, a acentuação do terceiro CS só se verifica mediante certas condições.

Assim, a distribuição deste tipo de proeminência secundária parece ser basicamente determinada pela posição inicial na palavra e pela qualidade das vogais iniciais, sendo a escolha de cada um dos padrões acentuais possíveis influenciada por factores adicionais como o número de CSs pré-tónicos da palavra e a localização dos CSs acentuáveis

relativamente aos restantes acentos.

A *qualidade das vogais* é determinante, como se pode constatar na sistematização feita em (1).

Os factores adicionais *número de CSs pré-tónicos de  $\omega/\omega^{min}$  e localização dos CSs acentuáveis relativamente aos restantes acentos* também contribuem para a escolha de um determinado padrão acentual, procurando evitar que se criem lapsos e choques acentuais.

O último factor adicional, o *contexto prosódico*, parece constituir uma mera tendência para atribuir uma proeminência inicial a  $\omega$ s que se encontrem no início de um sintagma entoacional.



## 5. OS DADOS DO PORTUGUÊS EUROPEU: ANÁLISE

### 5.1. Introdução

Como vimos no capítulo anterior, os dados indicam a existência de dois tipos de proeminência secundária, ambos (aparentemente) opcionais e quase independentes: uma “proeminência inicial” e um “acento especial”. Este último pode co-ocorrer com diferentes padrões de proeminência inicial e localiza-se sempre em combinações específicas de morfemas, na segunda sílaba antes do acento primário (e.g. *pró-federalização*).

Além do acento especial, cada palavra pode receber apenas uma proeminência inicial, mesmo que apresente uma cadeia pré-tónica longa. Esta proeminência apresenta uma localização variável, constituindo o conjunto silábico (CS)<sup>1</sup> a unidade relevante para a sua distribuição. Ocorre sempre na posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  – isto é, no adjunto (quando exista) ou num dos três CSs pré-tónicos iniciais –, pelo que são possíveis cinco padrões de proeminência inicial: (i) zero proeminências iniciais; (ii) proeminência sobre o adjunto; (iii) proeminência no primeiro CS da  $\omega/\omega^{\min}$ ; (iv) proeminência no segundo CS; e (v) proeminência no terceiro CS. Na escolha do padrão de proeminência inicial intervêm ainda factores como a qualidade das vogais iniciais, o comprimento da cadeia pré-tónica de  $\omega/\omega^{\min}$ , a posição dos CSs acentuáveis relativamente a outros acentos (em  $\omega^{\max}$ ) e o contexto prosódico. Assim, as proeminências iniciais são preferencialmente atribuídas a vogais fortes, em CSs não muito próximos nem muito afastados de outros CSs com algum grau de acento, e em  $\omega/\omega^{\min}$  localizadas na fronteira esquerda de um enunciado ou de um sintagma entoacional.

Neste capítulo, analisaremos as hipóteses apresentadas na Metodologia (cf. 3.1) e proporemos alguns princípios que dêem conta do processo de acentuação secundária no PE, considerando os dados obtidos na experiência realizada (secção 5.2). De seguida, observaremos o papel da proeminência secundária no ritmo e na hierarquia prosódica do

---

<sup>1</sup> Cf. apresentação do conceito operatório de “conjunto silábico” na secção 3.2.4.2.

PE (secção 5.3), e compararemos as propriedades que caracterizam a acentuação secundária no PE com as características do mesmo processo noutras línguas (secção 5.4). Na última secção deste capítulo (5.5), reavaliaremos as propostas anteriores sobre a proeminência secundária no PE, mostrando tanto os pontos em que a nossa hipótese se aproxima das anteriores, como os pontos em que se afasta.

## **5.2. Os processos de acentuação secundária**

Nesta secção procuraremos delinear os princípios que parecem reger os dois processos de atribuição de proeminência secundária existentes no PE, respondendo às hipóteses levantadas na secção 3.1. Fá-lo-emos a partir dos dados obtidos na nossa experiência.

### **5.2.1. O acento secundário especial**

É possível que o “acento secundário especial” se deva a princípios rítmicos. De facto, das motivações básicas para a distribuição da proeminência secundária encontradas na literatura a única que com ele podemos relacionar é a existência de um princípio rítmico. Este acento não pode ser determinado pelo peso silábico, pois as sílabas sobre as quais recai apresentam vogais fracas e uma constituição simples. Também não ocorre no limite de qualquer domínio prosódico. Além disso, não pode tratar-se de um acento cíclico, pois as sílabas que recebem o acento especial não correspondem à sílaba tónica de nenhuma palavra da qual tenha derivado a palavra com o acento especial (e.g. *neutralizações* < *neutralizar* < *neutral* < *neutro*). Por estes motivos, assumimos, de momento, que a explicação mais plausível para a localização do acento especial consiste na actuação de algum princípio rítmico específico e deixamos a verificação desta hipótese para investigação futura.

Este acento levanta ainda um outro problema relacionado com a componente da gramática à qual pertence. Por um lado, a sua sensibilidade a informação morfológica e

lexical indicia fortemente que estamos perante um processo lexical; por outro lado, este apresenta uma opcionalidade inesperada num processo lexical. Assim, dada a importância do acesso a informação morfológica e lexical, partiremos do princípio de que este acento constitui, de facto, um processo lexical e remetemos a explicação da sua opcionalidade novamente para investigação futura.

## 5.2.2. A proeminência secundária inicial

### 5.2.2.1. A posição inicial

A “proeminência secundária inicial” parece ter a posição inicial de um constituinte fonológico, neste caso, a palavra prosódica, como uma das motivações mais importantes para determinar a sua localização. De facto, a proeminência inicial do PE é atribuída ao adjunto de  $\omega$  (quando exista) ou a um dos três CSs pré-tónicos iniciais de  $\omega$  ou  $\omega^{\text{min}}$ . Tal como foi discutido na secção 4.3.1., esta possibilidade sugere que tanto o adjunto, como a sequência dos três CSs pré-tónicos iniciais funcionam como posição inicial de  $\omega$  – o que corrobora a hipótese de Vigário (2003) – e que o domínio da proeminência inicial é constituído por  $\omega/\omega^{\text{min}}$ . Assim, sempre que esta proeminência é atribuída, ocorre na posição de fronteira esquerda do seu domínio, tratando-se, portanto, de um *processo de limite*<sup>2</sup>. Como vimos no capítulo 2, a delimitação de um constituinte fonológico constitui igualmente a motivação básica para a distribuição da proeminência secundária noutras línguas<sup>3</sup>.

Sendo a posição inicial de  $\omega/\omega^{\text{min}}$  no PE constituída ou pelo adjunto (quando exista), ou pela sequência dos três CSs pré-tónicos iniciais de  $\omega/\omega^{\text{min}}$  (que nunca

<sup>2</sup> Cf. distinção dos diferentes tipos de processos na secção 1.4.

<sup>3</sup> Cf. as línguas referidas na secção 2.2.1: Arménio (proeminência secundária na primeira sílaba da palavra quando essa sílaba não é tónica – cf. Van der Hulst, Hendriks e de Weijer 1999); Chimalapa Zoque (proeminência secundária na primeira sílaba de todas as palavras com, pelo menos, três sílabas – Hayes 1995); dialecto basco de Oñati (proeminência na última sílaba de palavras com quatro ou mais sílabas – cf. Hualde 1991); e dialecto basco Guipuscoa do Sudeste (proeminências opcionais na última sílaba dos “sintagmas” – cf. Hualde 1991).

correspondem a mais de três sílabas), a proeminência inicial parece ser atribuída numa “janela limitada” – de três ou quatro CSs, dependendo do facto de a  $\omega$  incluir ou não um adjunto. Esta propriedade de estar limitada a uma “janela”, que encontramos na proeminência secundária inicial do PE, vai ao encontro das hipóteses defendidas por alguns autores para certos sistemas de acento primário. Por exemplo, Hayes (1995) e Van der Hulst (1999) sugerem que, em sistemas acentuais limitados (isto é, sistemas que determinam a localização dos acentos a partir da construção de pés com um número limitado de elementos), o acento primário ocorre sempre numa janela de três sílabas<sup>4</sup> (o que se verifica no PE, ao nível da  $\omega$  lexical<sup>5</sup>).

Como foi referido nas secções 4.3.2 e 4.3.5, os dados permitem-nos constatar que são importantes na distribuição da proeminência inicial tanto a posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$ , como a qualidade da vogal. No entanto, o facto de só termos vogais fortes até ao terceiro CS de  $\omega/\omega^{\min}$  no *corpus* não nos permite averiguar de forma conclusiva qual o grau de importância da qualidade das vogais na acentuação secundária: não podemos dizer se a posição inicial e a qualidade das vogais contribuem para um único processo de acentuação secundária, ou se estes dois princípios constituem a base de dois processos acentuais diferentes que interagem. Assim, por um motivo de economia, partiremos do princípio de que existe *um único processo de atribuição da proeminência secundária* (além do acento especial), dependendo a distribuição desta proeminência de duas motivações básicas: a posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  e a qualidade da vogal.

Recapitulamos, brevemente, os factos que mostram como a proeminência em causa é bastante condicionada pela posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$ , não podendo ser basicamente determinada apenas pela qualidade da vogal<sup>6</sup>. Em primeiro lugar, a localização da

---

<sup>4</sup> Hayes (1995) sugere a existência de tal restrição, ao defender que as línguas com sistemas acentuais limitados podem apresentar três características: (i) pés limitados constituídos por, no máximo, dois elementos; (ii) extrametricalidade de um elemento na periferia do domínio acentual (opcional); e (iii) uma regra de fim que atribui o acento primário à cabeça de pé mais à direita ou mais à esquerda. De facto, a actuação destes três princípios permite a atribuição do acento primário apenas até ao terceiro elemento (sílabas ou mora) contado a partir da margem (direita ou esquerda) do domínio.

<sup>5</sup> Cf. distinção proposta por Vigário (2003: 67): a “janela das três sílabas” só tem de ser respeitada ao nível da  $\omega$  lexical (e.g. *dávamos* – acento primário na terceira sílaba no sentido direita-esquerda), ao contrário do que pode acontecer na  $\omega$  pós-lexical (e.g. *dávamos-lhe* – acento primário na quarta sílaba no sentido direita-esquerda).

<sup>6</sup> Estes factos são apresentados de forma mais detalhada e baseada em dados quantitativos na secção 4.3.5.

proeminência em causa na posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  é obrigatória, ao contrário do que acontece com os restantes factores (qualidade das vogais; número de CSs pré-tónicos em  $\omega/\omega^{\min}$ ; e posição dos CSs acentuáveis relativamente aos restantes acentos).

Por outro lado, são frequentemente atribuídas proeminências secundárias em posições iniciais apenas com vogais fracas.

Em terceiro lugar, existem muitas tendências na localização da proeminência inicial do PE que estão relacionadas com a posição dos CSs na  $\omega/\omega^{\min}$  e são independentes do tipo de vogal. Por exemplo, um mesmo grupo de vogais (e.g. vogais nasais) apresenta frequentemente diferentes proporções de acentuação secundária de acordo com a posição em que ocorre, estando essas variações de proporção relacionadas com factores como o número de CSs pré-tónicos de  $\omega/\omega^{\min}$ .

Como veremos, além de sugerirem fortemente que as motivações básicas para a distribuição da proeminência secundária consistem na delimitação inicial do constituinte  $\omega$  e na qualidade das vogais iniciais, os dados revelam ainda a existência de duas condicionantes adicionais, que influenciam a escolha de um dos padrões possíveis de acentuação inicial: os princípios de eurrítmia e o contexto prosódico. Nas próximas secções abordaremos a motivação básica “qualidade da vogal” e as duas condicionantes adicionais.

#### 5.2.2.2. A saliência perceptiva

Um factor que constitui, em algumas línguas, uma das motivações básicas para a distribuição da proeminência secundária<sup>7</sup> e que parece contribuir também a localização da proeminência inicial do PE é o peso silábico, estabelecido com base na qualidade das vogais e não, como canonicamente considerado, na constituição da sílaba. Por exemplo, quando existe uma vogal não reduzida ou nasal na posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  (isto é, no

---

<sup>7</sup> Por exemplo, a distribuição do acento secundário no Árabe Clássico e no Huasteco (cf. referência aos dados destas línguas em Hayes 1995) é basicamente determinada pelo peso silábico, enquanto, no Finlandês e no Tarangan Ocidental, peso silábico e princípios rítmicos constituem duas motivações básicas cuja interacção determina a localização da proeminência secundária (cf. 2.2.1).

adjunto de uma  $\omega$  ou num dos três CSs pré-tônicos iniciais de  $\omega/\omega^{\text{min}}$ ), essa vogal não reduzida ou nasal recebe quase sempre a proeminência secundária, raramente se verificando a atribuição da proeminência inicial a uma vogal reduzida que co-ocorra nessa posição inicial. Assim, enquanto as vogais não reduzidas e nasais parecem constituir “vogais fortes”, que atraem o acento secundário inicial, as vogais reduzidas, [i, i, u, e], funcionam como “vogais fracas”.

Na verdade, o que parece estar em causa é uma maior sonoridade vocálica que atrai o acento secundário: as vogais não reduzidas e nasais são mais frequentemente acentuadas, funcionando como vogais “pesadas”, “fortes”, ao passo que as vogais menos audíveis, as vogais reduzidas, funcionam como vogais “fracas”, sendo menos frequentemente acentuadas. No entanto, o peso silábico raramente tem sido referido na literatura sobre a fonologia do PE. Além disso, embora alguns autores já tenham relacionado a acentuação secundária com o peso silábico (cf. Lüdtkke 1953 e Brandão de Carvalho 1988), também houve quem apresentasse razões importantes para defender a inexistência de quantidade vocálica no PE (cf. Pereira 1999: secção 4.3.3; Mateus e Andrade 2000: secção 6.3). O facto de pressupormos a não existência de quantidade vocálica no sistema fonológico do PE não invalida, todavia, a possibilidade de que a maior audibilidade das vogais<sup>8</sup> as torne um alvo privilegiado para a proeminência secundária. Nesse caso, estaríamos perante um tipo diferente de peso silábico.

Hayes (1995) refere precisamente a existência de dois tipos de peso silábico: a quantidade e a proeminência natural (*raw prominence*) ou saliência perceptiva. Enquanto a quantidade da sílaba corresponde à sua maior ou menor duração no tempo, a saliência perceptiva da sílaba reside nas propriedades fonéticas que a tornam mais ou menos audível, mais ou menos saliente do ponto de vista perceptivo:

There is a second sense in which syllable weight can be thought of: as raw prominence or perceptual salience. Heavy syllables, or syllables with high tone, or syllables with low vowels, and so on, tend to sound louder than other syllables. Normally this variation is phonologically irrelevant, but it appears that some

---

<sup>8</sup> Pelo menos de um ponto de vista acústico, as vogais não reduzidas e as vogais nasais não arredondadas apresentam uma maior duração e uma maior intensidade intrínsecas, de acordo com Delgado Martins (1975). É provável que esta diferença nos valores acústicos se reflecta em diferenças de perceptibilidade, de audibilidade.

languages take differences in prominence and phonologize them, making them the basis of true phonological stress rules. (Hayes 1995: 271)

Hayes (1995) só utiliza esta saliência perceptiva para explicar a computação do acento primário: projecta-se um plano temporário onde são indicadas as proeminências de cada sílaba; alinha-se a sílaba mais proeminente mais à direita ou mais à esquerda (dependendo da direcção da “Regra de Fim”) com uma marca na grelha métrica (dando origem ao acento primário); e apaga-se o plano das proeminências. No entanto, os dados do PE sugerem que este tipo de peso silábico, a saliência perceptiva, pode ser utilizado também para a atribuição da proeminência secundária.

Em primeiro lugar, a atracção da proeminência secundária por alguns CSs parece estar relacionada apenas com o tipo de vogal que estes apresentam: os acentos secundários são atraídos pelos CSs que incluem uma vogal forte, independentemente de o núcleo e a rima (da sílaba que deu origem ao CS) serem ou não complexos<sup>9</sup> – cf. *perplexidades* (proeminência secundária numa sílaba de núcleo simples constituído por uma vogal forte), *macro-mercantilismo* (sílabas de núcleo simples constituído por uma vogal forte e pela associação de um autosegmento nasal), *os calcanhares* (sílabas de rima complexa: núcleo simples com vogal forte e coda preenchida), *cauteleiros* (sílabas de núcleo complexo, constituído por uma vogal forte e uma semivogal). Como o peso silábico, na acentuação secundária do PE, se relaciona com a qualidade da vogal e não com uma constituição silábica mais complexa, que dê origem a uma maior duração no tempo, só podemos falar em proeminência natural e não em quantidade silábica.

Em segundo lugar, as vogais que tendem a atrair a proeminência secundária podem efectivamente apresentar uma maior audibilidade<sup>10</sup>: ou por serem nasais ou por serem vogais mais abertas (as vogais não reduzidas são médias [e, o] ou baixas [ɛ, a, ɔ]). Os dados sugerem, pois, que a saliência perceptiva, ou proeminência natural das vogais, é utilizada com valor fonológico no processo de acentuação secundária do PE, funcionando as vogais não reduzidas e nasais como vogais “fortes”, que dão origem a unidades

<sup>9</sup> Cf. secção 4.6.1.

<sup>10</sup> Cf. referência em nota anterior aos resultados de Delgado Martins (1975).

“pesadas”, e as vogais reduzidas, [i, i, u, ɐ], como vogais “fracas”, originando unidades “leves”.

Como foi já referido brevemente (nomeadamente na secção anterior), é possível que as duas motivações básicas que associamos ao mesmo processo de acentuação secundária – a posição inicial em  $\omega/\omega^{\min}$  e a saliência perceptiva – possam constituir dois processos acentuais diferentes que interagem: o processo de atribuição de uma proeminência inicial e o processo de atribuição de uma proeminência por saliência perceptiva. Esses dois processos poderiam interagir no sentido de ser atribuída uma única proeminência secundária (além do acento especial) por domínio: poderiam ocorrer proeminências iniciais, eventualmente associadas a vogais fortes para evitar a atribuição de várias proeminências num mesmo domínio (e.g. as proeminências sobre vogais fortes encontradas no nosso *corpus*), ou proeminências por saliência perceptiva<sup>11</sup> não obrigatoriamente localizadas na posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$ . Esta hipótese terá de ser confirmada ou infirmada em trabalhos futuros.

### 5.2.2.3. A tendência eurrítmica

Uma tendência eurrítmica parece constituir a primeira condicionante adicional presente na distribuição da proeminência secundária inicial em PE. Esta tendência parece resultar da actuação dos factores “número de CSs pré-tónicos em  $\omega/\omega^{\min}$ ” e “posição dos CSs acentuáveis relativamente aos restantes acentos em  $\omega/\omega^{\max}$ ”.

Por um lado, evitam-se os lapsos acentuais, ao escolher-se a localização da proeminência inicial tendo em conta o número de CSs pré-tónicos: nas  $\omega/\omega^{\min}$  com poucos

---

<sup>11</sup> Numa experiência sobre a percepção do acento primário por falantes nativos do PE, Castelo (2003) verificou que a maior percentagem de vogais indevidamente percebidas como primariamente acentuadas correspondia às vogais não reduzidas, mesmo quando estas se encontravam um pouco afastadas da vogal tónica. Tal resultado foi interpretado como prova de que a redução vocálica constitui uma pista muito importante para o falante identificar (explicitamente) a localização do acento primário. No entanto, conhecendo agora a importância da saliência perceptiva na distribuição da proeminência secundária, podemos levantar a hipótese de que, além da relevância da redução vocálica para a identificação do acento primário, uma outra circunstância pode ter contribuído para as respostas “incorrectas” dadas pelas informantes: eventuais proeminências secundárias por saliência perceptiva podem ter sido tomadas por acentos primários.

CSs pré-tônicos, predomina a utilização dos padrões “zero proeminências”, “acento no primeiro CS” e “acento no adjunto”; nas  $\omega/\omega^{\min}$  com mais CSs pré-tônicos, são mais frequentemente acentuados os CSs mais próximos do acento primário (segundo ou terceiro CS), diminuindo, assim, o número de CSs entre a proeminência inicial e o acento primário. Por outro lado, também são evitados os choques de acentos ao nível de, pelo menos,  $\omega^{\max}$ , mantendo-se, deste modo, uma certa distância entre acentos: os choques acentuais parecem ser proibidos entre uma proeminência sobre uma vogal fraca e outro acento, e preferencialmente evitados entre uma proeminência sobre vogal forte e outro acento. Assim, ao evitar choques e lapsos acentuais, tende-se a criar intervalos entre acentos com um número semelhante de CSs, isto é, intervalos preferencialmente isócronos.

O próprio facto de, nas posições iniciais apresentando apenas vogais fracas, serem menos frequentemente atribuídas proeminências, e de estas poderem ser atribuídas apenas aos dois primeiros CSs pode estar relacionado com esta tendência para criar intervalos isócronos. As sequências apenas com CSs integrando vogais fracas podem incluir mais CSs totalmente átonos do que as sequências em que existe uma ou mais vogais fortes, já que as vogais fracas apresentam uma duração menor, dando origem intervalos entre acentos de menor duração.

#### 5.2.2.4. O contexto prosódico

O contexto prosódico parece constituir uma segunda condicionante adicional. Como vimos, as motivações básicas que determinam a localização da proeminência inicial residem na delimitação da fronteira inicial do constituinte prosódico  $\omega/\omega^{\min}$  e na qualidade das vogais. Além disso, tendo em conta o contexto prosódico de cada  $\omega/\omega^{\min}$ , verificamos que a proeminência inicial tende a ser mais frequentemente atribuída a palavras prosódicas localizadas na fronteira inicial de um sintagma entoacional (I).

Assim, a proeminência inicial não só sublinha a fronteira esquerda de  $\omega/\omega^{\min}$ , como também torna mais evidente a fronteira esquerda de um constituinte fonológico superior, devido à sua ocorrência mais frequente neste contexto prosódico. Este facto confirma os

dados de Frota e Vigário (2000), e vai ao encontro da hipótese de Frota (2000), segundo a qual o sintagma entoacional é um constituinte muito relevante, “forte” na hierarquia prosódica do PE (cf. secção 1.5.3): a maior frequência da acentuação secundária no início deste constituinte parece contribuir para a “força” do sintagma entoacional na fonologia do PE.

### **5.2.2.5. O carácter pós-lexical**

A hipótese de que a proeminência secundária seria um fenómeno pós-lexical, defendida em várias propostas (e.g. Pereira 1999 e Vigário 2003) e por nós pressuposta, parece ser parcialmente confirmada pelos dados, já que, na verdade, devemos considerar a existência de dois processos de acentuação secundária, sendo um deles lexical e o outro pós-lexical.

Enquanto a atribuição do acento especial constitui um processo lexical (cf. secção 5.2.1), a proeminência secundária inicial apresenta as propriedades de um fenómeno pós-lexical. Em primeiro lugar, trata-se de um fenómeno opcional, cuja distribuição apresenta uma grande variação, sendo condicionada por factores como o contexto prosódico (ocorre com maior frequência nas palavras em início de sintagma entoacional), a tendência eurítmica (criam-se preferencialmente intervalos acentuais isócronos) e a qualidade das vogais foneticamente realizadas.

Além disso, este fenómeno ocorre depois de processos pós-lexicais, como a construção do sintagma entoacional, e a supressão das vogais<sup>12</sup>. De facto, este fenómeno acentual parece ter em conta apenas os conjuntos silábicos, e não as sílabas (cf. secção 4.3.1.2), e é mais frequente no início de sintagma entoacional.

Finalmente, a proeminência inicial também não é sensível a qualquer informação de carácter morfológico ou lexical. Baseia-se apenas em informação fonológica, como a respeitante ao seu domínio, às vogais foneticamente realizadas, à saliência perceptiva

---

<sup>12</sup> Veja-se em Vigário (2003: 280) a sistematização dos motivos para considerar que a supressão de vogais orais átonas constitui um processo pós-lexical no PE.

dessas vogais e à localização dos vários graus de acento da palavra (acento primário, acento secundário morfológico, acento especial). Assim, tal como o sublinha Pereira (1999), o acento primário e os acentos secundários terão de ser atribuídos por princípios diferentes.

### 5.2.3. Formalização

Tendo em conta a descrição feita no capítulo 4 e a análise dos factores intervenientes nos processos de acentuação secundária do PE feita nas secções anteriores, podemos agora propor uma formalização para estes dois processos. Assim, apresentamos em (1) os princípios que parecem reger os dois processos de acentuação secundária existentes no PE.

(1) ***I. Acento especial (opcional)***

Atribua um acento à combinação de morfemas *-iza-ção* ou *-ifica-ção*, na segunda sílaba antes do acento primário.

***II. Proeminência inicial (opcional)***

Atribua uma única proeminência inicial a uma das posições iniciais de  $\omega/\omega^{\min}$  (adjunto ou três CSs pré-tónicos iniciais de  $\omega/\omega^{\min}$ ), tendo em conta as seguintes condições, relativas a três factores:

a. *Saliência perceptiva*

- i. Em posição inicial com um ou mais CSs incluindo vogais fortes (vogais nasais e vogais não reduzidas), acentue uma das vogais fortes.
- ii. Em posição inicial apenas com CSs incluindo vogais fracas ([i, i, u, e]), acentue o primeiro ou o segundo CS.
- iii. Em  $\omega/\omega^{\min}$  com duas posições iniciais, acentue preferencialmente aquela que contenha um ou mais CSs incluindo uma vogal forte.

b. *Princípios de Eurritmia (condicionante adicional)* – em  $\omega/\omega^{\max}$

- i. Não provoque choques de proeminências iniciais com acentos especiais.
- ii. Não provoque choques de proeminências iniciais sobre vogais fracas com acentos morfológicos.
- iii. Evite choques de proeminências iniciais sobre vogais fortes com acentos morfológicos.
- iv. Evite lapsos acentuais (mais de três CSs átonos).

*c. Contexto prosódico (condicionante adicional)*

Atribua uma proeminência secundária preferencialmente a  $\omega/\omega^{\min}$  no início de sintagma entoacional.

O acento especial (I), sendo lexical, ocorre antes da proeminência inicial (II).

Na apresentação dos princípios que regem a atribuição da proeminência inicial, começamos por indicar que se trata de um processo opcional: existe sempre a possibilidade de não se atribuir qualquer proeminência inicial. De seguida, explicitamos que só pode ser atribuída uma proeminência inicial por domínio e qual é a sua localização possível nesse domínio (numa das suas posições iniciais). Ao incluir estas informações imediatamente em II, estamos a salientar a posição inicial de palavra prosódica como uma das motivações básicas para a distribuição da proeminência secundária inicial.

De seguida, apresentamos os três factores que influenciam a escolha do padrão de proeminência inicial. Quanto às condições apresentadas, a satisfação destas é necessária, sempre que o falante opta por atribuir efectivamente uma proeminência inicial e que a própria condição seja indicada de forma obrigatória (isto é, quando não se revela como uma mera tendência, uma mera preferência). Assim, são obrigatórias as condições (a.i), (a.ii), (b.i) e (b.ii).

A primeira condição indica a proibição de acentuar uma vogal fraca em co-ocorrência com uma ou mais vogais fortes numa dada posição inicial. A vogal forte preferencialmente acentuada é a mais à direita, a fim de se evitarem lapsos acentuais. Contudo, outros factores, como a necessidade de evitar choques acentuais, podem levar à acentuação da vogal forte mais à esquerda.

A segunda condição traduz a possibilidade de atribuir uma proeminência inicial apenas ao primeiro ou ao segundo CS em posições iniciais apresentando vogais fracas.

A condição (a.iii) revela que é possível acentuar qualquer uma das posições iniciais existentes numa  $\omega$  com adjunto, preferindo-se, no entanto, a acentuação da posição inicial que contenha, pelo menos, uma vogal forte.

As duas primeiras condições eurítmicas proíbem os choques entre a proeminência inicial e o acento especial, e entre a proeminência inicial sobre uma vogal fraca e qualquer acento morfológico. Os choques de proeminências iniciais sobre vogais fortes com acentos

morfológicos e os lapsos acentuais devem ser *evitados*, mas não são completamente proibidos.

A condição relativa ao contexto prosódico serve apenas para manifestar que as palavras prosódicas em início de sintagma entoacional recebem mais frequentemente uma proeminência inicial.

Em (2), ilustramos com três palavras do *corpus* o modo como esta formalização dá conta dos vários padrões acentuais possíveis para uma mesma palavra.

(2)	a. complexifica <u>ç</u> ões	> complexifica <u>ç</u> ões	(II.a.i); (II.b.iv) <sup>13</sup>	[13 respostas]
		> complexifi <u>ç</u> ões	(I); (II.a.i); (II.b.iv)	[3 respostas]
		> complexifi <u>ç</u> ões	(I)	[1 resposta]
		> complexifi <u>ç</u> ões	(I); (II.a.i)	[1 resposta]
		> complexifica <u>ç</u> ões	(II.a.i)	[1 resposta]
b. encurtamento	> encurta <u>ment</u> o	(II.a.ii)	[11 respostas]	
	> encurta <u>ment</u> o	(II)	[5 respostas]	
	> encurta <u>ment</u> o	(II.a.iii)	[3 respostas]	
c. mini-aspirado <u>res</u>	> mini-aspirado <u>res</u>	(II.a.ii); (II.b.iv)	[15 respostas]	
	> mini-aspirado <u>res</u>	(II)	[5 respostas]	

Como podemos constatar, o padrão *complexificações* é descrito através da condição que acentua os CSs que incluem vogais fortes e da condição que leva a evitar lapsos acentuais (a proeminência inicial é atribuída ao CS de vogal forte mais à direita para evitar um lapso acentual). Em *complexifições* é atribuído o acento especial – o processo I.

O padrão *encurtamento* é associado à condição que permite acentuar qualquer uma das posições iniciais nas *os* com adjunto, preferindo-se, no entanto, a atribuição da proeminência na posição que apresentar um ou mais CSs com vogal forte, como é o caso do adjunto desta palavra (*en*).

A possibilidade de não ser atribuída qualquer proeminência inicial às palavras prosódicas, como em *mini-aspiradores* e em *encurtamento*, está prevista na descrição

<sup>13</sup> Na primeira coluna, apresentamos os vários padrões acentuais possíveis para a mesma palavra, na segunda indicamos as condições da formalização que determinam essa possibilidade, e na terceira indicamos o número de respostas das InfAudi que obedecem ao padrão acentual apresentado. O número total de respostas referido é inferior a vinte quando houve respostas que não obedecem a um padrão acentual considerado possível.

geral do processo II, quando se indica que a proeminência inicial é opcional.

Tal como se pode ver devidamente reflectido na formalização proposta, a proeminência secundária do PE apresenta uma *grande variabilidade*, que, segundo Van der Hulst (1999), é frequente nos sistemas de acentuação secundária. Como foi dito na secção 4.1., embora se verificasse uma unanimidade total relativamente aos padrões de acentuação secundária de algumas palavras, nas respostas respeitantes a outras palavras encontrámos uma grande variação (isto é, várias percepções diferentes para a mesma produção) e, simultaneamente, uma concordância elevada relativamente aos tipos de padrões percebidos (ou seja, os mesmos padrões de acentuação secundária identificados para produções de diferentes palavras).

Esta variação na percepção parece ser consequência do facto de o próprio processo de acentuação secundária permitir padrões acentuais diferentes para uma mesma palavra. De facto, mesmo observando apenas as respostas concordantes, verificamos que foram atribuídos padrões acentuais diferentes a palavras semelhantes (quanto ao tipo de  $\omega$ , ao número de CSs pré-tónicos, à qualidade das vogais na posição inicial e à posição dos CSs acentuáveis relativamente aos restantes acentos). Assim, várias condicionantes adicionais parecem ajudar a seleccionar um padrão acentual possível, mas não determinam essa escolha de forma obrigatória.

### **5.3. O papel da proeminência secundária na fonologia do Português Europeu**

O facto de a distribuição da *proeminência secundária inicial* no PE parecer ser basicamente determinada pela posição inicial na palavra prosódica e pela saliência perceptiva e de esta ser igualmente condicionada por princípios eurrítmicos e pelo contexto prosódico levam-nos a considerar que esta proeminência deverá ter duas grandes consequências na fonologia do PE: (i) uma maior marcação do início dos constituintes fonológicos  $\omega$  e I; e (ii) a criação de um *ritmo da língua* caracterizado por intervalos preferencialmente regulares entre unidades acentuadas ao nível de  $\omega/\omega^{\max}$  e, eventualmente, também ao nível

de constituintes prosódicos mais vastos.

O *acento especial* não contribui para uma maior marcação do início de  $\omega$ , mas também parece favorecer a criação de um ritmo regular a um nível superior, uma segunda consequência da acentuação secundária no PE.

Assim, estas duas consequências dos processos de acentuação secundária poderão constituir, além disso, as suas próprias funções<sup>14</sup>. Para a primeira função da acentuação secundária no PE, *a maior marcação das fronteiras da palavra prosódica, do sintagma entoacional e do enunciado*, contribui apenas a proeminência inicial. As fronteiras de *palavra prosódica* são sublinhadas, já que, com uma proeminência secundária inicial, a  $\omega^{\min}$  apresenta os seus dois limites bem marcados: o esquerdo com um acento secundário na segunda vogal (padrão com a maior proporção – 36,83%<sup>15</sup>), na primeira (33,21%), no adjunto (31,18%) ou na terceira (21,21%), e o direito com o acento primário na penúltima, última ou antepenúltima sílaba.

Os limites de *sintagma entoacional* também são sublinhados: na fronteira esquerda ocorrem mais frequentemente proeminências secundárias iniciais, enquanto a fronteira direita é obrigatoriamente marcada com um acento nuclear e com um tom de fronteira.

Assim, o processo de acentuação secundária parece ter um papel importante relativamente à estrutura prosódica da língua: torna-a mais visível, funciona como uma pista relevante para a sua identificação por parte do ouvinte. Ao mesmo tempo que a torna mais visível, está a sublinhar a “força” dos constituintes fonológicos  $\omega$  e I na prosódia do PE<sup>16</sup>.

Para a segunda função da acentuação secundária no PE, *a criação de um ritmo da língua caracterizado por intervalos regulares entre acentos ao nível de, pelo menos,  $\omega^{\max}$* , contribuem tanto a proeminência inicial como o acento especial. De facto, o ritmo da

<sup>14</sup> Cf. distinção entre “funções da proeminência” e “motivações básicas para a distribuição da proeminência” por nós realizada no início da secção 2.2.1.

<sup>15</sup> Esta contagem tem em conta o total de posições existentes no *corpus*. Por exemplo, a proporção de atribuição de proeminência inicial à segunda vogal mostra que 36,83% do total de segundas vogais existentes no *corpus* receberam uma proeminência inicial. Veja-se o Quadro 6, na secção 4.3.2.

<sup>16</sup> Veja-se referência à distinção entre “domínios fortes” e “domínios fracos”, proposta por Frota (2000), na secção 1.4., e os motivos que fazem com que a  $\omega$  e o I sejam considerados domínios fortes, nas secções 1.5.1 e 1.5.3, respectivamente.

língua parece ser caracterizado por intervalos idealmente isócronos entre os diferentes acentos das várias  $\omega^{\min}$  ao nível de, pelo menos,  $\omega^{\max}$ : os dois processos de acentuação secundária, nomeadamente a tendência para evitar choques e lapsos acentuais que integra o processo de atribuição da proeminência inicial, criam frequentemente intervalos de um a três CSs entre os vários graus de acentos existentes nas  $\omega$ s que integram uma  $\omega^{\max}$ .

Desta forma, a proeminência secundária parece favorecer a construção de um “bom ritmo” (euritmia) na língua, isto é, de um ritmo tanto quanto possível alternante, com uma sucessão equilibrada de elementos proeminentes e não-proeminentes. No entanto, ao contrário do que acontece em várias línguas, no PE o ritmo ideal não é binário e nem sequer apresenta um número fixo de elementos não-proeminentes entre os proeminentes.

Veja-se como poderá funcionar a eventual contribuição da acentuação secundária (proeminência inicial e acento especial) para a criação de intervalos regulares entre CSs acentuados a um nível superior à  $\omega$ , nos exemplos de (3), que sugerem que o intervalo entre acentos ideal é constituído por um, dois ou três CSs.

- (3) a. **ul**•tra• **ra**•**di**•ca•**li**•**da**•des• des•por•**ti**•vas<sup>17</sup>  
 CS CS
- b. **ul**•tra• ra•**di**•ca•**li**•**da**•des• des•por•**ti**•vas  
 CS CS
- c. **ul**•tra• ra•**di**•ca•**li**•**da**•des• des•por•**ti**•vas  
 CS CS
- d. com• a•**mor**• re•no•**va**•do (*mais provável*)  
 CS CS CS CS CS CS CS CS
- e. com• a•**mor**• re•no•**va**•do  
 CS CS CS CS CS CS CS CS
- f. com•ple•xi•fi•ca•**ções**• si•**lá**•bi•cas  
 CS CS
- g. com•ple•xi•**fi**•ca•**ções**• si•**lá**•bi•cas  
 CS CS

<sup>17</sup> O círculo preenchido (•) representa a divisão entre CSs. Os CSs que apresentam algum grau de acento (acento primário, acento secundário morfológico, acento secundário inicial, acento especial) são grafados a negrito. Os exemplos são do *corpus*, embora as proeminências secundárias iniciais de *desportivas*, (2c), e de *renovado*, (2e), tenham sido por nós atribuídas como possíveis de acordo com as generalizações já realizadas (já que as InfAudi apenas identificaram as proeminências secundárias ouvidas numa palavra prosódica por frase).

As duas funções da acentuação secundária podem até constituir uma explicação para o carácter variável da proeminência inicial. Se o processo da acentuação secundária visa marcar o início da  $\omega/\omega^{\min}$  e de I, e criar uma certa alternância entre elementos proeminentes e não-proeminentes a um nível superior (pelo menos, ao nível de  $\omega/\omega^{\max}$ ), pode apresentar alguma variabilidade, alguma flexibilidade, já que não é absolutamente necessária a marcação do início de  $\omega$ , e o ritmo imprimido a um enunciado sempre pode variar bastante. Além disso, a satisfação das duas funções em simultâneo pode ser incompatível no caso de uma determinada palavra prosódica, sobretudo em palavras com um menor número de CSs pré-tónicos. Nesses casos, terá de predominar a satisfação de uma das funções, o que dará origem a uma possibilidade de variação. Por exemplo, a palavra *londrinos* apresenta um único CS pré-tónico: se este receber uma proeminência inicial, satisfaz-se a função de sublinhar o início de palavra prosódica mas gera-se um choque acentual (*londrinos*); se não receber nenhuma proeminência, não se satisfaz a sua primeira função, mas contribui-se para a criação de um ritmo com uma alternância mais regular entre unidades átonas e unidades com algum grau de acento (*londrinos* – átono / acento primário / átono).

Convém ainda referir que a acentuação secundária, juntamente com outros processos fonológicos e fonéticos, pode contribuir para a *criação de um certo “tipo rítmico”* na língua. De acordo com a distinção tradicional, existem três tipos rítmicos: (i) línguas de ritmo silábico, que revelam uma tendência para a isocronia entre sílabas; (ii) línguas de ritmo acentual, apresentam uma tendência para a ocorrência de acentos em intervalos de tempo regulares; e (iii) línguas de ritmo moraico, nas quais a regularidade duracional é baseada em moras.

Quanto ao PE, os últimos trabalhos que referem, de forma explícita, o seu tipo rítmico, vão-se afastando progressivamente da proposta inicial segundo a qual esta variedade apresenta um *ritmo acentual*<sup>18</sup>. Frota e Vigário vão, em três estudos experimentais, chegar a conclusões (parcialmente) diferentes. Frota e Vigário (2000),

---

<sup>18</sup> De acordo com a revisão da literatura feita por Frota e Vigário (2000: 534), foram vários os autores que defenderam esta proposta: Abaurre (1981), Cruz-Ferreira (1983), Brandão de Carvalho (1989) e Mateus *et alii* (1989).

considerando os correlatos acústicos do ritmo propostos por Ramus, Nespore e Mehler (1999), comparam o PE e o PB e defendem que a variedade europeia apresenta um *ritmo mais próximo do acentual*. Ao observar os mesmos correlatos acústicos do ritmo num *corpus* maior, Frota e Vigário (2001) concluem que tanto o PE como o PB constituem línguas mistas, isto é, línguas com características de diferentes tipos rítmicos: o PE apresenta características de *ritmo acentual e de ritmo silábico*, ao passo que o PB revela ritmo silábico e ritmo moraico. Finalmente, num estudo baseado na percepção de frases filtradas de modo a incluir apenas informação prosódica, Frota, Vigário e Martins (2002) concluíram que os resultados apontam fortemente no sentido que tanto o PE como o PB constituem línguas de *ritmo silábico*: os informantes só conseguiram discriminar as duas variedades quando o padrão entoacional foi preservado; e estes deixaram de distingui-las uma da outra quando estas foram comparadas com o Neerlandês (que conseguiram discriminar tanto relativamente ao PE como relativamente ao PB).

Considerando que o PE apresenta alguns correlatos acústicos de ritmo acentual, tal como o indicam os resultados de Frota e Vigário (2001), podemos levantar a hipótese de que a tendência, encontrada na acentuação secundária do PE, para a criação de intervalos entre CSs acentuados preferencialmente regulares contribui para a componente de ritmo acentual existente na variedade em causa. Por outras palavras, o processo de acentuação secundária contribuiria para que as unidades apresentando algum grau de acento, isto é, todas as unidades proeminentes e não apenas os acentos primários, ocorressem distanciadas umas das outras de acordo com intervalos idealmente isócronos.

De facto, como vimos, a influência da posição das sílabas com acentos morfológicos sobre a localização da proeminência secundária inicial parece criar preferencialmente intervalos de CSs totalmente átonos com uma duração regular. Também a atribuição mais frequente de proeminências iniciais a CSs incluindo vogais fortes pode servir para evitar sequências de vogais com uma maior duração inerente e sem qualquer proeminência.

Resumindo, a acentuação secundária parece ter uma dupla função no PE: a de tornar mais visível a estrutura fonológica dos enunciados, sublinhando os constituintes  $\omega$  e I; e a de contribuir para a criação de intervalos preferencialmente regulares entre CSs com algum grau de acento, pelo menos, ao nível de  $\omega/\omega^{\max}$ .

#### 5.4. A proeminência secundária no Português Europeu e em outras línguas

Nesta secção, apresentaremos alguns aspectos relativos à comparação do sistema de acentuação secundária do PE com o de outras línguas, quanto a: (i) motivação básica para a distribuição, condicionantes adicionais e funções na fonologia da língua; (ii) lugar na gramática; e (iii) papel da proeminência secundária na construção do ritmo da língua.

Considerando o conjunto das línguas referidas na secção 2.2.1 (cf. Quadro 1), a *motivação básica* para a distribuição da acentuação secundária mais frequentemente apresentada consiste no princípio rítmico binário (e.g. Castelhana, Alemão, Polaco), e as *condicionantes adicionais* mais vezes referidas são os princípios de eurrítmia (e.g. Polaco, dialecto basco de Oñati) e os limites dos domínios (e.g. Inglês, Italiano e Castelhana). O peso silábico também é referido na literatura, embora apenas como motivação básica para a distribuição da proeminência secundária (e.g. Árabe Clássico e Finlandês).

No PE, a localização da proeminência secundária parece depender basicamente da posição de fronteira no domínio e de um tipo de peso silábico (a saliência perceptiva), mas apresenta como condicionantes adicionais princípios eurrítmicos. Podemos, pois, verificar que os factores importantes para a distribuição da proeminência secundária do PE constituem factores frequentemente invocados na literatura (sobretudo a delimitação dos domínios e os princípios eurrítmicos).

Relacionadas com os próprios factores que determinam a localização da proeminência secundária, temos as duas *funções* que a proeminência inicial parece desempenhar na fonologia do PE. Também estas correspondem a propriedades muito frequentes nos sistemas de acentuação secundária: (i) a de sublinhar os limites dos domínios prosódicos (e.g. acento secundário inicial em  $\omega$  e  $\phi$ , no Polaco; acento secundário na primeira ou na última sílaba de  $\omega$ , no Neerlandês); e (ii) a de contribuir para a criação da eurrítmia da língua a um nível prosódico eventualmente mais vasto do que a palavra prosódica (cf. todas as línguas com acento secundário basicamente determinado por um princípio rítmico, e dialecto basco de Oñati).

Outra propriedade existente no PE e comum a vários sistemas de acentuação secundária é o seu carácter *pós-lexical* e a sua *posterioridade relativamente a outros processos da língua* como a semivocalização (cf. Castelhana e Larike). Estas características estão de acordo com a opcionalidade e variabilidade encontradas na proeminência secundária do PE e de outras línguas (cf. Van der Hulst 1999).

Comparando a acentuação secundária da variedade europeia do Português com a variedade brasileira, verificamos que o PE não apresenta o ritmo binário que na literatura unanimemente se atribui ao PB. A acentuação secundária do PE tende a criar intervalos acentuais de um a três CSs e não de um apenas. Esta diferença entre as duas variedades da mesma língua reforça a ideia de que a *proeminência secundária é importante na criação do ritmo próprio da língua* ou variedade: a acentuação secundária pode, pois, constituir uma das causas de diferenciação rítmica entre as duas variedades do Português, tal como defendido por Frota e Vigário (2000).

### **5.5. Reavaliação das propostas anteriores sobre a proeminência secundária no Português Europeu**

Ao voltarmos a observar os padrões de acentuação secundária encontrados na literatura sobre o PE (cf. Quadro 2 do capítulo 2), verificamos que quase todos eles são adequadamente descritos pela nossa proposta: a explicação por nós dada para a acentuação secundária permite prever a ocorrência desses padrões. Como explicitado em 5.2.3, consideramos que existem dois tipos de acentos secundários: o acento especial e a proeminência inicial. O primeiro acento é opcional e apenas pode ocorrer num contexto muito específico. O segundo também é opcional mas difere do acento especial por apresentar uma localização muito variável: ocorre na posição inicial do seu domínio, a  $\omega/\omega^{\min}$ , mas esta posição inclui vários elementos (o adjunto, quando exista, e os três CSs iniciais pré-tónicos). A opção pela atribuição da proeminência inicial a um dos elementos resulta da interacção de duas motivações básicas – a posição inicial e a saliência perceptiva das vogais iniciais – e da actuação de duas condicionantes adicionais – os princípios

eurrítmicos e o contexto prosódico.

A aplicação dos dois processos por nós propostos dá conta da possibilidade de atribuir diferentes padrões de acentuação secundária a uma mesma palavra (e.g. *pró-federalização*, *pró-federalização*, *pró-federalização*, *pró-federalização*, *pró-federalização*, *pró-federalização*), possibilidade essa que muitas das propostas encontradas na literatura não conseguem explicar. Além disso, muitos desses padrões são igualmente referidos na literatura, mas frequentemente explicados de modos divergentes pelos vários autores (e.g. a proeminência secundária de *rectangular* é atribuída ao peso silábico por Lüdtke 1953 e Brandão de Carvalho 1988, e a um princípio rítmico binário por Pereira 1999). A nossa explicação acerca da proeminência secundária no PE apresenta, assim, a vantagem de permitir predizer um grande número de possibilidades (quase todas elas já referidas por algum autor), a partir de um número reduzido de princípios que interagem, e de permitir unificar as intuições aparentemente contraditórias de vários autores. De seguida, apresentamos diversos exemplos de padrões referidos na literatura e que a nossa proposta explica de forma adequada.

Um dos padrões de acentuação secundária identificado por vários autores consiste na proeminência secundária no primeiro ou segundo CS de palavras apenas com vogais fracas na posição inicial, padrão esse igualmente previsto pela nossa proposta – cf. *musical* (Coelho 1896), *colaborar*, *colaborar* (Lüdtke 1953), *cavalaria*, *cavalaria* (Brandão de Carvalho 1988), *naturalização*, *naturalização*, *armoricano* (Andrade e Viana 1999), *carnavalesco*, *carnavalesco* (Pereira 1999), *satisfatória*, *a catalogadora* (Frota e Vigário 2000).

A atribuição de uma proeminência secundária a uma das vogais fortes existentes na posição inicial de uma palavra, mesmo quando em posição de choque com o acento primário, constitui igualmente um padrão frequente na literatura e adequadamente previsto no processo de proeminência inicial que propusemos – cf. *importações* (Barbosa 1965), *constituicão* (Gonçalves Viana 1903), *república* (Sá Nogueira 1938), *solteiro* (Nunes 1969), *rectificar*, *rectangular*, *restaurar* (Lüdtke 1953), *rectangular*, *lavandaria* (Brandão de Carvalho 1988-92), *em Constantinopla* (Andrade e Viana 1999), *organizador*, *compreendeu*, *a autoridade* (Frota e Vigário 2000).

Outro padrão encontrado na literatura e que é previsível tendo em conta a nossa proposta consiste na atribuição de uma proeminência secundária a adjuntos com vogais fracas, mesmo quando a posição inicial contém uma ou mais vogais fortes – cf. *por Constantino*, em *Constantinopla* (Andrade e Viana 1999); *a modernização*, *a modernização*, *a autoridade*, *a autoridade* (Frota e Vigário 2000).

No entanto, a nossa proposta não consegue explicar um pequeno número de padrões propostos por alguns autores. Um certo número de exemplos inclui uma proeminência numa vogal fraca em co-ocorrência com uma vogal forte em posição inicial de  $\omega$  – cf. *constituição* (G. Viana 1883, Lüdtke 1953), *Alexandria*, *vagabundagem* (Brandão de Carvalho 1988). Não incluímos essa possibilidade na nossa proposta, uma vez que ela surge apenas num número muito reduzido dos nossos dados. No entanto, se, num *corpus* mais alargado, esse padrão aparecesse como possível, bastava considerar que a acentuação de uma das vogais fortes em posição inicial constitui uma tendência não obrigatória. Por outro lado, se se vier a confirmar a hipótese de que, além do acento especial, existem dois processos de proeminência secundária independentes (uma proeminência inicial e uma proeminência por saliência perceptiva), estes exemplos constituirão provavelmente casos de proeminência inicial.

Na literatura sobre o PE encontrámos, ainda, exemplos de atribuição de proeminência secundária à penúltima sílaba antes do acento primário. Algumas dessas proeminências podem corresponder ao acento especial (cf. *naturalização* e *naturalização* em Andrade e Viana 1999). Outras ocorrem em contextos não identificados neste estudo como contextos de acento especial – cf. *misericordiosíssimo* (G. Viana 1903), *naturalidade*, *gramaticalidade*, *gramaticalidade* (Andrade e Viana 1989, 1999) e *corporativismo* (Pereira 1999). Apesar de os dados da nossa experiência não nos permitirem identificar mais de dois contextos de acento especial, é novamente possível que haja outros morfemas que possam apresentar tal acento. Na verdade, um número reduzido de InfAudi identificou uma proeminência em alguns dos morfemas presentes nos exemplos da literatura – cf. *proporcionalidades* (5 ocorrências em 20 possíveis), *ultra-radicalidades* (7 ocorrências em 20 possíveis). Só um estudo com um *corpus* específico para o efeito

permitiria verificar se existem mais morfemas susceptíveis de receber um acento especial.

Finalmente, um número reduzido de padrões acentuais propostos na literatura inclui mais do que uma proeminência secundária inicial, o que se verificou, nos nossos dados, em muito poucas respostas – cf. *anticonstitucionalissimamente* (Lüdtke 1953), *em Constantinopla* (Andrade e Viana 1999).

Os resultados obtidos na nossa experiência não contrariam necessariamente as conclusões baseadas nos trabalhos experimentais realizados por Andrade e Viana (1988) e Frota e Vigário (2000). No primeiro trabalho, os autores concluem que a duração relativa das sílabas permite distinguir três grupos – as sílabas átonas, as sílabas com acento secundário e as sílabas com acento primário – e que o acento secundário obedece a um padrão rítmico binário. Apesar de os nossos dados não suportarem a hipótese de a distribuição do acento secundário se dever a um padrão binário, é possível que, em determinados contextos, como o da frase fixa “diga... outra vez”, se dê um maior destaque à palavra e esta seja produzida com um padrão binário. Além disso, quase todos exemplos de padrões acentuais apresentados no artigo são igualmente predizíveis de acordo com a nossa proposta: proeminência inicial no primeiro CS de uma posição inicial integrando apenas vogais fracas (cf. *crítica*, *critica*, *criticar*, *natural*, *natureza*); acento especial no contexto adequado (cf. *naturalização*).

Os resultados de Frota e Vigário (2000) levam-nas a concluir que a proeminência secundária do PE só pode ocorrer na primeira sílaba da palavra ou numa palavra funcional, enquanto nos nossos dados também encontramos proeminências sobre o segundo e o terceiro CSs. No entanto, é possível que estas diferenças se devam ao *corpus* utilizado: enquanto o nosso *corpus* inclui bastantes vogais fortes na segunda e terceira sílabas, as vogais fortes existentes na cadeia pré-tónica do *corpus* usado por Frota e Vigário (2000) parecem ocorrer quase exclusivamente na primeira sílaba e no adjunto de  $\omega$  (de acordo com os exemplos de frases do *corpus* apresentados pelas autoras no artigo). De qualquer forma, todos os padrões apresentados no artigo são adequadamente previstos pela nossa proposta.

Comparando a nossa proposta com as anteriores, verificamos que o nosso trabalho não sustenta algumas hipóteses levantadas, nomeadamente as que defendem a influência do efeito cíclico (cf. secção 4.6.2) e do ritmo binário (cf. secção 4.6.3).

Por outro lado, os princípios que propusemos confirmam várias ideias já defendidas na literatura. Por exemplo, a constatação de que uma motivação básica muito importante para a distribuição da proeminência secundária reside na delimitação da posição inicial de  $\omega$  confirma as propostas de Frota e Vigário (2000) e Vigário (2003).

O facto de a qualidade vocálica constituir igualmente uma motivação básica para determinar a localização da proeminência inicial vai ao encontro das propostas de Lüdtké (1953) e de Brandão de Carvalho (1988), sendo as distinções na qualidade vocálica por nós identificadas iguais às propostas pelos dois autores. Este último autor defende até a existência de dois princípios de acentuação secundária – um relacionado com a qualidade vocálica e outro com a posição inicial de palavra – que podem vir a ser confirmados se se verificar a hipótese levantada de acentuar um CS com vogal fraca mesmo em co-ocorrência na posição inicial de  $\omega$  com um CS incluindo uma vogal forte.

Podemos, assim, concluir que a nossa proposta consegue explicar a grande maioria das intuições apresentadas na literatura sobre a proeminência secundária no PE, fazendo apelo às motivações básicas “delimitação inicial de palavra prosódica” e “saliência perceptiva” e às condicionantes adicionais “princípios eurítmicos” e “contexto prosódico”. Estes quatro factores e alguns outros (como a influência morfológica da palavra original) tinham sido já associados à proeminência secundária nas propostas de diferentes autores. No entanto, a nossa proposta revela-se mais explicativa, pois integra os vários factores pertinentes, apresentando as interações frequentemente estabelecidas entre eles, e consegue relacionar as propostas dos diferentes autores. Além disso, o facto de a nossa explicação do processo de acentuação secundária se basear num conjunto razoável de dados empíricos (ao contrário do que acontece com a maioria das propostas anteriores) garante uma maior fiabilidade das conclusões.

## 5.6. Síntese

Na secção 5.2, analisamos as propriedades dos dois processos de acentuação secundária do PE: o processo de atribuição da proeminência inicial e o de atribuição do *acento especial*. Os dados não nos permitem concluir qual será a motivação básica para a distribuição deste último fenómeno acentual, embora seja provável que este acento associado a determinados morfemas se relacione com um princípio rítmico. A atribuição deste acento apresenta propriedades de um processo lexical, ao mesmo tempo que se mostra opcional, aspecto cuja explicação deixamos para investigação futura.

A distribuição da *proeminência inicial*, por sua vez, parece ser basicamente determinada pela delimitação inicial do constituinte  $\omega$  e pela saliência perceptiva das vogais iniciais. A escolha de um dos cinco padrões possíveis de proeminência inicial (zero proeminências; proeminência no adjunto; proeminência no primeiro CS pré-tónico de  $\omega/\omega^{\min}$ ; no segundo CS; ou no terceiro CS) é adicionalmente condicionada por dois factores: os princípios de euritmia (que englobam os factores “número de CSs pré-tónicos em  $\omega/\omega^{\min}$ ” e “posição dos CSs acentuáveis relativamente aos restantes acentos em  $\omega^{\max}$ ”) e o contexto prosódico.

A atribuição da proeminência inicial tem como domínio a  $\omega/\omega^{\min}$  e constitui um processo de limite, já que esta proeminência só pode recair sobre a *posição inicial do seu domínio*. Para efeitos deste processo, contam como posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  tanto o adjunto (quando exista), como qualquer um dos três CSs pré-tónicos iniciais.

Uma forma de peso silábico que é útil para a descrição dos dados do PE, a *saliência perceptiva*, é estabelecida a partir da qualidade das vogais e não, como canonicamente considerado, a partir da constituição da sílaba. Assim, a proeminência natural ou saliência perceptiva das vogais parece ser usada para a atribuição da proeminência inicial no PE: as vogais não reduzidas e as nasais, por apresentarem uma maior saliência perceptiva, funcionam como vogais fortes, isto é, vogais que atraem a proeminência secundária; as vogais reduzidas funcionam como vogais fracas.

Os *princípios de euritmia* condicionam a escolha do padrão de proeminência inicial, na medida em que impedem a criação de determinados choques acentuais (entre

acentos secundários, e entre uma proeminência inicial sobre uma vogal fraca e um acento morfológico), e tendem a evitar a ocorrência de outros choques acentuais (entre uma proeminência inicial sobre uma vogal forte e um acento morfológico) e de lapsos acentuais (sequências de mais de três CSs átonos). Estes princípios tendem a criar intervalos regulares entre acentos ao nível de, pelo menos,  $\omega^{\max}$ .

O *contexto prosódico* também influencia a escolha do padrão de proeminência inicial, pois leva a que se atribuam proeminências iniciais preferencialmente a  $\omega/\omega^{\min}$  que se encontram no início de sintagma entoacional.

Vários factos indicam que a proeminência inicial constitui um *fenómeno pós-lexical*: a sua opcionalidade e grande variação; a sua sensibilidade apenas a informação fonológica; e o facto de ocorrer depois de fenómenos tardios (como a supressão de vogais).

Em 5.3, propomos que a acentuação secundária desempenha *duas funções* na fonologia do PE: a de evidenciar as fronteiras dos domínios prosódicos  $\omega$  e I através da localização da proeminência inicial (permitindo, assim, uma melhor identificação da estrutura prosódica por parte do ouvinte); e a de contribuir para a criação de um ritmo da língua caracterizado por intervalos regulares entre acentos ao nível de, pelo menos,  $\omega^{\max}$ , através da atribuição da proeminência inicial e do acento especial.

Constatamos também que a proeminência secundária do PE apresenta *características bastante frequentes nos sistemas de acentuação secundária de outras línguas* (cf. 5.4): os seus princípios básicos de distribuição, condicionantes adicionais e funções na fonologia da língua são bastante comuns; e trata-se de um processo pós-lexical, ocorrendo depois de outros processos da língua como a semivocalização.

Ao *reavaliar os trabalhos anteriores* sobre a proeminência secundária no PE (cf. secção 5.5), mostramos como a nossa proposta dá conta da maioria dos padrões acentuais apresentados na literatura e como consegue estabelecer as relações entre algumas intuições anteriormente referidas por diferentes autores.

## 6. CONCLUSÃO

### 6.1. Introdução

Tal como afirmado no início desta dissertação, o trabalho realizado visa descrever a distribuição da proeminência secundária (rítmica) do PE no domínio da palavra prosódica. Para o fazer, começámos por levantar algumas hipóteses (cf. cap.3), que foram, posteriormente, confirmadas ou infirmadas pelos dados da nossa experiência. Depois de apresentar esses dados no capítulo 4, analisámo-los e propusemos uma descrição do modo de funcionamento do processo de acentuação secundária no PE, no capítulo 5.

No presente capítulo, começaremos por resumir as conclusões a que chegámos sobre o processo de acentuação secundária no PE (secção 6.2). De seguida, observaremos os contributos da nossa proposta para o conhecimento da fonologia do PE e de outras línguas (secção 6.3). Na última secção deste capítulo (6.4), apresentaremos algumas das questões que ficam em aberto para investigação futura.

### 6.2. Os processos de acentuação secundária no Português Europeu: síntese

Como vimos, no PE, parecem existir dois processos de acentuação secundária quase totalmente independentes: o processo de atribuição do acento especial e o de atribuição da proeminência secundária inicial.

O *acento especial* localiza-se na segunda sílaba anterior ao acento primário, sobre uma combinação de dois morfemas específicos – *-iza-ção* ou *-ifica-ção* – podendo co-ocorrer com qualquer padrão de proeminência secundária inicial. O facto de este acento ser sensível a informação morfológica e lexical indica que se trata de um fenómeno lexical. Por outro lado, a atribuição deste acento não se verifica em todos os contextos possíveis, revelando uma opcionalidade (propriedade típica dos processos pós-lexicais) que, de momento, não conseguimos explicar. Este acento especial poderá estar relacionado com questões rítmicas, uma vez que a sua distribuição não pode ser determinada pela marcação do limite inicial ou final de um constituinte fonológico, nem pelo peso silábico,

nem por um efeito cíclico. Repetimos em (1) o princípio que propusemos no capítulo 5 para a atribuição do acento especial.

(1) ***Acento especial (opcional)***

Atribua um acento à combinação de morfemas *-iza-ção* ou *-if̃ica-ção*, na segunda sílaba antes do acento primário.

A ***proeminência secundária inicial***, por seu turno, é opcional e apresenta uma localização bastante variável. A atribuição desta proeminência tem como *domínio* a  $\omega/\omega^{\min}$  e, ocorrendo na fronteira esquerda desta, apresenta-se como um *processo de limite* (*domain-limit*): cada  $\omega/\omega^{\min}$  pode apresentar uma única proeminência numa das suas posições iniciais. A variabilidade na sua distribuição decorre do facto de esta ser opcional e de, tanto o adjunto de  $\omega$  (quando exista), como qualquer um dos três CSs iniciais pré-tónicos de  $\omega/\omega^{\min}$ , serem susceptíveis de receber uma proeminência inicial. São, portanto, possíveis cinco padrões diferentes de proeminência inicial: (i) zero proeminências iniciais; (ii) proeminência sobre o adjunto; (iii) proeminência no primeiro CS; (iv) proeminência no segundo CS; e (v) proeminência no terceiro CS.

De acordo com os dados referidos na literatura sobre o acento secundário noutras línguas, este fenómeno pode apresentar uma ou mais motivações básicas para a sua distribuição, juntamente com uma ou mais condicionantes adicionais, isto é, factores que podem influenciar, frequentemente de forma opcional, a localização da proeminência determinada pela motivação básica. Vimos que, no PE, a proeminência inicial parece apresentar duas motivações básicas que interagem: a “delimitação (inicial) do constituinte palavra prosódica” e a “saliência perceptiva das vogais iniciais”. A primeira parece ser a mais importante – pois todas as proeminências atribuídas ocorreram numa das fronteiras iniciais da  $\omega$  – mas necessita da qualidade da vogal para predizer, de forma completa, as localizações possíveis da proeminência inicial. As duas condicionantes adicionais, “princípios eurrítmicos” e “contexto prosódico”, influenciam a escolha de uma das possibilidades previstas pela interacção das duas motivações básicas.

A *saliência perceptiva*, um tipo de peso silábico que se verifica quando uma língua utiliza a proeminência ou saliência natural das vogais ou das sílabas para determinar a

localização de alguns acentos (cf. Hayes 1995), é de tal modo determinante na escolha do CS a acentuar, que levantámos a hipótese de ser ela a única motivação básica da localização da proeminência inicial do PE. No entanto, vários factos, que recapitulamos sucintamente, indicam a necessidade de considerar que a marcação da posição inicial de  $\omega/\omega^{\text{min}}$  também constitui uma motivação básica para a distribuição da proeminência em causa: (i) a proeminência inicial ocorre obrigatoriamente numa posição inicial, admitindo-se algumas excepções relativamente aos restantes factores; (ii) também é atribuída a posições iniciais apenas com vogais fracas, o que seria estranho se considerássemos que a saliência perceptiva constituía a única motivação básica para a distribuição; e (iii) a sua localização apresenta tendências relacionadas com a posição na palavra e independentes da saliência perceptiva da vogal (visíveis na diferença entre proporções de acentuação de vogais do mesmo tipo em diferentes posições da palavra).

Assim, as vogais não reduzidas e as nasais (tal como os ditongos que apresentam uma destas vogais no seu núcleo) atraem a proeminência inicial, comportando-se como “vogais fortes”, ao contrário do que acontece com as vogais reduzidas ([i, í, u, ʊ]), que designámos por “vogais fracas”. Numa posição inicial incluindo um ou mais CSs com vogais fortes, apenas uma vogal forte poderá receber a proeminência (cf. *monumentalidade*). A proeminência é preferencialmente atribuída à vogal forte mais à direita, sobretudo nas palavras com bastantes CSs pré-tónicos, o que, na nossa interpretação, se deve à tendência para evitar lapsos acentuais (cf. *ocidentalizações*, padrão mais frequente, vs. *ocidentalizações*, padrão também possível mas menos provável). Nas posições iniciais que apresentam apenas CSs incluindo vogais fracas, a proeminência inicial só pode ser atribuída ao primeiro ou ao segundo CS, dependendo a opção por um deles novamente do número de CSs pré-tónicos da  $\omega/\omega^{\text{min}}$ : em palavras com mais de dois CSs pré-tónicos, a proeminência tende a ser atribuída ao segundo CS (cf. *mini-aspiradores*,  $\omega^{\text{min}}$  de três CSs pré-tónicos, e *proporcionalidades*\*3<sup>1</sup>,  $\omega$  de cinco CSs pré-tónicos). Quando a palavra apresenta duas posições iniciais (isto é, no caso das  $\omega$ s com

---

<sup>1</sup> Recordamos que, quando não é referido qualquer algarismo, estamos perante uma resposta concordante (isto é, quatro ou cinco informantes concordaram relativamente a todas as proeminências identificadas na palavra).

adjunto), a proeminência tende a ser atribuída à posição que contiver, pelo menos, uma vogal forte (cf. *em familiaridade*), embora também possa ser atribuída à outra (cf. *em familiaridade*). Dentro de uma determinada posição inicial, não é, no entanto, possível acentuar uma vogal fraca se existir uma vogal forte que possa receber a proeminência inicial – cf. proeminência na posição inicial constituída pelos três CSs pré-tônicos iniciais de  $\omega$  sem o clítico: \**com autoridade*, *com autoridade* (não é possível acentuar o CS com vogal fraca *to* porque este co-ocorre com um CS de vogal forte, *au*); proeminência na posição inicial constituída pelo adjunto: *com autoridade*.

Como foi referido anteriormente (cf. parágrafos anteriores e secções 4.3.2, 4.3.5, 5.2.2.1), os dados mostram-nos que a interacção entre a posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$  e a saliência perceptiva determina as várias localizações possíveis para uma proeminência que ocorre sempre no limite esquerdo de  $\omega/\omega^{\min}$ , pelo que partimos do princípio de que existe *um único processo de atribuição de proeminência secundária*, além do acento especial. Contudo, o facto de o *corpus* usado só incluir vogais fortes até ao terceiro CS de  $\omega/\omega^{\min}$  não nos permite afastar a hipótese de que haja *dois tipos de proeminência secundária* além do acento especial: uma proeminência inicial e uma proeminência por saliência perceptiva. Esta hipótese terá de ser confirmada ou infirmada em investigação futura.

A condicionante adicional *princípios eurítmicos* visa evitar tanto choques como lapsos acentuais, pelo menos, ao nível de  $\omega^{\max}$ . Vimos que não é possível a atribuição de uma proeminência inicial a CSs em posição de choque com acentos especiais. Além disso, evita-se a atribuição de dois acentos (um inicial e um especial) em CSs muito próximos (isto é, com apenas um CS de intervalo) – cf. *sentimentalizações*\*2 / *sentimentalizações*\*5 vs. *em alcalinização*.

Quanto aos choques com acentos morfológicos (acento primário ou acento secundário morfológico), estes parecem ser proibidos quando o CS em posição de choque é constituído por uma vogal fraca, e preferencialmente evitados quando o CS apresenta uma vogal forte (cf. *desinfecções*, *desinfecções*\*2). Estas tendências parecem verificar-se ao nível de  $\omega^{\max}$ , já que se evitam choques tanto com acentos da  $\omega^{\min}$ , como com acentos de outra  $\omega^{\min}$  pertencente à mesma  $\omega^{\max}$ , independentemente de esses acentos se localizarem à esquerda ou à direita do CS acentuável. Por exemplo, em *pós-contestações* e em *pós-*

**-intervencões**, o primeiro CS da  $\omega_2$  (a negrito e sem itálico) nunca recebeu uma proeminência inicial apesar de apresentar uma vogal forte e de não estar em posição de choque com o acento primário da  $\omega_2$ , aparentemente por se encontrar em posição de choque com o acento secundário morfológico, isto é, com o acento de  $\omega_1$ , localizado à sua esquerda.

O facto de se optar frequentemente pelo padrão “zero proeminências iniciais” em palavras com um número reduzido de CSs pré-tónicos (por exemplo, dois CSs) pode atribuir-se já não à tendência para evitar choques acentuais, mas a uma certa tendência para evitar acentos muito próximos (cf. *dinastias*, *de/Moçambique*, *temporaizitos*).

Os lapsos acentuais, que parecem consistir, no PE, em sequências com mais de três CSs átonos, são também preferencialmente evitados. A tendência para os evitar concretiza-se através da preferência pela acentuação inicial do CS mais à direita, sobretudo em palavras com uma cadeia pré-tónica longa: o segundo CS em posições iniciais apenas com CSs incluindo vogais fracas (cf. *mini-aspiradores*, *proporcionalidades\*3*) ou o CS de vogal forte mais à direita em posições iniciais com mais de um CS com vogal forte (cf. *hiper-transcendentalistas*, *ultra-contemplatividades*).

O *contexto prosódico* influencia opcionalmente a escolha do padrão de proeminência inicial, na medida em que são atribuídas mais proeminências a  $\omega$ s localizadas no início de um sintagma entoacional. Assim, neste contexto prosódico ocorre menos frequentemente o padrão “zero proeminências iniciais”.

Tendo em conta as características da proeminência inicial encontradas nos dados (e até aqui revistas), propusemos alguns princípios que pretendem captar a forma como as motivações básicas e as condicionantes adicionais interagem para determinar os padrões de proeminência inicial possíveis para cada palavra. Esses princípios, propostos na secção 5.2.3, são repetidos em (2).

(2) ***Proeminência inicial (opcional)***

Atribua uma única proeminência inicial a uma das posições iniciais de  $\omega/\omega^{\min}$  (adjunto ou três CSs pré-tónicos iniciais de  $\omega/\omega^{\min}$ ), tendo em conta as seguintes condições, relativas a três factores:

a. *Saliência perceptiva*

- iv. Em posição inicial com um ou mais CSs incluindo vogais fortes (vogais nasais e vogais não reduzidas), acentue uma das vogais fortes.
- v. Em posição inicial apenas com CSs incluindo vogais fracas ([i, i, u, e]), acentue o primeiro ou o segundo CS.
- vi. Em  $\omega/\omega^{\min}$  com duas posições iniciais, acentue preferencialmente aquela que contenha um ou mais CSs integrando uma vogal forte.

b. *Princípios de Eurritmia (condicionante adicional) – em  $\omega/\omega^{\max}$*

- v. Não provoque choques de proeminências iniciais com acentos especiais.
- vi. Não provoque choques de proeminências iniciais sobre vogais fracas com acentos morfológicos.
- vii. Evite choques de proeminências iniciais sobre vogais fortes com acentos morfológicos.
- viii. Evite lapsos acentuais (mais de três CSs átonos).

c. *Contexto prosódico (condicionante adicional)*

Atribua uma proeminência secundária preferencialmente a  $\omega/\omega^{\min}$  no início de sintagma entoacional.

Quanto ao ponto da gramática em que ocorre a proeminência inicial do PE, os dados sugerem que se trata de um *fenómeno pós-lexical* (ao contrário do que acontece com o acento especial). São três os factos que o indicam: (i) esta proeminência é opcional; (ii) é atribuída depois de processos pós-lexicais como a construção do sintagma entoacional, a supressão das vogais e a semivocalização (parece ter em conta os CSs, as vogais foneticamente realizadas como vogais, e não as sílabas fonológicas); e (iii) é sensível apenas a informação fonológica, como a que diz respeito ao seu domínio prosódico, às vogais realizadas, à saliência perceptiva dessas vogais e à localização dos vários graus de acento de  $\omega^{\max}$ .

Ao observar o *papel da acentuação secundária na fonologia do PE*, concluímos que esta parece desempenhar duas grandes funções: (i) a de sublinhar a estrutura prosódica dos enunciados; e (ii) a de contribuir para a construção do ritmo próprio da língua. O acento especial e a proeminência inicial contribuem para o desempenho da segunda função, na medida em que tendem a criar intervalos isócronos entre CSs com algum grau de acento, pelo menos, ao nível de  $\omega^{\max}$ : a proeminência inicial fá-lo por meio da actuação

do factor “princípios de euritmia”; o acento especial realiza-o por se localizar entre a proeminência inicial e o acento primário, nunca gerando um choque acentual e resolvendo até eventuais lapsos acentuais. A primeira função proposta pode ser relacionada apenas com a proeminência inicial, uma vez que só esta contribui para evidenciar as fronteiras esquerdas dos constituintes  $\omega$  e I: é atribuída a uma das posições iniciais de  $\omega/\omega^{\min}$ , sobretudo quando a palavra prosódica se localiza no início de um sintagma entoacional.

### 6.3. A nossa proposta e a fonologia do Português Europeu e de outras línguas

Pensamos que os resultados da nossa investigação contribuem para uma melhor compreensão de alguns aspectos não só da fonologia do PE, mas também da de outras línguas. Começando pelo conhecimento relativo à *acentuação secundária do PE*, o nosso trabalho confirma grande parte das propostas apresentadas na literatura (cf. secção 5.5), baseadas tanto em intuições dos autores como em alguns dados empíricos, conseguindo relacioná-las e mostrar, de forma mais clara, como os diversos factores interagem.

A nossa proposta confirma ainda várias características atribuídas ao processo de *acentuação secundária na generalidade das línguas*. De facto, constatamos que, no PE, este processo é opcional e apresenta uma grande variação e instabilidade (cf. vários padrões possíveis de proeminência secundária inicial), podendo até esta instabilidade contribuir para o facto de os falantes nativos desta variedade manifestarem pouca consciência de tal proeminência e de haver discordância quanto à sua localização<sup>2</sup>. Por este motivo, prevê-se que a acentuação secundária de línguas como o PE seja mais facilmente descrita através de uma teoria mais flexível do que a Fonologia Métrica, como o são algumas versões da Teoria da Optimidade.

De facto, seria muito difícil fazer uma descrição adequada e simultaneamente “económica” da proeminência secundária no PE no quadro da Fonologia Métrica, já que os algoritmos que esta teoria permite estabelecer para descrever os padrões acentuais de uma

---

<sup>2</sup> Como referido em 2.1, van der Hulst (1999) sugere que a discordância quanto à localização dos acentos secundários se pode dever não só à falta de correlatos fonéticos claros, mas também à própria instabilidade na sua localização.

língua quase sempre predizem poucas possibilidades de variação. Pelo contrário, uma descrição feita no quadro da Teoria da Optimidade permite prever, com base numa hierarquia de restrições gerais, vários padrões acentuais possíveis (indicando-se até quais são os mais prováveis). Esta possibilidade fornecida pela Teoria da Optimidade é essencial para uma descrição adequada da acentuação secundária do PE, pois, como vimos, este processo é caracterizado pela existência de várias possibilidades para uma mesma palavra e pelo respeito por princípios gerais, sendo alguns deles muito importantes (como a obrigatoriedade de ocorrer em posição inicial de  $\omega/\omega^{\text{min}}$  e de respeitar condições relativas à saliência perceptiva) e outros menos (como os princípios relativos à eurrítmia e ao contexto prosódico).

Confirmamos igualmente a importância para a atribuição do acento secundário de muitos dos factores referidos na literatura, como a posição de fronteira num constituinte prosódico, o peso silábico, os princípios rítmicos e os princípios eurrítmicos.

Quanto ao *ritmo do PE*, este trabalho permite levantar mais algumas hipóteses acerca da sua criação e propriedades. De facto, os dados da nossa experiência sugerem que a acentuação secundária contribui para a criação de um ritmo com intervalos preferencialmente isócronos entre CSs com algum grau de acento. Esses intervalos tendem a ser constituídos por um a três CSs. Pelo contrário, de acordo com a literatura sobre o PB, o ritmo desta última variedade é binário, apresentando, pois, intervalos de apenas uma sílaba entre duas proeminências. Assim, tal como defendido por alguns autores (cf. Brandão de Carvalho 1988, Frota e Vigário 2000), a acentuação secundária parece ser um dos processos que contribui para a distinção destas duas variedades do Português.

Finalmente, a nossa investigação reforça o conhecimento dos *constituintes prosódicos* no PE. Por um lado, parece confirmar as hipóteses de Vigário (2003) sobre a definição dos diferentes tipos de palavra prosódica, já que utilizámos essa definição na elaboração do *corpus* e esta facilitou a compreensão dos dados da proeminência secundária inicial. Os dados parecem até corroborar duas propostas específicas da autora. Em primeiro lugar, o facto de a proeminência inicial poder ocorrer tanto sobre o adjunto como sobre um dos três CSs iniciais da  $\omega$  que serve de base morfológica para o prefixo ou de hospedeiro para o proclítico confirma a proposta segundo a qual, nas  $\omega$ s com adjunto, existem duas

posições iniciais de  $\omega$ : o adjunto e a sílaba inicial da  $\omega$  que serve de base morfológica ou de hospedeiro (cf. (*em* (*familiaridade*) $_{\omega}$ ) $_{\omega}$  ; (*em* (*familiaridade*) $_{\omega}$ ) $_{\omega}$  ). Em segundo lugar, o facto de, tanto os CSs iniciais de  $\omega$ s simples, como os de  $\omega^{\min}$ , se mostraram susceptíveis de receber uma proeminência secundária inicial aponta no sentido de que algumas  $\omega$ s são realmente compostas por duas ou mais  $\omega^{\min}$  – cf. ((*fracção*) $_{\omega^{\min}}$  (*zinhos*) $_{\omega^{\min}}$ ) $_{\omega^{\max}}$ ), com proeminência inicial na  $\omega_1$ , e ((*inter*) $_{\omega^{\min}}$  (*culturalidade*) $_{\omega^{\min}}$ ) $_{\omega^{\max}}$ ), com proeminência inicial na  $\omega_2$ .

Por outro lado, a acentuação secundária parece constituir mais um processo que faz referência à palavra prosódica e ao sintagma entoacional, contribuindo, deste modo, para corroborar a hipótese de que a palavra prosódica (cf. Vigário 2003) e o sintagma entoacional (cf. Frota 2000; Frota e Vigário 2000) constituem constituintes prosódicos “fortes”<sup>3</sup> no PE. De facto, a proeminência inicial apresenta a  $\omega/\omega^{\min}$  como domínio e ocorre mais frequentemente em palavras prosódicas no início de um sintagma entoacional. Ao confirmar as hipóteses relativas a alguns dos constituintes prosódicos estudados para o PE, a nossa proposta acaba por reforçar a própria teoria da Fonologia Prosódica.

#### 6.4. Questões em aberto

Depois desta investigação, várias são as questões que ficam em aberto: algumas constituem questões antigas, outras foram levantadas pelo próprio trabalho.

Uma das questões agora levantadas diz respeito ao *acento especial*. Antes de procurar saber qual o princípio que determina a sua distribuição, seria necessário verificar, através da elaboração de um *corpus* específico, se existem outros morfemas derivacionais susceptíveis de receber um acento especial.

Os nossos resultados dão igualmente origem a uma outra questão: qual é o grau de *importância da saliência perceptiva* na localização da proeminência? É necessário

---

<sup>3</sup> Cf. distinção entre constituintes prosódicos “fortes” e “fracos” proposta por Frota (2000) e referida na secção 1.4.

confirmar se existe apenas um processo de atribuição de proeminência inicial (que resulta da interacção entre os factores “posição inicial de  $\omega/\omega^{\min}$ ” e “saliência perceptiva”) ou se existem dois processos diferentes (o de atribuição da proeminência inicial e o de atribuição da proeminência por saliência perceptiva) que, por vezes, interagem com o fim de evitar a atribuição de várias proeminências a um mesmo domínio. Essa confirmação passa por verificar se são atribuídas proeminências a vogais fortes localizadas no quarto, quinto ou sexto CS da  $\omega/\omega^{\min}$ , exigindo, portanto, a elaboração de um *corpus* mais alargado.

Relativamente aos *padrões de acentuação secundária encontrados*, convém confirmar os resultados obtidos nesta experiência, considerando dados de produção de outros informantes. Neste trabalho foram utilizadas as produções de uma única InfProd, o que implica o risco de algumas possibilidades de acentuação secundária encontradas serem idiossincráticas. Além disso, podem existir outros padrões acentuais igualmente possíveis na variedade em estudo (Português de Lisboa) que não foram utilizados pela InfProd.

Outra questão em aberto diz respeito à eventual *isocronia entre acentos de diferentes graus*. Para confirmar a hipótese de que uma das funções da proeminência secundária no PE consiste na criação de intervalos acentuais idealmente isócronos seria necessária a constituição de um *corpus* que tivesse em conta um domínio superior à palavra. Os informantes deveriam perceber as proeminências secundárias em *sequências constituídas por várias palavras adjacentes* (e não apenas numa palavra). Prevê-se que as escolhas dos padrões de acentuação secundária para umas palavras fossem condicionadas pelas opções tomadas para as palavras adjacentes, dentro do domínio no qual operaria este processo rítmico, a fim de se evitarem choques e lapsos acentuais. Deste modo, poderíamos verificar se o domínio para a actuação dos princípios eurrítmicos é constituído por  $\omega^{\max}$  ou por um constituinte mais vasto.

Esta última questão pode também ser relacionada com a *influência do débito* na produção de proeminências. Por exemplo, num *corpus* com base em fala espontânea, prevê-se que um débito mais rápido e um maior número de vogais suprimidas dariam origem a menos proeminências produzidas e que, frequentemente, não fosse necessária qualquer proeminência inicial ou que bastasse a atribuição de uma proeminência no início

de uma palavra prosódica longa, para criar intervalos isócronos entre os acentos de diferentes graus existentes na sequência.

Finalmente, seria interessante comparar a *influência de diferentes estilos* (leitura, discurso formal, discurso informal) na produção de proeminências secundárias.



## BIBLIOGRAFIA

- Abaurre, M. Bernardete. 1996. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje* 31, nº 2: 41-50.
- Abaurre, M. Bernardete, Charlotte Galves, Arnaldo Mandel e Filomena Sândalo. 2001. The Sotaq optimality based computer program and secondary stress in two varieties of Portuguese. Universidade Estadual de Campinas, Conselho Nacional de Pesquisa, Universidade de São Paulo, ms. (<http://www.ime.usp.br/~tycho/participants.htm>)
- Abousalh, Elaine. 1997. *Resolução de choques acentuais de acento no português brasileiro: elementos para uma reflexão sobre a interface sintaxe-fonologia*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas.
- Almeida Costa, J. e A. Sampaio e Melo (orgs.). 1995. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora (7ª ed.).
- Andrade, Ernesto. 1977. *Aspects de la phonologie (générative) du portugais*. Lisboa: INIC.
- Andrade, Ernesto. 1993. *Dicionário Inverso do Português*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Andrade, Ernesto. 1994. O acento de palavra em português. In *Temas de fonologia*, 107-130. Lisboa: Colibri [J. Stakzec (org.). 1988. *Colloquium on Spanish, Portuguese and Catalan Linguistics*. Washington, D.C.: Georgetown University Press].
- Andrade, Ernesto. 1997. Some remarks about stress in Portuguese. In Fernando Martínez-Gil e Alfonso Morales-Front (orgs.), *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*, 343-358. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- Andrade, Ernesto e Bernard Laks. 1992. Na crista da onda: o acento de palavra em português. In *Actas do VII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 15-26. Lisboa: APL.
- Andrade, Ernesto e M. Céu Viana. 1989. Ainda sobre o acento e o ritmo em português. In *Actas do IV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 3-15. Lisboa: APL.

- Andrade, Ernesto e M. Céu Viana. 1999. Constantino e os acidentes de Constantinopla: os acentos do Português e do Castelhana. In Palmira Marrafa e M. Antónia Mota (orgs.), *Linguística Computacional: Investigação Fundamental e Aplicações*, 79-95. Lisboa: APL/Colibri.
- Araújo, Isabel. 2003. Pôr os acentos nos is. In *Como pôr os alunos a trabalhar? Experiências formativas na aula de Português. Actas do Encontro Nacional da Associação de Professores de Português*, 281-290. Lisboa: Lisboa Editora/APP.
- Araújo, Isabel. 2004. *A Percepção do Acento em Português: Descrição, Implicações e Aplicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Árnason, Kristján. 1980. *Quantity in historical phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Árnason, Kristján. 1999. Icelandic and Faroese. In Harry van der Hulst (org.), *Word Prosodic Systems in the Languages of Europe*, 567-603. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Arvaniti, Amalia. 1992. Secondary stress: Evidence from Modern Greek. In Gerard J. Docherty e D. Robert Ladd (orgs.), *Papers in Laboratory Phonology II. Gesture, segment, prosody*, 398-427. Cambridge: Cambridge University Press.
- Morais Barbosa, Jorge. 1965. *Études de phonologie portugaise*. Évora: Universidade de Évora (2ª ed., 1983).
- Beckman, Mary. 1986. *Stress and Non-Stress Accent*. Dordrecht: Foris.
- Bisol, Leda (org.). 1996. *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS (2ª ed. revista, 1999).
- Booij, Geert. 1994. Lexical Phonology: a Review. *Lingua e Stile* a. XXIX, 4: 525-555.
- Booij, Geert. 1995. *The Phonology of Dutch*. Oxford: Oxford University Press.
- Brandão de Carvalho, Joaquim. 1988. Réduction vocalique, quantité et accentuation: pour une explication structurale de la divergence entre portugais lusitanien et portugais brésilien. *Boletim de Filologia*, tomo XXXII: 5-26.

- Callou, Dinah e Yonne Leite. 1990. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Castelo, Adelina. 2003. The Perception of Word Primary Stress in European Portuguese. Comunicação apresentada em *Phonetics and Phonology in Iberia 2003*, Junho, Universidade de Lisboa.
- Castelo, Adelina. 2004. Questões sobre acento(s) não-primário(s) no PE. A aparecer em *Actas do XIX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.
- Chomsky, Noam e Morris Halle. 1968. *The Sound Pattern of English*. Nova Iorque: Harper and Row.
- Christensen, John e Sylvia Christensen. 1992. Kisar Phonology. In Donald A. Burquest e Wyn D. Laidig (orgs.), *Phonological Studies in Four Languages of Maluku*, 33-65. Dallas: Summer Institute of Linguistics.
- Collischonn, Gisela. 1994. Acento secundário em Português. *Letras de Hoje*, 98: 43-55.
- Cunha, Celso e Luís Lindley Cintra. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa (10ª ed., 1994).
- Dauer, Rebecca. 1987. Phonetic and Phonological Components of Language Rhythm. In *Proceedings of the XIth International Congress of Phonetic Sciences*, 447-450.
- Delgado Martins, M. Raquel. 1975. Vogais e consoantes do Português: estatística de ocorrência, duração e intensidade. *Boletim de Filologia*, tomo XXIV: 1-11. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Delgado Martins, M. Raquel. 1982. *Aspects de l'accent en portugais*. Hamburg: Buske Verlag.
- Delgado Martins, M. Raquel. 1983. *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais*. Lisboa: Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Delgado Martins, M. Raquel. 1988. *Ouvir Falar. Introdução à Fonética do Português*. Lisboa: Caminho (3ªed.).
- Dell, François. 1973. *Generative phonology and French phonology*. Cambridge: Cambridge University Press. Tradução inglesa de Catherine Cullen, 1980.

- Dell, François. 1984. L'accentuation dans les phrases en français. In François Dell, Daniel Hirst e Jean-Roger Vergnaud (orgs.), *Forme sonore du langage. Structure des représentations en phonologie*, 65-122. Paris: Hermann.
- Díaz-Campos, Manuel. 2000. The Phonetic Manifestation of Secondary Stress in Spanish. In Hector Campos *et alii* (orgs.), *Hispanic Linguistics at the Turn of the Millenium: Papers from the 3rd Hispanic Linguistics Symposium*, 49-65. Somerville: Cascadilla Press.
- Dogil, Grzegorz. 1999a. The phonetic manifestation of word stress in Lithuanian, Polish and German and Spanish. In Harry van der Hulst (org.), *Word Prosodic Systems in the Languages of Europe*, 273-311. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Dogil, Grzegorz. 1999b. West Slavic. In Harry van der Hulst (org.), *Word Prosodic Systems in the Languages of Europe*, 813-839. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Fox, Anthony. 2000. *Prosodic Features and Prosodic Structure. The Phonology of Suprasegmentals*. Oxford University Press: Oxford.
- Freitas, M. João e Ana Lúcia Santos. 2001. *Contar (histórias de) sílabas*. Lisboa: Colibri / APP.
- Frota, Sónia. 2000. *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation*. Nova Iorque, Londres: Garland Publishing.
- Frota, Sónia e Marina Vigário. 2000. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In Rui Vieira de Castro e Pilar Barbosa (orgs.), *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Vol.1*, 533-555. Coimbra: APL.
- Frota, Sónia e Marina Vigário. 2001. On the correlates of rhythmic distinctions: the European / Brazilian Portuguese case. *Probus* 13: 247-275.
- Frota, Sónia, Marina Vigário e Fernando Martins. 2002. Language Discrimination and Rhythm Classes: Evidence from Portuguese. Universidade de Lisboa e Universidade do Minho, ms.

- Gonçalves Viana, Aniceto R. 1883. Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne. In *Estudos de Fonética Portuguesa*, 1973, 83-152. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Gonçalves Viana, Aniceto R. 1892. Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros. In *Estudos de Fonética Portuguesa*, 1973, 153-258. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Gonçalves Viana, Aniceto R. 1903. Quantité et accentuation. *Phonétique et Phonologie – Morphologie. Textes*, 27-29. Leipzig: Druck und Verlag von B. G. Teubner.
- Gussenhoven, Carlos e Gösta Bruce. 1999. Word prosody and intonation. In Harry van der Hulst (org.), *Word Prosodic Systems in the Languages of Europe*, 233-271. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Halle, Morris. 1998. The stress of English words 1968-1998. *Linguistic Inquiry* 29: 539-568.
- Halle, Morris e Jean-Roger Vergnaud. 1987. *An Essay on Stress*. Cambridge, Londres: The MIT Press.
- Hayes, Bruce. 1984. The Phonology of rhythm in English. *Linguistic Inquiry* 15: 33-74.
- Hayes, Bruce. 1989. The prosodic hierarchy in meter. In Paul Kiparsky e Gilbert Youmans (orgs.), *Phonetics and Phonology. Rhythm and Meter*, 201-260. Nova Iorque: Academic Press.
- Hayes, Bruce. 1995. *Metrical Stress Theory. Principles and Case Studies*. Chicago, Londres: The University of Chicago Press.
- Hualde, José Ignacio. 1991. *Basque Phonology*. Nova Iorque: Routledge.
- Hulst, Harry van der. 1984. *Syllable Structure and Stress in Dutch*. Dordrecht: Foris.
- Hulst, Harry van der. 1999. Word accent. In Harry van der Hulst (org.), *Word Prosodic Systems in the Languages of Europe*, 3-115. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Hulst, Harry van der, Bernadet Hendriks e Jeroen van der Weijer. 1999. A survey of word prosodic systems of European languages. In Harry van der Hulst (org.), *Word*

- Prosodic Systems in the Languages of Europe*, 425-575. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Hume, Elizabeth e Keith Johnson. 2001. A Model of the Interplay of Speech Perception and Phonology. In Hume, Elizabeth e Keith Johnson (orgs.), *The role of Speech Perception in Phonology*, 3-26. San Diego: Academic Press.
- Krull, Diana e Olle Engstrand. 2003. Speech rhythm – intention or consequence? Cross-language observations on the hyper/hypo dimension. In Mattias Heldner (org.), *PHONUM 9* (Reports from the Department of Phonetics, University of Umeå): 133-136.
- Laidig, Carol J. 1992. Segments, Syllables, and Stress in Larike. In Donald A. Burquest e Wyn D. Laidig (orgs.), *Phonological Studies in Four Languages of Maluku*, 67-126. Dallas: Summer Institute of Linguistics.
- Leben, William R. 1976. *Secondary Stress in English*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club.
- Lehiste, Ilse. 1970. *Suprasegmentals*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Lieberman, Mark e Alan Prince. 1977. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry* 8: 249-336.
- Lüdtke, Helmut. 1953. Fonemática Portuguesa II: vocalismo. *Boletim de Filologia* 14: 197-217.
- Major, Roy C. 1985. Stress and rhythm in Brazilian Portuguese. *Language* 61: 259-282.
- Mateus, Maria Helena M. 1975. *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisboa: INIC (2ª ed. revista, 1982).
- Mateus, Maria Helena M. 2003. Fonologia. In Maria Helena M. Mateus *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*, 987-1033. Lisboa: Caminho.
- Mateus, Maria Helena M. e Ernesto Andrade. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mateus, Maria Helena M. e M. Raquel Delgado Martins. 1982. Contribuição para o estudo da vogais átonas [ə] e [u] no Português Europeu. *Biblos*, vol. LVIII: 111-128.

- Mateus, Maria Helena M., Amália Andrade, M. Céu Viana e Alina Villalva. 1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mateus, Maria Helena M., Sónia Frota e Marina Vigário. 2003. Prosódia. In Maria Helena M. Mateus *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*, 1035-1076. Lisboa: Caminho.
- Nespor, Marina. 1990. On the separation of Prosodic and Rhythmic Phonology. In Sharon Inkelas e Draga Zec (orgs.), *The Phonology-Syntax Connection*, 243-258. Chicago, Londres: University of Chicago Press.
- Nespor, Marina. 1999. Stress domains. In Harry van der Hulst (org.), *Word Prosodic Systems in the Languages of Europe*, 117-159. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Nespor, Marina e Irene Vogel. 1986. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.
- Nivens, Richard. 1992. A Lexical Phonology of West Tarangan. In Donald A. Burquest e Wyn D. Laidig (orgs.), *Phonological Studies in Four Languages of Maluku*, 127-226. Dallas: Summer Institute of Linguistics.
- Nooteboom, Sieb. 1997. The prosody of speech: melody and rhythm. In W.J. Hardcastle e J. Laver (orgs.), *The Handbook of Phonetic Sciences*, 640-673. Oxford: Basil Blackwell Limited.
- Nunes, José Joaquim. 1969. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Patel, Aniruddh D. e Joseph R. Daniele. 2003. An empirical comparison of rhythm in language and music. *Cognition* 87: B35-B45.
- Pereira, Isabel. 1999. *O Acento de Palavra em Português. Uma Análise Métrica*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Roca, Iggy. 1986. Secondary stress and metrical rhythm. *Phonology Yearbook* 3: 341-370.
- Rubach, Jerzy. 1993. *The Lexical Phonology of Slovak*. Oxford: Clarendon Press.
- Rubach, Jerzy e Geert Booij. 1985. A grid theory of stress in Polish. *Lingua* 66: 281-319.
- Sá Nogueira, Rodrigo. 1938. *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

- Selkirk, Elizabeth. 1984. *Phonology and Syntax. The relation between sound and structure*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Tenani, Luciani. 2003. Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Universidade Estadual de São Paulo, ms. (<http://www.ime.usp.br/~tycho/participants.htm>)
- Trommelen, Mieke e Wim Zonneveld. 1999. English. In Harry van der Hulst (org.), *Word Prosodic Systems in the Languages of Europe*, 478-491. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Vigário, Marina. 1997. Processos de desambiguação prosódica em estruturas com advérbios de exclusão. In Ana Maria Brito, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima e Rosa M. Martelo (orgs.), *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, 855-868. Porto: Campo das Letras.
- Vigário, Marina. 1998. *Aspectos da Prosódia do Português Europeu: estruturas com Advérbios de Exclusão e Negação Frásica*. Braga: Universidade do Minho/CEHUM.
- Vigário, Marina. 2003. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Vigário, Marina e Isabel Falé. 1994. A Sílabas no Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. In *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 465-477. Lisboa: APL/Colibri.
- Vogel, Irene e Sergio Scalise. 1982. Secondary stress in Italian. *Lingua* 58: 213-242.
- Wiese, Richard. 1996. *The Phonology of German*. Oxford: Oxford University Press.

## ANEXOS

### ANEXO I. *CORPUS* CONSTITUÍDO

#### Legenda para os Quadros

As 125 palavras estão divididas em *três grupos de acordo com o tipo de  $\omega$*  simples, com adjunto ou compostas. As  $\omega$ s compostas, por seu turno, dividem-se em três subgrupos de acordo com a forma de analisar a cadeia pré-tónica: no primeiro quadro das  $\omega$ s compostas, considera-se o número de sílabas/CSs na cadeia pré-tónica de toda a  $\omega^{\max}$ ; no segundo quadro, considera-se o número de sílabas/CSs pré-tónicos existentes apenas na segunda  $\omega^{\min}$ ; no terceiro quadro, tem-se em conta o número de sílabas/CSs pré-tónicos existentes na primeira  $\omega^{\min}$ .

Dentro de cada grupo, as palavras estão divididas por *diferentes colunas* de acordo com o número de sílabas/CSs que compõem a cadeia pré-tónica considerada (6 sílabas/CSs, 5 sílabas/CSs...). Cada grupo apresenta ainda *três ou mais linhas*, que referem o contexto a observar tendo em conta a posição de sílaba/CS na palavra (da 1ª sílaba/CS à 3ª da  $\omega$  e, no caso das  $\omega$ s com adjunto, sílaba/CS do adjunto). Cada uma dessas linhas subdivide-se em *duas linhas “pequenas”*, de forma a observar os dois grupos de vogais considerados (vogais reduzidas vs. vogais não reduzidas e nasais), em todas as posições (cf. “três ou mais linhas”) e em palavras com cadeias pré-tónicas de diferentes comprimentos (cf. “colunas”).

O *negrito* numa das sílabas ou num dos CSs da palavra prosódica indica que essa sílaba ou esse CS constitui o contexto a observar.

O *travessão* (–) mostra que não podem existir palavras para esse contexto (por exemplo, não podemos analisar o 2º CS em palavras com apenas um CS pré-tónico).

#### Esclarecimentos adicionais

Relativamente ao *número mínimo e máximo de palavras por cada grupo* (isto é, em cada célula), veja-se a explicação apresentada nas secções 3.2.4 e 3.2.5. Alguns grupos incluem muitas palavras, uma vez que palavras necessárias para completar outros grupos podem também ser incluídas em grupos que já tinham bastantes palavras.

Para realizar a *contagem das sílabas*, adoptámos a descrição da sílaba proposta por Mateus e Andrade (2000). Assim, considerámos que: (i) os ataques silábicos complexos só podem ser constituídos por uma consoante obstruinte e uma líquida; (ii) os núcleos são preenchidos por uma vogal, uma vogal e uma glide ou não são foneticamente realizados ( $\emptyset$ ); e (iii) a posição de coda só pode ser preenchida por / l /, / r / ou / ʃ /.

Ao organizar as palavras nos quadros que dizem respeito aos *conjuntos silábicos (CSs)*, partimos do princípio de que certos núcleos silábicos, habitualmente não realizados foneticamente, não seriam produzidos, dando origem a CSs abrangendo mais de uma sílaba. Por exemplo, considerámos que a palavra *absoluções*, que tem quatro sílabas pré-tónicas ( / a.b $\emptyset$ .s $\emptyset$ .vi / ), seria provavelmente realizada com apenas três CSs pré-tónicos ( [ v•bs $\emptyset$ •vi ] ).

A inclusão neste anexo de *quadros com a organização de diferentes grupos de palavras do corpus* pretende apenas ilustrar o processo utilizado para verificar se tínhamos palavras para observar todos os contextos pretendidos. Foi por este motivo que não incluímos todos os quadros mas apenas os que apresentam a organização de alguns grupos de palavras:  $\omega$ s com adjunto, tendo em conta as sílabas;  $\omega$ s compostas ( $\omega^{\max}$ ), tendo em conta os CSs;  $\omega$ s compostas ( $\omega^2$ ), tendo em conta os CSs;  $\omega$ s compostas ( $\omega^1$ ), tendo em conta os CSs.

**Quadro 1. Organização das palavras prosódicas com adjunto do *corpus* em função do número de sílabas**

Número de $\sigma$ pré-tónicas na $\omega$		6 sílabas	5 sílabas	4 sílabas	3 sílabas	2 sílabas	1 sílaba	0 sílabas
sílabas do adjunto	V redz.	.deslexicalizações .a dialectologia .a complexificação	.a consonantização	.desorganização .subdesenvolvimentos <sup>1</sup> .a fundação	.desocupações .os moçambicanos .o envolvimento .a desenvolvimento	.as trapalhadas .de Moçambique .desinfecções .os calcanhares	.relavagens .na Europa .o solteiro	.a ópera .os gatos .de saia
	V não redz. e nasais		.em familiaridade .em alcalinização .em mercantilização .em Reflexologia	.com afinetadelas .embaratecimentos	.com conhecimento .com autoridade .transcontinental	.em Portugal .encurtamentos .transmutações	.com amor .com sentido .transatlânticos	.em casa .em Letras .com gosto
1ª sílaba da $\omega$	V redz.	.a dialectologia	.em familiaridade .em mercantilização .em Reflexologia	.subdesenvolvimentos .embaratecimentos	.com conhecimento .os moçambicanos .a desenvolvimento	.em Portugal .as trapalhadas .encurtamentos .de Moçambique .transmutações	.com amor .relavagens .transatlânticos	—
	V não redz. e nasais	.deslexicalizações .a complexificação	.a consonantização .em alcalinização	.desorganização .com afinetadelas .a fundação	.desocupações .transcontinental .com autoridade .o envolvimento	.desinfecções .os calcanhares	.na Europa .o solteiro .com sentido	—
2ª sílaba da $\omega$	V redz.	.deslexicalizações .a dialectologia	.a consonantização .em alcalinização .em familiaridade	.desorganização .a fundação .embaratecimentos .com afinetadelas	.transcontinental .com autoridade .com conhecimento .desocupações	.as trapalhadas .em Portugal .encurtamentos .transmutações .os calcanhares	—	—

<sup>1</sup> Note-se que a palavra *subdesenvolvimentos* constitui a única  $\omega$  que inclui um adjunto de duas sílabas ([su.bØ]), que, no entanto, vai corresponder sempre a um único CS na produção da InfProd.

Número de $\sigma$ pré-tónicas na $\omega$		6 sílabas	5 sílabas	4 sílabas	3 sílabas	2 sílabas	1 sílaba	0 sílabas
	V não redz. e nasais	.a comple-xificação	.em mer-cantilização .em Refle-xologia	.subdesen-volvimentos	.o envolvi-mento .os moçam-bicanos .a desenvol-tura	.de Moçam-bique .desinfec-ções	---	---
3 <sup>a</sup> sílaba da $\omega$	V redz.	.deslexicali-zações .a comple-xificação	.em alcali-nização .em familia-ridade .em mer-cantilização .em Refle-xologia	.embarate-cimentos .desorgani-zação .com alfine-tadelas	.com autoridade .com co-nhecimento .os moçam-bicanos .desocupa-ções .o envolvi-mento	---	---	---
	V não redz. e nasais	.a dialec-tologia	.a conso-nantização	.subdesen-volvimentos .a funda-mentação	.transconti-nental .a desenvol-tura	---	---	---

**Quadro 2. Organização das palavras prosódicas compostas ( $\omega^{\max}$ ) do corpus em função do número de conjuntos silábicos**

Número de CSs pré-tónicos na $\omega^{\max}$		6 CSs	5 CSs	4 CSs	3 CSs	2 CSs	1 CS
1 <sup>o</sup> CS da $\omega^{\max}$	V redz.	.aerocircula-ção .ultra-radi- calidades .ultra-simpli- ficações .super-auten- ticidades .hiper-trans- cendentalistas .super-arqui- tectações	.mini- aspiradores .super- interessantes .super- predilecções .microecono- mia	.maracuja- zinhos .perturbaçõe- zinhas .super- holandeses	.HTMs (agá tê éme) .laranjaizitos .ultra-leveza .ultra- bairrismos	.chapeu- zinhos  .ultra- rápidos	---
	V não redz. e nasais	.intercultura- lidade .pré-conso- nantizações .pró-fede- ralização .pré-demo- cratizações	.hetero- correcções .macro- mercantilismo	.pós- contestações .franco- finlandeses	.inter-cidades .fotomonta- gem .alvarazitos .temporaizitos .pró- funchalenses	.cançõe- zinhas .LPs (éle pês)	---

Número de CSs pré-tônicos na $\omega^{\max}$		6 CSs	5 CSs	4 CSs	3 CSs	2 CSs	1 CS
2° CS da $\omega^{\max}$	V redz.	.ultra-radicalidades .ultra-simplificações .pró-federalização .pré-democratizações	.hetero-correcções .mini-aspiradores	.perturbações-zinhas .maracujazinhos	.alvarazitos .temporaizitos .ultra-leveza .ultra-bairrismos	.ultra-rápidos .LPs (éle pê)	---
	V não redz. e nasais	.interculturalidade .pré-consonantizações .aerocirculação .super-autenticidades .hiper-transcendentalistas .super-arquitectações	.macro-mercantilismo .super-interessantes .super-predilecções .microeconomia	.pós-contestações .franco-finlandeses .super-holandeses	.HTMs (agá tê éme) .laranjaizitos .inter-cidades .fotomontagem .pró-funchalenses	.chapeuzinhos .canções-zinhas	---
3° CS da $\omega^{\max}$	V redz.	.ultra-radicalidades .interculturalidade .pré-consonantizações .pró-federalização .pré-democratizações .super-arquitectações	.mini-aspiradores .macro-mercantilismo .super-predilecções	.pós-contestações .perturbações-zinhas .maracujazinhos	.inter-cidades .pró-funchalenses .ultra-leveza	---	---
	V não redz. e nasais	.aerocirculação .ultra-simplificações .super-autenticidades .hiper-transcendentalistas	.super-interessantes .hetero-correcções .microeconomia	.franco-finlandeses .super-holandeses	.laranjaizitos .fotomontagem .HTMs (agá tê éme) .alvarazitos .temporaizitos .ultra-bairrismos	---	---

**Quadro 3. Organização das palavras prosódicas compostas ( $\omega 2$ ) do corpus em função do número de conjuntos silábicos**

Número de CSs pré-tónicos na $\omega 2$		6 CSs	5 CSs	4 CSs	3 CSs	2 CSs	1 CS
1º CS da $\omega 2$	V redz.	.auto-responsabilizações .pós-tuberculizações	.pró-federalização .pré-democratizações	.ultra-radicalidades .interculturalidade .super-arquitectações	.mini-aspiradores .super-predilecções .macro-mercantilismo .aerocirculação	.heterocorreções	.intercidades .ultra-leveza
	V não redz. e nasais	.ultra-republicanizações .hiper-sentimentalizações .pró-intelectualidade	.pré-consonantizações .ultra-contemplatividades	.ultra-simplificações .super-autenticidades .hiper-transcendentalistas	.super-interessantes .pós-contestações .microeconomia .pós-intervenções	.franco-finlandeses .super-holandeses .pró-funchalenses	.ultra-bairrismos .foto-montagem
2º CS da $\omega 2$	V redz.	.ultra-republicanizações .hiper-sentimentalizações .pró-intelectualidade	.pré-consonantizações .pró-federalização .pré-democratizações	.ultra-radicalidades .interculturalidade .ultra-simplificações .super-arquitectações	.mini-aspiradores .super-interessantes .super-predilecções .pós-contestações .pós-intervenções .aerocirculação	.pró-funchalenses	---
	V não redz. e nasais	.auto-responsabilizações .pós-tuberculizações	.ultra-contemplatividades	.super-autenticidades .hiper-transcendentalistas	.macro-mercantilismo .microeconomia	.heterocorreções .franco-finlandeses .super-holandeses	---
3º CS da $\omega 2$	V redz.	.auto-responsabilizações .ultra-republicanizações .pós-tuberculizações	.pró-federalização .pré-democratizações .ultra-contemplatividades	.ultra-radicalidades .ultra-simplificações .interculturalidade .super-autenticidades	.mini-aspiradores .super-interessantes .pós-contestações .macro-mercantilismo .microeconomia .aerocirculação	---	---
	V não redz. e nasais	.hiper-sentimentalizações .pró-intelectualidade	.pré-consonantizações	.super-arquitectações .hiper-transcendentalistas	.super-predilecções .pós-intervenções	---	---

**Quadro 4. Organização das palavras prosódicas compostas ( $\omega 1$ ) do *corpus* em função do número de conjuntos silábicos**

Número de CSs pré-tônicos na $\omega 1$		3 CSs	2 CSs	1 CS
1° CS da $\omega 1$	V redz.	.maracujazinhos .perturbaçõe <del>z</del> inhas	.laranjaizitos	.aerocirculação .chapeuzinhos  .HTMs  (agá tê éme)
	V não redz. e nasais	.ocidentaizinhos .compensaçõe <del>z</del> itas	.alvarazitos .temporaizitos	.fracçõe <del>z</del> inhas .cançõe <del>z</del> inhas
2° CS da $\omega 1$	V redz.	.maracujazinhos .perturbaçõe <del>z</del> inhas .ocidentaizinhos	.temporaizitos .alvarazitos	---
	V não redz. e nasais	.compensaçõe <del>z</del> itas	.laranjaizitos	---
3° CS da $\omega 1$	V redz.	.maracujazinhos .perturbaçõe <del>z</del> inhas .compensaçõe <del>z</del> itas	---	---
	V não redz. e nasais	.ocidentaizinhos	---	---

### Lista 1. Alguns itens do *corpus* com a etiquetagem prosódica esperada

1) início de U (palavras isoladas)

#### Estrutura do contexto prosódico dos itens que se seguem:

[ [ [ [palavra do corpus]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

absolvições  
afectividade  
alfabetização

2) início de I <sup>2</sup>

#### Estrutura do contexto prosódico dos itens que se seguem:

[ [ [ [ ... ]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> [ [ ... ]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> [ [ [ ... ]<sub>ω</sub> [ ... ]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> [ [ [palavra do corpus]<sub>ω</sub> [ ... ]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

[(O juiz)] [(concedeu)], [(conforme) (soubeste)], [(absolvições) (polémicas)]  
[(O título)] [(será)], [(escrevam-no) (depressa)], [(“Afectividade) (Juvenil”)]  
[(O Projecto)] [(chamar-se-á)], [(digo-o) (novamente)], [(“Alfabetização) (Infantil”)]

3) início de φ

#### Estrutura do contexto prosódico dos itens que se seguem:

[ [ [ [ ... ]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> [ [ ... ]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> [ [palavra do corpus]<sub>ω</sub> [ ... ]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

[(O juiz)] [(concedeu)] [(absolvições) (polémicas)]  
[(A Inês)] [(tirou)] [(Afectividade) (Juvenil)]  
[(A Guida)] [(tirou)] [(Alfabetização) (Infantil)]

4) início de ω

#### Estrutura do contexto prosódico dos itens que se seguem:

[ [ [ [ ... ]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> [ [ ... ]<sub>ω</sub> [palavra do corpus]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> [ [ ... ]<sub>ω</sub> [ ... ]<sub>ω</sub> ]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

[(O juiz)] [(concedeu) (absolvições)] [(muito) (polémicas)]  
[(A Isabel)] [(tirou) (Afectividade)] [(na Universidade) (Nova)]  
[(A Guida)] [(estudou) (Alfabetização)] [(na Universidade) (Nova)]

<sup>2</sup> Na apresentação dos itens, adoptamos a seguinte forma de representar a etiquetagem prosódica: as fronteiras de I são marcadas através de vírgulas; as de φ através de parênteses rectos, [ ]; e as de ω através de parênteses curvos, ( ). Não marcamos graficamente os limites de U, pois sabe-se que no princípio e final absoluto de cada item temos sempre uma fronteira de U.

**Lista 2. Instruções da tarefa de produção e primeira página do *corpus* apresentado às InfProd**

## INSTRUÇÕES

- Comece por ler silenciosamente todas as palavras e frases que se seguem.
- Em seguida, leia as palavras / frases com naturalidade (a todos os níveis: entoação, velocidade, volume de voz...).
- Durante a gravação, faça uma pequena pausa entre cada palavra / frase. Pode aproveitar essa pausa para visualizar o item seguinte (o que facilitará a sua leitura posterior).
- Sempre que hesitar ou se enganar na leitura de um item, repita a leitura desse item.
- Pare a leitura, nas “Pausas” e sempre que se sentir cansada ou com sede.

***PARTE I***

alimentações

complexificações

alfabetização

condições

demonstrações

associatividade

super-arquitecturações

cauteleiros

super-predilecções

interculturalidade

afectividade

intercepções

missangas

super-autenticidades

intelectualidade

alterações

monumentalidade

neutralizações

perpendicularidades

desorganização

salgados

pré-consonantizações

continentalidades

procuradorias

receptividade

tuberculinizações

a complexificação

precaução



## ANEXO II. *CORPUS* PRODUZIDO

### Lista 1. Transcrição fonética e etiquetagem prosódica do *corpus* produzido

#### Esclarecimentos

Apresentamos a transcrição fonética e a etiquetagem prosódica apenas das palavras que fazem parte do *corpus*. Na *coluna da esquerda*, incluímos os itens (palavras isoladas ou frases) produzidos, sublinhando a palavra que faz parte do *corpus* e etiquetando a sua fronteira esquerda mais alta na hierarquia prosódica. Na *coluna da direita*, apresentamos a transcrição fonética da palavra sublinhada.

Quanto à transcrição fonética, são objecto de transcrição fonética estreita apenas os *núcleos silábicos pré-tónicos* (cf. secção 3.4.1), o que implica a representação de todos os processos de semivocalização e de fusão ou supressão de vogais. Registamos ainda a *supressão de consoantes pré-tónicas*.

Na transcrição dos *restantes segmentos*, indicamos apenas o resultado da aplicação de regras que consideramos gerais, a saber, a redução das vogais átonas, a nasalização, a semivocalização de uma vogal alta precedida por uma vogal, a inserção de glides nasais, a especificação do vozeamento e ponto de articulação da fricativa em coda e a velarização do /l/ em coda.

#### Convenções de transcrição fonética

- (ˈ) **antes da sílaba**: acento primário
- (ˌ) **antes da sílaba**: acento secundário morfológico
- negrito**: hesitações e/ou velocidade mais lenta
- negrito e itálico**: acento enfático

u[ <u>alimentações</u>	[ɛlimẽtɐ'sõj̃ʃ]
u[ <u>complexificações</u>	[kõpleksifikɐ'sõj̃ʃ]
u[ <u>alfabetização</u>	[aʎfɛbtizɐ'sɛw̃]
u[ <u>condições</u>	[kõdi'sõj̃ʃ]
u[ <u>demonstrações</u>	[dmõʃtrɛ'sõj̃ʃ]
u[ <u>associatividade</u>	[ɛsusjetivi'dadi]
u[ <u>cauteleiros</u>	[kawt'ʎɛjruʃ]
u[ <u>super-predilecções</u>	[,superpidilɛ'sõj̃ʃ]
u[ <u>interculturalidade</u>	[ĩterkultureli'dadi]
u[ <u>afectividade</u>	[ɛfetivi'dadi]
u[ <u>intercepções</u>	[ĩtirse'sõj̃ʃ]
u[ <u>missangas</u>	[mi'sɛgɐ]

v[ <u>super-autenticidades</u>	[,superawtētsi'dadiʃ]
v[ <u>intelectualidade</u>	[ ʔtlektweli'dadi]
v[ <u>alterações</u>	[atɾe'sõj ʃ]
v[ <u>monumentalidade</u>	[munumēteli'dadi]
v[ <u>neutralizações</u>	[newɾelize'sõj ʃ]
v[ <u>perpendicularidades</u>	[ɾpɛdikuleri'dadiʃ]
v[ <u>desorganização</u>	[dzɔɾgɔnize'sẽw̃]
v[ <u>salgados</u>	[saɫ'gadu]
v[ <u>continentalidades</u>	[kõtĩnēteli'dadiʃ]
v[ <u>procuradorias</u>	[ɾɾɔkuredu'ɾieʃ]
v[ <u>tuberculinizações</u>	[tubɛɾkulinize'sõj ʃ]
v[ <u>a complexificação</u>	[ɛkõpleksifikɛ'sẽw̃]
v[ <u>precaução</u>	[ɾɾikaw'sẽw̃]
v[ <u>dinastias</u>	[dineʃ'tieʃ]
v[ <u>com conhecimento</u>	[kõkupsĩ'mētu]
v[ <u>ocidentalizações</u>	[ɔsidētelize'sõj ʃ]
v[ <u>elvenses</u>	[eɫ'vəsiʃ]
v[ <u>responsabilizações</u>	[ɾiʃpõsɛblize'sõj ʃ]
v[ <u>inflações</u>	[ ʔfla'sõj ʃ]
v[ <u>a desenvoltura</u>	[ɛdzɛvɔɫ'ture]
v[ <u>LPs (éle pês)</u>	[,eɫ'peʃ]
v[ <u>com gosto</u>	[kõ'goʃtu]
v[ <u>sentimentalizações</u>	[sɛtimētelize'sõj ʃ]
v[ <u>macro-mercantilismo</u>	[,makɾɔmirkɛti'lizmu]
v[ <u>orientalismos</u>	[ɔɾjɛte'lizmuʃ]
v[ <u>percentualidades</u>	[ɾɾsɛtweli'dadiʃ]
v[ <u>a consonantização</u>	[ɛkõsunētize'sẽw̃]
v[ <u>detenções</u>	[ditɛ'sõj ʃ]
v[ <u>demonstrabilidades</u>	[dimõʃ'tɾɛbili'dadiʃ]
v[ <u>a dialectologia</u>	[ɛdjɛletulu'ʒie]
v[ <u>pró-intelectualidade</u>	[,ɾɾɔ'ʔtlektweli'dadi]
v[ <u>com autoridade</u>	[kõawturi'dadi]

u[ <u>ultra-rápidos</u>	[,uʎtrɛ'rapiduʃ]
u[ <u>a fundamentação</u>	[ɛfũdemõte'sẽw̃]
u[ <u>com alfinetadelas</u>	[kõafinte'delɛʃ]
u[ <u>ocidentais</u>	[õsidẽ'tajʃ]
u[ <u>a Ópera</u>	[ɛ'õpre]
u[ <u>com amor</u>	[kõẽ'mor]
u[ <u>as trapalhadas</u>	[ɛʃtrɛpɛ'ʎadɛʃ]
u[ <u>desocupações</u>	[dzõkpe'sõj̃ʃ]
u[ <u>em casa</u>	[ẽj̃'kazɛ]
u[ <u>interceptações</u>	[ĩtrsetɛ'sõj̃ʃ]
u[ <u>londrinos</u>	[lõ'drinuʃ]
u[ <u>ultra-republicanizações</u>	[,uʎtrɛ'republikɛnizɛ'sõj̃ʃ]
u[ <u>alvarazitos</u>	[aʎvɛ,ra'zituʃ]
u[ <u>embaratecimentos</u>	[ẽbɛrɛtsi'mẽtuʃ]
u[ <u>transcontinental</u>	[trɛj̃kõtĩnẽ'taʎ]
u[ <u>propostas</u>	[pru'põʃtɛʃ]
u[ <u>na Europa</u>	[nɛw'rõpɛ]
u[ <u>auto-responsabilizações</u>	[,awtõriʃpõsɛblizɛ'sõj̃ʃ]
u[ <u>os moçambicanos</u>	[uʒmusẽbi'kɛnuʃ]
u[ <u>encurtamentos</u>	[ẽkurtɛ'mẽtuʃ]
u[ <u>ultra-simplificações</u>	[,uʎtrɛsĩplifikɛ'sõj̃ʃ]
u[ <u>em Reflexologia</u>	[ẽj̃ɾifleksulu'ʒiɛ]
u[ <u>transatlânticos</u>	[trɛzɛ'tlɛtikuʃ]
u[ <u>pró-federalização</u>	[,prõfidɛrɛlizɛ'sẽw̃]
u[ <u>os calcanhares</u>	[uʃkaʎkɛ'riʃ]
u[ <u>hiper-sentimentalizações</u>	[,ĩpersẽtimẽtɛlizɛ'sõj̃ʃ]
u[ <u>proporcionalidades</u>	[prupursjunɛli'dadiʃ]
u[ <u>HTMs (agá tê émes)</u>	[ɛ,ga,tɛ'emiʃ]
u[ <u>inter-cidades</u>	[,ĩtersi'dadiʃ]
u[ <u>o solteiro</u>	[uso'tɛjru]
u[ <u>transmutações</u>	[trɛzmutɛ'sõj̃ʃ]
u[ <u>aerocirculação</u>	[ɛ,ɛrõsirkulɛ'sẽw̃]

ul <u>pró-funchalenses</u>	[,prɔfũʃɐ'lɛsiʃ]
ul <u>relavagens</u>	[rile'vaʒɐ̃jʃ]
ul <u>subdesenvolvimentos</u>	[subdzɛvɔlvi'mɛtuʃ]
ul <u>chapeuzinhos</u>	[ʃɐ,pɛw'ziɲuʃ]
ul <u>o envolvimento</u>	[uɛvɔlvi'mɛtu]
ul <u>compensaçõezitas</u>	[kɔpɛʃɐ,sɔ̃j'ziteʃ]
ul <u>fotomontagem</u>	[,fɔtɔmõ'taʒɐ̃j]
ul <u>os gatos</u>	[uʒ'gatuʃ]
ul <u>franco-finlandeses</u>	[,frɛkɔfilɛ'deziʃ]
ul <u>hetero-correcções</u>	[,ɛtrɔkure'sɔ̃jʃ]
ul <u>em Letras</u>	[ɐ̃j'letrɐʃ]
ul <u>ultra-leveza</u>	[,uʎtrɛli'veze]
ul <u>laranjaizitos</u>	[lɛɐ̃,ʒaj'zituʃ]
ul <u>microeconomia</u>	[,mikrɔekɔnu'mie]
ul <u>desinfecções</u>	[dzife'sɔ̃jʃ]
ul <u>fracçãozinhas</u>	[fra,sɔ̃j'ziɲɐʃ]
ul <u>mini-aspiradores</u>	[,miniɐʃpirɐ'doriʃ]
ul <u>deslexicalizações</u>	[dziʎeksikɛlizɐ'sɔ̃jʃ]
ul <u>ultra-radicalidades</u>	[,uʎtrɛrɛdikalɛ'dadiʃ]
ul <u>de Moçambique</u>	[dimusɐ'biki]
ul <u>ocidentaizinhos</u>	[ɔsidɛ,taj'ziɲuʃ]
ul <u>super-interessantes</u>	[,supɛritri'sɛtiʃ]
ul <u>pós-contestações</u>	[,prɔkɔtʃtɐ'sɔ̃jʃ]
ul <u>potenciações</u>	[putɛsje'sɔ̃jʃ]
ul <u>de saia</u>	[di'sajɐ]
ul <u>em Portugal</u>	[ɐ̃j'purtu'gaʎ]
ul <u>pós-tuberculizações</u>	[,pɔʃtuber <b>kulinize</b> 'sɔ̃jʃ]
ul <u>ultra-contemplatividades</u>	[,uʎtrekɔtɛplɛtivi'dadiʃ]
ul <u>intelectualismo</u>	[ĩtlektwɛ'lizmu]
ul <u>absolvições</u>	[ɐbsɔlvi'sɔ̃jʃ]
ul <u>super-holandeses</u>	[,supɛrɔlɛ'deziʃ]
ul <u>pós-intervenções</u>	[,pɔʒitirvɛ'sɔ̃jʃ]

u[ <u>mercados</u>	[mir'kaduʃ]
u[ <u>temporaizitos</u>	[tẽpu,raj'zituʃ]
u[ <u>ultra-bairrismos</u>	[,uʎtrẽbaj'riʒmuʃ]
u[ <u>em familiaridade</u>	[õfẽmiljẽri'dadi]
u[ <u>pré-consonantizações</u>	[,prẽkõsnẽtize'sõʃ]
u[ <u>receptividade</u>	[rsetivi'dadi]
u[ <u>em alcalinização</u>	[õfalkẽlinize'sẽw]
u[ <u>pré-democratizações</u>	[,prẽdimukrẽtize'sõʃ]
u[ <u>orçamentistas</u>	[õrsemẽ'tiʃtẽʃ]
u[ <u>com sentido</u>	[kõsẽ'tidu]
u[ <u>hiper-transcendentalistas</u>	[,ipẽtrẽʃsẽdẽtẽ'liʃtẽʃ]
u[ <u>perturbaçãozinhas</u>	[pĩrturbẽ,sõʃ'ziɲẽʃ]
u[ <u>cançãozinhas</u>	[kẽ,sõʃ'ziɲẽʃ]
u[ <u>perplexidades</u>	[pĩrplẽksi'dadiʃ]
u[ <u>em mercantilização</u>	[ẽjmĩrkẽtilize'sẽw]
u[ <u>super-arquitecturações</u>	[,supẽrẽrkĩtẽtẽ'sõʃ]
u[ <u>maracujazinhos</u>	[mẽrẽku,ʒa'ziɲuʃ]
Os alunos consideram-nos $\phi$ [ <u>super-interessantes</u> e muito divertidos.	[,supẽrĩtrĩ'sõtiz]
Os turistas encontraram, conforme sabes, $\iota$ [ <u>cauteleiros</u> simpáticos.	[kawt'lẽjruʃ]
As enfermeiras fazem $\phi$ [ <u>desinfecções</u> cuidadosas.	[dzĩfẽ'sõʃ]
O título será, escrevam-no depressa, $\iota$ [ “ <u>Afectividade Juvenil</u> ”.	[ẽfẽtivi'dadi]
O político afirmava-se $\phi$ [ <u>pró-federalização</u> nas sessões parlamentares.	[,prõfidĩrẽlizẽ'sẽw]
Os ditadores autorizaram, segundo consta, $\iota$ [ <u>detenções</u> colectivas.	[dĩtẽ'sõʃ]
O José escreveu, recordo-o novamente, $\iota$ [ “ <u>Ocidentalizações Perfeitas</u> ”.	[õsidẽtẽlizẽ'sõʃ]
A Maria estudou $\phi$ [ <u>Interculturalidade</u> Contemporânea.	[ĩtẽrkũlturẽli'dadi]
O título será, segundo parece, $\iota$ [ “ <u>Dinastias Portuguesas</u> ”.	[dĩnẽʃ'tiẽʃ]
O agricultor comprou $\phi$ [ <u>laranjaizitos</u> rentáveis.	[lẽrẽ,ʒaj'zituʒ]
Os directores contrataram, como esperávamos, $\iota$ [ <u>orçamentistas</u> honestos.	[õrsemẽ'tiʃtẽʃ]
Os imigrantes conhecem $\phi$ [ <u>super-holandeses</u> muito acolhedores.	[,supẽrõlẽ'deziʒ]
O gestor analisava, como convinha, $\iota$ [ <u>percentualidades</u> importantes.	[prsetwẽli'dadiz]
A mãe preparou, como sabes, $\iota$ [ <u>salgados</u> deliciosos.	[saʎ'gaduʒ]
O Manuel conhecia $\phi$ [ <u>hiper-transcendentalistas</u> crónicos.	[,ipẽtrẽʃsẽdẽtẽ'liʃtẽʃ]

O projecto chama-se, segundo disseram, <b>1</b> [“ <u>Tuberculizações</u> Africanas”].	[tubɛrkulinizɐ'sõj̃z]
O professor procurava, repito-o novamente, <b>1</b> [ <u>orientalismos</u> setecentistas.	[ɔrjɛtɐ'liʒmuʃ]
Os estrategas planearam <b>φ</b> [ <u>desocupações</u> militares.	[dzɔkpe'sõj̃z]
A investigadora registou, segundo disseram, <b>1</b> [ <u>sentimentalizações</u> diversas.	[sɛ̃timɛtɛlizɐ'sõj̃z]
Os sindicalistas encontraram <b>φ</b> [ <u>desorganização</u> social.	[dzɔrgɛnizɐ'sɛ̃w̃]
A Mafalda aprecia, penso eu, <b>1</b> [ a <u>dialectologia</u> portuguesa.	[ɛdʒɛlɛtulu'ʒiɛ]
O líquido encontra-se <b>φ</b> [ <u>em alcalinização</u> progressiva.	[ɛj̃aʔkɛlinizɐ'sɛ̃w̃]
Ninguém aprecia <b>φ</b> [ <u>super-autenticidades</u> na vida profissional.	[,supɛrawtɛ̃tsi'dadiʒ]
O jardineiro encontrou <b>φ</b> [ <u>os gatos</u> dela.	[uʒ'gatuʒ]
A professora criticou, como soubeste, <b>1</b> [ a <u>fundamentação</u> teórica.	[ɛfũdɛmɛtɐ'sɛ̃w̃]
A festa realizar-se-á <b>φ</b> [ <u>em casa</u> dela.	[ɛj̃'kazɛ]
O futebolista recebeu, como soubemos, <b>1</b> [ <u>propostas</u> aliciantes.	[pru'pɔʃtɛz]
O historiador estudava <b>1</b> [ <u>ultra-republicanizações</u> africanas.	[,uʔtrɐ'ɾɛpublikɛnizɐ'sõj̃z]
Os sindicalistas encontraram, lembro novamente, <b>1</b> [ <u>desorganização</u> social.	[dzɔrgɛnizɐ'sɛ̃w̃]
O líquido encontrava-se, como esperávamos, <b>1</b> [ <u>em alcalinização</u> progressiva.	[ɛj̃aʔkɛlinizɐ'sɛ̃w̃]
A Inês tirou <b>φ</b> [ <u>Afectividade</u> Juvenil.	[ɛfɛtivɪ'dadi]
A Guida tirou <b>φ</b> [ <u>Alfabetização</u> Infantil.	[aʔfɛbtizɐ'sɛ̃w̃]
O político aconselhava, já sabíamos, <b>1</b> [ <u>precaução</u> constante.	[prikaw'sɛ̃w̃]
O conferencista propôs <b>φ</b> [ <u>alimentações</u> saudáveis.	[ɛlimɛtɐ'sõj̃ʃ]
A costureira magoou-o, queixou-se ele, <b>1</b> [ <u>com alfinetadelas</u> várias.	[kõaʔfintɐ'dɛlɛʒ]
A legislação sofreu <b>φ</b> [ <u>alterações</u> consideráveis.	[aʔtrɐ'sõj̃ʃ]
O irmão tratou-a, como esperávamos, <b>1</b> [ <u>com amor</u> renovado.	[kõɐ'mɔr]
O juiz concedeu <b>φ</b> [ <u>absolvições</u> polémicas.	[ɛbsɔʔvi'sõj̃ʃ]
A empresa procura, como parecia, <b>1</b> [ <u>mercados</u> novos.	[mir'kaduʒ]
A Inês visitou <b>φ</b> [ a <u>Ópera</u> parisiense.	[ɛ'ɔprɛ]
O inspector visitava, segundo diziam, <b>1</b> [ <u>procuradorias</u> europeias.	[prɔkuredu'riɛz]
A tese aborda, disse-me ela, <b>1</b> [ a <u>complexificação</u> molecular.	[ɛkõpleksifikɐ'sɛ̃w̃]
O sumário foi, repito-o novamente, <b>1</b> [“ <u>Proporcionalidades</u> matemáticas”].	[prupursjunɛli'dadiʒ]
O tio contava <b>φ</b> [ <u>as trapalhadas</u> dela.	[ɛʃtrɛpɐ'ʔadɛʒ]
O sumário é, escrevam-no rapidamente, <b>1</b> [“ <u>A consonantização</u> fonética”].	[ɛkõsunɛtizɐ'sɛ̃w̃]
A costureira magoou-o <b>φ</b> [ <u>com alfinetadelas</u> várias.	[kõaʔfintɐ'dɛlɛʒ]
O livro chamar-se-á, segundo consta, <b>1</b> [“ <u>Elvenses</u> Famosos”].	[ɛʔ'vɛsiʃ]

Os padrões apreciaram, conforme soubeste, <u>1</u> [ <u>a desenvoltura</u> dela.	[ədzəvɔɫ'turə]
As jornalistas conhecem, segundo sei, <u>1</u> [ <u>londrinos</u> simpáticos.	[lɔ'drinuʃ]
O irmão tratou-a <u>φ</u> [ <u>com amor</u> renovado.	[kõe'mor]
O projecto chamar-se-á, digo-o novamente, <u>1</u> [ " <u>Alfabetização</u> Infantil".	[aɫfɛbtizɛ'sɛw̃]
O António investiga, como sabes, <u>1</u> [ <u>interceptações</u> epistolares.	[ĩtrsetɛ'sõj̃z]
Os campistas partiram <u>φ</u> [ <u>com sentido</u> incerto.	[kõsɛ'tidu]
O ex-piloto descreveu-nos <u>φ</u> [ <u>temporaizitos</u> por ele vividos.	[tɛpu,raj'zituʃ]
A Maria veio, como sabes, <u>1</u> [ <u>de saia</u> verde.	[d'sajɐ]
A CP adquiriu <u>φ</u> [ <u>ultra-rápidos</u> britânicos.	[,uɫtrɛ'rapiduʒ]
A médica descrevia <u>φ</u> [ <u>pós-tuberculinizações</u> na África Oriental.	[,pɔʃtubɛrkulinizɛ'sõj̃ʒ]
Os materiais vieram <u>φ</u> [ <u>de Moçambique</u> Ocidental.	[dmusɛ'biki]
Ninguém mostrou, queixou-se ela, <u>1</u> [ <u>receptividade</u> alguma.	[ɾsetivi'dadi]
A Joana visitou, disse-me ela, <u>1</u> [ <u>a Ópera</u> parisiense.	[ɛ'opɛ]
O tio contava, como sabes, <u>1</u> [ <u>as trapalhadas</u> dela.	[ɛʃtrɛpɛ'ɫadɛʒ]
A Maria veio <u>φ</u> [ <u>de saia</u> verde.	[d'sajɐ]
A festa realizar-se-ia, pensavam elas, <u>1</u> [ <u>em casa</u> dele.	[ɛj'kazɛ]
O filme chamar-se-á, já decidimos, <u>1</u> [ " <u>Em Familiaridade</u> Amável".	[ɛj'fɛmiljɛri'dadi]
A Cristina estudou, conforme sabes, <u>1</u> [ <u>potenciações</u> matemáticas.	[putɛsjɛ'sõj̃ʒ]
A economia encontra-se <u>φ</u> [ <u>em mercantilização</u> progressiva.	[ɛj'mirkɛtilizɛ'sɛw̃]
A sentença suscitou, segundo consta, <u>1</u> [ <u>perplexidades</u> várias.	[pɪrplɛksi'dadiʒ]
Os turistas encontraram <u>φ</u> [ <u>cauteleiros</u> simpáticos.	[kawt'lɛjruʃ]
A legislação sofreu, segundo consta, <u>1</u> [ <u>alterações</u> importantes.	[aɫtrɛ'sõj̃z]
O Pedro especializou-se, como queria, <u>1</u> [ <u>em Letras</u> Modernas.	[ɛj'letɾɛʒ]
O título será, já decidimos, <u>1</u> [ " <u>Associatividade</u> Empresarial".	[ɛsusjetivi'dadi]
Os vencedores estipularam <u>φ</u> [ <u>condições</u> humilhantes.	[kõdi'sõj̃z]
O artigo intitular-se-á, segundo dizem, <u>1</u> [ " <u>Complexificações</u> silábicas".	[kõplɛksifikɛ'sõj̃ʃ]
O geógrafo calculava <u>φ</u> [ <u>continentalidades</u> europeias.	[kõtinɛtɛli'dadiz]
O Francisco especializou-se <u>φ</u> [ <u>em Letras</u> Modernas.	[ɛj'letɾɛʒ]
Os vencedores estipularam, segundo consta, <u>1</u> [ <u>condições</u> humilhantes.	[kõdi'sõj̃z]
O António explicava <u>φ</u> [ <u>demonstrabilidades</u> matemáticas.	[dimõʃtrɛbili'dadiʒ]
A psicóloga estudava <u>1</u> [ <u>hiper-sentimentalizações</u> em alguns pacientes.	[,ipɛrsɛtimɛtɛlizɛ'sõj̃ʒ]
A Maria evita <u>φ</u> [ <u>inter-cidades</u> muito demorados.	[,ĩtersi'dadiʒ]

Os ditadores autorizaram $\phi$ [ <u>detenções</u> colectivas.	[ditē'sōj̃ʃ]
A economia encontra-se, dizem eles, $\mathfrak{I}$ [ <u>em mercantilização</u> progressiva.	[ɲ̃mirkẽtilize'sẽw̃]
A professora fazia $\phi$ [ <u>demonstrações</u> práticas.	[dmõʃtrẽ'sōj̃ʃ]
O professor recusou, como vês, $\mathfrak{I}$ [ <u>com autoridade</u> absoluta.	[kõawturi'dadi]
Os vizinhos estiveram, segundo dizem, $\mathfrak{I}$ [ <u>em Portugal</u> continental.	[ẽj̃purtu'gaʃ]
O artigo aborda $\phi$ [ <u>complexificações</u> silábicas.	[kõpleksifikẽ'sōj̃ʃ]
O título será, escrevam-no depressa, $\mathfrak{I}$ [ " <u>Demonstrabilidades</u> matemáticas".	[dimõʃtrẽbili'dadiʒ]
O João tirou $\phi$ [ <u>Fotomontagem</u> no Instituto Politécnico.	[,fõtõmõ'taʒẽ]
Os alunos estudaram-nas, segundo dizem, $\mathfrak{I}$ [ <u>em Reflexologia</u> animal.	[ẽj̃rifleksulu'ʒiẽ]
Os alunos fizeram $\mathfrak{I}$ [ <u>hetero-correcções</u> muito acertadas.	[,ẽtrõkure'sōj̃ʒ]
Os materiais vieram, fica sabendo, $\mathfrak{I}$ [ <u>de Moçambique</u> Ocidental.	[dimusẽ'biki]
O Pedro estudou $\mathfrak{I}$ [ <u>Interculturalidade</u> na Universidade Lusófona.	[ĩterkultureli'dadi]
A máquina fazia, verificámo-lo depois, $\mathfrak{I}$ [ <u>relavagens</u> automáticas.	[riʎe'vaʒẽʒ]
O vizinho conserta, penso eu, $\mathfrak{I}$ [ <u>mini-aspiradores</u> potentes.	[,miniẽʃpiɾe'doriʃ]
O sexagenário conheceu $\phi$ [ <u>pós-contestações</u> muito diferentes.	[,prõkõtʃtẽ'sōj̃ʒ]
Os chineses tornaram-se, como esperávamos, $\mathfrak{I}$ [ <u>ocidentais</u> asiáticos.	[õsidẽ,taj'ziɲuz]
As raparigas compraram, como combinámos, $\mathfrak{I}$ [ <u>missangas</u> coloridas.	[mi'sẽgẽʃ]
Os doentes tiveram $\mathfrak{I}$ [ <u>pós-intervenções</u> muito difíceis.	[,põʒitĩrvẽ'sōj̃ʒ]
Ninguém achou, disseram eles, $\mathfrak{I}$ [ <u>monumentalidade</u> alguma.	[munumẽteli'dadi]
A psicóloga procurava $\phi$ [ <u>auto-responsabilizações</u> em crianças pequenas.	[,awtõriʃpõsẽblize'sōj̃ʒ]
Os estrategas estudaram, assim convinha, $\mathfrak{I}$ [ <u>neutralizações</u> terrestres.	[newtrẽlizẽ'sōj̃ʃ]
A rapariga inventava $\phi$ [ <u>perturbações</u> muito idiotas.	[piɾturbe,sōj̃'ziɲẽʒ]
Os deputados eram, segundo diziam, $\mathfrak{I}$ [ <u>pró-federalização</u> moderna.	[,prõfidirelizẽ'sẽw̃]
A educadora comprou $\phi$ [ <u>chapeuzinhos</u> de cor vermelha.	[ʃe,pẽw'ziɲuʒ]
O João estuda, segundo dizem, $\mathfrak{I}$ [ <u>Fotomontagem</u> Computadorizada.	[,fõtõmõ'taʒẽ]
Os miúdos aprenderão, espero eu, $\mathfrak{I}$ [ <u>fracções</u> simples.	[fra,sōj̃'ziɲẽʃ]
O psicólogo aconselhou $\phi$ [ <u>compensações</u> a cada nova vitória.	[kõpẽsẽ,sōj̃'ziteʒ]
O deputado convencera, tinham-nos dito, $\mathfrak{I}$ [ <u>pró-funchalenses</u> convictos.	[,prõfũʃe'lẽsiʃ]
As crianças ouviram $\phi$ [ <u>canções</u> muito bonitas.	[kẽ,sōj̃'ziɲẽʒ]
Os filósofos eram, como parecia, $\mathfrak{I}$ [ <u>pró-intelectualidade</u> nacional.	[,prõ'itlẽtweli'dadi]
A Mariana ideou, como sabes, $\mathfrak{I}$ [ <u>super-arquitectações</u> fascinantes.	[,superẽrkitẽtẽ'sōj̃ʃ]
Os miúdos aprenderam $\phi$ [ <u>fracções</u> na última aula.	[fra,sōj̃'ziɲẽʒ]

O árabe encontrou, disseram elas, <u>í</u> <u>ocidentais</u> desesperados.	[ɔsidẽ'tajʒ]
O professor fala <u>φ</u> <u>com autoridade</u> absoluta.	[kõawturi'dadi]
A Marta inventava, segundo consta, <u>í</u> <u>perturbaçõezinhas</u> idiotas.	[pirturbẽ,sõj'ziɲɛʒ]
O ensaísta falou <u>φ</u> <u>com conhecimento</u> científico.	[kõkũpsi'mẽtu]
As enfermeiras fazem, como convém, <u>í</u> <u>desinfecções</u> cuidadosas.	[dzife'sõjʃ]
A Cristina ensinava <u>φ</u> <u>potenciações</u> aos seus alunos.	[putẽsjẽ'sõj z]
O artigo chamar-se-ia, creio eu, <u>í</u> “ <u>Deslexicalizações</u> Pronominais”.	[diʒleksikelize'sõjʃ]
O sexagenário viveu, como imaginávamos, <u>í</u> <u>pós-contestações</u> diferentes.	[,prɔkõtʃtẽ'sõj z]
Os estrategas estudaram, como convinha, <u>í</u> <u>desocupações</u> militares.	[dzɔkɸẽ'sõj z]
Os actores trabalham <u>φ</u> <u>com gosto</u> autêntico.	[kõ'goʃtu]
A sentença suscitou <u>φ</u> <u>perplexidades</u> nos meios jornalísticos.	[pirpleksi'dadiʒ]
Os alunos viram <u>φ</u> <u>maracujazinhos</u> maduros.	[mæɾɛku,ʒa'ziɲuʒ]
O artigo apresenta, se bem recordo, <u>í</u> <u>super-predilecções</u> infantis.	[,superpidile'sõj z]
Os estrategas estudam <u>φ</u> <u>neutralizações</u> terrestres.	[newtrelize'sõj ʃ]
O ex-piloto descreveu-nos, recordo-o novamente, <u>í</u> <u>temporaizitos</u> aéreos.	[tẽpu,raj'zituz]
O árabe encontrou <u>í</u> <u>ocidentais</u> desesperados.	[ɔsidẽ'tajʒ]
As festas suscitam, como sempre, <u>í</u> <u>ultra-bairrismos</u> insustentáveis.	[,uʎtrɛbaj'riʒmuz]
Aqueles estudam <u>φ</u> <u>Microeconomia</u> Contemporânea.	[,mikrɔekɔnu'miẽ]
As lisboetas conheceram <u>φ</u> <u>elvenses</u> formidáveis.	[ɛ'l'vẽsi]
O líquido encontra-se <u>í</u> <u>em alcalinização</u> desde ontem.	[ẽjaʎkɛlinize'sẽw]
O título será, como pensávamos, <u>í</u> “ <u>Inter-cidades</u> Portugueses”.	[ĩtersi'dadi]
O periódico chamar-se-á, prestem atenção, <u>í</u> “ <u>Interculturalidade</u> Contemporânea”.	[ĩterkũltureli'dadi]
O professor deu-nos <u>φ</u> <u>Intelectualismo</u> Contemporâneo.	[ĩtlektwẽ'liʒmu]
A festa realizar-se-á <u>φ</u> <u>em casa</u> dos pais dele.	[ẽj'kazẽ]
O engenheiro estudou <u>φ</u> <u>intercepções</u> fluviais.	[ĩtirse'sõj ʃ]
Ninguém aprecia, dizem eles, <u>í</u> <u>super-autenticidades</u> nenhuma.	[,superawtẽtsi'dadiʒ]
As monitoras compraram <u>φ</u> <u>missangas</u> coloridas.	[mi'sẽgẽ]
A Guida estudou <u>φ</u> <u>Alfabetização</u> na Universidade Nova.	[aʎfẽbtize'sẽw]
Ninguém achou <u>í</u> <u>monumentalidade</u> alguma.	[munumẽteli'dadi]
Nenhum apresentava, no meu entender, <u>í</u> <u>ultra-leveza</u> alguma.	[,uʎtrɛli'vezẽ]
Os alunos estudaram <u>φ</u> <u>a dialectologia</u> do Português Europeu.	[ɛdʒɛletulu'ziẽ]
A Europa aloja <u>í</u> <u>dinastias</u> antigas.	[dinej'tiez]

O sumário foi, acho eu, ɪ [“ <u>Ultra-republicanizações</u> africanas”].	[,uɫtrɐ'ɾepublikənizɐ'sõj̃z]
O economista analisava ɪ [ <u>ocidentalizações</u> recentes.	[ɔsidɛtɛlizɐ'sõj̃z]
O professor ralhou φ [ <u>com autoridade</u> aos alunos barulhentos.	[kõawturi'dadi]
O dirigente expôs, segundo consta, ɪ [ <u>super-interessantes</u> ideias.	[,supɛrĩtri'sɛtiz]
Os directores contrataram φ [ <u>orçamentistas</u> honestos.	[ɔrsɛmɛ'tiftɛz]
O juiz concedeu φ [ <u>absolvições</u> muito polémicas.	[ɐbsɔtvi'sõj̃z]
O professor procurava φ [ <u>orientalismos</u> setecentistas.	[ɔrjɛtɛ'lizmuʃ]
A Isabel tirou ω [ <u>Afectividade</u> na Universidade Nova.	[ɐfɛtivi'dadi]
O Gomes investiga φ [ <u>interceptações</u> epistolares.	[ĩtrɛtɛ'sõj̃z]
Os quadros estavam, como imaginávamos, ɪ [ <u>na Europa</u> Oriental.	[nɐw'rɔpɐ]
A fábrica sofreu φ [ <u>complexificações</u> na cadeia operacional.	[kõpleksifikɐ'sõj̃z]
A empresa procura φ [ <u>mercados</u> novos.	[mĩr'kaduʒ]
O conferencista propôs ω [ <u>alimentações</u> para peixes fluviais.	[ɐlimɛtɛ'sõj̃ʃ]
Os imigrantes conhecem, segundo dizem, ɪ [ <u>super-holandeses</u> simpáticos.	[,supɛrɔlɛ'dɛziʃ]
A empresa sofreu ω [ <u>alterações</u> no ano passado.	[aɫtrɛ'sõj̃z]
As jornalistas conhecem φ [ <u>londrinos</u> simpáticos.	[lõ'drinuʃ]
O António estudara φ [ <u>Associatividade</u> na Europa Ocidental.	[ɛsusjɛtivi'dadi]
A Fernanda adora, como sabes, ɪ [ <u>ultra-radicalidades</u> desportivas.	[,uɫtrɛrɛdikɛli'dadiʒ]
Os turistas viram ω [ <u>cauteleiros</u> na velha praça.	[kawt'lɛjruʒ]
O ministro programou, como esperávamos, ɪ [ <u>encurtamentos</u> orçamentais.	[ɛkurtɛ'mɛtuz]
Os vencedores estipularam φ [ <u>condições</u> muito exigentes.	[kõdi'sõj̃z]
A CP adquiriu, dizem eles, ɪ [ <u>ultra-rápidos</u> britânicos.	[,uɫtrɐ'rapiduʒ]
Os campistas estavam φ [ <u>com sentido</u> de orientação espacial.	[kõsɛ'tidu]
O gestor analisava φ [ <u>percentualidades</u> importantes.	[prsɛtwɛli'dadiz]
O título será, penso eu, ɪ [ “ <u>Hetero-correcções</u> amáveis”].	[,ɛtrɔkure'sõj̃z]
Os militares planearam φ [ <u>desocupações</u> bastante rápidas.	[dzɔkpɛ'sõj̃z]
O economista analisava φ [ <u>inflações</u> galopantes.	[ĩfla'sõj̃z]
O livro chamar-se-á, creio eu, ɪ [ “ <u>Hiper-sentimentalizações</u> juvenis”].	[,ipɛrsɛtimɛtɛlizɐ'sõj̃z]
O inspector visitava φ [ <u>procuradorias</u> europeias.	[prɔkuredu'riɛz]
O geógrafo calculava φ [ <u>continentalidades</u> nos países europeus.	[kõtinɛtɛli'dadiʒ]
O Miguel conhece, já disse, ɪ [ <u>hiper-transcendentalistas</u> crónicos.	[,ipɛrtɾɛ̃sɛdɛtɛ'liʃtɛ]
A economia encontra-se φ [ <u>em mercantilização</u> há décadas.	[ɛ̃jmĩrkɛtilizɐ'sɛw̃]

O professor ensinava φ[ <u>proporcionalidades</u> matemáticas.	[prupursjuneli'dadiʒ]
Os turistas acamparam φ[ <u>em Portugal</u> no Verão passado.	[ẽj'purtu'gaʃ]
Os ficheiros são, segundo disseram, ι[ <u>HTMs (agá tê émes)</u> pequenos.	[v,ga,te'emiʒ]
O futebolista recebeu φ[ <u>propostas</u> aliciantes.	[pru'pɔʃtez]
O livro intitula-se, não esqueçam, ι[ " <u>Subdesenvolvimentos</u> Africanos".	[subdzẽvɔlvi'mẽtuz]
As crianças pediram, como esperávamos, ι[ " <u>cançõezinhas</u> novas".	[kẽ,sõj'ziɲɛʒ]
O subtítulo era, penso eu, ι[ " <u>Chapeuzinhos</u> Vermelhos".	[ʃv,pew'ziɲuʒ]
Ninguém aprecia ι[ <u>ultra-contemplatividades</u> perante isso.	[,uʃtrẽkõtẽplẽtivi'dadiʃ]
A tese aborda ι[ <u>a complexificação</u> molecular.	[vẽkɔplẽksifikẽ'sẽw]
Os campistas partiram, disseram-me elas, ι[ <u>com sentido</u> incerto.	[kõsẽ'tidu]
Os psicólogos registavam φ[ <u>responsabilizações</u> infantis.	[riʃpõsẽblizẽ'sõj'z]
A linguista estudava, segundo consta, ι[ <u>pré-consonantizações</u> medievais.	[,prẽkõsnẽtize'sõj'ʒ]
Os padrões apreciaram φ[ <u>a desenvoltura</u> dela.	[vẽdzẽvoʃ'turẽ]
O psicólogo sublinhou, conforme sabes, ι[ " <u>compensaçõezitas</u> merecidas".	[kõpẽsẽ,sõj'ziteʒ]
Ninguém mostrou φ[ <u>receptividade</u> alguma.	[rsetivi'dadi]
Os resistentes construía(m), assim constava, ι[ <u>pré-democratizações</u> sólidas.	[,prẽdmukrẽtize'sõj'ʃ]
Os alunos estudaram-nas φ[ <u>em Reflexologia</u> animal.	[ẽj'rifleksulu'ziẽ]
As festas reanimam φ[ <u>ultra-bairrismos</u> e velhas rivalidades.	[,uʃtrẽbaj'riʒmuz]
Os alunos visitarão, penso eu, ι[ <u>transatlânticos</u> antigos.	[trẽzẽ'tlẽtikuz]
A mãe preparou φ[ <u>salgados</u> deliciosos.	[saʃ'gaduz]
A língua apresenta, dizem eles, ι[ <u>ultra-simplificações</u> silábicas.	[,uʃtrẽsĩplifikẽ'sõj'ʃ]
As lisboetas conheceram ω[ <u>elvenses</u> muito simpáticos.	[ẽʃ'vẽsiʒ]
Os doentes tiveram, se bem recordo, ι[ <u>pós-intervenções</u> difíceis.	[,põzĩtirvẽ'sõj'ʒ]
A investigadora registou φ[ <u>sentimentalizações</u> diversas.	[sẽtimẽtẽlizẽ'sõj'ʒ]
Os ficheiros parecem φ[ <u>HTMs (agá tê émes)</u> de tamanho médio.	[v,ga,te'emiʒ]
A socióloga descrevia, segundo constava, ι[ <u>pós-tuberculinizações</u> africanas.	[,põʃtubẽrkulinizẽ'sõj'ʒ]
Os políticos construía(m) φ[ <u>pré-democratizações</u> na América Latina.	[,prẽdimukrẽtize'sõj'ʒ]
O linguista descreveu φ[ <u>a consonantização</u> fonética.	[vẽkõsunẽtize'sẽw]
A Mafalda apreciava ι[ <u>a dialectologia</u> portuguesa.	[vẽdʒẽletulu'ziẽ]
O portátil oferece φ[ <u>ultra-leveza</u> e grande robustez.	[,uʃtrẽli'vezẽ]
A notícia refere φ[ <u>embaratecimentos</u> surpreendentes.	[ẽbẽrẽtsi'mẽtu]
Os arquitectos mediam φ[ <u>perpendicularidades</u> na Baixa Lisboeta.	[prpẽdikulẽri'dadiʒ]

O despacho prevê $\phi$ [ <u>encurtamentos</u> orçamentais.	[ɛkurtɐ'mɛtuz]
A filósofa considera-se $\phi$ [ <u>pró-intelectualidade</u> há décadas.	[,prɔ'itlɛtwɛli'dadi]
Os ficheiros parecem $\phi$ [ <u>HTMs (agá tê émes)</u> pequenos.	[ɐ,ga,te'emiʃ]
A jornalista encontrou $\phi$ [ <u>os moçambicanos</u> considerados desaparecidos.	[uzmusɛbi'kɛnuʃ]
Os quadros encontravam-se $\phi$ [ <u>na Europa</u> Oriental.	[nɛw'rɔpɐ]
Os empresários exigiam $\phi$ [ <u>encurtamentos</u> nas despesas sociais.	[ɛkurtɐ'mɛtuʒ]
Os vizinhos viveram $\phi$ [ <u>em Portugal</u> continental.	[ɛʃ'purtu'gaʔ]
A máquina fazia $\phi$ [ <u>relavagens</u> da roupa branca.	[riʎe'vaʒɛʒ]
O Fernando aprecia $\phi$ [ <u>inter-cidades</u> confortáveis.	[,ʔitɛrsi'dadiʃ]
O Joaquim especializou-se $\phi$ [ <u>em Letras</u> na área educacional.	[ɛʃ'letɾɛʒ]
Os vizinhos conhecem $\phi$ [ <u>o solteiro</u> simpático.	[usoʔ'tɛjru]
A vizinha mostrou-lhes $\phi$ [ <u>os calcanhares</u> esfolados.	[uʃkaʔkɛ'riʃ]
Os empresários esperavam $\iota$ [ <u>embaratecimentos</u> em várias áreas.	[ɛbɛrɛtsi'mɛtuz]
O Francisco colecciona $\phi$ [ <u>LPs (éle pês)</u> antigos.	[,ɛʔ'pez]
O árabe encontrou $\phi$ [ <u>ocidentais</u> no deserto abrasador.	[ɔsidɛ'tajʒ]
O presidente adiou $\phi$ [ <u>o envolvimento</u> militar.	[uɛvɔʎvi'mɛtu]
O gestor analisa $\phi$ [ <u>percentualidades</u> no seu gabinete.	[prɛsɛtwɛli'dadiʒ]
O vizinho conserta $\phi$ [ <u>mini-aspiradores</u> potentes.	[,miniɛʃpiɾɛ'doriʃ]
Os militares planejaram $\phi$ [ <u>neutralizações</u> muito eficazes.	[nɛwtɾɛlizɛ'sõʒ]
Os chineses tornaram-se $\phi$ [ <u>ocidentais</u> asiáticos.	[ɔsidɛ,taj'ziɲuz]
Os cientistas criticaram $\phi$ [ <u>a fundamentação</u> do seu trabalho.	[ɛfũdɛmɛtɛ'sɛw]
A Rita inventava $\phi$ [ <u>perturbações</u> tontas.	[pirturbɛ,sõʒ'ziɲɛʃ]
A Ana visitou $\phi$ [ <u>a Ópera</u> da capital francesa.	[ɛ'ɔpɾɛ]
O sexagenário conheceu $\phi$ [ <u>pós-contestações</u> diferentes.	[,prɔkõʃ'tɛ'sõʒ]
O político ponderava $\iota$ [ <u>o envolvimento</u> do exército nacional.	[uɛvɔʎvi'mɛtu]
A Inês estudou, conforme sabes, $\iota$ [ <u>perpendicularidades</u> perfeitas.	[prɛpɛdikulɛri'dadiʃ]
O João estuda $\phi$ [ <u>Macro-mercantilismo</u> Contemporâneo.	[,makɾɔmirkɛti'lizmu]
Os doentes tiveram $\phi$ [ <u>pós-intervenções</u> difíceis.	[,pɔʒitirvɛ'sõʒ]
Os vizinhos convivem $\phi$ [ <u>em familiaridade</u> há anos.	[ɛʃ'fɛmiljɛri'dadi]
Os quadros encontravam-se $\phi$ [ <u>na Europa</u> ou em museus americanos.	[nɛw'rɔpɐ]
Os vizinhos conhecem $\phi$ [ <u>o solteiro</u> do quinto andar.	[usoʔ'tɛjru]
A linguista estudara $\phi$ [ <u>pré-consonantizações</u> medievais.	[,prɛkõsnɛtizɛ'sõʒ]

A CP adquiriu $\phi$ [ <u>ultra-rápidos</u> de construção britânica.	[,uʎtrɛ'rapiduz]
A costureira magoou-o $\phi$ [ <u>com alfinetadelas</u> de forma inadvertida.	[kõafinte'delɛʒ]
O irmão tratou-a $\phi$ [ <u>com amor</u> nesses dias.	[kõɛ'mor]
A filósofa afirmou-se $\iota$ [ <u>pró-intelectualidade</u> nacional.	[,prõ'itʎetwɛli'dadi]
O deputado convencera $\phi$ [ <u>pró-funchalenses</u> convictos.	[,prõfũʃɛ'lɛsiʃ]
Os congressistas conheceram $\phi$ [ <u>franco-finlandeses</u> muito alegres.	[,frɛkõfilɛ'deziʒ]
A Mariana ideou $\phi$ [ <u>super-arquitectações</u> fascinantes.	[,supɛrɛrkitɛtɛ'sõʃ ʃ]
O jardineiro encontrou $\phi$ [ <u>os gatos</u> por ela perdidos.	[uz'gatuʃ]
Ninguém aprecia $\phi$ [ <u>super-autenticidades</u> nenhuma.	[,supɛrawtɛtsi'dadiʒ]
O sociólogo descreve $\phi$ [ <u>subdesenvolvimentos</u> em países africanos.	[subdzɛvõʎvi'mɛtuz]
Os imigrantes conhecem $\phi$ [ <u>super-holandeses</u> simpáticos.	[,supɛrõlɛ'deziʃ]
O autor falou $\phi$ [ <u>com conhecimento</u> do tema tratado.	[kõkũpsɪ'mɛtu]
O artigo apresenta $\phi$ [ <u>super-predilecções</u> infantis.	[,supɛrpidilɛ'sõʃ z]
O Jorge estudou $\phi$ [ <u>ultra-republicanizações</u> na sua tese.	[,uʎtrɛ'rɛpublikɛnizɛ'sõʃ z]
Os resistentes construíam $\phi$ [ <u>pré-democratizações</u> sólidas.	[,prɛdimukrɛtizɛ'sõʃ ʃ]
As monitoras compraram $\omega$ [ <u>missangas</u> e os fios correspondentes.	[mi'sɛgɛz]
Os deputados afirmavam-se $\phi$ [ <u>pró-federalização</u> moderna.	[,prõfidɛrɛlizɛ'sɛw]
Os actores trabalham $\phi$ [ <u>com gosto</u> naquela peça.	[kõ'goʃtu]
A Fernanda adora $\phi$ [ <u>ultra-radicalidades</u> desportivas.	[,uʎtrɛrɛdikɛli'dadiʒ]
As enfermeiras fazem $\phi$ [ <u>desinfecções</u> de forma cuidada.	[dzifɛ'sõʃz]
O dirigente expôs $\phi$ [ <u>super-interessantes</u> ideias.	[,supɛrĩtrɪ'sɛtiz]
O António explicava $\phi$ [ <u>demonstrabilidades</u> aos seus alunos.	[dimõʃtrɛbili'dadiz]
A língua apresenta $\phi$ [ <u>ultra-simplificações</u> silábicas.	[,uʎtrɛsĩplifikɛ'sõʃ ʃ]
A professora programou $\omega$ [ <u>demonstrações</u> da matéria teórica.	[dmõʃtrɛ'sõʃ z]
O relatório descrevia $\phi$ [ <u>subdesenvolvimentos</u> africanos.	[subdzɛvõʎvi'mɛtuz]
Os ditadores autorizaram $\phi$ [ <u>detenções</u> naquele bairro.	[ditɛ'sõʃ z]
A Europa aloja $\phi$ [ <u>dinastias</u> muito antigas.	[dinɛʃ'tiɛʒ]
Os alunos visitarão $\phi$ [ <u>transatlânticos</u> antigos.	[trɛzɛ'tlɛtikuz]
Os materiais virão $\phi$ [ <u>de Moçambique</u> na próxima semana.	[dmusɛ'biki]
O problema tornou-se $\phi$ [ <u>transcontinental</u> demais.	[trɛʃkõtinɛ'taʃ]
Os turistas encontraram $\phi$ [ <u>monumentalidade</u> e muita beleza.	[munumɛtɛli'dadi]
O Miguel estudava $\phi$ [ <u>auto-responsabilizações</u> infantis.	[,awtõriʃpõsɛblizɛ'sõʃ z]

O economista analisava $\phi$ [ <u>ocidentalizações</u> nos países asiáticos.	[ɔsidētɛlizɐ'sõj̃ ʒ]
Nenhum apresentava $\phi$ [ <u>ultra-leveza</u> alguma.	[,uɫtrɛli'vezɐ]
Os alunos visitaram $\phi$ [ <u>transatlânticos</u> bastante velhos.	[trɛzɐ'tlɛtikuʒ]
Os alunos fizeram $\phi$ [ <u>hetero-correcções</u> acertadas.	[,ɛtrɔkure'sõj̃ ʒ]
Os directores consultaram $\phi$ [ <u>orçamentistas</u> de muita confiança.	[ɔrsɐmẽ'tiʃtɛʒ]
O psicólogo aconselhou $\phi$ [ <u>compensações</u> merecidas.	[kõpɛsɐ,sõj̃'ziteʒ]
Os cientistas prevêem $\phi$ [ <u>transmutações</u> nos novos genes.	[trɛʒmutɐ'sõj̃ ʒ]
Os miúdos aprenderão $\phi$ [ <u>fracçãozinhas</u> simples.	[fra,sõj̃'zɪnɐ]
O professor procurava $\phi$ [ <u>orientalismos</u> em obras setecentistas.	[ɔrjɛtɐ'lizmuz]
A educadora comprou $\phi$ [ <u>chapeuzinhos</u> vermelhos.	[ʃɐ,pɛw'zɪnuʒ]
O João estuda $\phi$ [ <u>Fotomontagem</u> Computadorizada.	[,fɔtɔmõ'taʒɛ]
O economista previa $\omega$ [ <u>inflações</u> muito altas.	[ ɪfla'sõj̃ ʒ]
Os congressistas conheceram $\phi$ [ <u>franco-finlandeses</u> inflexíveis.	[,frɛkɔfilɛ'deziz]
O Silveira investiga $\phi$ [ <u>transmutações</u> genéticas.	[trɛʒmutɐ'sõj̃ ʒ]
O piloto tirou $\phi$ [ <u>Aerocirculação</u> Civil.	[ɐ,ɛrosirkulɐ'sɛw]
O autor conota $\phi$ [ <u>intelectualismo</u> com racionalismo exagerado.	[ ɪtlektwɛ'lizmu]
O engenheiro estudou $\phi$ [ <u>intercepções</u> de rios caudalosos.	[ ɪtɪrsɛ'sõj̃ ʒ]
O engenheiro passava $\imath$ [ <u>alvarazitos</u> sucessivos.	[ <b>alve</b> ,ra'zituʃ]
O político aconselhara $\phi$ [ <u>precaução</u> aos mais incautos.	[prikaw'sɛw]
O problema tornou-se, segundo consta, $\imath$ [ <u>transcontinental</u> demais.	[trɛʃ'kõtinɛ'taʃ]
O Gomes investiga $\imath$ [ <u>interceptações</u> de correspondência empresarial.	[ ɪtrsetɐ'sõj̃ ʒ]
A cientista investigava, segundo disseram, $\imath$ [ <u>transmutações</u> genéticas.	[trɛʒmutɐ'sõj̃ ʒ]
O quadro chama-se, anota aí, $\imath$ [ " <u>Laranjaizitos</u> Antigos".	[lɛrɛ,ʒaj'zituʒ]
A psicóloga registava $\phi$ [ <u>sentimentalizações</u> num caderno especial.	[sɛtimɛtɛlizɐ'sõj̃ ʒ]
As crianças ouviram $\phi$ [ <u>cançãozinhas</u> encantadoras.	[kɛ,sõj̃'zɪnɛʒ]
As alunas observaram $\phi$ [ <u>a consonantização</u> nessas frases.	[ɛkõsunɛtizɐ'sɛw]
O livro chamar-se-á, já decidimos, $\imath$ [ " <u>Macro-mercantilismo</u> Europeu".	[,makrɔmirkɛti'lizmu]
O futebolista recebera $\phi$ [ <u>propostas</u> de outros clubes.	[pru'pɔʃtɛʒ]
A psicóloga estudava $\phi$ [ <u>hiper-sentimentalizações</u> juvenis.	[,ipersɛtimɛtɛlizɐ'sõj̃ ʒ]
Ninguém mostrou $\omega$ [ <u>receptividade</u> perante isso.	[ɾsetivi'dadi]
O Francisco colecciona, segundo dizem, $\imath$ [ <u>LPs (éle pês)</u> antigos.	[,ɛʃ'pez]
As construtoras recusam $\phi$ [ <u>responsabilizações</u> pelos acidentes ocorridos.	[riʃpõsɛblizɐ'sõj̃ ʒ]



O Miguel tirou φ [ <u>Associatividade</u> Empresarial.	[ɐsusʒɐtivɨ'dadɨ]
O André estudou φ [ <u>Microeconomia</u> na Universidade Nova.	[,mikrɔɛkɔnu'miɐ]
A professora criticou φ [ a <u>fundamentação</u> teórica.	[ɐfũdɐmẽtɐ'sẽw̃]
O geógrafo calculava, segundo afirmaram, ɹ [ <u>continentalidades</u> europeias.	[kõtĩnẽteli'dadiz]
Alguns parecem φ [ <u>ocidentaizinhos</u> da velha Europa.	[ɔsidẽ,taj'ziɲuʒ]
O título será, creio eu, ɹ [ “ <u>Inflações</u> Portuguesas”.	[ ɨfla'sõj̃ʃ]
O Fernando conserta φ [ <u>mini-aspiradores</u> e outros aparelhos.	[,miniɐʃpirɐ'doriz]
O sumário foi, acho eu, ɹ [ “ <u>Intelectualidade</u> contemporânea”.	[ ɨtlektweli'dadɨ]
Os jovens apreciam φ [ <u>ultra-radicalidades</u> nas actividades desportivas.	[,ultrɐrɛdikeli'dadiz]
O engenheiro estudou, recordo-o novamente, ɹ [ <u>intercepções</u> fluviais.	[ ɨtirɐ'sõj̃ʃ]
A linguista estudava φ [ <u>pré-consonantizações</u> nas línguas românicas.	[,prɛkõsnẽtizɐ'sõj̃ʒ]
O livro chamar-se-á, ouçam bem, ɹ [ “ <u>Intelectualismo</u> moderno”.	[ ɨtlektwɐ'liʒmu]
Os jornalistas descobriram φ [ os <u>moçambicanos</u> desaparecidos.	[uʒmusɐbi'kɛnuʒ]
O artigo apresenta φ [ <u>super-predilecções</u> de muitas crianças.	[,superpridile'sõj̃ʒ]
A máquina fazia φ [ <u>relavagens</u> automáticas.	[riɐ'vaʒẽj̃z]
Os congressistas conheceram, segundo consta, ɹ [ <u>franco-finlandeses</u> inflexíveis.	[,frɛkɔfilɐ'deziz]
O João tocava φ [ os <u>calcanhares</u> dos outros dançarinos.	[uʃkaʔkɐ'riʒ]
Aqueles estudam, disseram-me ontem, ɹ [ <u>Microeconomia</u> Contemporânea.	[,mikrɔɛkɔnu'miɐ]
As línguas apresentam φ [ <u>ultra-simplificações</u> ao nível silábico.	[,ultrɐsĩplifikɐ'sõj̃ʒ]
O conferencista propôs, como sabes, ɹ [ <u>alimentações</u> saudáveis.	[ɐlimẽtɐ'sõj̃ʃ]
O juiz concedeu, conforme soubeste, ɹ [ <u>absolvições</u> polémicas.	[ɐbsɔʔvi'sõj̃ʃ]
O deputado convencera φ [ <u>pró-funchalenses</u> nas sessões parlamentares.	[,prɔfũʃɐ'lẽsiʒ]
Ninguém aprecia, dizem eles, ɹ [ <u>ultra-contemplatividades</u> nenhuma.	[,ultrɛkõtɛplɐtivɨ'dadiz]
O ensaísta falou, segundo consta, ɹ [ <u>com conhecimento</u> científico.	[kõkũsi'mɛtu]
O Professor dava-nos φ [ <u>Intelectualidade</u> Moderna.	[ ɨtlektweli'dadɨ]
Os alunos estudam-no ɹ [ <u>em Reflexologia</u> no terceiro ano.	[ɐj̃riʔfleksulu'ʒiɐ]
O livro descreve φ [ <u>tuberculizações</u> africanas.	[tubɛrkulinizɐ'sõj̃ʒ]
O Manel conhecia φ [ <u>hiper-transcendentalistas</u> muito despistados.	[,ipɛrtɐj̃sɛdɛtɐ'liʃtɛʒ]
O título era, registem-no rapidamente, ɹ [ “ <u>Responsabilizações</u> Infantis”.	[riʃpõsɐblizɐ'sõj̃ʒ]
A socióloga descrevera ɹ [ <u>pós-tuberculizações</u> africanas.	[,põʃtubɛrkulinizɐ'sõj̃ʒ]
O livro apresenta ɹ [ <u>deslexicalizações</u> nos clíticos castelhanos.	[diʒlɛksikɐlizɐ'sõj̃ʒ]

A investigadora estudava $\iota$ [ <u>deslexicalizações</u> pronominais.	[diʒleksikelize'sõjʃ]
A Mariana ideou $\iota$ [ <u>super-arquitecturações</u> com materiais fascinantes.	[,superəkɪtete'sõjʃ]
Os vizinhos convivem $\phi$ [ <u>em familiaridade</u> apreciável.	[ẽjʃemiljeri'dadi]
O subtítulo será, como sabem, $\iota$ [ “ <u>Demonstrações</u> práticas”.	[dmõʃtre'sõjʃ]
Ninguém trabalha, dizem eles, $\iota$ [ <u>com gosto</u> algum.	[kõ'goʃtu]
O engenheiro passava $\phi$ [ <u>alvarazitos</u> para várias obras.	[aʎvɐ,ra'zituʃ]
As jornalistas conhecem $\omega$ [ <u>londrinos</u> bem simpáticos.	[lõ'drinuʒ]
Ninguém aprecia $\phi$ [ <u>ultra-contemplatividades</u> nenhuma.	[,uʎtɾɛkõtẽplɛtivi'dadiʒ]
Os alunos viram $\phi$ [ <u>maracujazinhos</u> na plantação visitada.	[mɛɾɛku,ʒa'ziɲuʒ]

**Lista 2. Instruções da tarefa de percepção e primeira página do *corpus* apresentado às InfAudi**

## ***INSTRUÇÕES***

- O objectivo deste trabalho é determinar se os falantes do Português Europeu são capazes de identificar acentos secundários.
- Ouça bem a(s) palavra(s) sublinhada(s). Só precisamos que encontre os acentos secundários dessas palavras.
- Em seguida, marque com um acento (´) as vogais onde considera que existe um acento secundário.
  - Deve considerar-se a existência de acentos secundários em todas as vogais que não têm o acento principal mas parecem ser mais acentuadas, mais fortes, do que as outras vogais da(s) palavra(s) sublinhada(s).
  - As sílabas do final das palavras que aparecem grafadas **com negrito e sublinhado duplo** são as que apresentam o acento principal da palavra (acentos que não deve ser confundido com acento secundário).
  - Uma palavra pode ter zero, um ou vários acentos secundários.
- Pode ouvir a cassette as vezes que necessitar, para confirmar as suas impressões.
- Comece por marcar os acentos a lápis, passando-os a tinta só no final da tarefa.
- Sempre que se sentir cansada, pode fazer uma pausa.

***Muito obrigada pela sua colaboração!***

**PARTE I**

alimentações

complexificações

alfabetização

condições

demonstrações

associatividades

cauteleiros

super-predileções

interculturalidades

afectividades

intercepções

missangas

super-autenticidades

intelectualidades

alterações

monumentalidades

neutralizações

perpendicularidades

desorganização

salgados

continentalidades



## ANEXO III. RESPOSTAS DAS INFORMANTES

Figura 1. Exemplo de folha de respostas de uma InfAudi (SC12)

20

O título será, escrevam-no depressa, “Demonstrabilidades matemáticas”.

O João tirou Fotomontagem no Instituto Politécnico.

Os alunos estudaram-nas, segundo dizem, em Refléxologia animal.

Os alunos fizeram hétero-corrécções muito acertadas.

Os materiais vieram, fica sabendo, de Mocambique Ocidental.

O Pedro estudou Interculturalidade na Universidade Lusófona.

A máquina fazia, verificámo-lo depois, relavagens automáticas.

O vizinho conserta, penso eu, mini-aspiradores potentes.

O sexagenário conheceu pós-contestações muito diferentes.

Os chineses tornaram-se, como esperávamos, ocidentáizinhos asiáticos.

As raparigas compraram, como combinámos, missangas coloridas.

Os doentes tiveram pós-intervenções muito difíceis.

Ninguém achou, disseram eles, monumentalidade alguma. [responsabilizações]

A psicóloga procurava auto-responsabilizações em crianças pequenas.

Os estrategas estudaram, assim convinha, neutralizações terrestres.

A rapariga inventava perturbaçõeizinhos muito idiotas.

Os deputados eram, segundo diziam, pró-federalização moderna.

A educadora comprou chapeuzinhos de cor vermelha.

O João estuda, segundo dizem, Fotomontagem Computadorizada.

Os miúdos aprenderão, espero eu, fracçõeizinhas simples.

O psicólogo aconselhou compensaçõeizitas a cada nova vitória.

O deputado convencera, tinham-nos dito, pró-funchalenses convictos.

**Quadro 1: Todos os padrões de acentuação secundária presentes nas respostas concordantes das InfAudi (ø simples, ø com adjunto, e ø1 ou ø2 das ø compostas)<sup>115</sup>**

Nº de CSs pré-t. na ø/ø <sup>min</sup>	V forte no adjunto	V forte no 1º CS (E-D)	V forte no 2º CS (E-D)	V forte no 3º CS (E-D)	mais de 1 V forte	só V fracas
<b>ø simples</b>						
1	--	lon <u>dr</u> inos el <u>ven</u> ses caute <u>l</u> eiros		--	--	miss <u>an</u> gas merc <u>ad</u> os prop <u>os</u> tas
2	--	condi <u>ç</u> ões caute <u>l</u> eiros d <u>e</u> monstr <u>aç</u> ões alt <u>e</u> ra <u>ç</u> ões p <u>e</u> rplexi <u>da</u> des	--	--	--	dinast <u>ia</u> s
3	--	altera <u>ç</u> ões p <u>e</u> rcentuali <u>da</u> des re <u>ce</u> ptivi <u>da</u> de	demonstr <u>aç</u> ões absolvi <u>ç</u> ões p <u>e</u> rplexi <u>da</u> des potencia <u>ç</u> ões	--	int <u>e</u> rcepta <u>ç</u> ões int <u>e</u> lectual <u>is</u> mo ocident <u>ais</u>	--
4	--	procurador <u>ia</u> s neutraliza <u>ç</u> ões d <u>e</u> monstrabili <u>da</u> des	afectivi <u>da</u> de receptivi <u>da</u> de percentuali <u>da</u> des	alimenta <u>ç</u> ões	int <u>e</u> lectual <u>ida</u> de	--
5	--	--	demonstrabili <u>da</u> des responsabiliza <u>ç</u> ões	monumentali <u>da</u> de	complexifica <u>ç</u> ões	associati <u>vi</u> - <u>da</u> de
6	--	--	tuberculini <u>za</u> - <u>ç</u> ões	--	--	--
<b>ø com adjunto</b>						
0	em <u>L</u> etras em <u>ca</u> sa	--	--	--	--	os <u>ga</u> tos a <u>Ó</u> pera de <u>sa</u> ia
1	transatl <u>â</u> nticos	o sol <u>te</u> iro na <u>Eu</u> ropa	--	--	com sent <u>id</u> o	relav <u>ag</u> ens
2	transmuta <u>ç</u> ões	os calca <u>nh</u> ares d <u>e</u> socupa <u>ç</u> ões	d <u>e</u> Moçamb <u>iq</u> ue	--	d <u>e</u> sinfec <u>ç</u> ões	--
3	--	d <u>e</u> socupa <u>ç</u> ões	os moçambic <u>an</u> os	--	o envolvi <u>me</u> nto	--
4	--	d <u>e</u> sorganiza <u>ç</u> ão	a dialectologia	--	em Reflexologia	--
5	--	d <u>e</u> slexicaliza <u>ç</u> ões	--	--	a complexifica <u>ç</u> ão em alcaliniza <u>ç</u> ão	--

<sup>115</sup> Utilizamos um traço sobre as vogais que fazem parte da grafia da palavra mas não foram produzidas (e.g. *té*). No *corpus* produzido, as vogais altas seguidas de vogal foram sempre semivocalizadas e as sequências de consoantes que formam duas sílabas (como /kØ.si/ em *complexificações* e /bØ.de/ em *subdesenvolvimentos*) foram lidas sem qualquer realização vocálica intermédia. Assim, consideramos que estes três tipos de sílabas (sílabas com vogais suprimidas, com vogais semivocalizadas e com vogais habitualmente não realizadas) formam um CS com a sílaba seguinte.



Nº de CSs pré-t. na $\omega/\omega^{\min}$	<i>V forte no adjunto</i>	<i>V forte no 1º CS (E-D)</i>	<i>V forte no 2º CS (E-D)</i>	<i>mais de 1 V forte</i>
				<u>subde</u> senvolvi <u>mentos</u> <u>subde</u> senvolvi <u>mentos</u>
4	<u>em</u> familiarid <u>ade</u> em familiarid <u>ade</u>	--	--	a fundame <u>ntação</u> a cons <u>onantização</u>
5	--	--	--	em mercantiliz <u>ação</u> em alcaliniz <u>ação</u> em alcaliniz <u>ação</u> em alcaliniz <u>ação</u>
<b><math>\omega_1/\omega_2</math> compost.</b>				
2	--	--	<b>hetero-correç<u>ões</u></b>	super-holand <u>eses</u>
3	--	<b>ultra-simplif<u>icações</u></b>	--	super-autent/ <u>ciudades</u>
4	--	--	--	<b>hiper-transcendentalist<u>as</u></b>
5	--	--	--	<b>ultra-contemplativid<u>ades</u></b> <b>ultra-contemplativid<u>ades</u></b>
6	--	<b>ultra-republicaniz<u>ações</u></b>	<b>pós-tuberculiniz<u>ações</u></b>	<b>hiper-sentimentaliz<u>ações</u></b>

**Quadro 3: Todos os CSs não acentuados por, pelo menos, quatro InfAudi ( $\omega$ s simples,  $\omega$ s com adjunto, e  $\omega_1$  ou  $\omega_2$  das  $\omega$ s compostas)<sup>116</sup>**

Nº de CSs pré-t. na $\omega/\omega^{\min}$	<i>V forte no adjunto</i>	<i>V forte no 1º CS (E-D)</i>	<i>V forte no 2º CS (E-D)</i>	<i>mais de 1 V forte</i>	<i>só V fracas</i>
<b><math>\omega</math> simples</b>					
2	--	--	<b>detenç<u>ões</u></b>	--	--
<b><math>\omega</math> com adjunto</b>					
1	transatl <u>ântico</u> com <b>amor</b> em Port <sup>u</sup> gal	--	--	--	relavag <u>ens</u>
2	<b>encurtame<u>nto</u></b> transmuta <u>ções</u>	--	--	--	as trapalh <u>adas</u>
<b><math>\omega^{1/w}/\omega^{2/s}</math> compost.</b>					
1	--	<b>foto-mont<u>agem</u></b>	--	--	--
2	--	--	<b>hetero-correç<u>ões</u></b>	--	--
3	--	<b>pós-contestaç<u>ões</u></b>	--	<b>pós-intervenc<u>ões</u></b>	--

<sup>116</sup> Recordamos que os CSs não acentuados são representados com negrito e itálico.

## ANEXO IV. RESULTADOS QUANTITATIVOS

### IV. 1. A VARIAÇÃO NAS RESPOSTAS DAS INFORMANTES

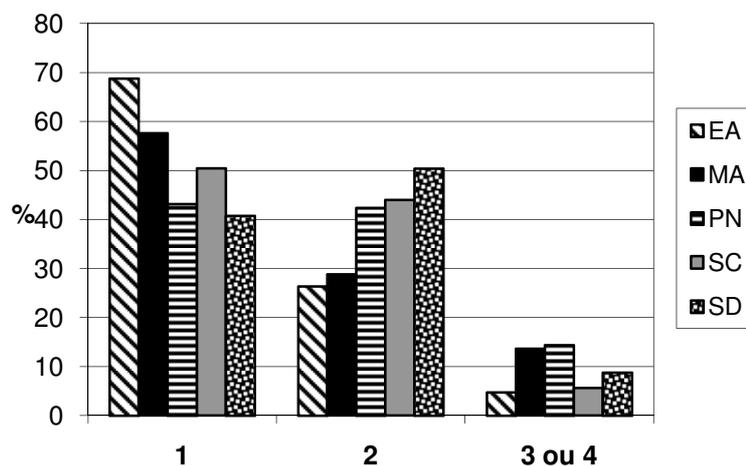


Figura 1: Número de padrões acentuais percebidos pelas diferentes InfAudi para todas as palavras do *corpus* nas quatro posições prosódicas (1, 2, 3 ou 4 padrões para a mesma  $\omega$ ).

Quadro 1: Grau de concordância relativamente aos acentos percebidos pelas InfAudi (proporções em %).

	Total de acentos percebidos por 4 ou 5 informantes	Total de acentos percebidos	Proporção (%)
$\omega$ simples	490	857	57,18%
$\omega$ com adjunto	340	715	47,55%
$\omega$ compostas	318	735	43,27%
<b>TOTAL</b>	<b>1148</b>	<b>2307</b>	<b>49,76%</b>

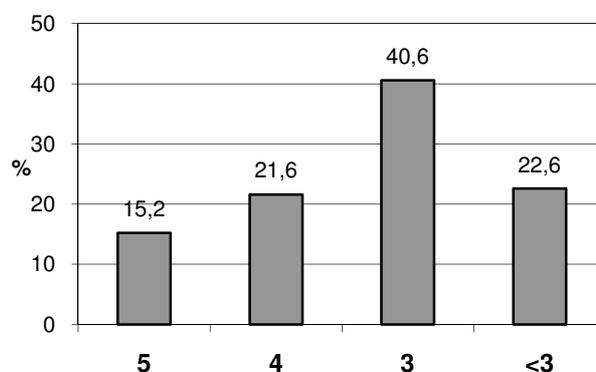


Figura 2: Grau de concordância relativamente aos padrões percebidos (proporções em %): número de InfAudi que atribuíram um padrão acentual idêntico a uma mesma palavra prosódica do *corpus* (5, 4, 3 ou menos de 3 informantes).

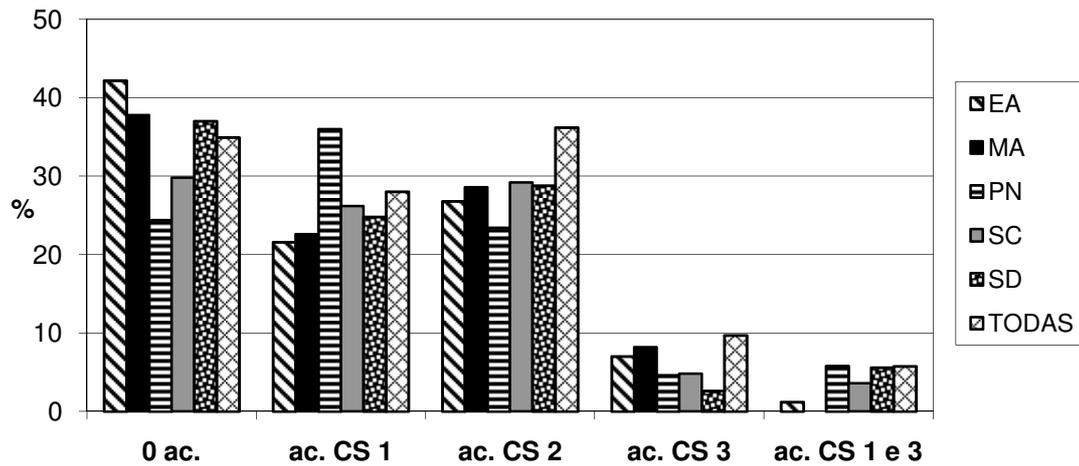


Figura 3: Proporção (em %) de utilização de cada padrão acentual por cada uma das InfAudi (EA, MA, PN, SC, SD) e pelo conjunto das cinco (TODAS)

#### IV. 2. A LEITURA NORMAL

Comparação dos resultados apenas dos itens que apresentam uma leitura normal com os resultados de todos os itens

(4a) S pré-tônica E-D			(4b) S pré-tônica E-D (Leit. Normal)		
	Frequência	%		Frequência	%
1ª s E-D	542	23,5	1ª s E-D	532	24,2
2ª s E-D	629	27,3	2ª s E-D	619	28,2
3ª s E-D	560	24,3	3ª s E-D	529	24,1
4ª s E-D	258	11,2	4ª s E-D	249	11,3
5ª s E-D	255	11,1	5ª s E-D	217	9,9
6ª s E-D	40	1,7	6ª s E-D	37	1,7
7ª s E-D	23	1,0	7ª s E-D	15	,7
Total	2307	100,0	Total	2198	100,0

Figura 4: Frequência (em %) de atribuição de proeminências, em função da posição da sílaba na palavra prosódica. Contagem de todas as proeminências atribuídas, em (4a), e apenas das proeminências identificadas em itens com *Leitura Normal*, em (4b).

(5a) CS pré-tônico E-D			(5b) CS pré-tônico E-D (Leit. Normal)		
	Frequência	%		Frequência	%
1º cs E-D	684	29,6	1º cs E-D	674	30,7
2º cs E-D	612	26,5	2º cs E-D	601	27,3
3º cs E-D	551	23,9	3º cs E-D	520	23,7
4º cs E-D	237	10,3	4º cs E-D	226	10,3
5º cs E-D	181	7,8	5º cs E-D	146	6,6
6º cs E-D	25	1,1	6º cs E-D	22	1,0
7º cs E-D	17	,7	7º cs E-D	9	,4
Total	2307	100,0	Total	2198	100,0

Figura 5: Frequência (em %) de atribuição de proeminências, em função da posição do conjunto silábico na palavra prosódica. Contagem de todas as proeminências atribuídas, em (5a), e apenas das proeminências identificadas em itens com *Leitura Normal*, em (5b).

	Frequência	%
V nas.	781	33,9
V n.redz.	781	33,9
i,u,â	607	26,3
schwa	31	1,3
dit.	65	2,8
dit.nas.	42	1,8
Total	2307	100,0

	Frequência	%
V nas.	761	34,6
V n.redz.	752	34,2
i,u,â	554	25,2
schwa	29	1,3
dit.	65	3,0
dit.nas.	37	1,7
Total	2198	100,0

Figura 6: Frequência (em %) de atribuição de proeminências aos vários tipos de núcleo de CS. Contagem de todas as proeminências atribuídas, em (6a), e apenas das proeminências identificadas em itens com *Leitura Normal*, em (6b).

	Frequência	%
0	1822	79,0
/s/	104	4,5
/r/	199	8,6
/l/	182	7,9
Total	2307	100,0

	Frequência	%
0	1741	79,2
/s/	98	4,5
/r/	180	8,2
/l/	179	8,1
Total	2198	100,0

Figura 7: Frequência (em %) de atribuição de proeminências a CSs com codas diferentemente preenchidas. Contagem de todas as proeminências atribuídas, em (7a), e apenas das proeminências identificadas em itens com *Leitura Normal*, em (7b).

	Frequência	%
sim	1117	48,4
não	1190	51,6
Total	2307	100,0

	Frequência	%
sim	1049	47,7
não	1149	52,3
Total	2198	100,0

Figura 8: Frequência (em %) de proeminências que podem ser motivadas por um eventual efeito cíclico. Contagem de todas as proeminências atribuídas, em (8a), e apenas das proeminências identificadas em itens com *Leitura Normal*, em (8b).

	Frequência	%
sim	188	8,1
não	2119	91,9
Total	2307	100,0

	Frequência	%
sim	151	6,9
não	2047	93,1
Total	2198	100,0

Figura 9: Frequência (em %) de proeminências que apresentam o acento especial (*sim*). Contagem de todas as proeminências atribuídas, em (9a), e apenas das proeminências identificadas em itens com *Leitura Normal*, em (9b).

### IV.3. OS TRÊS TIPOS DE PALAVRAS PROSÓDICAS

Quadro 2: Proporção (em %) de atribuição de proeminências aos diferentes tipos de  $\omega$

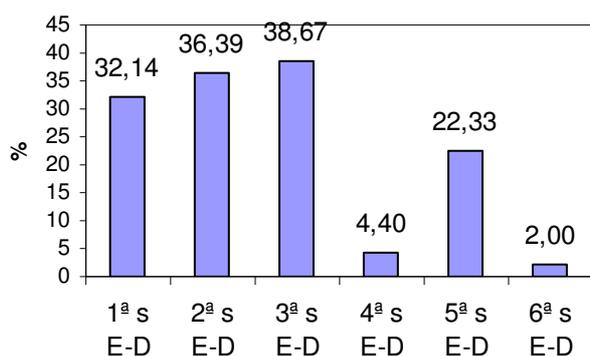
Tipo $\omega$	Ocorrências efectivas	Ocorrências possíveis	Proporção (%)
$\omega$ simples	857	840	102,02
$\omega$ com adjunto	715	780	91,67
$\omega$ composta	735	880	83,52
Total	2307	2500	

Quadro 3: Proporção (em %) de atribuição de acentos especiais aos diferentes tipos de  $\omega$

Tipo $\omega$ só a.e.'s	Ocorrências efectivas	Ocorrências possíveis	Proporção (%)
$\omega$ simples	65	140	46,43
$\omega$ com adjunto	51	120	42,50
$\omega$ composta	72	160	45,00
Total	188	420	44,76

### IV.4. A POSIÇÃO DA SÍLABA E DO CONJUNTO SILÁBICO NA PALAVRA PROSÓDICA<sup>117</sup>

(10a) S pré-tónica E-D (w simples) -  
Proporções



(10b) CS pré-tónico E-D (w simples) -  
Proporções

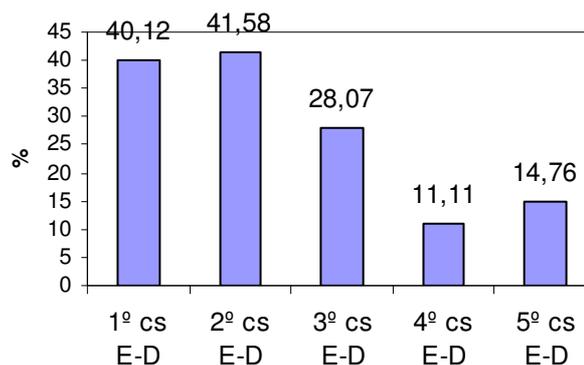


Figura 10: Proporção (em %) de atribuição de proeminências nas diferentes sílabas, em (10a), ou nos diferentes CSs, em (10b) ( $\omega$ s simples).

<sup>117</sup> Alguns dos gráficos aqui apresentados são incluídos no capítulo 4 (Figuras 2 a 6). Repetimo-las para facilitar a comparação dos resultados apresentados nos vários gráficos.

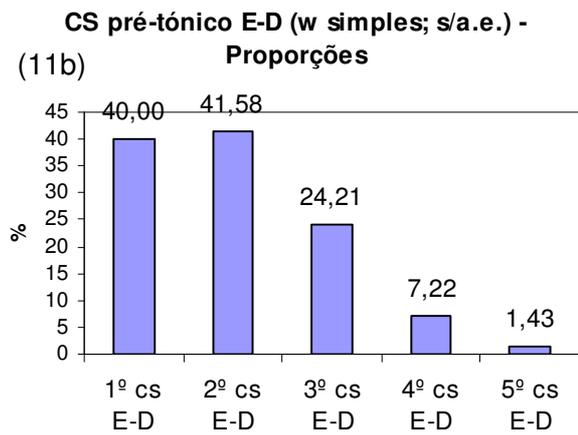
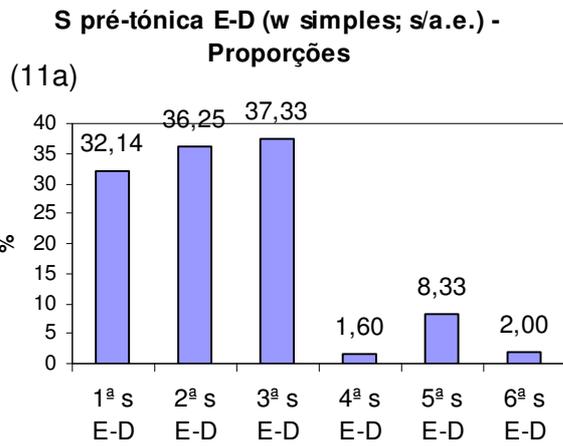


Figura 11: Proporção (em %) de atribuição de proeminências nas diferentes sílabas, em (11a), ou nos diferentes CSs, em (11b) (ws simples e excluindo os acentos especiais).

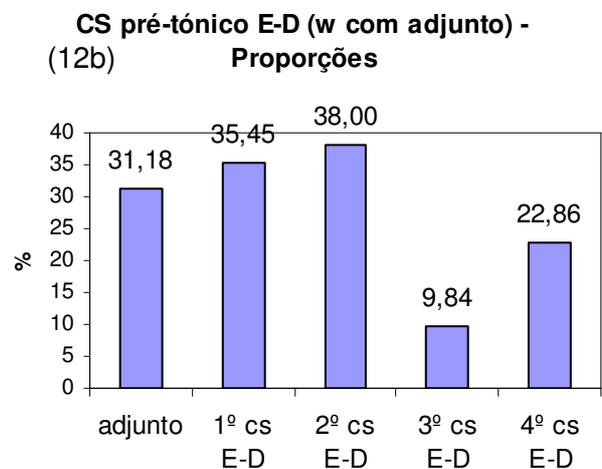
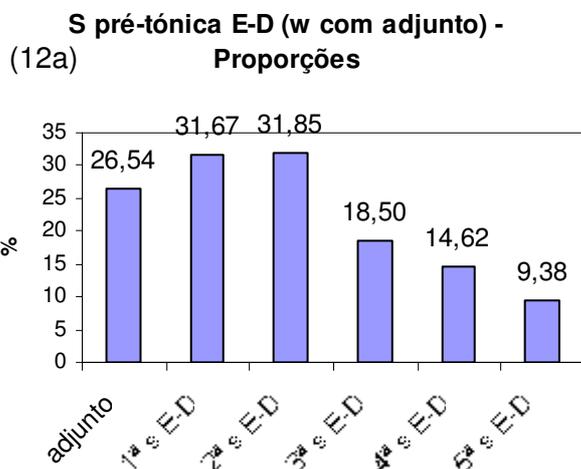


Figura 12: Proporção (em %) de atribuição de proeminências nas diferentes sílabas, em (12a), ou nos diferentes CSs, em (12b) (ws com adjunto).

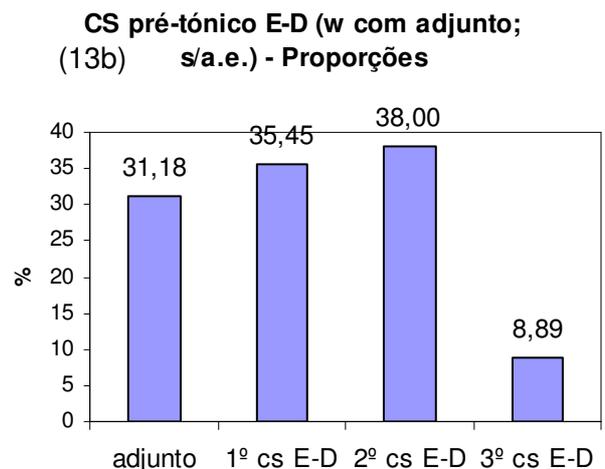
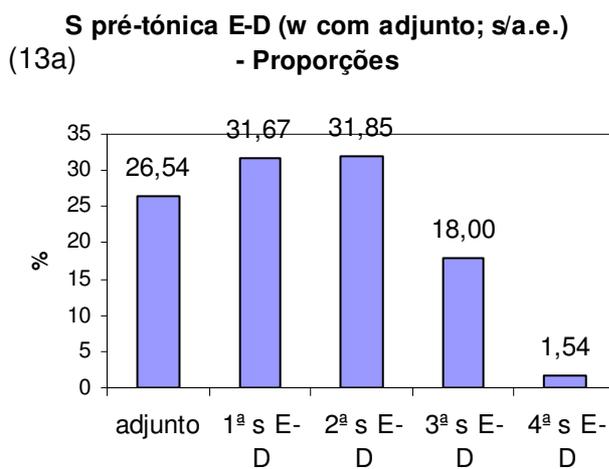
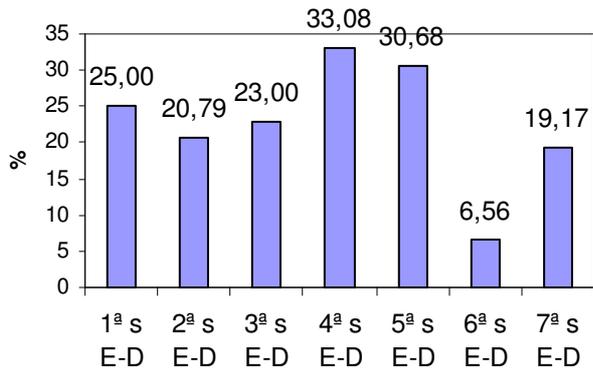


Figura 13: Proporção (em %) de atribuição de proeminências nas diferentes sílabas, em (13a), ou nos diferentes CSs, em (13b) (ws com adjuntos e excluindo os acentos especiais).

(14a) **S pré-tônica E-D (w max s/ ac.sec. morf.) - Proporções**



(14b) **CS pré-tônico E-D (w max s/ ac.sec. morf.) - Proporções**

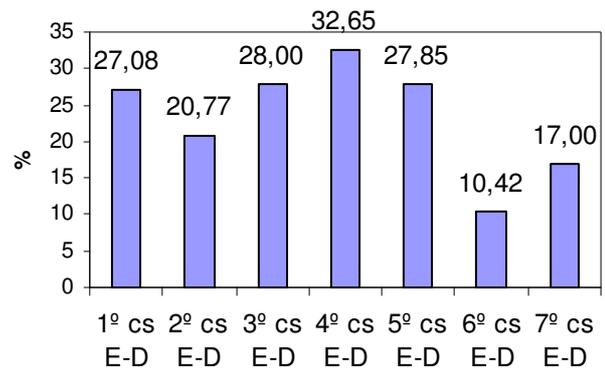
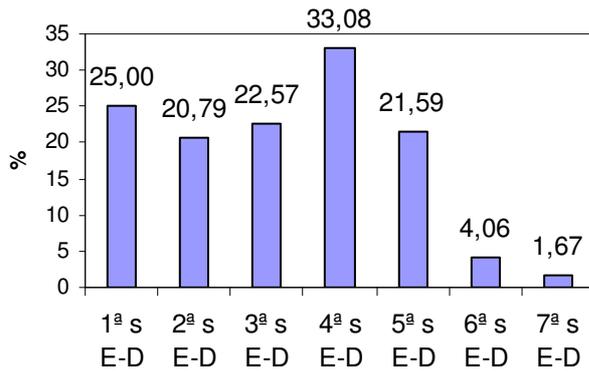


Figura 14: Proporção (em %) de atribuição de proeminências nas diferentes sílabas, em (14a), ou nos diferentes CSs, em (14b) ( $\omega^{\max}$ ). Os acentos secundários morfológicos não são contabilizados ao serem calculadas as proporções.

(15a) **S pré-tônica E-D (w max s/ ac.sec. morf.; s/a.e.) - Proporções**



(15b) **CS pré-tônico E-D (w max s/ ac.sec. morf.; s/a.e.) - Proporções**

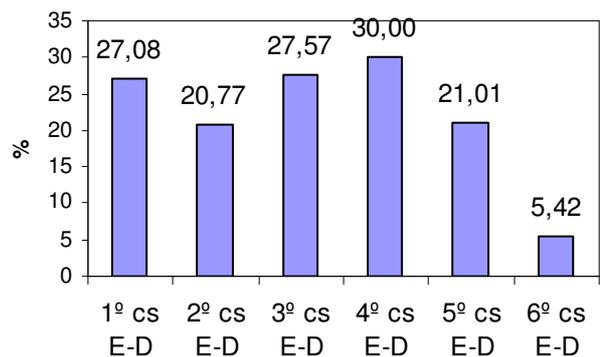
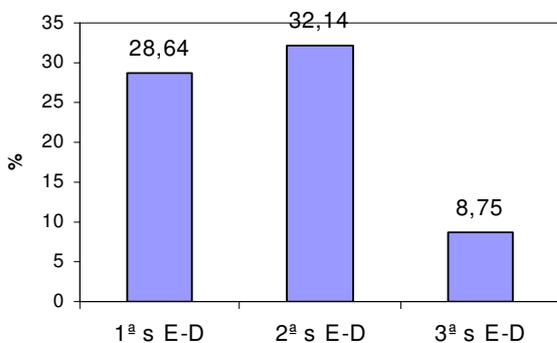


Figura 15: Proporção (em %) de atribuição de proeminências nas diferentes sílabas, em (15a), ou nos diferentes CSs, em (15b) ( $\omega^{\max}$  e excluindo os acentos especiais). Os acentos secundários morfológicos não são contabilizados ao serem calculadas as proporções.

(16a) **S pré-tônica E-D (w1) - Proporções**



(16b) **CS pré-tônico E-D (w1) - Proporções**

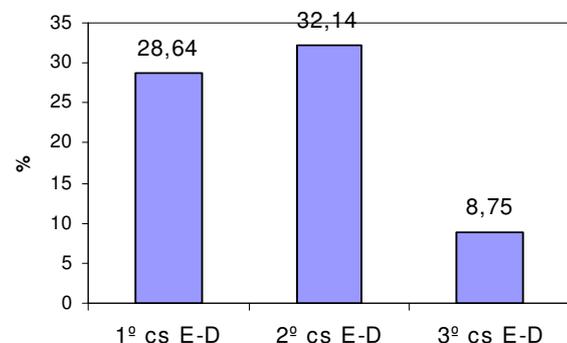


Figura 16: Proporção (em %) de atribuição de proeminências nas diferentes sílabas, em (16a), ou nos diferentes CSs, em (16b) ( $\omega_1$  das  $\omega$ s compostas).

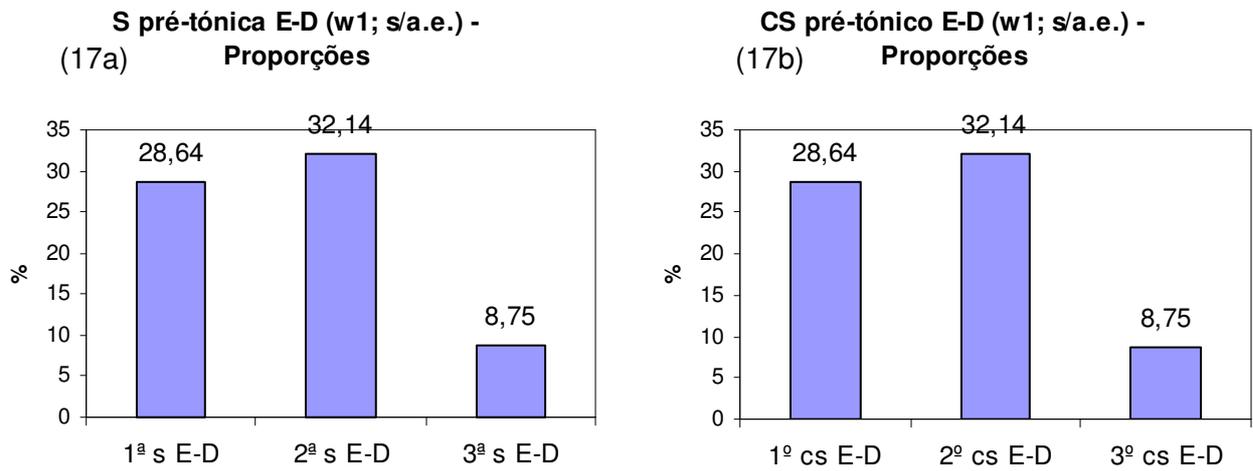


Figura 17: Proporção (em %) de atribuição de proeminências nas diferentes sílabas, em (17a), ou nos diferentes CSs, em (17b) ( $\omega_1$  das  $\omega$ s compostas; excluindo os ac. especiais).

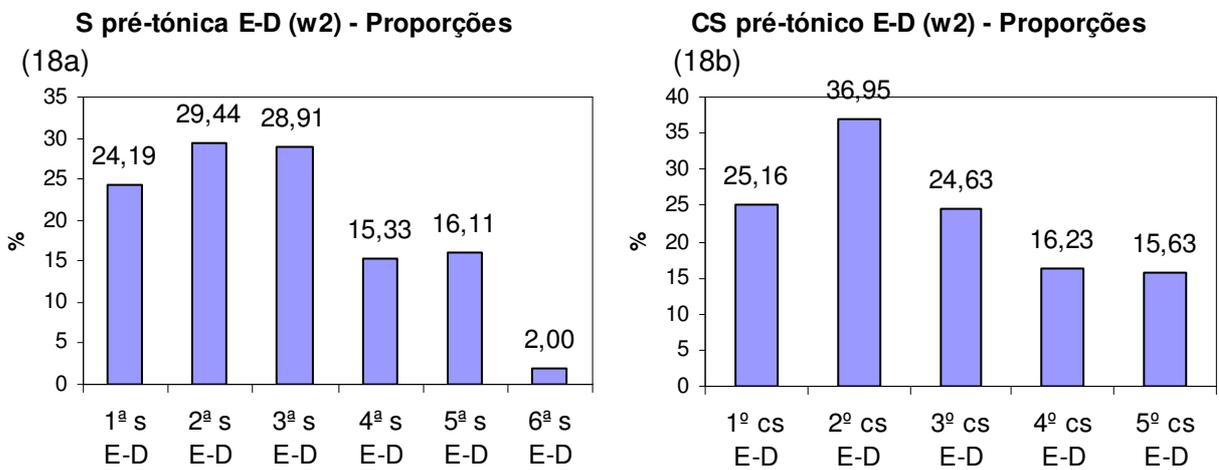


Figura 18: Proporção (em %) de atribuição de proeminências nas diferentes sílabas, em (18a), ou nos diferentes CSs, em (18b) ( $\omega_2$  das  $\omega$ s compostas).

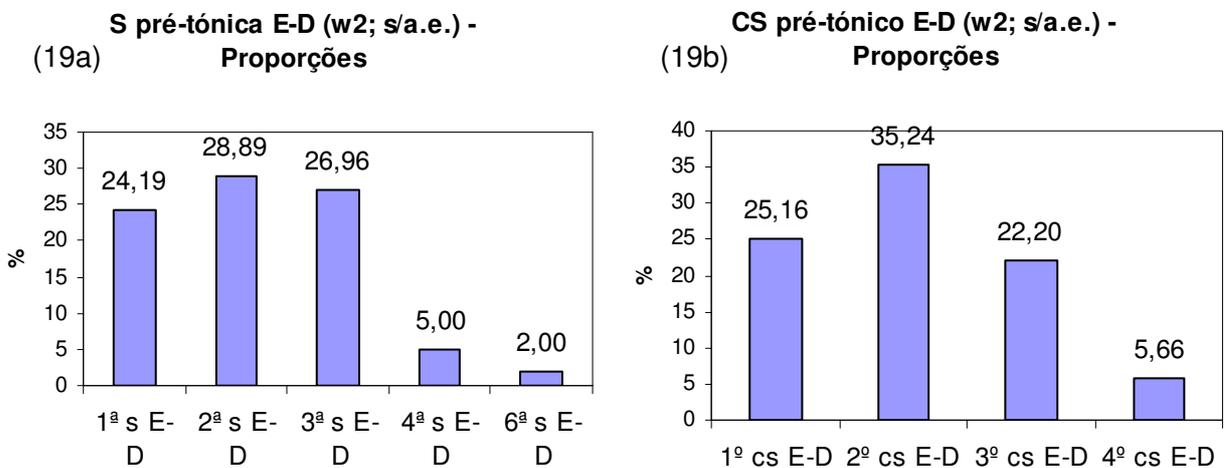


Figura 19: Proporção (em %) de atribuição de proeminências nas diferentes sílabas, em (19a), ou nos diferentes CSs, em (19b) ( $\omega_2$  das  $\omega$ s compostas; excluindo os ac. especiais).

**IV.5. A RELAÇÃO ENTRE A POSIÇÃO DA SÍLABA E DO CONJUNTO SILÁBICO  
NA PALAVRA PROSÓDICA E A QUALIDADE DA VOGAL**

Quadro 4: Proporções (em %) de atribuição de proeminências secundárias às diferentes posições da  $\omega$  simples, tendo em conta a qualidade do núcleo do CS (todas as respostas)<sup>118</sup>.

$\omega$ simples		1° CS	2° CS	3° CS	4° CS	5° CS	6° CS	qualidade da vogal acentuada
V nas.	Ocorrências possíveis	265	95	140	0	0	0	500
	Ocorrências efectivas	120	74	102	0	0	0	296
	<b>Proporção (%)</b>	<b>45,28</b>	<b>77,89</b>	<b>72,86</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>59,20</b>
V n.redz.	Ocorrências possíveis	190	195	15	0	0	0	400
	Ocorrências efectivas	138	164	11	0	0	0	313
	<b>Proporção (%)</b>	<b>72,63</b>	<b>84,10</b>	<b>73,33</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>78,25</b>
i,u,â	Ocorrências possíveis	220	350	415	360	210	65	1620
	Ocorrências efectivas	39	29	46	0	31	0	145
	<b>Proporção (%)</b>	<b>17,73</b>	<b>8,29</b>	<b>11,08</b>	<b>0,00</b>	<b>14,76</b>	<b>0,00</b>	<b>8,95</b>
schwa	Ocorrências possíveis	125	35	0	0	0	0	160
	Ocorrências efectivas	9	0	0	0	0	0	9
	<b>Proporção (%)</b>	<b>7,20</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>5,63</b>
dit.	Ocorrências possíveis	40	20	0	0	0	0	60
	Ocorrências efectivas	31	9	0	0	0	0	40
	<b>Proporção (%)</b>	<b>77,50</b>	<b>45,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>66,67</b>
posição da vogal acentuada	Ocorrências possíveis	<b>840</b>	<b>695</b>	<b>570</b>	<b>360</b>	<b>210</b>	<b>65</b>	<b>2740</b>
	Ocorrências efectivas	<b>337</b>	<b>276</b>	<b>159</b>	<b>0</b>	<b>31</b>	<b>0</b>	<b>803</b>
	<b>Proporção (%)</b>	<b>40,12</b>	<b>39,71</b>	<b>27,89</b>	<b>0,00</b>	<b>14,76</b>	<b>0,00</b>	<b>29,31</b>

<sup>118</sup> Neste quadro e nos que se seguem, foram contabilizados *todos os acentos percebidos*, mesmo os que não “obedecem” aos padrões mais frequentemente encontrados. Tal implica que, por vezes, ocorra uma proporção considerável de proeminências além do terceiro CS: podem ser acentos especiais ou acentos pertencentes a “formas divergentes” (isto é, respostas que incluem padrões acentuais diferentes dos mais frequentemente encontrados).

Quadro 5: Proporções (em %) de atribuição de proeminências secundárias às diferentes posições da  $\omega$  com adjunto, tendo em conta a qualidade do núcleo do CS (todas as respostas).

<b><math>\omega</math> com adjunto</b>		<b>adjunto</b>	<b>1° CS</b>	<b>2° CS</b>	<b>3° CS</b>	<b>4° CS</b>	<b>5° CS</b>	<b>qualidade da vogal acentuada</b>
<b>V nas.</b>	Ocorrências possíveis	220	160	85	55	0	0	520
	Ocorrências efectivas	120	55	42	22	0	0	239
	<b>Proporção (%)</b>	<b>54,55</b>	<b>34,38</b>	<b>49,41</b>	<b>40,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>45,96</b>
<b>V n.redz.</b>	Ocorrências possíveis	0	140	120	20	0	0	280
	Ocorrências efectivas	0	101	93	0	0	0	194
	<b>Proporção (%)</b>	<b>0,00</b>	<b>72,14</b>	<b>77,50</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>69,29</b>
<b>i,u,â</b>	Ocorrências possíveis	280	260	325	255	210	95	1425
	Ocorrências efectivas	42	50	57	7	47	0	203
	<b>Proporção (%)</b>	<b>15,00</b>	<b>19,23</b>	<b>17,54</b>	<b>2,75</b>	<b>22,38</b>	<b>0,00</b>	<b>14,25</b>
<b>schwa</b>	Ocorrências possíveis	40	60	0	15	0	0	115
	Ocorrências efectivas	8	0	0	2	0	0	10
	<b>Proporção (%)</b>	<b>20,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>13,33</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>8,70</b>
<b>dit.</b>	Ocorrências possíveis	0	40	0	0	0	0	40
	Ocorrências efectivas	0	15	0	0	0	0	15
	<b>Proporção (%)</b>	<b>0,00</b>	<b>37,50</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>37,50</b>
<b>dit. nas.</b>	Ocorrências possíveis	140	0	0	0	0	0	140
	Ocorrências efectivas	42	0	0	0	0	0	42
	<b>Proporção (%)</b>	<b>30,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>30,00</b>
<b>posição da vogal acentuada</b>	Ocorrências possíveis	<b>680</b>	<b>660</b>	<b>530</b>	<b>345</b>	<b>210</b>	<b>95</b>	<b>2520</b>
	Ocorrências efectivas	<b>212</b>	<b>221</b>	<b>192</b>	<b>31</b>	<b>47</b>	<b>0</b>	<b>703</b>
	<b>Proporção (%)</b>	<b>31,18</b>	<b>33,48</b>	<b>36,23</b>	<b>8,99</b>	<b>22,38</b>	<b>0,00</b>	<b>27,90</b>

Quadro 6: Proporções (em %) de atribuição de proeminências secundárias às diferentes posições da  $\omega$  composta, tendo em conta a qualidade do núcleo do CS (todas as respostas).

$\omega$ compostas		1° CS	2° CS	3° CS	4° CS	5° CS	6° CS	qualidade da vogal acentuada
V nas.	Ocorrências possíveis	305	190	85	0	0	0	580
	Ocorrências efectivas	95	99	52	0	0	0	246
	<b>Proporção (%)</b>	<b>31,15</b>	<b>52,11</b>	<b>61,18</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>42,41</b>
V n.redz.	Ocorrências possíveis	120	85	35	0	0	0	240
	Ocorrências efectivas	61	65	27	0	0	0	153
	<b>Proporção (%)</b>	<b>50,83</b>	<b>76,47</b>	<b>77,14</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>63,75</b>
i,u,â	Ocorrências possíveis	250	340	370	265	140	60	1425
	Ocorrências efectivas	50	58	29	44	25	0	206
	<b>Proporção (%)</b>	<b>20,00</b>	<b>17,06</b>	<b>7,84</b>	<b>16,60</b>	<b>17,86</b>	<b>0,00</b>	<b>14,46</b>
schwa	Ocorrências possíveis	125	50	0	0	0	0	175
	Ocorrências efectivas	3	6	0	0	0	0	9
	<b>Proporção (%)</b>	<b>2,40</b>	<b>12,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>5,14</b>
dit.	Ocorrências possíveis	40	0	0	0	0	0	40
	Ocorrências efectivas	10	0	0	0	0	0	10
	<b>Proporção (%)</b>	<b>25,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>25,00</b>
posição da vogal acentuada	Ocorrências possíveis	<b>840</b>	<b>665</b>	<b>490</b>	<b>265</b>	<b>140</b>	<b>60</b>	<b>2460</b>
	Ocorrências efectivas	<b>219</b>	<b>228</b>	<b>108</b>	<b>44</b>	<b>25</b>	<b>0</b>	<b>624</b>
	<b>Proporção (%)</b>	<b>26,07</b>	<b>34,29</b>	<b>22,04</b>	<b>16,60</b>	<b>17,86</b>	<b>0,00</b>	<b>25,37</b>

Quadro 7: Proporções (em %) de acentuação dos três CSs iniciais, tendo em conta a qualidade (forte ou fraca) das vogais incluídas nesses CSs.<sup>119</sup>

	TODAS AS RESPOSTAS			RESPOSTAS CONCORDANTES		
	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)
<b>ω SIMPLES</b>						
<b>1 CS pré-tónico</b>						
<u>1º fraco</u> – prim.	<b>60</b>	14	23,33	<b>37</b>	0	0,00
<u>1º forte</u> – prim.	<b>85</b>	42	49,41	<b>21</b>	9	42,86
<b>2 CSs pré-tónicos</b>						
<u>1º fraco</u> - <u>2º fraco</u> - prim.	<b>20</b>	9	45,00	<b>4</b>	0	0,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º forte</u> - prim.	<b>30</b>	7	23,33			
<u>1º fraco</u> - <u>2º forte</u> - prim.		12	40,00			
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - prim.	<b>45</b>	36	80,00	<b>29</b>	29	100,00
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - prim.		1	2,22		0	0,00
<u>1º forte</u> - <u>2º forte</u> - prim.	<b>30</b>	8	26,67			
<u>1º forte</u> - <u>2º forte</u> - prim.		14	46,67			
<b>3 CSs pré-tónicos</b>						
<u>1º fraco</u> - <u>2º forte</u> - <u>3º fraco</u>	<b>65</b>	0	0,00	<b>65</b>	0	0,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º forte</u> - <u>3º fraco</u>		65	100,00		65	100,00
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º fraco</u>	<b>35</b>	33	94,29	<b>32</b>	32	100,00
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º forte</u>	<b>50</b>	24	48,00	<b>8</b>	8	100,00
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º forte</u>		7	14,00		0	0,00
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º forte</u>		7	14,00		0	0,00
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º forte</u>		9	18,00		0	0,00
<u>1º forte</u> - <u>2º forte</u> - <u>3º fraco</u>	<b>60</b>	11	18,33	<b>17</b>	0	0,00
<u>1º forte</u> - <u>2º forte</u> - <u>3º fraco</u>		39	65,00		17	100,00
<b>4 CSs pré-tónicos</b>						
<u>1º fraco</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º forte</u>	<b>20</b>	1	5,00	<b>15</b>	0	0,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º forte</u>		0	0,00		0	0,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º forte</u>		18	90,00		15	100,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º forte</u>		1	5,00		0	0,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º forte</u> - <u>3º fraco</u>	<b>40</b>	1	2,50	<b>23</b>	0	0,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º forte</u> - <u>3º fraco</u>		33	82,50		23	100,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º forte</u> - <u>3º fraco</u>		3	7,50		0	0,00
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º fraco</u>	<b>75</b>	39	52,00	<b>16</b>	16	100,00
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º fraco</u>		3	4,00		0	0,00
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º fraco</u>		7	9,33		0	0,00
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - <u>3º fraco</u>		23	30,67		0	0,00
<u>1º forte</u> - <u>2º forte</u> - <u>3º fraco</u>	<b>15</b>	11	73,33	<b>8</b>	0	0,00
<u>1º forte</u> - <u>2º forte</u> - <u>3º fraco</u>		0	0,00		8	100,00

<sup>119</sup> Nesta contagem, foram excluídas as formas “divergentes” (isto é, que se afastam dos padrões mais frequentemente encontrados). Pelo contrário, foram contabilizados os acentos especiais localizados no 3º CS. Os CSs acentuados estão sublinhados.

	TODAS AS RESPOSTAS			RESPOSTAS CONCORDANTES						
	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)				
<b>5 CSs pré-tônicos</b>										
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - 3º fraco	<b>40</b>	7	17,50	<b>4</b>	0	0,00				
1º fraco - <u>2º fraco</u> - 3º fraco		15	37,50							
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - 3º forte	<b>20</b>	2	10,00	<b>8</b>	0	0,00				
1º fraco - <u>2º fraco</u> - 3º forte		12	60,00							
1º fraco - 2º fraco - <u>3º forte</u>		14	20,00							
<u>1º fraco</u> - 2º forte - 3º fraco	<b>25</b>	0	0,00	<b>8</b>	0	0,00				
1º fraco - <u>2º forte</u> - 3º fraco		22	88,00							
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º fraco	<b>15</b>	9	60,00							
1º forte - <u>2º fraco</u> - 3º fraco		3	20,00							
1º forte - 2º fraco - <u>3º forte</u>		<b>25</b>	14				56,00			
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º forte			10				40,00			
<u>1º forte</u> - 2º forte - 3º fraco	<b>20</b>	2	10,00	<b>4</b>	0	0,00				
1º forte - <u>2º forte</u> - 3º fraco		16	80,00							
16	80,00	4	100,00							
<b>6 CSs pré-tônicos</b>										
<u>1º fraco</u> - 2º forte - 3º fraco	<b>25</b>	0	0,00	<b>4</b>	0	0,00				
1º fraco - <u>2º forte</u> - 3º fraco		19	76,00							
1º fraco - 2º forte - <u>3º fraco</u>		3	12,00							
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º forte	<b>40</b>	4	10,00							
1º forte - 2º fraco - <u>3º forte</u>		17	42,50							
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º forte		15	37,50							
<b>ω COM ADJUNTO</b>										
<b>adjunto</b>										
adjt. fraco - prim.	<b>50</b>	11	22,00	<b>35</b>	0	0,00				
adjt. forte - prim.		<b>60</b>	19				31,67	<b>19</b>	0	0,00
<b>adjunto + 1 CS pré-tônico</b>										
adjt. fraco - 1º fraco - prim.	<b>20</b>	7	35,00	<b>4</b>	0	0,00				
adjt. fraco - 1º forte - prim.		<b>40</b>	5				12,50	<b>24</b>	0	0,00
adjt. fraco - <u>1º forte</u> - prim.			5				12,50			
adjt. forte - 1º fraco - prim.	<b>50</b>	27	54,00	<b>5</b>	5	100,00				
adjt. forte - <u>1º fraco</u> - prim.		2	4,00							
adjt. forte - 1º forte - prim.	<b>20</b>	11	55,00	<b>4</b>	4	100,00				
adjt. forte - <u>1º forte</u> - prim.		2	10,00							
<b>adjunto + 2 CSs pré-tônicos</b>										
adjt. fraco - 1º fraco - 2º fraco - prim.	<b>20</b>	1	5,00							
adjt. fraco - <u>1º fraco</u> - 2º fraco - prim.		9	45,00							
adjt. fraco - <u>1º fraco</u> - 2º forte - prim.	<b>10</b>	4	40,00							
adjt. fraco - 1º fraco - <u>2º forte</u> - prim.		2	20,00							
adjt. fraco - 1º forte - 1º fraco - prim.	<b>20</b>	1	5,00	<b>12</b>	0	0,00				
adjt. fraco - <u>1º forte</u> - 1º fraco - prim.		16	80,00							
adjt. fraco - <u>1º forte</u> - 1º fraco - prim.		2	10,00							
adjt. fraco - <u>1º forte</u> - 2º forte - prim.	<b>20</b>	10	50,00							
adjt. fraco - 1º forte - <u>2º forte</u> - prim.		7	35,00							
adjt. fraco - <u>1º forte</u> - 2º forte - prim.		1	5,00							

	TODAS AS RESPOSTAS			RESPOSTAS CONCORDANTES		
	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)
<u>adjt. forte</u> - 1° fraco - 2° fraco - prim.	<b>70</b>	28	40,00	<b>12</b>	12	100,00
adjt. forte - <u>1° fraco</u> - 2° fraco - prim.		26	37,14		0	0,00
<u>adjt. forte</u> - 1° fraco - 2° fraco - prim.		3	4,29		0	0,00
adjt. forte - 1° fraco - <u>2° fraco</u> - prim.		2	2,86		0	0,00
adjt. Ø - <u>1° forte</u> - 2° forte - prim.	<b>20</b>	13	65,00	<b>4</b>	4	100,00
adjt. Ø - 1° forte - <u>2° forte</u> - prim.		6	30,00		0	0,00
adjt. Ø - <u>1° forte</u> - 2° fraco - prim.	<b>15</b>	15	100,00	<b>15</b>	15	100,00
adjt. Ø - <u>1° fraco</u> - 2° forte - prim.	<b>10</b>	2	20,00	<b>4</b>	0	0,00
adjt. Ø - 1° fraco - <u>2° forte</u> - prim.		2	20,00		0	0,00
<b>adjunto + 3 CSs pré-tônicos</b>						
adjt. fraco - 1° fraco - <u>2° forte</u> - 3° fraco	<b>20</b>	16	80,00	<b>10</b>	10	100,00
<u>adjt. fraco</u> - 1° fraco - 2° forte - 3° fraco		4	20,00		0	0,00
adjt. fraco - 1° fraco - 2° forte - 3° forte		0	0,00		0	0,00
adjt. fraco - <u>1° forte</u> - 2° forte - 3° fraco	<b>40</b>	5	12,50	<b>12</b>	0	0,00
adjt. fraco - 1° forte - <u>2° forte</u> - 3° fraco		17	42,50		12	100,00
<u>adjt. fraco</u> - 1° forte - 2° forte - 3° fraco		3	7,50		0	0,00
adjt. fraco - 1° forte - <u>2° forte</u> - 3° fraco		15	37,50		0	0,00
<u>adjt. forte</u> - 1° fraco - 2° fraco - 3° fraco	<b>10</b>	2	20,00			
adjt. forte - 1° fraco - <u>2° fraco</u> - 3° fraco		6	60,00			
<u>adjt. forte</u> - 1° fraco - 2° fraco - 3° fraco		2	20,00			
<u>adjt. forte</u> - 1° forte - 2° fraco - 3° fraco	<b>35</b>	7	20,00			
adjt. forte - <u>1° forte</u> - 2° fraco - 3° fraco		15	42,86			
adjt. forte - 1° forte - <u>2° fraco</u> - 3° fraco		4	11,43			
<u>adjt. forte</u> - 1° forte - 2° fraco - 3° fraco		3	8,57			
adjt. forte - 1° forte - <u>2° fraco</u> - 3° fraco		5	14,29			
<u>adjt. forte</u> - 1° forte - 2° fraco - 3° forte	<b>20</b>	10	50,00			
adjt. forte - <u>1° forte</u> - 2° fraco - 3° forte		2	10,00			
adjt. forte - 1° forte - <u>2° fraco</u> - 3° forte		2	10,00			
<u>adjt. forte</u> - 1° forte - <u>2° fraco</u> - 3° forte		6	30,00			
adjt. Ø - <u>1° forte</u> - 2° fraco - 3° fraco	<b>5</b>	4	80,00	<b>4</b>	4	100,00
adjt. Ø - 1° forte - <u>2° fraco</u> - 3° fraco		1	20,00		0	0,00
<b>adjunto + 4 CSs pré-tônicos</b>						
adjt. fraco - 1° fraco - <u>2° forte</u> - 3° fraco	<b>20</b>	19	95,00	<b>19</b>	19	100,00
<u>adjt. fraco</u> - 1° fraco - 2° forte - 3° fraco		1	5,00			
adjt. Ø - <u>1° forte</u> - 2° fraco - 3° fraco	<b>20</b>	18	90,00	<b>18</b>	18	100,00
adjt. Ø - 1° forte - 2° fraco - <u>3° fraco</u>		2	10,00			
<u>adjt. fraco</u> - 1° forte - 2° fraco - 3° forte	<b>20</b>	1	5,00			
adjt. fraco - <u>1° forte</u> - 2° fraco - 3° forte		6	30,00			
adjt. fraco - 1° forte - 2° fraco - <u>3° forte</u>		8	40,00			
adjt. fraco - <u>1° forte</u> - 2° fraco - <u>3° forte</u>		3	15,00			
<u>adjt. fraco</u> - 1° forte - 2° fraco - <u>3° forte</u>		1	5,00			
adjt. fraco - <u>1° forte</u> - 2° fraco - <u>3° forte</u>		1	5,00			
adjt. fraco - <u>1° forte</u> - 2° forte - 3° fraco	<b>5</b>	1	20,00			
adjt. fraco - 1° forte - <u>2° forte</u> - 3° fraco		1	20,00			
<u>adjt. forte</u> - 1° fraco - 2° fraco - 3° fraco	<b>30</b>	3	10,00			
adjt. forte - 1° fraco - <u>2° fraco</u> - 3° fraco		5	16,67			
<u>adjt. forte</u> - 1° fraco - <u>2° fraco</u> - 3° fraco		12	40,00			

	TODAS AS RESPOSTAS			RESPOSTAS CONCORDANTES		
	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)
adjt. forte - <u>1º fraco</u> - 2º fraco - 3º fraco		1	3,33			
adjt. forte - <u>1º fraco</u> - 2º fraco - <u>3º fraco</u>		2	6,67			
adjt. forte - 1º fraco - <u>2º forte</u> - 3º fraco	<b>20</b>	16	80,00	<b>13</b>	13	100,00
<u>adjt. forte</u> - 1º fraco - <u>2º forte</u> - 3º fraco		4	20,00			
<u>adjt. forte</u> - 1º forte - 2º fraco - 3º fraco	<b>5</b>	0	0,00			
<b>adjunto + 5 CSs pré-tônicos</b>						
adjt. Ø - <u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º fraco	<b>20</b>	20	100,00	<b>12</b>	12	100,00
<u>adjt. fraco</u> - 1º forte - 2º fraco - 3º forte	<b>15</b>	0	0,00			
adjt. fraco - <u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º forte		3	20,00			
adjt. fraco - 1º forte - 2º fraco - <u>3º forte</u>		4				
adjt. fraco - <u>1º forte</u> - 2º fraco - <u>3º forte</u>		3	20,00			
<u>adjt. fraco</u> - 1º forte - 2º fraco - <u>3º forte</u>		2	13,33			
adjt. fraco - 1º forte - <u>2º forte</u> - 3º fraco	<b>20</b>	18	90,00	<b>4</b>	4	100,00
adjt. forte - 1º fraco - <u>2º forte</u> - 3º fraco	<b>20</b>	7	35,00			
<u>adjt. forte</u> - 1º fraco - <u>2º forte</u> - 3º fraco		1	5,00			
<u>adjt. forte</u> - 1º fraco - <u>2º forte</u> - 3º fraco		8	40,00			
<u>adjt. forte</u> - 1º forte - 2º fraco - 3º fraco	<b>20</b>	1	5,00	<b>4</b>	0	0,00
adjt. forte - <u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º fraco		12	60,00		4	100,00
<u>adjt. forte</u> - <u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º fraco		3	15,00			
<u>adjt. forte</u> - 1º forte - <u>2º fraco</u> - 3º fraco		3	15,00			
<b>ω COMPOSTAS (ω1 ou ω2)</b>						
<b>1 CS pré-tônico</b>						
<u>1º fraco</u> - prim.	<b>80</b>	6	7,50	<b>56</b>	0	0,00
<u>1º forte</u> - prim.	<b>95</b>	38	40,00	<b>8</b>	4	50,00
<b>2 CSs pré-tônicos</b>						
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - prim.	<b>5</b>	2	40,00			
<u>1º fraco</u> - 2º forte - prim.	<b>45</b>	7	15,56	<b>8</b>	0	0,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º forte</u> - prim.		15	33,33			
<u>1º forte</u> - 2º fraco - prim.	<b>85</b>	43	50,59	<b>8</b>	4	50,00
<u>1º forte</u> - 2º forte - prim.	<b>40</b>	28	70,00			
<b>3 CSs pré-tônicos</b>						
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - 3º fraco	<b>75</b>	9	12,00	<b>30</b>	0	0,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º fraco</u> - 3º fraco		36	48,00		30	100,00
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - <u>3º fraco</u>		1	1,33			
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - <u>3º fraco</u>		1	1,33			
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - 3º forte	<b>15</b>	3	20,00			
<u>1º fraco</u> - <u>2º fraco</u> - 3º forte		3	20,00			
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - <u>3º forte</u>		9	60,00			
<u>1º fraco</u> - 2º forte - 3º fraco	<b>15</b>		0,00	<b>9</b>	0	0,00
<u>1º fraco</u> - <u>2º forte</u> - 3º fraco		11	73,33		9	100,00
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º fraco	<b>20</b>	10	50,00			
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - 3º fraco		3	15,00			
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º forte	<b>40</b>	5	12,50			
<u>1º forte</u> - <u>2º fraco</u> - 3º forte		7	17,50			
<u>1º forte</u> - 2º fraco - <u>3º forte</u>		7	17,50			

	TODAS AS RESPOSTAS			RESPOSTAS CONCORDANTES		
	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)	Total ocorrên. possíveis	Total ocorrên. efectivas	Propor- ção (%)
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º forte		4	10,00			
<u>1º forte</u> - 2º forte - 3º fraco	<b>60</b>	3	5,00	<b>26</b>	0	0,00
1º forte - <u>2º forte</u> - 3º fraco		54	90,00		26	100,00
<b>4 CSs pré-tônicos</b>						
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - 3º fraco	<b>45</b>	18	40,00	<b>4</b>	4	100,00
1º fraco - <u>2º fraco</u> - 3º fraco		4	8,89			
1º fraco - 2º fraco - <u>3º fraco</u>		10	22,22			
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - <u>3º fraco</u>		3	6,67			
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - 3º forte	<b>20</b>	2	10,00	<b>8</b>	0	0,00
1º fraco - 2º fraco - <u>3º forte</u>		17	85,00		8	100,00
1º fraco - 2º fraco - <u>3º forte</u>		1	5,00			
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º fraco	<b>5</b>	3	60,00			
1º forte - 2º fraco - <u>3º fraco</u>		2	40,00			
<u>1º forte</u> - 2º forte - 3º fraco	<b>35</b>		0,00	<b>30</b>	0	0,00
1º forte - <u>2º forte</u> - 3º fraco		30	85,71		30	100,00
1º forte - 2º forte - <u>3º fraco</u>		2	5,71			
<u>1º forte</u> - 2º forte - <u>3º fraco</u>		1	2,86			
<u>1º forte</u> - 2º forte - 3º forte	<b>20</b>	1	5,00			
1º forte - 2º forte - <u>3º forte</u>		8	40,00			
<u>1º forte</u> - 2º forte - <u>3º forte</u>		11	55,00			
<b>5 CSs pré-tônicos</b>						
<u>1º fraco</u> - 2º fraco - 3º fraco	<b>35</b>		0,00	<b>13</b>	0	0,00
1º fraco - <u>2º fraco</u> - 3º fraco		4	11,43		4	30,77
<u>1º fraco</u> - 2º forte - 3º fraco	<b>20</b>		0,00	<b>13</b>	0	0,00
1º fraco - <u>2º forte</u> - 3º fraco		19	95,00		13	100,00
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º forte	<b>5</b>		0,00	<b>4</b>	0	0,00
1º forte - 2º fraco - <u>3º forte</u>		3	60,00		4	100,00
<u>1º forte</u> - 2º forte - 3º fraco	<b>20</b>		0,00			
1º forte - <u>2º forte</u> - 3º fraco		18	90,00			
<b>6 CSs pré-tônicos</b>						
<u>1º fraco</u> - 2º forte - 3º fraco	<b>20</b>		0,00			
1º fraco - <u>2º forte</u> - 3º fraco		19	95,00			
1º fraco - 2º forte - <u>3º fraco</u>		1	5,00			
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º fraco	<b>20</b>	9	45,00			
1º forte - <u>2º fraco</u> - 3º fraco		5	25,00			
1º forte - 2º fraco - <u>3º fraco</u>		1	5,00			
<u>1º forte</u> - 2º fraco - <u>3º fraco</u>		4	20,00			
<u>1º forte</u> - 2º fraco - 3º forte	<b>20</b>		0,00			
1º forte - 2º fraco - <u>3º forte</u>		15	75,00			
<u>1º forte</u> - 2º fraco - <u>3º forte</u>		4	20,00			

**IV.6. O EFEITO CÍCLICO**

Quadro 8: Proporção (em %) de proeminências que podem ser devidas a um efeito cíclico, nos três tipos de palavras prosódicas.

<b>Efeito cíclico</b>	<b>Ocorrências possíveis</b>	<b>Ocorrências efectivas</b>	<b>Proporção (%)</b>
3 tipos de $\omega$	3520	1117	<b>31,73%</b>

## ERRATA

<i>Página</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê...</i>	<i>leia-se...</i>
3	nota 1	defende estes	defende que estes
19	14	num $\phi$ , cuja cabeça	num $\phi$ cuja cabeça
19	30	$\phi$ s não ligadas à árvore sintáctica	$\phi$ s não ligados estruturalmente à árvore frásica
31	4	→ <u>ó</u> #boð#legur	→ <u>ó</u> boðlegur
31	5	→ <u>for</u> ustu#sauður	→ <u>for</u> ustusauður
33	1	sílabas	sílaba
41	3	átonas)	átonas),
44	16	extrême”;	extrême” (p. 62);
47	1	átonas	das vogais átonas
52	12	a primeira sílaba	as primeiras sílabas
52	17	com proclíticos ou prefixos produtivos em adjunção	com proclíticos em adjunção
58	15	1883)	1883: 62)
60	3ª célula	<i>anticonstitucionalissimamente</i>	<i>anticonstitucionalissimamente</i>
63	21	um grande	uma grande
69	9	125 palavras	125 palavras isoladas
70	1	correspondem	corresponde
71	22	literatura	literatura sobre o PE
72	9	e uma líquida	e/ou uma líquida
72	17	CSs	conjuntos silábicos
92	16	parecer ser	parece ser
95	nota 11	/bØ.dĩ/	/bØ.de/
96	quadro 3	em alcaliniza <u>ção</u> ... <i>as trapalhadas</i>	em alcaliniza <u>ção</u>
106	quadro 5	e a vogal seguinte	e as vogais seguintes (todas as respostas)
108	nota 17	os acentos especiais	quase todos os acentos especiais
111	4	reduzida	relativamente reduzida
111	11	nos Quadro	nos Quadros
112	8	2º CS, etc.).	2º CS).
112	18	direita-esquerda	esquerda-direita
113	6	é o segundo	é quase sempre o segundo
122	21	maior a tendência	maior é a tendência
122	26	<i>1º FRACO – 2º FORTE</i>	<i>1º FRACO – 2º FORTE – PRIM.</i>
123	9	e de, por outro lado	e para, por outro lado
131	3	(isto é, $\omega$ s simples,	(isto é, das $\omega$ s simples,
134	3	40,68%	40,78%
138	(1.b.i.)	( $\omega$ s simples	(nas $\omega$ s simples

<i>Página</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê...</i>	<i>leia-se...</i>
138	(1.b.ii.)	três factores	quatro factores
140	14	nas $\omega$	nas $\omega$ s
141	3	em (2)	em (1)
143	19	de um enunciado ou de um sintagma entoacional	de um sintagma entoacional
147	21	também a localização	também para a localização
149	20	complexa, que dê origem	complexa que dê origem
152	20	supressão das vogais	supressão das vogais átonas
155	(2.b)	encurtamento	encurtamento
155	(2.c)	mini-aspiradores	mini-aspiradores
156	23	levam-nos	leva-nos
157	7-8	palavra prosódica, do sintagma entoacional e do enunciado,	palavra prosódica e do sintagma entoacional,
159	21	ritmo acentual, apresentam	ritmo acentual, que apresentam
159	25	rítmico, vão-se	rítmico vão-se
160	9	sentido que	sentido de que
163	20	<u>naturalização</u> , <u>naturalização</u>	<u>naturalização</u> , <u>naturalização</u>
165	18	<u>naturalização</u>	<u>naturalização</u>
176	13	silábico, os princípios rítmicos e os princípios eurrítmicos.	silábico e os princípios eurrítmicos.
177	1	a sílaba inicial da $\omega$	as sílabas iniciais da $\omega$
222	quadro 3	<b>em Port<sup>u</sup>gal</b>	<b>em Portugal</b>
230	nota 2	<i>todos os acentos</i>	<i>quase todos os acentos</i>
230	nota 2	encontrados).	encontrados). Cf. nota 17 do capítulo 4.